

INÊS DE SOUSA FERNANDES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA SECUNDÁRIA
PEDRO ALEXANDRINO**

Júri-Presidente: Professor Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa

Júri-Arguente: Professor Doutor Diogo dos Santos Teixeira

Júri-Vogal: Professor Luís António Fernandes Bom

Júri-Orientador: Professor Doutor João Jorge Comédias Henriques

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2018

INÊS DE SOUSA FERNANDES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA SECUNDÁRIA
PEDRO ALEXANDRINO**

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física no Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Despacho de Nomeação de Júri N° 268/2018

Júri-Presidente: Professor Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa

Júri-Arguente: Professor Doutor Diogo dos Santos Teixeira

Júri-Vogal: Professor Luís António Fernandes Bom

Júri-Orientador: Professor Doutor João Jorge Comédias Henriques

Data de Defesa: 26 de julho de 2018

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Educação Física e Desporto**

Lisboa

2018

Agradecimentos

Durante todo este longo processo de estágio gostaria de agradecer ao meu colega de estágio Pedro Sousa, a todos os professores auxiliares que contribuíram para o meu desenvolvimento e aprendizagem a nível profissional e pessoal. Ao Professor Orientador João Calca pela orientação, formação e ajuda durante todo este processo; ao Professor Orientador Luís Bom, pelos *feedbacks* fornecidos, para as diferentes áreas de estágio, tanto na procura de soluções pedagógicas a implementar nas turmas como na motivação ao longo do estágio, especialmente durante a preparação do último seminário devido aos contratempos que foram surgindo; aos professores do Grupo de Educação Física pela forma como me acolheram, valorizaram, ajudaram e apoiaram as intervenções do núcleo de estágio na escola; à professora do desporto escolar, Isabel Teixeira, pelo ensino de uma modalidade desconhecida, acompanhamento e autonomia dada ao longo de todo processo de treino; ao Grupo de Educação Física da Escola Secundária 2,3 Carlos Paredes pela presença e colaboração nos Seminários de Departamento efetuados; à Diretora de Turma, Nilza Parra, pelo apoio ativo nesta área de descoberta ao acompanhar e guiar a minha aprendizagem «*step by step*»; à incansável D^a. Céu pela constante preocupação, carinho, ajuda, dedicação e preocupação para proporcionar as melhores condições desta nova etapa, à CAP da Escola Secundária Pedro Alexandrino por nos ter recebido e integrado na Escola, valorizando a nossa intervenção.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus colegas que me acompanharam durante a licenciatura e mestrado e à minha família pelo apoio constante em todos os momentos.

Resumo

O presente documento tem o propósito de refletir as vivências ao longo de um ano, no Estágio Pedagógico do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física., realizada na Escola Secundária Pedro Alexandrino, realizado em 2013/2014.

Esta etapa assume um papel de elevada importância na nossa formação neste ciclo de estudos, concedendo habilitação profissional para a docência. É aqui que realmente se consolida as aprendizagens desenvolvidas nos últimos quatro anos, exercendo as funções pedagógicas, surgindo dúvidas e opções concretas na resolução dos problemas pedagógicos nas quatro áreas de atividade docente: lecionação, direção de turma, desporto escolar e seminários.

Apresenta-se uma síntese e reflexão sobre todo este processo nestas áreas, desenvolvidas a partir de projetos específicos e avaliadas segundo 5 critérios: cooperação, projeto, cientificidade, avaliação formativa e desempenho. É exposto e argumentado as opções metodológicas adotadas, o planeamento executado e a análise dos processos e dificuldades sentidas na nossa atividade.

Palavras-chave: Educação Física; Estágio Pedagógico

Abstract

The purpose of this document is to reflect on the experiences felt during one year of pedagogic training at the high school Escola Secundária Pedro Alexandrino in the school year 2013/2014, as part of the 2nd year of the master's program in teaching Physical Education.

This phase of the study cycle is of vital importance in our training as it enables us to be professional teachers. At this point, we consolidate everything we learnt in the last four years and practice pedagogic functions as doubts and real options emerge in pedagogic problem solving related to the four main areas of education: lecturing, classroom guidance, school sports and seminars.

I aim to summarize and reflect on the processes in these areas developed from specific projects and evaluated with five criteria: Cooperation, Project, Scientific Theory, Formative Assessment and Performance.

I describe and fully discuss available and adopted methodologies, planning execution, process analysis and difficulties felt during the activities performed.

Key words: Physical Education; Pedagogical Practicum;

.

Lista de siglas e abreviaturas

AEN – Atividades de Exploração da Natureza
AF – Atividade Física
AI – Avaliação Inicial
ARE – Atividades Rítmicas Expressivas
AZR – Azimute Radical
CAP – Comissão Administrativa Provisória
CE – Comunidade Escolar
CEF – Cursos de Educação e Formação de Jovens
CT – Conselho de Turma
DE – Desporto Escolar
DEF – Departamento de Educação Física
DL – Decreto-Lei
DT – Diretor de Turma
EE – Encarregados de Educação
EF – Educação Física
EFA – Cursos de Educação e Formação de Adultos
ESPA – Escola Secundária Pedro Alexandrino
FB – Feedback
FC – Formação Cívica
GAP – Gabinete de Apoio aos Alunos
GEF – Grupo de Educação Física
GGC - Gabinete de Gestão de Conflitos
GMC - Gestão e Mediação de Conflitos
JDC – Jogos Desportivos Coletivos
NEE – Necessidades Educativas Especiais
OE – Orientador de Escola
PAPI – Plano de Apoio Pedagógico Individual
PCT – Projeto Curricular de Turma
PDGC – Promoção da Disciplina e Gestão de Conflitos
PNEF – Programas Nacionais de Educação Física
PTI – Professor a Tempo Inteiro

SASE – Serviço de Ação Social Escolar

SEI – Semana de Ensino Intensivo

TGfU – Teaching Games for Understanding

UD – Unidade Didática

ZSAF – Zona Saudável de Aptidão Física

Índice geral

Introdução	12
Capítulo 1: Lecionação – Ensino Aprendizagem	19
1.1. Caracterização da Educação Física na ESPA	20
1.2. Análise reflexiva sobre a prática letiva	21
1.3. Planeamento	22
1.3.1. Avaliação Inicial e Plano Anual de Turma	23
1.4. Professor a Tempo Inteiro (PTI)	30
1.5. Conclusão da 1ª Área de Estágio (Lecionação)	32
Capítulo 2: Direção de Turma	44
2.1. Competências do DT	46
2.2. Projeto Curricular de Turma (PCT)	47
2.3. Caracterização da turma	48
2.4. Formação Cívica	49
2.5. Saída de Campo	50
2.6. Conclusão da 2ª Área de Estágio (Direção de Turma)	53
Capítulo 3: Desporto Escolar	57
3.1. Núcleo de Desporto Escolar	58
3.2. Desporto Escolar – Corfebol	60
3.3. Conclusão da 3ª Área de Estágio (Desporto Escolar)	65
Capítulo 4: Seminários	69
4.1. Enquadramento	70
4.2. Objetivos	70
4.3. Seminário GEF - Atividades Rítmicas e Expressivas	71
4.4. Seminário GEF - Atividades de Exploração da Natureza	75
4.5. Seminário CE - (In)Disciplina: Prevenir e Atuar	78
4.5.1. Estudo de Caso -- Escola Secundária Braancamp Freire	82
4.5.2. Proposta de Implementação de um Projeto de Mediação.	83
4.6. Investigação: O Perfil Ético dos Professores de Educação Física da Escola Secundária Pedro Alexandrino	85
5.1. O Processo Histórico de Profissionalização do Professorado	87
5.2. Ser Professor nos dias de hoje	89

5.3. Metodologia	90
5.4. Análise dos Resultados	91
5.5. Conclusão do Estudo.	96
Conclusão	99
Referências	104
Apêndices	I
Apêndice I – Problemas e Definição de Objetivos para a Lecionação	II
Apêndice II - Caracterização dos Alunos 7 ^o 3 ^a	IV
Apêndice III – Plano Anual de Turma	VI
Apêndice IV – Planeamento da 1 ^a Etapa: Prognóstico	VII
Apêndice V - Registo de Avaliação Inicial: Área das Atividades Físicas	VIII
Apêndice VI – Registo de Avaliação Inicial: Área da Aptidão Física	IX
Apêndice VII - Balanço da 1 ^a Etapa	X
Apêndice VIII - Planeamento da 2 ^a Etapa: Prioridades	XIII
Apêndice IX - Balanço da 2 ^a Etapa	XV
Apêndice X - Balanço do Professor a Tempo Inteiro (PTI): 24 a 30 de novembro de 2013	XIX
Apêndice XI - Balanço 1 ^o Período	XXXVIII
Apêndice XII – Planeamento 3 ^a Etapa: Progresso	XLV
Apêndice XIII - Balanço da 3 ^a Etapa: Progresso	XLVI
Apêndice XIV - Balanço do 2 ^o Período	XLIX
Apêndice XV - Planeamento 4 ^a Etapa: Produto	LV
Apêndice XVI - Balanço da 4 ^a Etapa.....	LVI
Apêndice XVII - Balanço do 3 ^o Período.....	LVIII
Apêndice XVIII - Problemas e Definição de Objetivos para a Direção de Turma.....	LXV
Apêndice XIX - Processo Individual dos Alunos	LXVII
Apêndice XX - Plano Curricular de Turma	LXXII
Apêndice XXI: Balanço Final do 1 ^o Período	LXXIV
Apêndice XXII: Balanço Final do 2 ^o Período.....	LXXIX
Apêndice XXIII: Balanço Final do 3 ^o Período	LXXXII
Apêndice XXIV – Problemas e Definição de Objetivos para o Desporto Escolar....	LXXXIV
Apêndice XXV – Avaliação Inicial do Núcleo de Corfebol.....	LXXXVI
Apêndice XXVI – Planeamento Anual do Núcleo de Corfebol	LXXXVIII

Apêndice XXVII - Balanço 1ª Etapa Desporto Escolar.....	LXXXIX
Apêndice XXVIII - Balanço 1º Torneio	XCI
Apêndice XXIX - Balanço Final do 1º Período e 2ª Etapa.....	XCIII
Apêndice XXX - Balanço 2º Torneio	XCV
Apêndice XXXI - Balanço 3º Torneio.....	XCVII
Apêndice XXXII – Balanço Final do 2º Período e 3º Etapa.....	XCIX
Apêndice XXXIII - Balanço Final do 3º Período e 4ª Etapa	CII
Apêndice XXXIV: Objetivos e Impacto do Seminário de Atividades Rítmicas Expressivas	CV
Apêndice XXXV: Objetivos e Impacto do Seminário de Atividades de Exploração da Natureza	CVIII
Apêndice XXXVI: Objetivos e Impacto do Seminário (In)Disciplina: Prevenir e Atuar .	CXI
Apêndice XXXVII: Inquérito para o Estudo do Perfil Ético dos Professores de Educação Física	CXIV
Anexos	I
Anexo XXXIX – Promoção da Disciplina e Gestão de Conflitos (PDGC – Doc.º1): Agrupamento de Escolas nº1 de Odivelas – Escola Secundária C/3º Ciclo Braancamp Freire	XXII

Índice de Quadros

Quadro 1 Horário Geral de Estágio	15
Quadro 2 Plano Geral de Estágio	16
Quadro 3 Plano Anual de Turma	27
Quadro 4 Resultados gerais dos Testes de Aptidão Física durante a A.I.	28
Quadro 5 Horário da semana de PTI	31
Quadro 6 Avaliação das matérias ao longo do ano	36
Quadro 7 Avaliação da Aptidão Física ao longo do ano	39
Quadro 8 Repetências dos alunos do 7 ^o 3 ^a	48
Quadro 9 Núcleos de Desporto Escolar	59
Quadro 10 Plano Anual de Corfebol	63

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 Resposta à questão: "Durante o seu processo de formação teve alguma disciplina relacionada com ética e deontologia profissional?"	91
Ilustração 2 Resposta à questão: "Hoje em dia escolheria a mesma profissão?	92
Ilustração 3 Resposta à questão: "Está motivado na sua profissão?"	92
Ilustração 4 Resposta à questão: "Se tivesse oportunidade escolheria alguma destas hipóteses?"	93
Ilustração 5 Resposta à questão: "Nos últimos 5 anos fez alguma formação?"	93
Ilustração 6 Resposta à questão: "Acha que deveria de existir um código deontológico para a profissão docente?"	94
Ilustração 7 Resposta à pergunta: "Sente que luta para o desenvolvimento da sua profissão?"	95

Introdução

O presente relatório de estágio insere-se no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, realizado na Escola Secundária Pedro Alexandrino no ano letivo de 2013/2014, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Educação Física e Desporto.

Pacheco e Flores (1999), citados por Mendes, Nascimento, Nahas, Fensterseifer e Jesus (2006), afirmam que os conhecimentos são interiorizados não apenas pela transmissão de conhecimentos, mas sobretudo pelo contacto com situações práticas. Para um professor em início de carreira e fim de formação académica nada melhor que a realização de um estágio pedagógico, uma vez que este é o fruto de todos os conhecimentos obtidos ao longo de cinco anos de aprendizagem postos em prática.

De acordo com o regulamento de estágio pedagógico, este integra quatro áreas de atividade, são elas: ensino-aprendizagem, relação com o meio, intervenção na escola e atividades de carácter científico-pedagógico.

A área de ensino-aprendizagem caracteriza-se pela lecionação de uma das turmas do orientador de escola que o estagiário acompanha, no caso em particular a turma do 7º3ª, e participação no ensino e avaliação de outras turmas bem como nos processos do PTI (professor a tempo inteiro) e/ou SEI (semana de ensino intensivo).

É na relação com o meio que fazemos o paralelismo entre a escola e a família, ou seja os encarregados de educação (EE) que devem ter uma participação ativa na vida escolar dos seus educandos. Também nesta área existem responsabilidades burocráticas, de coordenação dos restantes professores da turma e de organização de atividades de extensão curricular.

A intervenção na escola tem como base a dinamização de atividades de complemento curricular, ou seja, o desporto escolar onde os estagiários realizam a sua intervenção junto de um núcleo de desporto escolar em coadjuvação com outro professor. Também todas as atividades desportivas organizadas pelo grupo de educação física (GEF), corta mato, *mega sprint* e torneios desportivos, estão presentes nesta área.

Por último, as atividades de carácter científico-pedagógico incidem nas problemáticas que caracterizam o contexto escolar e carências do GEF, de forma a que os estagiários possam dar o seu contributo científico respondendo às necessidades encontradas através da realização de seminários.

Num estudo realizado por Mendes et al. (2006) os docentes inquiridos destacam como fator positivo a possibilidade de atuação em diferentes áreas durante o estágio pedagógico. É de facto uma mais-valia esta possibilidade porque nos envolve com toda a comunidade

escolar e projetos educativos podendo aprender o que é realmente a escola, o como ensinar educação física a alunos com características, anos e em ciclos diferentes, o como lidar com os problemas da turma e encarregados de educação e a dinamização de atividades de complemento curricular.

“A oportunidade de realizar estágios assume papel de grande relevância nos cursos de formação de professores, visto que proporciona aos estudantes o contacto direto com o real, possibilitando o embate dos conhecimentos teóricos adquiridos com as necessidades impostas pela realidade educacional. Assim, as experiências vivenciadas auxiliam no fortalecimento da competência pedagógica e segurança nas tomadas de decisão da atuação profissional futura”. (Mendes et al., 2006, p.61)

A Escola Secundária Pedro Alexandrino (ESPA), anteriormente designada por Escola Secundária nº2 da Póvoa de Santo Adrião, deu início à sua atividade a 1 de outubro de 1987 ainda em Loures, na Escola Preparatória Carolina Michaëlis, que se encontrava desativada, devido ao alargamento do prazo de construção do edifício. Retomou a sua origem a 4 de janeiro de 1988 já com o nome em homenagem ao pintor Pedro Alexandrino.

Segundo o projeto educativo da escola, os seus valores prendem-se pela contribuição para uma sociedade em que a procura pelo saber, a responsabilização e a partilha conduzem ao sucesso escolar e formação pessoal do aluno.

De forma a chegar a todos os alunos, oriundos de diferentes grupos étnicos onde a integração social muitas vezes é fragilizada, a escola apresenta um vasto leque de ofertas educativas e curriculares.

Ao longo de todo o ano letivo, como professora estagiária, para além do meu horário semanal, onde integram as aulas de Educação Física da minha turma, 7^{3ª}, as do meu colega de estágio e do professor orientador de escola (OE), as aulas de Formação Cívica da minha turma, o tempo dedicado à Direção de Turma/horário de atendimento dos EE e o Desporto Escolar (DE) do núcleo de Corfebol (ver quadro 1). Dentro destas áreas realizei e desenvolvi diversas tarefas que apresento no plano geral (ver quadro 2).

HORÁRIO DE ESTÁGIO					
	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
8:15/9:00	EF 7 ^o 3 ^a	EF 7 ^o 1 ^a	EF 9 ^o 1 ^a	EF 7 ^o 1 ^a	
9:00/9:45			EF 7 ^o 3 ^a	EF 8 ^o 1 ^a	
10:00/10:45	EF 7 ^o 2 ^a	EF 8 ^o 2 ^a	EF 7 ^o 2 ^a	EF 8 ^o 2 ^a	
10:45/11:30					
11:45/12:30	Formação Cívica	EF 8 ^o 1 ^a			
12:30/13:15					
13:30/14:15					Desporto Escolar Corfebol
14:15/15:00	Atendimento EE				
15:15/16:00					Horas de trabalho com a DT
16:00/16:45					
17:00/17:45					
17:45/18:30					

LEGENDA:

Horário Lecionação: turma de estágio

Horário de Direção de turma

Horário Desporto Escolar

Horário Lecionação: colega de estágio

Horário Lecionação: professor orientador de escola

Quadro 1 Horário Geral de Estágio

Relativamente ao horário de estágio, na minha opinião, deveria estar contemplado um dia semanal de reunião com o OE de forma a existir um maior acompanhamento e feedback sobre a prestação dos estagiários durante as aulas e apoio na realização dos balanços, projetos e seus reajustamentos para que o compromisso de solidariedade profissional e de formação recíproca definido no Regulamento de Estágio Pedagógico de Educação Física fosse mais eficaz quando se refere às responsabilidades dos professores tanto a nível de cooperação e de crítica - “conjugação de experiências e de capacidades, trabalhando para uma compreensão partilhada dos problemas a resolver e das melhores soluções”. (Bom, 2006/07; p.4)

Podendo não ser semanais estas reuniões deveriam acontecer, no mínimo duas vezes por mês para a operacionalização destas tarefas.

Não tendo existido estes momentos de reunião o contacto com o OE sobre estas questões foi realizado nos momentos cruzados na sala de professores do gabinete de Educação Física.

PLANO GERAL DE ESTÁGIO											
	setembro	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	
Lecionação	1ª Etapa: Prognóstico		2ª Etapa: Prioridades			3ª Etapa: Progresso			4ª Etapa: Produto		
			PTI								
Desporto Escolar		1ª Etapa: Prognóstico		2ª Etapa: Prioridades		3ª Etapa: Progresso			4ª Etapa: Produto		
				1º Torneio Corfebol			2º Torneio Corfebol	3º Torneio Corfebol			
			ESPA: Corta Mato/ Mega Sprint		ESPA: Torneio Corfebol		ESPA: Torneio Voleibol				
Direção de Turma	Eleição do delegado e subdelegado	Caracterização da turma, análise dos processos dos alunos; Elaboração do Projeto Curricular de Turma						Visita de Estudo CN		Saída de Campo	
	Indisciplina e Bullying				Higiene e Saúde				Alimentação		
	Reunião de DT's	Reunião EE Reunião Intercalar CT			Reunião CT	Reunião de EE			Reunião CT	Reunião EE	Reunião CT
Seminários				Identificar as necessidades do GEF		Atividades Rítmicas Expressivas	Atividades de Exploração da Natureza		(In)Disciplina: Prevenir e Atuar		

Quadro 2 Plano Geral de Estágio

Relativamente ao Plano Geral de Estágio devo destacar a 1ª etapa, de Prognóstico ou Avaliação Inicial como o momento mais importante para a tomada de decisões não só pelas dificuldades encontradas e sentidas na organização e gestão de aula e avaliação das aprendizagens anteriores dos alunos, a que me refiro mais adiante, e respetiva reflexão para a realização do planeamento anual de turma. Saliento ainda a realização do PTI como uma grande oportunidade de aprendizagem cooperativa pois fez-me crescer imenso ao ouvir as opiniões e as críticas construtivas dos restantes professores de Educação Física sobre a minha forma de estar na aula, posicionamento e relação com os alunos e sobre os momentos de instrução, que em muitos casos não continham os objetivos de aula e das situações de aprendizagem, e feedback.

Este relatório irá ser estruturado em quatro capítulos que representam as quatro áreas de estágio trabalhadas ao longo do ano.

A área da lecionação, ensino-aprendizagem, teve início em julho de 2013, com as reuniões com o orientador de escola e atribuição das turmas ao núcleo de estágio e terminou em junho de 2014 no final do ano letivo, com a última reunião de conselho de turma para apuramento de frequência onde foram atribuídas as avaliações referentes ao aproveitamento e comportamento dos alunos da turma e onde foi realizado um balanço do trabalho desenvolvido ao longo de todo o ano letivo. Nesta área começo por caracterização a educação física (EF) na escola onde falo sobre a constituição do grupo de educação física, a avaliação da disciplina e para além da caracterização faço uma breve crítica aos recursos temporais, espaciais e roulement e materiais.

Segue-se o subcapítulo ‘análise reflexiva sobre a prática letiva’ em que abordo as questões de planeamento: planeamento por etapas, avaliação inicial e plano anual de turma. Após esta primeira etapa do planeamento realizei uma análise para então definir os objetivos para as próximas etapas nas áreas das atividades físicas, aptidão física e conhecimentos, bem como as opções metodológicas a seguir e as dificuldades sentidas ao longo de todo este processo.

A área da Direção de Turma, capítulo 2, iniciou-se em setembro e teve o seu término em junho com a entrega da última ata da reunião de conselho de turma. Aqui são apresentadas as competências e funções de um diretor de turma, a caracterização da turma de estágio que auxiliou a construção do projeto curricular de turma, as aulas de formação cívica onde se abordaram temas pertinentes às necessidades dos alunos, como o saber dar uma segunda oportunidade e perdoar, a indisciplina, o *bullying* e a alimentação não descuidando todas os

assuntos que um diretor de turma deverá tratar nestas aulas como a eleição do delegado e subdelegado de turma, as informações sobre o horário de atendimento e reuniões com os EE e os problemas que foram surgindo com os professores da turma e nos intervalos. Por último será abordado a saída de campo ao Cabeço de Montachique organizada na disciplina de educação física com o intuito de proporcionar aos alunos atividades de contexto natural utilizando a interdisciplinaridade associada à prática das atividades físicas e ao meio ambiente e promover o trabalho em equipa e o convívio entre aluno-aluno, aluno-professor e professor-professor.

No capítulo seguinte intitulado por ‘Desporto Escolar – Intervenção na Escola’, que se iniciou em outubro e terminou em junho, no final do ano letivo. Nesta área apresento todos os núcleos de desporto escolar existentes na Escola Secundária Pedro Alexandrino e na Escola Básica Carlos Paredes uma vez que os alunos de ambas as escolas podem frequentar os vários núcleos. De forma específica caracterizo o núcleo que vou coadjuvar, Corfebol, nomeadamente com os escalões de infantis e iniciados, abordando o processo de planeamento, a avaliação inicial e definição de objetivos bem como a reflexão sobre todas as dificuldades sentidas bem como as estratégias abordadas.

Nos ‘Seminários – Atividade de Carácter Científico-Pedagógico’ realizados em conjunto com o meu colega de estágio. Aqui, é explicado todo o processo para a escolha dos temas a abordar para os dois seminários do GEF e para o da comunidade escolar, e planeamento de todas as etapas a seguir pelo plano de ação traçado. É também descrita a forma como apresentámos os seminários e projetado o balanço final de cada um deles.

Durante todo este processo foi também realizado uma investigação sobre o perfil ético dos professores da escola através da análise de questionários preenchidos pelos professores do GEF.

Todas estas áreas garantem aos estagiários, futuros professores, a produção de conhecimentos dando o suporte prático a toda a teoria aprendida anteriormente, bem como a procura de autonomia na investigação e produção de conhecimento (Barbosa-Rinaldi, 2008).

Capítulo 1: Lecionação – Ensino Aprendizagem

1.1.Caracterização da Educação Física na ESPA

O grupo de Educação Física da ESPA é constituído por dez professores e dois professores estagiários. De acordo com o indicado nos programas nacionais de Educação Física (PNEF) a avaliação é efetuada em três áreas – atividades físicas, constituídas por três níveis de desempenho: introdução, elementar e avançado; capacidades físicas: resistência, força, velocidade e flexibilidade, avaliadas por testes do *Fitnessgram* que situam os alunos na zona saudável e não saudável de aptidão física; e conhecimentos. Baseado nas indicações dos PNEF a ESPA possui um protocolo de avaliação definindo situações, critérios de avaliação e indicadores de observação.

Relativamente aos recursos temporais a organização dos horários reflete a qualidade da EF de forma a garantir o desenvolvimento da aptidão física e respetivo efeito sobre a saúde. Desta forma, as aulas de EF deveriam ter três sessões semanais em dias não consecutivos. Segundo os PNEF, a carga horária semanal atribuída deveria ser “no mínimo de 135 minutos, tempo útil de aula, o que cria a possibilidade de manter o número de sessões de prática desejável, com a distribuição em três sessões de 45 minutos semanais em três dias não consecutivos”(Jacinto, Comédias, Mira & Carvalho, 2001; p.20).

Perante esta leitura verifico que os horários não respeitam as indicações acima referidas uma vez que a turma do 7º 3 tem uma aula de noventa minutos à segunda-feira e outra de quarenta e cinco minutos à quarta-feira o que torna difícil criar rotinas e trabalhar a aptidão física, uma vez que os alunos têm quatro dias consecutivos sem EF que, para pelo menos doze alunos são quatro dias sem praticar qualquer tipo atividade física (AF).

Sobre a gestão das diferentes turmas no espaço, o ideal seria organizar os horários para que turmas do mesmo ano de escolaridade tenham horários simultâneos de forma a que os professores possam utilizar estratégias comuns que envolvam ambas as turmas.

“A interacção dos alunos de turmas diferentes permite não só a demonstração de competências em outros contextos, (...), como a atribuição de outros papéis a alunos com aptidões mais elevadas em determinadas matérias (ensino recíproco). A realização de actividades comuns a essas turmas possibilita ainda a diferenciação do papel dos professores, de modo a aproveitar capacidades especiais dos próprios professores.” (Jacinto et al., 2001, p. 20)

Analisando os horários destinados à EF e o roulement posso verificar que segunda-feira o 7º 3 tem aula em simultâneo com as turmas 7º5, 12ºLH1 e 12ºCT2. No entanto, verificasse que as turmas de 7ºano nunca estão em simultâneo no pavilhão; a aula de quarta-feira é realizada ao mesmo tempo que as turmas 10ºAV e 12ºCT2 não cumprindo, por isso, os critérios recomendados pelos PNEF.

Sobre os recursos espaciais a escola dispõe de quatro espaços amplos para a realização das aulas mais uma sala de aula como espaço complementar. O PV1 é um espaço interior de pavilhão, de menores dimensões com a particularidade de apresentar uma parede de escalada; o PV2 é o espaço interior, de pavilhão, com maiores dimensões onde se lecionam principalmente as matérias de Jogos Desportivos Coletivos (JDC) e Badminton; o ginásio é o único espaço onde se pode lecionar todas as matérias da Ginástica, o Ténis de Mesa, o Salto em Altura e o Tiro com Arco; por último temos o campo exterior, não coberto, onde se lecionam preferencialmente os JDC, as Corridas de Atletismo e a Orientação.

Por último, em relação aos recursos materiais, a escola possui uma arrecadação com bastante material permitindo a lecionação das mesmas matérias por turmas diferentes. O material de Ginástica encontra-se praticamente todo arrumado no ginásio.

1.2. Análise reflexiva sobre a prática letiva

Bento (2003) afirma que “o ensino é criado duas vezes: primeiro na concepção e depois na realidade” (Bento, 2003; p.16). Contudo, no ensino real o professor deverá ser capaz de se adaptar às circunstâncias encontradas, ou seja, adequar/reformular a situação de aprendizagem caso observe que não está ajustado ao nível dos alunos ou grupo de alunos. Só assim os professores serão capazes de motivar os seus alunos para a prática regular de AF uma vez que o sucesso da Educação Física (EF) não está nos alunos que já dominam as matérias e que se encontram motivados mas sim nos alunos que ainda não desenvolveram nem gosto nem as habilidades necessárias para a prática fazendo com que, muito provavelmente, se tornem adultos sedentários.

A Educação Física Escolar deve “garantir que cada aluno, todos eles, possa apropriar-se das habilidades, técnicas e conhecimentos, desenvolver capacidades e formar atitudes e valores («bens de personalidade» que representam o rendimento educativo) visando a plenitude das suas potencialidades de actividade física significativa, multilateral (em todas as dimensões da personalidade) e eclética (em todos os domínios – actividades físicas desportivas, Dança, actividades de exploração da natureza, jogos tradicionais).” (Bom et al., 1990; p.1)

Durante todo o processo de estágio, esta foi a subárea há qual dediquei mais tempo e empenho uma vez que é a grande área que nos prepara para o grande passo futuro – ser professora de EF. No decorrer do ano foram feitos alguns ajustes e alterações ao nível do planeamento, após experimentações e reflexões, uma vez que o plano constitui-se como um guia e não uma obrigatoriedade a seguir. Dada a flexibilidade do planeamento nós,

professores temos de ter a capacidade de ajustar a aula em função do seguimento da mesma e comportamento dos alunos.

1.3.Planeamento

O processo de planeamento é bastante importante a todos os níveis da vida quotidiana, uma vez que é responsável pelas funções organizativas e reflexivas sobre possíveis acontecimentos, possibilitando ainda a previsão e minimização de problemas que vão surgindo (Lopes, et al., 2016). Seguindo esta linha de pensamento, Marcon, Graça, e Nascimento (2011) afirmam que para que o ensino seja de qualidade é preciso um planeamento prévio, pois só assim o professor antecipa de forma organizada as etapas do trabalho escolar.

É, então, necessário que os professores de EF façam o seu planeamento por etapas, onde os conteúdos têm uma maior distribuição temporal e os espaços se tornam polivalentes, permitindo a lecionação de vários conteúdos/matérias na mesma aula (aulas politemáticas), assegurando uma maior individualização e respeitando os ritmos de aprendizagem diferenciados dos alunos constituintes da turma. Constituindo assim, também, para uma maior motivação através da variedade e diferentes estímulos próprios das aulas politemáticas.

De forma a seguir um planeamento por etapas deverão ser consideradas as etapas de Prognóstico, ou Avaliação Inicial (AI), onde serão definidos os objetivos gerais e específicos. Esta é a etapa mais importante de todo o planeamento pois para além de conhecermos os alunos é a etapa que marca o início de todo o planeamento do ano, formação de grupos, etc., ou seja, permite “a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares” (Jacinto et al., 2001; p.22); a etapa de Prioridades define, como o nome indica, as prioridades a trabalhar pela turma, ou seja, as matérias em que os alunos através da AI demonstraram mais dificuldades e onde o professor tenta motivar os alunos com mais dificuldades para a prática de AF através de situações de aprendizagem aliciantes das matérias que eles mais gostam visto que não há desenvolvimento sem envolvimento; a etapa de Progressão acusa alguma pressão nos alunos de modo a que os que já atingiram os níveis/objetivos esperados no início do ano os consigam manter até à avaliação final e os alunos que ainda não atingiram o sucesso da disciplina têm ainda sensivelmente um mês para o fazer; por último, a etapa Produto integra a revisão e a avaliação de todas as matérias abordadas ao longo do ano e das conquistas dos alunos face aos objetivos

traçados. Também são introduzidas novas aprendizagens de matérias alternativas e/ou mais desafiadoras para os alunos. Constitui a etapa final onde são avaliadas as conquistas dos alunos face aos objetivos traçados, realizando a recuperação dos alunos com mais dificuldades e a preparação do ano seguinte.

Assim, o planeamento e a preparação do ensino passam pela elaboração do plano anual, planos de etapa, de unidade didática (U.D.) e planos de aula:

1.3.1. Avaliação Inicial e Plano Anual de Turma

De acordo com Piéron (1992) e também Mascarenhas e Carreiro da Costa (1995), citados por Gomes (2004), o plano anual depende de vários fatores como: instruções pedagógicas dos programas oficiais, que os professores deverão conhecer bem de forma a estabelecerem objetivos prioritários; o número de horas dedicadas à EF que, como referido anteriormente, o intervalo entre aulas não deverá ser grande para que os alunos consigam interiorizar as aprendizagens, facto que não é respeitado; as condições materiais de trabalho existentes na escola que, no caso da ESPA, apresenta recursos materiais abundantes e em boas condições e recursos espaciais que possibilitam aulas politemáticas; por último, o tipo de avaliação prevista pelas autoridades pedagógicas - 40% para a área das atividades físicas, 20% para a área de aptidão física (resistência, força e flexibilidade), 20% para a área dos conhecimentos, testes e trabalhos sobre as matérias teóricas a abordar ao longo do ano e 20% para o domínio sócio afetivo, a pontualidade, assiduidade, autonomia e cooperação com os colegas e professor.

Segundo os PNEF, a avaliação inicial “consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respetivo ano de curso, procedendo simultaneamente à revisão/atualização dos resultados obtidos no ano anterior” (Jacinto et al., 2001; p.25). Esta avaliação deverá ser realizada num período de quatro a cinco semanas. Os objetivos da mesma passam por “diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas e prognosticar o seu desenvolvimento” (Carvalho, 1994; p.138).

Considera-se, portanto que a A.I. é um dos momentos mais importantes no processo de planificação do ensino por parte do professor, pois é após esta etapa que se desencadeia todo o processo de planeamento e definição de objetivos para a turma.

Para que haja aferição de critérios nos processos de avaliação a escola possui um protocolo de avaliação inicial, definido pelo grupo de educação física, constituído por grelhas

que contemplam os indicadores de observação e os critérios de avaliação para todas as modalidades.

Para a construção do plano de avaliação inicial tive em conta o roulement definido, as matérias já iniciadas em anos anteriores, os objetivos definidos por mim e a construção das aulas sob o ponto de vista dos conteúdos, formas organizativas e situações de aprendizagem. (ver apêndice IV).

Na área das atividades física, para 7ºano de escolaridade existe a continuidade das matérias de Basquetebol, Futebol, Voleibol, Ginástica de Solo e Aparelhos (Minitrampolim, Trave, Plinto e Barra Fixa), Atletismo (Corrida de Velocidade, Corrida de Barreiras, Corrida de Estafetas, Salto em Comprimento, Salto em Altura e Lançamento do Peso), Patinagem, Hóquei em Patins e Dança.

Esta etapa teve a duração de treze aulas, seis de noventa minutos e sete de quarenta e cinco minutos. Na área da atividade física foram abordadas as seguintes matérias: Basquetebol, Futebol, Voleibol, Ginástica de Solo, Ginástica de Aparelhos (Trave), Atletismo (Corrida de Estafetas) e Badminton, uma vez que praticamente toda a turma já tivera contacto; a Patinagem e o Hóquei em Patins não foram alvo de avaliação porque a escola não possui patins; na Ginástica de Aparelhos preferi avaliar apenas a Trave uma vez que os alunos ainda não possuíam rotinas de trabalho e o nível da Ginástica de Solo era fraco, por isso, implicaria estar bastante presente, para ajudas e supervisão, em várias estações de risco; do Atletismo apenas foi avaliado a Corrida de Estafetas. Nesta área os alunos foram avaliados nos níveis introdução, elementar e avançado.

Conforme o Manual de Aplicação de Testes *Fitnessgram*, nos indica, os testes de força, resistência muscular e flexibilidade foram combinados numa única área denominada por aptidão física visto que todos eles avaliam o estado funcional do sistema músculo-esquelético. Assim, é importante que os alunos se encontrem na zona saudável de aptidão física para terem “músculos que consigam trabalhar sob tensão, com carga e/ou durante um certo período de tempo e ainda suficientemente flexíveis para permitir aos membros explorarem toda a amplitude articular disponível.” (The Cooper Institute for Aerobics Research, 2008; p.21).

Nesta área foram avaliados todos os testes do *Fitnessgram* aprovados pelo grupo de EF – flexibilidade: Senta e Alcança e Flexibilidade de Ombros; força média: Abdominais; força superior: Flexão de Braços em Suspensão; e resistência: Vaivém e Milha.

Na área dos conhecimentos está definido que os temas a desenvolver durante o 3º ciclo são: a aptidão física e a saúde - fatores associados a um estilo de vida saudável; os processos de controlo do esforço; a fadiga; os fenómenos associados a limitações da prática de AF e da saúde; os fatores de risco associados à prática de AF; as substâncias dopantes; a dimensão cultural da EF ao longo do tempo; a ocupação dos tempos de lazer na prática das AF; a influência da política no desporto (exemplo dos Jogos Olímpicos); e o conhecimento das regras e regulamentos, gestos técnicos e táticos das matérias abordadas.

Durante todo o processo desta etapa senti algumas dificuldades, pois na prática enquanto professores temos de ter controlo sobre toda a turma de forma a ver se os alunos estão ou não em atividade, ver se existem comportamentos desviantes, dar *feedbacks* nas diferentes matérias e ainda conseguir distinguir o nível dos alunos, que não conhecemos, em todas as matérias abordadas até ao final do 2º ciclo. No início tive bastantes dificuldades em conseguir avaliar todos os alunos e, por isso, esta etapa foi um pouco mais longa do que o previsto assegurando que todos os alunos tivessem rigor na sua avaliação para posteriormente definir os objetivos prioritários e formular os grupos para as próximas etapas. Também a gestão do tempo dos alunos por cada estação e a circulação pelo espaço de aula foi-me difícil devido a ter canalizado praticamente toda a minha atenção no grupo/matéria em avaliação. No entanto, tentei manter o controlo da turma à distância e dar *feedback* para que a turma sentisse a presença da professora na aula, diminuindo os comportamentos desviantes e mantendo o foco na atividade a executar.

A organização do plano anual assentou na interpretação das informações recolhidas durante a avaliação inicial, reflexão e projeção. Para tal, e seguindo as orientações dos PNEF que afirmam que o ensino deverá ser elaborado e executado por etapas.

“Estes programas foram elaborados na perspectiva de que a sua aplicação não será uma simples sequência de exercitação das ações indicadas em cada matéria, em blocos sucessivos, concentrando, em cada bloco, a abordagem de uma “modalidade” num número pré-determinado de aulas” (Bom et al, 1989; Jacinto et al., 2001, p.22).

Desta forma, os diferentes conteúdos têm uma maior distribuição temporal onde as características dos espaços não influenciam nem condicionam a abordagem das matérias estabelecidas para as unidades didáticas.

Após a avaliação inicial deverá então ser feita uma reflexão sobre os resultados obtidos para posteriormente serem definidos os objetivos prioritários, de forma a realizar o planeamento das próximas etapas do plano anual (ver quadro 3).

Na área das atividades físicas, pude constatar que, no geral, o nível da turma nos Jogos Desportivos Coletivos de Invasão ainda é fraco pois não cumprem alguns dos pré-requisitos e o jogo ainda é bastante anárquico com prevalência nos aspetos de aglomeração sobre a bola e como consequência a não existência de ocupação racional do espaço livre dificultando assim a criação de linhas de passe. Para trabalhar estas matérias tive em consideração o modelo de ensino «*Teaching Games for Understanding*» (TGfU) que vê o jogo como um todo procurando encontrar soluções aos problemas encontrados no decorrer do jogo, ao contrário de trabalhar a técnica isolada, de forma analítica (Graça & Mesquita, 2002). Desta forma, apresentei situações de aprendizagem com jogos reduzidos, algumas de superioridade numérica, com manipulação de algumas regras, espaço de jogo e procurando desafiar os alunos em todas as situações para os manter motivados na aprendizagem utilizando maioritariamente a descoberta guiada como estilo de ensino.

Para os alunos que me pareceram ter mais dificuldades em conseguir atingir o nível I sugeri frequentarem treinos de Corfebol, no desporto escolar, que acompanho, por ser a única modalidade da categoria dos Desportos de Invasão presente no DE, de forma a tentar motivá-los à prática desportiva. A participação deles no núcleo seria bastante positiva visto que têm mais noventa minutos de prática de AF e de treino, para resolver as suas maiores dificuldades, e porque os consigo acompanhar obtendo assim uma perspetiva mais significativa da evolução de cada um.

Num estudo realizado por Guerreiro, Guerreiro e Leça-Veiga (2013) sobre a aplicação dos PNEF relativamente à Ginástica, os autores verificaram que grande parte dos professores inquiridos afirmaram que a maioria dos alunos não possuía os pré-requisitos necessários que deveriam ter sido adquiridos nos ciclos anteriores. Tal como aconteceu neste estudo a maioria dos alunos da minha turma também não domina os elementos gímnicos básicos, como por exemplo as cambalhotas que deveriam ser abordadas desde o primeiro ano de escolaridade, no bloco de deslocamentos e equilíbrios. De facto, grande parte da turma apresentou muitas dificuldades ao nível das mesmas e, numa turma de vinte e um alunos apenas sete estão aptos a trabalhar os elementos/sequência de nível elementar.

ESPA 7º3ª			1º Período (16 de Set a 17 Dez)						2º Período (06 de Jan a 04 Abr)				3º Período (22 de Abril a 13 de Junho)																			
Etapa			1ª Etapa: Prognóstico			2ª Etapa: Prioridades			3ª Etapa: Progresso						4ª Etapa: Produto																	
UNIDADE DIDÁCTICA			1º Unidade Didática			1º Unidade Didática			1º Unidade Didática		2ª Unidade Didática		3ª Unidade Didática		1º Unidade Didática		2ª Unidade Didática															
Datas			18/09 a 30/10			04/11 a 08/01			13/01 a 05/02		10/02 a 19/03		24/03 a 30/04		05/05 a 21/05		26/05 a 11/06															
Nº Aulas			13 Aulas			15 Aulas			08 Aulas		12 Aulas		7 Aulas		6 Aulas		6 Aulas															
JDC	Basquetebol		APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA	AULA TEÓRICA JDC	X	X	CORTA-MATO E MEGA-SPRINTER	REVISÕES PARA O TESTE	TESTE SUMATIVO	SEMANA DO FITNESSGRAM			TORNEIO DE VOLEIBOL			X	REVISÕES PARA O TESTE	TESTE SUMATIVO	X	SAÍDA DE CAMPO			TRABALHO DE GRUPO									
	Futebol				X	X								X	X	X																
	Voleibol				X	X					X			X							X											
	Andebol				X									X							X											
GIN	Gin. Solo				X	X								X	X						X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	
	Gin Aparelhos													X	X						X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	
	Gin Acrobática																				X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	
ATLET	Estafetas				X	X								X							X					X			X			X
	Barreiras																									X			X			
	Salto em Altura																									X			X			
	Velocidade																				X											
BADMINTON											X													X							X	
DANÇA												X												X							X	
ORIENTAÇÃO																								X							X	
CORFEBOL																								X							X	
AP.FÍSICA	Coordenação				X	X								X							X				X	X			X			X
	Força Médica				X	X								X							X				X	X			X			X
	Força Superior				X	X								X							X				X	X			X			X
	Resistência				X									X							X				X	X			X			X
	Flexibilidade				X									X							X				X	X			X			X
	Velocidade													X							X				X	X			X			X
TESTES FITNESSGRAM											X	X				X					X	X				X			X			
Avaliação			Prognóstica			Sumativa			Formativa		Formativa		Format/Sumat		Formativa		Format/Sumat															

Quadro3 Plano Anual de Turma

Para tentar colmatar alguns dos problemas da Ginástica formei, numa primeira fase, grupos de nível de forma a que os alunos que estivessem a trabalhar para o nível elementar ficassem um pouco mais autónomos, ficando eu mais atenta aos que apresentaram mais dificuldades. Numa segunda fase realizei grupos heterogéneos para que os alunos de nível acima pudessem ajudar os com mais dificuldades. Através da aprendizagem cooperativa pretendi que os alunos, em pequenos grupos, se ajudassem reciprocamente de forma a atingirem os objetivos traçados para a aula (Leitão, 2010), pois na aprendizagem em grupo os alunos são responsabilizados não só pelas suas aprendizagens, mas também pelas dos seus colegas (Slavin, 1991), de forma a que os que apresentam mais dificuldades evoluam e que haja desafio para os outros alunos, promovendo a cooperação entre eles no sentido de unir mais a turma.

O nível I da Trave, na Ginástica de Aparelhos não constituiu dificuldades nos alunos tendo todos eles conseguido alcançá-lo. Por isso, não considerei esta matéria como prioritária. (ver apêndice V).

Na área da aptidão física, dos testes enunciados anteriormente, a maioria da turma demonstrou bastantes dificuldades nos testes de flexibilidade - senta e alcança - e de força superior. É de salientar que existem três alunos que apresentaram apenas um teste positivo e uma aluna que não conseguiu atingir a zona saudável de aptidão física (ZSAF) em nenhum dos testes (ver apêndice VI).

De seguida irei apresentar um quadro resumo com os resultados a nível geral dos testes de aptidão física no processo de avaliação inicial em que ZNSAF representa os alunos que se encontram na Zona Não Saudável de Aptidão Física, ZSAF os alunos que se encontram na Zona Saudável de Aptidão Física e a última coluna do quadro os alunos que se encontram acima da Zona Saudável de Aptidão Física.

	Teste	Nº de alunos	ZNSAF	ZSAF	Acima ZSAF
Flexibilidade	Senta e Alcança	20	17	3	0
	Ombros	20	2	18	0
Força	Força Média	20	6	4	10
	Força Superior	23	11	2	10
Resistência	Vaivém	20	10	10	0
	Milha	21	6	8	7

Quadro 4 Resultados gerais dos Testes de Aptidão Física durante a A.I.

Na área dos conhecimentos, verifiquei que a turma transporta consigo graves dificuldades ao nível das regras das diferentes matérias, nomeadamente nos JDC e nas Raquetas. Para tentar colmatar estas dificuldades foi lecionada uma aula teórica, logo no início do ano, onde foram abordados os JDC e, durante as aulas práticas reforcei as regras e os nomes técnicos das habilidades que estão a executar, no sentido de os alunos se familiarizarem com as diversas matérias – matéria alvo de avaliação no primeiro teste.

Também me deparei com três outros aspetos: a indisciplina visível em alguns alunos da turma – responderem aos colegas, à professora, situações de quererem bater no colega durante a aula e de terem sempre algum comentário a fazer; a falta de higiene pessoal após a aula de EF; e a falta de cooperação entre os colegas.

De forma a tentar colmatar alguns destes aspetos, em conjunto com a professora Nilza Parra (diretora de turma), durante as aulas de Formação Cívica (FC), trabalhamos com a turma o tema da Indisciplina e *Bullying*, pois as queixas dos outros professores também são recorrentes; sobre a Higiene todos os alunos tiveram de escrever um texto, como trabalho de casa, sobre a sua higiene em casa, na escola e após as aulas de EF. A maioria das respostas foram que se deve tomar banho após a aula, pôr desodorizante e mudar de roupa. Contudo, poucos são aqueles que fazem mais do que colocar desodorizante e/ou perfume. Neste sentido, falámos sobre o quão importante é tratar da sua higiene e que não é necessário muito tempo para tal, ou seja, o banho não necessita de ser demorado e, no mínimo deverão trazer uma toalha de rosto e/ou toalhas para se limparem – assunto também abordado nas aulas de FC, no tema de Educação Sexual; um outro tema prioritário foi a cooperação entre colegas pois um dos objetivos que os PNEF enuncia é o de que os alunos deverão participar em todas as situações e procurar o êxito pessoal e o do grupo. Na turma do 7º 3 principalmente os rapazes são bastante competitivos e querem ganhar ou superar os objetivos propostos a todo o custo e, por isso, deixam os colegas mais fracos de parte não lhes passando a bola, no caso dos JDC.

Após todas estas reflexões, escolhas e decisões segue-se a próxima etapa, onde são projetadas as matérias consideradas prioritárias, ou seja, as que necessitam de maior atenção para que os alunos atinjam os objetivos definidos por mim para a turma e as metas dos PNEF para o sétimo ano de escolaridade (ver apêndice VIII).

1.4. Professor a Tempo Inteiro (PTI)

De acordo com o Regulamento de Estágio, os estagiários deverão realizar uma semana com horário completo, entre vinte/vinte e duas horas de lecionação, significa que durante esta semana os estagiários experienciam o que é ser professor a tempo inteiro por uma semana. Durante este período foram contabilizadas as aulas da turma acompanhada ao longo do ano, as aulas de Formação Cívica, o horário de Desporto Escolar e as restantes horas foram preenchidas com turmas de diferentes anos e ciclos, compostas por alunos com diferentes faixas etárias e níveis de ensino bem distintos, uma vez que transitamos entre turmas de diferentes ciclos de ensino.

Esta atividade, apresenta quatro fases – observação, planeamento, implementação e avaliação.

Antes da lecionação desta semana, foram observadas as aulas da semana anterior de cada turma com o intuito de conhecer um pouco a turma e o nível dos alunos para poder elaborar um planeamento adequado às necessidades, capacidades e características dos alunos. Após observação das aulas das turmas reuni-me com os professores para obter mais informação sobre os alunos e, quais as matérias a realizar na UD em que se encontravam de forma a executar o planeamento da aula para posterior discussão com o professor. Na minha opinião a forma como o roulement está organizado, a turma estar uma semana em cada espaço, dificultou um pouco o PTI, uma vez que lecionei diversas aulas no espaço Ginásio e, por isso, as aulas observadas, predominantemente de JDC pouco contribuíram para conhecer o nível dos alunos na Ginástica, Atletismo ou outras matérias possíveis de enquadrar neste espaço.

A lecionação das aulas deu-se em espaços distintos, tal como o quadro 5 nos indica.

Após a lecionação das aulas reuni-me com cada professor para executarmos um balanço da mesma.

O balanço que faço do PTI para a minha formação é bastante positivo porque para além de dar aos estagiários a possibilidade de trabalhar com alunos diferentes, de anos diferentes e de aperfeiçoarmos a nossa capacidade de sair de uma aula para a outra com objetivos diferentes, algo que durante o ano não fazemos porque apenas nos é atribuída uma turma, foi algo que mostrou e desenvolveu a minha capacidade adaptativa face às exigências e diferenças de cada turma encontrada (ver apêndice X).

DIAS	SEGUNDA				TERÇA				QUARTA				QUINTA				SEXTA				
ESPAÇOS	GIN	PV2	CC	PV1	GIN	PV2	CC	PV1	GIN	PV2	CC	PV1	GIN	PV2	CC	PV1	GIN	PV2	CC	PV1	
HORAS																					
8:15/9:00			7º3			10º CT3												10º CT3			
9:00/9:45										7º 3					8º 1						
10:00/10:45	12º SE					12º CT1			12º SE										2TCB		
10:45/11:30																			2TAI		
11:45/12:30	7º3 FC						8º 1		EC 2B					12º CT1			OI3				
12:30/13:15																					
13:30/14:15																					
14:15/15:00	Atendimento EE																	CORFEBOL			
15:15/16:00																					
16:00/16:45																					
17:00/17:45																					
17:45/18:30			2TCB 2TAI																		

JCALJMA
CIRINAI
SA
PMOITEIJACQSR0
S
NSASCO

→

Sigla dos professores das turmas

Quadro 5 Horário da semana de PTI

Todavia, a experiência em turmas de anos mais avançados foi completamente diferente, uma vez que os alunos já possuíam boas rotinas de organização, nomeadamente nos tempos de transição e arrumação de material fazendo com que o tempo útil de aula aumentasse. Isto foi algo bastante positivo e que até à data ainda não consegui atingir com a minha turma. Também o tempo de instrução foi muito menor nas turmas do PTI, do que na minha turma porque os alunos permaneciam em silêncio e atentos sabendo o que fazer em cada estação. Face ao experienciado, este objetivo tornou-se ainda mais relevante e prioritário na intervenção com a minha turma.

A oportunidade de ter outros professores a observarem as aulas, inclusivamente dois professores que já foram orientadores de estágio, foi ótimo para a minha aprendizagem pois consegui perceber lacunas que estava a cometer e debater sobre as suas soluções, nomeadamente a minha ocupação do espaço referida por quase todos os professores em que a aula decorreu no pavilhão. Foi referido que devo permanecer numa das diagonais localizadas junto dos alunos que apresentam mais dificuldades ou dos mais conflituosos, não descuidando a transmissão de *feedbacks* individuais e coletivos e a minha rotação pelo espaço de aula; numa situação de aprendizagem deparei-me que os alunos não tinham percebido o referido e, por isso, tive de voltar atrás explicando novamente e exemplificando com um aluno. No final da aula, o professor referiu que apesar de ter contornado bem a situação foi tempo de instrução gasto desnecessariamente porque podia ter explicado logo com demonstração ou explicado e de seguida pedir a um aluno que exemplificasse.

Todas estas questões são bastante benéficas na formação enquanto professora estagiária uma vez que os momentos observáveis por professores, quer orientadores de escola quer universitário, foram poucos ao longo do ano letivo.

Por ter sido um marco tão importante deixo em sugestão ser realizado um momento destes por período ou repeti-lo noutro período para se fazer notar a nossa capacidade de adaptação e evolução ao longo do ano.

1.5. Conclusão da 1ª Área de Estágio (Lecionação)

A EF tem como finalidade dar oportunidade a todas as crianças de adquirirem conhecimentos e desenvolverem atitudes e competências necessárias para uma participação emancipada, satisfatória e prolongada na cultura do movimento ao longo de toda a vida.

A reflexão feita para este balanço tem como evidência os resultados alcançados pelos alunos ao longo do ano letivo e as experiências vividas por eles bem como a minha reflexão enquanto professora, percebendo desta forma se as estratégias utilizadas permitiram ou não que os alunos do 7º3ª alcançassem o sucesso em Educação Física.

Relativamente à área das atividades físicas durante a A.I. as maiores dificuldades foram identificadas ao nível dos JDC e da Ginástica.

Para os JDC de invasão (Andebol, Basquetebol e Futebol) utilizei como estratégia o modelo TGfU proporcionando aos alunos a sua progressão através de situações de jogos reduzidos, jogos com superioridade numérica e manipulação de algumas regras bem como do espaço de jogo. Desta forma tentei resolver os problemas mais evidentes que são os comuns aos do jogo anárquico: aglomeração sobre a bola e consequente não ocupação racional do espaço dificultando a criação de linhas de passe, a tomada de decisão no jogo, por exemplo quando em situação o aluno não finaliza, e o não reconhecimento das fases de jogo, ou seja, a transição defesa-ataque.

Ao longo dos períodos houve uma melhoria significativa destes aspetos, nomeadamente com a introdução da defesa HxH a noção de estar a defender ou a atacar ficou mais clara e a ocupação do espaço ficou mais racional; a introdução do jogador joker foi bastante benéfica pois em situações de jogo reduzido o joker ficava muitas vezes desmarcado criando condições de superioridade numérica ao ataque; a regra de ‘não poder passar a bola a quem me passou’ também teve um papel fundamental do desenvolvimento de todos os alunos em campo, na tomada de decisão e na finalização.

Durante o 1º Período os grupos de trabalho foram essencialmente homogéneos para conseguir trabalhar as dificuldades comuns a todos os intervenientes criando objetivos para cada situação.

A partir do 2º Período fui introduzindo alunos com mais destrezas como jokers ou um em cada equipa de forma a que o jogo melhorasse substancialmente e existisse cooperação entre os alunos da turma, algo difícil devido aos conflitos existentes. No início foi difícil conseguir mantê-los focados pois não queriam jogar com os alunos que apresentam mais dificuldades mas para tentar superar esse desafio falei-lhes da importância, do papel e da grande responsabilidade que lhes estava a atribuir sendo eles os ‘alunos líderes’ de equipa. No momento em que consegui captar a atenção destes alunos e que os consegui motivar para que cooperassem com os colegas foi quando se notou maiores diferenças no desempenho do grupo. O jogo melhorou e o clima de aula também uma vez que os conflitos em aula começaram a diminuir.

Para o Voleibol utilizei situações de 1+1, com objetivo focado no número de transições realizadas que tanto poderia ser dado em número como através de competições com os campos do lado obrigando a que cada aluno tivesse a responsabilidade de enviar a bola em passe nas melhores condições possíveis, melhorando o deslocamento para o ponto de queda da bola; situações de 1x1 só em passe de forma a obrigar os alunos a olhar para o campo antes de enviar a bola para dificultar a ação do adversário, melhorando o deslocamento e tempo de reação do oponente; situações de 2+2 e 2x2 em grupos homogéneos para trabalhar com serviço por baixo, receção e dinâmicas de jogo com o posicionamento do passador junto à rede de forma a obrigar a receção para a frente e posteriormente partirem lado a lado obrigando a movimentação do aluno que não recebeu a bola para junto da rede efetuando o segundo toque. Em grupos heterogéneos numa primeira fase coloquei os alunos com mais dificuldades na rede sempre a dar o segundo toque responsabilizando os alunos com mais destrezas a executarem o primeiro toque em condições para o colega. Com estas situações de aprendizagem, o jogo foi melhorando progressivamente e os alunos conseguiram aperfeiçoar as suas habilidades e skills.

Ao longo do ano houve uma melhoria significativa dos alunos nos JDC tanto nas suas habilidades motoras como na perceção e leitura de jogo.

A Ginástica foi outra das matérias definidas como prioritária no início do ano, uma vez que muitos alunos não dominavam os elementos gímnicos básicos abordados a partir do 1º ano de escolaridade no Bloco de Deslocamentos e Equilíbrios e no 3º ano no Bloco da

Ginástica, como as cambalhotas, o pino, seja o elemento gímico em si, seja a sua subida no espaldar recuando as mãos para atingir a posição vertical, seja partindo da posição de deitado ventral no plinto, deslizando para o apoio das mãos no colchão passando pela posição de pino e terminando com cambalhota à frente, a roda e posições de flexibilidade e equilíbrio.

Relativamente às cambalhotas à frente nove alunos não a conseguiam realizar sozinhos tendo dois alunos muito medo. Para todos eles foram criadas situações com o plano inclinado e com a minha ajuda para que conseguissem passar à realização autónoma do mesmo. Posteriormente o plano inclinado foi retirado para que iniciassem a execução da cambalhota no colchão.

Contudo, a aluna nº19 revelou grandes dificuldades e medo na execução das cambalhotas e, foi uma grande conquista para mim conseguir que ela as realizasse com a minha ajuda em plano inclinado. Durante a avaliação do 3º Período a aluna experimentou fazer cambalhota à frente sozinha tendo rebolado no colchão, não conseguindo efetuá-la; já o aluno nº20 conseguiu ir perdendo o medo tendo realizado sozinho a cambalhota mas apenas em plano inclinado.

Não realizando a cambalhota à frente os mesmos nove alunos também não a executavam à retaguarda. Apesar dessas dificuldades apenas os dois alunos referidos anteriormente com muitas dificuldades e a aluna nº21 devido ao seu fraco empenho nas aulas não conseguiram atingir este objetivo, apesar dos restantes não a executarem de forma perfeita.

Para tentar colmatar as dificuldades dos alunos criei diferentes percursos gímicos utilizando saltos, elementos de força, flexibilidade, equilíbrio, progressões e elementos gímicos; o trabalho por áreas e em circuito permitiu-me dar mais atenção nas estações onde os alunos apresentavam mais dificuldades ou receios; foi também utilizado como estratégia o trabalho em grupos heterogéneos. Aqui tive o cuidado de juntar alunos que se dessem bem uma vez que é necessário confiança e responsabilidade para serem criadas condições de segurança e trabalho cooperativo.

Os alunos demonstraram uma grande evolução tanto nos elementos gímicos como na superação dos seus medos e dificuldades e, por isso estão de parabéns pelo que alcançaram ao longo do ano.

As restantes matérias não revelaram grandes dificuldades no global da turma.

Podemos verificar a evolução da turma no quadro abaixo sendo que NI representa os alunos que ainda não atingiram o nível introdução, I os que se encontram no nível introdução e E os que se encontram no nível elementar

Avaliação Matérias																																
	Andebol				Voleibol				Basquetebol				Futebol				Gin. Solo				Gin Ap.: Trave				Badminton				Dança			
	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP
2			I	I	I-	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	NI	I	I	I	I	I	I	NI	I	I	I	I		NI	NI	N I
3			NI	I	NI	NI	I	I	NI	NI	I	I	NI	NI	NI	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
4			I	E	I	I	I	E	I+	I	I	E	I	I	I	E	I+	I	E	E	I	I+	E	E	I	I	I	I		NI	NI	NI
5			NI	I	NI	NI	I	I	NI	I	I	I	I-	I	I	I	I+	I	E	E	I	I+	E	E	I	I	I	I		I	I	I
6			I	I	NI	NI	NI	I	NI	NI	I	I	I	I	I	E	I-	I	E	I	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
7			NI	I	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	I	I-	I	I	I	I-	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
8			I	E	I-	I	I	I	I	I	I	E	I-	NI	NI	I	I	I	I	E	I	I+	E	E	I	I	I	I		NI	NI	NI
10			NI	I	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	I	I	I	I	I	I-	I	I	I		I	I	I
11			NI	I	NI	NI	I	I	NI	I	I	I	NI	NI	NI	I	NI	NI	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
12			NI	I	NI	NI	NI	NI	I	I	I	E	I	I	I	E	I-	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I		NI	NI	NI
14			NI	I	NI	NI	NI	NI	NI	I	I	I	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	I	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
15			NI	I	NI	NI	NI	I	NI	NI	NI	I	NI	NI	NI	I	NI	NI	NI	I	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
16			I	E	I	I	I	E	I	I	I	E	I	I	I	E	I+	E	E	E	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
17			I	I	I	I	I	I	I+	I	I	E	I	I	I	E	I+	I	E	E	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
18			I	E	I	I	I	E	I	I	I	E	I	I	I	E	I+	I	E	E	I	I+	E	E	I	I	I	I		I	I	I
19			NI	I	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	I	I	I	I	I-	NI	NI	NI		I	I	I
20			I	I	NI	NI	I	I	NI	I	I	I	NI	I	I	I	NI	NI	NI	NI	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
21			NI	I	NI	NI	I	I	NI	NI	NI	I	NI	NI	NI	I	NI	NI	NI	I	I	I	I	I	I	I	I	I		NI	NI	NI
22			I	E	I	I	I	E	I+	I	I	E	I	I	I	E	I	I	E	E	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
23			I	E	NI	NI	I	I	I+	I	I	E	I	I	I	E	I-	I	I	I	I	I	I	E	I	I	I	I		I	I	I
25			I	I	NI	NI	I	I	I-	I	I	I	I	I	I	E	I-	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I	I		I	I	I
26			NI	I	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	I	I-	I	I	I	NI	NI	NI	NI	I	I	I	I	I-	I	I	I		I	I	I
27			I	I	NI	NI	I	I	I	I	I	E	I	I	I	E	I-	I	I	I	I	I	I	E	I	I	I	I		I	I	I
28			NI	I		NI	NI	I		NI	I	I		NI	NI	I		NI	NI	I	I	I	I	I		NI	NI	NI		I	I	I

Quadro 6 Avaliação das matérias ao longo do ano

No que concerne à Aptidão Física esta foi avaliada através da bateria de testes do Fitnessgram. Todos os testes foram repetidos ao longo dos três períodos.

A aptidão aeróbia é considerada a área mais importante em todos os programas de aptidão física, uma vez que está diretamente relacionada com a diminuição do risco de alguns problemas e doenças de saúde. Para avaliar esta capacidade foram realizados dois testes.

O teste do Vaivém é um teste de patamares de esforço progressivo aplicado ao som de música. O objetivo deste teste é realizar o maior número de percursos, numa distância de vinte metros, com uma velocidade crescente em períodos consecutivos de um minuto (The Cooper Institute for Aerobics Research). Sobre os resultados obtidos, na A.I. dez alunos conseguiram atingir a zona saudável, no 1ºPeríodo desceu para nove alunos, no 2ºPeríodo subiu para quinze alunos e no 3ºPeríodo voltou a descer para treze alunos. Apesar destas oscilações o ano terminou com a melhoria da turma face aos resultados obtidos no início do ano letivo.

No que diz respeito ao teste da Milha, este tem como objetivo percorrer uma milha (1609 metros) o mais rapidamente possível. Caso o aluno não consiga realizar todo o percurso a correr, poderá fazê-lo a andar (The Cooper Institute for Aerobics Research). No que diz respeito aos resultados obtidos neste teste os seus valores são superiores e é possível justificá-los porque o teste contempla corrida contínua e, porque é possível andar durante o mesmo. Assim, em termos de resultados, durante a A.I. e 1ºPeríodo quinze conseguiram obter a ZSAF mas nos períodos seguintes estes números baixaram para onze e catorze respetivamente.

Nos testes de flexibilidade a turma mostrou-se apta ao nível da flexibilidade de ombros que tem como objetivo tocar com as pontas dos dedos de ambas as mãos por trás das costas (The Cooper Institute for Aerobics Research). Já no teste Senta e Alcança, em que o objetivo é alcançar uma determinada distância, dependendo da idade de cada aluno, para os lados direito e esquerdo alternadamente (The Cooper Institute for Aerobics Research), houve melhorias muito significativas ao longo de todas as execuções uma vez que na A.I. apenas três alunos se encontravam na ZSAF. No final do 1ºPeríodo os números aumentaram para dezasseis alunos, no 2ºPeríodo para vinte alunos e terminámos o ano com dezoito alunos na ZSAF. Esta descida, tal como aconteceu nos restantes testes, deve-se a alunos que atingiram os valores de referência mais baixos que consideram o aluno dentro da ZSAF e, nos períodos seguintes não conseguiram alcançá-los. O facto de alguns alunos terem faltado no dia da avaliação também teve impacto nestas oscilações uma vez que não foram contemplados os alunos que não realizaram o teste nesse período.

Na força média, o objetivo do teste é realizar o maior número possível de abdominais até ao máximo de setenta e cinco, a uma cadência especificada (The Cooper Institute for Aerobics Research). Aqui, mais de metade da turma apresentou resultados dentro da ZSAF, sendo dezoito abdominais o mínimo para ambos os géneros com idades de doze anos, para rapazes com treze anos o valor sobe para os vinte e um e com catorze anos para vinte e quatro. O valor das raparigas não sofre alterações. Sendo assim, na avaliação catorze alunos encontravam-se na ZSAF, no final do 1ºPeríodo o valor subiu para os dezanove, no 2ºPeríodo mais um aluno conseguiu atingir os valores recomendados mas no final do ano letivo os resultados mantiveram-se iguais aos alcançados no 1ºPeríodo.

Por último, o teste escolhido pelo GEF, para avaliar a força superior foi a Flexão de Braços em Suspensão, em que o objetivo é, como o nome indica, manter a suspensão com o queixo acima da barra o máximo de tempo possível. Ao contrário do que aconteceu nos outros testes os resultados obtidos foram sempre decrescendo tendo durante a A.I. treze alunos atingido a ZSAF, no 1ºPeríodo 8 alunos, no 2ºPeríodo sete alunos e, por último, no 3ºPeríodo quatro alunos.

É possível observar os resultados dos testes obtidos ao longo do ano no quadro 7, em que a cor verde representa os alunos que estão acima da ZSAF, a amarelo os que se encontram na ZSAF e a vermelho os que ainda não atingiram a ZSAF.

Para ajudar os alunos nesta área foram criados circuitos de condição física, tentei proporcionar aulas ou fases das mesmas que fossem mais intensas, situações de força nas aulas realizadas no Ginásio e durante o aquecimento, a pares com os colegas, e no fim de todas as aulas defini um conjunto de alongamentos trabalhados ao longo do ano.

Na área dos conhecimentos foi definido que os alunos realizariam um teste no 1º e 2º Períodos e no último um trabalho de grupo sobre um dos temas abordados. No entanto oito alunos não entregaram o trabalho apesar de ter dito que aceitava o trabalho na semana seguinte com uma pequena penalização da nota, uma vez que não estaria a ser justa com os restantes alunos que entregaram dentro do prazo.

Sobre a minha intervenção o balanço realizado irá recair sobre as principais dificuldades encontradas nas diferentes dimensões do AGIC (Avaliação, Gestão, Instrução e Clima).

Avaliação Aptidão Física																																	
	Flexibilidade																Força Média				Força Superior				Resistência								
	Senta e Alcança								Ombros								Abdominais				Flexão de braços em suspensão				Vai e Vém				Milha				
	Direito				Esquerdo				Direito				Esquerdo																				
	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	A.I.	1º P	2ºP	3ºP	
2		28	28			30				Sim								21	0			13	6	5			24	25			12:59		
3	16	29	26	28	20	30	28	27	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	41	70	34	50	6	0	2		18	18	20	25	08:46	10:58	12:11	12:00	
4	13	21	22	17	12	22	22	16	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	54	25	27	16	33	25	11	8	70	84	80	93	05:46	06:50	06:24	05:35	
5	20	24	26	21	22	24	23	20	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	60	50	44	50	15	12	14		33	14	30	30	09:52	10:42	11:01	11:13	
6	16	27	26	23	14	23	23	22	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	29	44	47	80	58	51	55	59	57	57	53	70	07:04	06:41	07:32	07:30	
7	15	18	22		15	25	24		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	17	25	29		8	0	0		37	32	46		10:30	09:56	10:13		
8	17	21	23	22	19	21	23	24	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	30	49	29	0	20	12	8	0	40	57	61		07:15	07:19	07:07	08:26	
10		30	29	31		29	30	28	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	9	20	19	15	9	0	0	0		19	25	18	12:50	12:03	12:24	12:00	
11	18	26	30	28	20	23	26	28	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	45	50	48	68	15	0	0	0	18	19	25	31	09:56	09:40	11:02	09:56	
12	14	21	23	20	15	20	20	21	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	42	72	47	50	15	18	13	12	34	30	39	41	09:52	08:12	10:30	09:33	
14	2	5	6	7	2	4	5	5	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	29	35	39	43	3	0	0	0	21	22	26	30	10:10	12:02	12:00		
15	25		19	20	25		19	19	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim			20	40	2		0		17		17	17			11:02		
16	23	25	24	22	20	24	23	22	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	49	44	47	31	6	52	12	15	60	87	80	80	07:13	05:57	06:02	05:32	
17	30	32	29	30	29	31	30	34	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	41	75	48	80	15	8	5	6	26	32	20	48	07:50	09:09	10:33	08:00	
18	21	26	27	24	23	25	26	24	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	37	60	48	80	55	16	12		59	75	80	84	08:10	08:00	2	05:48	
19	8	15	10	13	10	18	15	17	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	15	33	29	32	0	0	0	0	15	14	14	17	12:04	14:23	13:52	12:00	
20	21	28	26	20	19	20	22	20	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	18	44	47	70	2	0	0		8	31	23	24	11:32	10:50	10:58	11:13	
21		31	31	32		31	33	34		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	15	12	19	32	13	0	0	0		4	2	5	>13		14:07		
22	18	21	19	20	17	20	21	18	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim		38	39	80	17	9	9	13	48	70	70	52	07:00	10:09	07:13	07:29	
23	10	13	16	17	9	14	12	14	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	64	46	38	40	20	17	13		34	26	40	27	09:25	08:29	10:30	08:53	
25	13	21	21	18	11	21	22	19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	18	20	38	80	14	7	9		64	60	64	68	08:10	07:38	07:29	07:40	
26	16	24	26	27	17	24	23	29	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	13	0	18	24	0	0	0		10	15	14	17	>13	14:23	14:10	12:00	
27	16	22	22	15	14	20		17	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	75	75	33	80	8	6	9	7	45	56	42	50	06:40	08:15	08:34	08:48	
28		31	30	28		34		34		Sim	Sim	Sim		Sim	Sim	Sim		22	26	28		0	0			14	28	24		09:36	09:50	10:54	

Quadro 7 Avaliação da Aptidão Física ao longo do ano

A avaliação constitui todo o processo de reflexão sobre as aulas, quer durante o seu planeamento e desenvolvimento quer após a aula efetuando um balanço sobre os acontecimentos. Assim, este processo ocorre através de três etapas: no decurso da aula, na parte final da aula e após a aula. Em suma, sem que haja uma reflexão profunda dos acontecimentos da aula o professor não será capaz de avaliar adequadamente os seus alunos e a sua atividade (Bento, 2003).

O planeamento de cada aula foi pensado e refletida conjuntamente com o meu colega de estágio, fazendo as alterações necessárias para cada turma e/ou grupo de alunos, tendo por base o planeamento anual definido – o qual não foi cumprido na íntegra pela dificuldade dos alunos sentidas em algumas matérias às quais dediquei maior intervenção. Como já referi anteriormente, ao longo das aulas fui conseguindo melhorar a minha capacidade de avaliação seja na avaliação das matérias dos alunos, classificando-os nos níveis Introdução, Elementar ou Avançado, quer na avaliação da situação de aprendizagem reajustando de forma rápida sempre que necessário de forma a adequar as situações e objetivos ao grupo de alunos existindo, desta forma, uma maior diferenciação no ensino das aulas de Educação Física. Por último, relativamente à última etapa da avaliação, na reflexão pós aula, acho que me descuidei um pouco desta parte não escrevendo aula após aula aspetos a melhorar e aspetos que correram bem. Acho que este descuido deu-se em grande parte pela minha dificuldade em refletir sobre os acontecimentos.

A dimensão gestão prende-se com as medidas que contribuem para a melhoria da qualidade da gestão do tempo, dos espaços, dos materiais e da turma - formação e movimentação dos grupos nas sessões de trabalho. (Siendentop, 1983, cit in Onofre, 1995)¹. Assim, e de acordo com Carvalho e Mira (1993) quando as situações de aprendizagem estão planeadas adequadamente aos alunos e aos objetivos a atingir por eles, os professores maximizam o tempo em atividade motora significativa da sua turma. É também necessário que durante as aulas os professores sejam bons gestores para que o tempo de instrução e transição diminua conseguindo assim aumentar o tempo de prática dos alunos.

Desta forma, principalmente no início do ano senti bastantes dificuldades na gestão dos tempos, equacionando-os de forma equilibrada para os diferentes grupos, quando as aulas

¹ Siendentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mountain View: Mayfield Publishing Company in Onofre, M. (1995). Prioridades de Formação Didática em Educação Física. *Boletim SPEF*, 12, 75-97.

eram trabalhadas por circuito; e na montagem e desmontagem/arrumação do material, principalmente nesta última devido a um elevado número de alunos querer continuar a realizar exercícios com bolas dificultando o processo de organização na fase final da aula. Relativamente à movimentação dos alunos pelas diferentes estações presentes na aula, os alunos desde cedo incutiram as rotinas de organização referentes aos sinais de organização o que potencializou nesta fase o tempo potencial de aprendizagem.

A instrução contempla as “medidas que contribuem para melhorar a qualidade da *introdução, avaliação geral das actividades e de aprendizagem*” do aluno. Siendentop, 1983, cit in Onofre, 1995; p.80)¹. Desta forma, o professor deverá procurar que os alunos conheçam os objetivos das tarefas, utilizando uma linguagem simples e direta, e o que vão realizar durante as atividades, é importante salientar que a informação visual é mais eficaz do que a verbal (Onofre, 1995).

Relativamente a esta dimensão do AGIC senti muitas dificuldades durante a instrução inicial em referir os objetivos de aula e os objetivos para cada tarefa tendo existido alturas que os alunos desconheciam por completo o objetivo da situação de aprendizagem. Outro problema encontrado foi chegar a todos os alunos, ou seja, explicar os exercícios de forma direta para que todos percebessem o que executar nas estações montadas para cada aula. Desta forma, tentei recorrer sempre à demonstração dos mesmos tendo contudo, em muitas ocasiões tido insucesso devido à falta de atenção ou esquecimento, por parte dos alunos, quando trocavam de estação.

No entanto, no decorrer do ano letivo tentei sempre corrigir esta minha lacuna com algumas ajudas dos Professores Orientadores, dos restantes professores do GEF na realização do PTI que foi fundamental para a minha aprendizagem e com a ajuda do meu colega de estágio que no final das aulas referenciava os aspetos onde deveria melhorar nas próximas aulas.

O clima refere-se ao ambiente criado na sala de aula, ou seja, às relações positivas existentes entre alunos, entre o professor e os alunos e entre os alunos e as atividades de aprendizagem. (Siendentop, 1983, cit in Onofre, 1995)¹. Assim, é importante que o professor planeie as suas aulas de modo a que estas ocorram num ambiente positivo (Costa, 1984), de acordo com o que os alunos necessitam e com o que gostam para que estejam motivados

durante as aulas e na aprendizagem de novas situações e matérias, porque, segundo Bento (2003), a motivação torna-se fruto das interações entre professor/aluno e turma.

Nesta última dimensão das siglas AGIC tentei ao máximo criar aulas que constituíssem um desafio para os três grupos definidos no início do ano de forma a motivá-los para o empenhamento das tarefas propostas. No entanto, os alunos desta turma relacionam-se por ‘grupinhos’ o que levou a alguns desentendimentos no decorrer do ano, quatro deles resultaram em agressões físicas: duas dessas situações resultaram em empurrar fortemente o colega, uma em enviar uma bola com força diretamente a um colega, com óculos, de forma a magoá-lo e a última pondo em situação de risco uma colega na ginástica acrobática que se equilibrava em cima dos braços de dois colegas em que o outro aluno decidiu ir abanar esses mesmos colegas. Assim, para a constituição dos grupos tive de ter em atenção os grupos formados principalmente em algumas aulas que tentei fazer grupos heterogéneos onde tive alunos a recusarem-se a fazer aula preferindo a falta ao ajudar o colega. Contudo, fui conseguindo ultrapassar estes obstáculos trabalhando sempre para o bom funcionamento das aulas e adequação das mesmas às necessidades dos alunos.

Concluo assim, que nas dimensões do AGIC existiram alguns pontos que deveria ter melhorado mais ao longo desta formação inicial que o Estágio me proporcionou, como:

- Melhorar as rotinas de organização relativas à arrumação do material da aula;
- Melhorar o controlo à distância da turma;
- Melhorar a pertinência da instrução;
- ‘Ser mais treinadora’ para que os alunos evoluam percebendo o que se quer realmente no jogo reduzido ou no jogo reduzido condicionado.

A execução do projeto inicial foi fundamental para guiar a minha ação enquanto Professora Estagiária definindo desde início a minha intervenção e planeamento justificando os resultados evidenciados ao longo do ano. Para tal, foi necessário refletir sobre todo o processo de lecionação de forma a elencar um conjunto de objetivos definindo este o sucesso e impacto do projeto.

Em suma, o balanço que faço do ano de Estágio Pedagógico para a área de lecionação é bastante positivo uma vez que consegui notar bastante evolução nos alunos quer ao nível das aprendizagens quer ao nível da aptidão física e motivação para nas aulas. Relativamente à área dos conhecimentos as minhas expectativas ficaram um pouco há quem das finais devido à não consolidação das regras dos jogos e há grande falta de entrega de trabalhos, no final do ano.

Sobre a minha prestação e intervenção senti bastantes diferenças neste percurso. Apesar de ainda ter muito que aprender e um longo percurso pela frente foi ótimo conseguir ter a perceção que melhorei nos aspetos que os professores me foram alertando ao longo do ano.

Sinto hoje, passados quatro anos do ano de estágio um à vontade muito maior nos pequenos detalhes, como o controlo da turma à distância, a instrução direta e eficaz, a definição e implementação de regras desde cedo, de forma a diminuir os comportamentos de desvio, e de formas de organização para aumentar o tempo útil de aula e diminuir a confusão possível em determinadas situações. São estes pequenos detalhes que me fazem crescer cada vez mais e sentir que contribuo para o desenvolvimento motor, pessoal e social dos meus alunos.

Capítulo 2: Direção de Turma

A Direção de Turma faz parte de umas das quatro áreas do estágio curricular onde se destaca a ligação entre os encarregados de educação, com os professores da turma e com alunos. A constante alteração da legislação, a falta de preocupação/interesse demonstrada por parte dos EE sobre o processo educativo dos seus educandos e o pouquíssimo tempo, atribuído em horário, destinado ao trabalho de direção de turma provam ser um entrave a uma melhor prestação desta função. Contudo, as boas relações interpessoais e de entreajuda demonstrada pelos vários diretores de turma, usando nomeadamente a plataforma digital Webutis, para trocar informação e estarem em constante contacto tem sido uma mais-valia a nível do trabalho de diretor de turma (DT).

Para esta área procurei desenvolver uma participação ativa nos vetores que caracterizam o desempenho do Diretor de Turma – DT/alunos, DT/Encarregados de Educação e DT/Conselho de Turma – de forma a aprender o que é ser DT e identificar as principais necessidades e problemas dos alunos podendo assim delinear soluções e estratégias para as minimizar ou colmatar, de forma a orientar os alunos para o sucesso.

Através da análise da caracterização da escola e das entrevistas realizadas à Diretora da CAP, Professora Rosário Azevedo, e à coordenadora dos DT's, Professora Elisabete Alexandre, foi possível levantar quais os principais problemas existentes na escola relativamente a esta área, dos quais destaco:

- A gestão de conflitos na sala de aula;
- A gestão de conflitos com as famílias;
- A interiorização de regras (saber estar, saber ouvir);
- A falta de objetivos por parte dos alunos.

Segundo Carita (1998), a indisciplina apresenta-se como um conceito flexível visto ainda não possuir um significado unânime no seio da comunidade docente, ou seja, perante uma determinada situação o juízo feito é influenciado por vários fatores, dos quais, o ciclo de escolaridade em que ocorre, as personalidades de cada docente, a experiência acumulada, entre outras. Normalmente as situações de indisciplina são apenas compreendidas/abordadas à luz da relação pedagógica, normalmente dentro da sala de aula. Contudo, há situações em que devido à sua gravidade estas começam a ser lidas à luz de outros conceitos (violência, saúde

mental, etc.) o que pode conduzir à intervenção e mobilização de outros recursos para a resolução destes problemas.

De acordo com a ideia referida anteriormente a escola potencia algumas estratégias para atenuar os problemas enunciados como o trabalho desenvolvido pelo projeto SEI, os seminários e sessões lecionadas nas aulas sobre o saber estar, pela psicóloga da escola, os seminários apresentados pelos núcleos de estágio para a comunidade escolar, entre outras estratégias. Estes métodos têm-se demonstrado uma mais-valia da escola, no intuito de resolver os seus problemas.

2.1. Competências do DT

O Diretor de Turma para além de desempenhar inúmeras funções burocráticas constitui um elemento determinante na mediação de conflitos dentro da comunidade escolar. É-lhe reconhecido uma tripla função no que diz respeito às relações estabelecidas com a comunidade escolar, ou seja, o DT deverá estabelecer uma relação com os alunos, com os EE e com os restantes professores da turma (Boavista & Sousa, 2013).

O Diretor de Turma é um professor posicionado numa estrutura pedagógica de gestão intermédia da escola, particularmente centrado nos alunos, especializado na organização de um trabalho cooperativo dos professores da turma, em benefício do desenvolvimento intelectual e pessoal dos alunos. (Boavista & Sousa, 2013).

Para o cumprimento desta função, o DT necessita, para além de conhecer a legislação e as funções que dela decorrem, de ter uma visão de todos os recursos da escola e da comunidade educativa de forma a responder aos desafios presentes no Projeto Educativo de Escola (Boavista, 2010).

As funções atribuídas ao DT estão descritas no Decreto Regulamentar nº10/99. São elas: assegurar a articulação entre os professores da turma e com os alunos, pais e encarregados de educação; promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos; coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de atividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e à especificidade de cada aluno; articular as atividades da turma com os pais e encarregados de educação promovendo a sua participação; coordenar o processo de avaliação dos alunos

garantindo o seu carácter globalizante e integrador; e apresentar à direção executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido.

2.2. Projeto Curricular de Turma (PCT)

Para esta área de intervenção foi essencial caracterizar a turma. Tal como Brás (2005) afirma este conhecimento é essencial para que os diretores de turma e posteriormente os professores constituintes do conselho de turma conheçam os alunos, as suas necessidades e dificuldades de forma a obterem sucesso ao longo do presente ano letivo e para a integração social dos mesmos conseguida, uma vez que a diferença de idades da turma é um fator a considerar.

“Aos professores titulares de turma e ao conselho de turma compete: a) Analisar a situação da turma e identificar características específicas dos alunos a ter em conta no processo de ensino e aprendizagem; b) Planificar o desenvolvimento de atividades a realizar (...); c) Identificar diferentes ritmos de aprendizagem e necessidades educativas especiais dos alunos, promovendo a articulação com os respetivos serviços especializados (...); d) Assegurar a adequação do currículo às características específicas dos alunos, estabelecendo prioridades (...); e) adotar estratégias de diferenciação pedagógica (...); f) Conceber e delinear atividades em complemento do currículo proposto; g) Preparar informação adequada, a disponibilizar aos pais e Encarregados de Educação, relativa ao processo de aprendizagem e avaliação dos alunos.” (Decreto Regulamentar nº10/99, p.4492)

A elaboração do PCT deverá ser feita até ao início do 2º período. Para a sua elaboração, em documento próprio, foi necessário entregar um questionário a cada aluno para preencherem com alguns dados; redigir uma caracterização dos alunos com base na consulta dos processos individuais dos mesmos para conhecermos a sua situação a nível escolar – idade, número de repetências, procedimentos disciplinares, etc.; e em Conselho de Turma (CT) existiu um debate com os restantes professores da turma de forma a indicarem os níveis dos alunos nas diferentes disciplinas, para que todos possam conhecer melhor os seus alunos e perceberem os diferentes ritmos de aprendizagem dos mesmos e da turma em geral (ver apêndices XIX e XX).

2.3. Caracterização da turma

A turma do 7º 3ª pertence ao ensino básico da Escola Secundária Pedro Alexandrino. Inicialmente era constituída por vinte e sete alunos mas quatro pediram transferência de escola e uma aluna entrou na turma ficando assim reduzida a vinte e quatro alunos, dos quais quinze são rapazes e nove são raparigas. A maioria dos alunos era proveniente da Escola Básica Carlos Paredes, pertencente ao agrupamento, e um dos alunos já frequentava a ESPA.

A idade dos alunos varia entre os doze e os quinze anos tendo a turma como média de idade treze anos. Esta diferença de idades deve-se ao elevado número de repetências dos alunos que a constituem (ver quadro 8).

Ano repetido	Nº alunos
1º ano	0
2º ano	2
3º ano	3
4º ano	0
5º ano	4
6º ano	3
7º ano	8

Quadro 8 Repetências dos alunos do 7º3ª

Na turma existem, pelo menos, quinze alunos com Planeamento de Apoio Pedagógico Individual (PAPI) – nove alunos a Português, sete a Inglês, cinco a Francês, onze a Matemática, oito a Ciências Naturais, seis a Físico-Química, onze a História e Geografia de Portugal, sete a Educação Visual, dois a Artes, três a Educação Física, dois a Educação Musical, três a Educação Tecnológica e um a TIC.

Na sua maioria, os alunos são de nacionalidade portuguesa existindo apenas um aluno guineense e uma aluna brasileira.

A escola localiza-se num meio socioeconómico desfavorecido e socialmente destruído onde existem alunos maiores de idade, com pais emigrantes, a trabalharem e sustentarem os

irmãos mais novos. Na turma existem dezasseis alunos que beneficiam de Serviço de Ação Social Escolar (SASE), sete no escalão A e nove no Escalão B.

A residência dos alunos é perto da escola pelo que vinte alunos deslocam-se a pé para a escola, dois de transportes públicos, um de carro e uma aluna na carrinha do ATL. Onze desses alunos vão sozinhos para a escola, seis vão com familiares e os restantes deslocam-se com amigos.

Relativamente ao agregado familiar, dos vinte e quatro alunos existentes na turma, dois alunos possuem um agregado familiar de duas pessoas, sete alunos de três pessoas, doze alunos de quatro pessoas, dois alunos de cinco pessoas e apenas um aluno possui um agregado familiar de sete pessoas. Quanto ao número de irmãos, sete alunos são filhos únicos, treze possuem um irmão, três dois irmãos e um aluno possui quatro irmãos.

Na turma 7º 3ª existem dois alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que se prendem com dificuldades de aprendizagem e concentração, tendo um deles realizado terapia da fala.

No dia 30 de Setembro de 2013 pelas 11h30 foi realizado uma votação para eleger o delegado e subdelegado da turma. Com cinco votos a aluna nº3 foi eleita delegada e com quatro votos o aluno nº27 foi eleito subdelegado da turma.

A turma caracteriza-se por ser irrequieta e indisciplinada fazendo bastante barulho nas diversas aulas. Em anos anteriores cinco alunos totalizaram três suspensões e quatro participações disciplinares/repreensões registadas.

2.4. Formação Cívica

“Formação cívica, espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e coletiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.” (Decreto-Lei nº 6/2001, p.260).

A Formação Cívica surge como uma área de elevada importância, sendo a principal disciplina que visa mediar, regular e resolver problemas de indisciplina e/ou problemas no seio da turma. Esta disciplina surge com o objetivo principal de desenvolver valores cívicos e de consciencialização de temas, como por exemplo, Educação para os Direitos Humanos,

Educação Sexual em meio escolar, Obesidade, etc. Para tal, conta com uma carga horária de 45 minutos semanais, apresentando-se como uma ferramenta importante para o DT, na interação e resolução de problemas referentes à turma. A participação do núcleo de estágio nestas aulas é bastante importante, no sentido de nos familiarizarmos com a turma e com os seus problemas.

2.5. Saída de Campo

Tal como referido no regulamento de estágio, os professores estagiários devem realizar uma saída de campo, na área das atividades de exploração da natureza, com as suas turmas com os objetivos de proporcionar aos alunos atividades que não podem ser abordadas dentro da escola; promover o trabalho em equipa e a entreajuda; convívio entre alunos, alunos e professores e professores; e a promoção da interdisciplinaridade associadas à prática de atividades físicas.

Toda esta atividade foi planeada em conjunto pelo núcleo de estágio destinando-se a todos os alunos das suas turmas e às turmas do Professor Orientador. Segundo o Ofício – Circular nº 406/2004, é necessário um professor por cada 15 alunos, para a realização de atividades exteriores à escola.

Para a organização da saída de campo procedemos à pesquisa bibliográfica sobre a importância e pertinência das Atividades de Exploração da Natureza em meio natural. Pretendeu-se que a saída de campo englobasse a matéria de Orientação uma vez que é uma das matérias obrigatórias que consta nos PNEF e outra atividade com que os alunos não contactem regularmente, como o Arborismo.

Cada vez mais os jovens sentem pelas atividades de exploração da natureza diversos motivos de interesse devendo a sua organização ser apelativa. Para isso é necessário que as Escolas organizem e/ou divulguem estas atividades, que normalmente os jovens demonstram grande entusiasmo para que consigamos captar, já nestas idades, os alunos a adotarem estilos de vida ativos.

Atualmente, assistiu-se a um aumento exponencial do número de empresas/organizações de Atividades de Exploração da Natureza, nos meios aéreos, terrestres e aquáticos, porque cada vez mais a população, de diferentes faixas etárias, procuram a

aventura e o desconhecido. A adesão por estas práticas está associada a aspetos que possibilitam uma melhor qualidade de vida, sentimentos de prazer, liberdade e risco.

“As atividades físicas de aventura são dotadas de características consideradas atualmente sob a premissa de "radicais", entre as quais configuram-se o risco, a vertigem e a superação de limites internos e externos, numa busca incessante pelo prazer, pela conquista do "estar livre", fazendo concretizar um ideal de liberdade de vida, e pela satisfação da superação pessoal em vivências significativas, onde os seres humanos, atraídos pelo entretenimento, por emoções e pela oportunidade de aventura, buscam as práticas alternativas e criativas, tais como os esportes radicais, os quais requerem o meio natural como cenário principal para sua realização.” (Tahara & Schwartz, 2003, p.1)

De acordo com López, e Granero (2008) a EF deverá incorporar conteúdos que desenvolvam a sensibilidade dos alunos, de forma a respeitar o meio natural, fomentar o seu conhecimento, contribuir para a aquisição de hábitos duradouros de prática de atividade física. Sendo de salientar que a natureza é cada vez mais o cenário procurado para o desenvolvimento dessas mesmas atividades.

Pretendemos com esta saída de campo que os alunos experienciem atividades que normalmente não estão habituados a frequentar fora do contexto escolar proporcionando sentimentos de prazer, liberdade e risco de forma a superarem as suas dificuldades e receios perante as mesmas.

A atividade programada foi realizada no dia 19 de maio, com partida da Escola às 9h00 e chegada a Cabeço de Montachique. Ao chegarem ao local os alunos foram informados de quais as atividades que iriam realizar e as principais regras para que tudo corresse dentro do previsto. Após este briefing inicial foram divididos em dois grandes grupos, constituídos por alunos de ambas as turmas, de forma a desenvolver e fortalecer a autonomia dos alunos e as relações interpessoais. Após esta informação um dos grupos dirigiu-se para a atividade de arborismo, organizado pela empresa Azimute Parque Radical (AZR), e o outro para a Orientação, organizado pelo núcleo de estágio.

No arborismo os alunos foram orientados pelos monitores do AZR, que começaram por fazer referências às regras de segurança e à utilização dos materiais - arneses, mosquetões e cordas de segurança. Após o briefing inicial os alunos vestiram o arnês com supervisão dos monitores para posteriormente iniciarem o trajeto de forma autónoma mas sempre supervisionada.

No percurso de Orientação, os alunos foram divididos em pequenos grupos de 4/5 alunos e o professor/estagiário que acompanhava o grupo procedeu à explicação do percurso de Orientação em linha a realizar; ao tempo da atividade, uma hora para descobrirem o maior número de balizas; e à distribuição do material necessário, mapa, cronómetro e caneta.

Após cerca de 1h15min, procedeu-se à troca dos grupos nas atividades.

Nesta saída de campo estiveram presentes 38 alunos, dos quais dezassete do 7º 2ª e vinte e um alunos ao 7º3ª.

Desta saída, o núcleo de estágio, fez um balanço bastante positivo, pois a organização do percurso de Orientação foi bem sucedido e a estratégia de organização de grupos mistos dentro das duas turmas, fez com que a entreajuda e relações interpessoais fossem eficazes. Os alunos que participaram na atividade tiveram um comportamento exemplar inclusive no que diz respeito aos cuidados com o lixo que caia para o chão durante o pequeno intervalo para o lanche entre as duas atividades, ficando apenas um ou outro papel que os professores presentes tiveram cuidado de chamar à atenção ou então de recolher para que não ficasse nada sujo.

A questão menos positiva da saída foi a interdisciplinaridade. Após termos entrado em contacto com os professores e sabermos que nos iriam acompanhar duas professoras de ciências da natureza, procurámos junto delas construir questões sobre a sua disciplina para colocar nos vários pontos distribuídos pelo percurso. Contudo os temas de 7º ano que são abordados nesta disciplina não se enquadravam muito com as características do parque, assim sendo procurámos criar questões mais de cultura geral, mas que estão na mesma relacionadas com matérias que irão ser abordadas no 8º ano, como a reciclagem e as energias renováveis, no sentido de não ser uma atividade exclusivamente centrada na Educação Física.

A saída de campo torna-se um momento importante, não só para proporcionar aos alunos atividades fora do contexto escolar mas também pela interação dos alunos com os professores da turma, conhecendo novas facetas dos mesmos em ambiente diferente, fora do contexto de sala de aula; dos professores com os alunos fugindo muitas vezes dos problemas de indisciplina existentes na turma e de situações menos próprias, uma vez que os alunos tiveram um comportamento exemplar como foi referido anteriormente; e, também pela interação entre alunos e pelo trabalho de grupo existente nas atividades propostas.

2.6. Conclusão da 2ª Área de Estágio (Direção de Turma)

No que concerne à relação professor-aluno o DT desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento positivo dos alunos no seu processo de ensino-aprendizagem, pois é ele o responsável pela turma e que faz a ligação entre os restantes professores e os encarregados de educação.

Logo no início do ano existiram vários feedbacks, recados e participações disciplinares dos professores queixando-se do comportamento da turma.

Assim, foi necessário realizar uma caracterização minuciosa dos alunos da turma consultando todos os Processos Individuais dos Alunos de forma a tentarmos perceber quais os que apresentam mais dificuldades, uma vez que a turma apresenta oito, dos vinte e quatro alunos da turma, sem repetências de ano; e quais os alunos que poderiam ser mais problemáticos através do número de participações disciplinares apresentadas no seu processo.

Perante tal realidade e por outras queixas/relatos de professores, funcionários e alunos tivemos conhecimento de vários comportamentos agressivos, como *bullying* verbal, gozando com os colegas; *bullying* agressivo por vários alunos com colegas da turma e fora dela com situações de pancada, realizando rasteiras a uma colega para ela cair e um outro grupo de alunos pontapeá-la na barriga; e *bullying* sexual através de afetos indesejados. Existiram também situações de ameaças telefónicas e quedas propositadas para colegas de outras turmas serem punidos.

Como estratégia para a diminuição deste tipo de comportamentos em coadjuvação com a professora Nilza abordámos, nas aula de Formação Cívica, os temas *Indisciplina e Bullying* no início do ano para que os alunos percebessem que existem diversos tipos de comportamentos que não devem ser realizados e que estes poderão estar relacionados a uma sanção disciplinar. Após a lecionação dos aspetos chave da temática foi sempre aberto um espaço de debate e trabalho de grupo sobre a forma como deveriam agir caso estivessem perante uma situação de *bullying*.

Ao longo do ano verifiquei, através da plataforma WebUntis que no primeiro período os professores comunicaram vinte comportamentos inadequados enquanto que nos restantes foram registados apenas sete. Relativamente às participações disciplinares a turma iniciou o ano com seis participações a quatro alunos durante o 1º Período, no 2º Período diminuíram para

quatro participações a quatro alunos e no 3º Período nenhum professor registou participações disciplinares na turma. Perante esta realidade, para a avaliação do objetivo de melhoria dos comportamentos de indisciplina da turma não me posso cingir apenas aos resultados evidenciados na plataforma WebUntis, apesar de se ter notado uma evolução no comportamento dos alunos, classificando-o assim de ‘atingido em parte’ pela caracterização, efetuada anteriormente da turma.

Também a participação dos EE na vida escolar dos alunos desempenha um aspeto fundamental para que haja um clima positivo e, por isso, este foi um dos objetivos traçados. Verifiquei ao longo do ano que cada vez mais os EE se envolveram na vida escolar dos seus educandos pelas reuniões e telefonemas durante o horário de atendimento e pelo aumento da frequência dos mesmos nas reuniões de início de período. Contudo o sucesso deste objetivo deu-se em grande parte pelo sistema de mensagens adotado pela escola onde um dia antes das reuniões todos os EE recebiam um alerta no seu telemóvel e na existência de algum acontecimento negativo ou positivo os EE eram logo alertados. Nos casos negativos alguns dirigiram-se à escola de forma voluntária, outros por convocatória da DT. No que toca à assiduidade dos alunos, os seus EE foram permanentemente alertados através de mensagens e cartas com os registos de faltas para que os mesmos estivessem a par da situação do seu educando podendo acompanhá-los a todos os níveis de envolvimento escolar.

Nesta área de estágio o meu papel foi bastante ativo o que me possibilitou aprender bastante. Todos os materiais para as reuniões de EE foram preparados em conjunto com a Professora Nilza durante as horas de atendimento de EE e horas de trabalho da Direção de Turma, colaborando para a preparação de todas as reuniões com os EE e de Conselho de Turma e para as aulas de Formação Cívica.

Com a caracterização da turma e reuniões com os EE fomos percebendo alguns comportamentos dos alunos, nomeadamente um aluno que estava a repetir pela terceira vez o sétimo ano e que se apresentava bastante revoltado pelo que não aparecia na escola apenas queria ficar em casa a jogar computador. Tanto a mãe como o filho estavam a ter acompanhamento psicológico porque já não conseguia fazer nada pelo filho e o mais novo estava a seguir as mesmas pisadas do irmão. Foi recomendado por nós que procurasse uma escola com um curso vocacionado para o que ele gostava e, no final do ano a mãe inscreveu-o num curso de informática. O estar atenta aos comportamentos dos alunos nas aulas de

Educação Física e Formação Cívica fez com que conseguisse encontrar um desenho da morte feito por uma aluna, com um balão dizendo “podes começar a preparar o teu funeral”, justamente na altura que uma das suas colegas estava a receber ameaças no seu telemóvel. Esta aluna fazia passar-se por vítima de *bullying* e soubemos que na escola anterior uma professora ficou com um processo devido a uma história criada pela mesma. Desta forma estes comportamentos permitiram-nos perceber algumas reações e situações que estavam a acontecer ficando atentas até à forma como nos dirigíamos a esta aluna para nos salvaguardar de qualquer acontecimento.

Em suma, o maior contributo para o meu processo de formação foi ter aprendido as dificuldades por que algumas destas crianças passam e pela falta de carinho e afeto que têm dos seus pais. Pude ao longo deste ano contactar com diferentes alunos e diferentes pais e perceber que muitas das atitudes que os alunos do 7º3ª têm advêm de problemas familiares. Desde pais que compensam o tempo que não passam com os filhos através de valores materiais; EE que recebem notificações de tribunais por desrespeito a vizinhos e, por isso os educandos acham que falar de determinada forma é normal não distinguindo o que é e o que não é falta de respeito perante um adulto ou colega; alunos com comportamentos agressivos; uma aluna que se fez vítima de *bullying* quando na verdade ela era a agressora; a uma aluna que tem os pais separado e, por conversas com ela durante as aulas de EF percebi que temia o padrasto que por vezes lhe batia, ficou sem a mãe, que provocou a morte por decisão de não tomar a medicação, descobriu que o senhor a que durante treze anos chamara de pai afinal não era seu pai. Todos estes problemas, e outros não mencionados, fizeram-me perceber o que realmente os alunos passam, sofrem, sentem e o porquê de muitos deles se isolarem e agirem da forma como reagem. Para mim, este foi o grande ensinamento do ano de estágio, alunos que não estão motivados para escola e que simples gestos de carinho podem melhorar o seu dia ao invés de repreensões, porque muitos deles já estão habituados a serem castigados em casa.

Desta forma concordo totalmente com o que a autora Maria do Céu Roldão ao afirmar que

“uma análise da situação da turma, quer em termos do seu contexto socio-familiar e económico, quer em termos da sua «história» escolar anterior. Tal facto conduzirá facilmente a numerosas queixas dos professores acerca do rendimento da turma, transformando os conselhos de turma em estéreis «muros de lamentações,

em que se constata dificuldades várias sem se ter elementos para analisar a situação (...)” (Roldão, 2007, p.6).

Mais uma vez é constatada a importância de conhecer os alunos da turma e o seu percurso escolar para que os professores da turma possam estar atentos aos alunos com mais dificuldades e a conflitos existentes.

Capítulo 3: Desporto Escolar

A área do Desporto Escolar tem como objetivo para os estagiários coorientarem um Grupo/Equipa de Desporto Escolar, “(...) com um Professor que se disponha a essa colaboração, dirigindo treinos e outras sessões de prática, no quadro do plano de treino e formação desportiva nessa modalidade, acompanhando as provas que se integram no Projeto de Desporto Escolar da Escola”. (Regulamento de Estágio, 2013; p.3).

Atualmente, as escolas dispõem de condições de desenvolvimento e mudança do desporto escolar no sentido de promover o associativismo, a autonomia e uma melhoria na qualidade das práticas desportivas. Deste modo, a escola e os professores assumem uma dupla função: serem gestores e líderes (Soares, 2000). Também Araújo, (2009), nesta linha de pensamento, afirma que ser treinador coloca-nos perante a necessidade de desempenhar as funções de líderes, organizadores, motivadores, gestores, conselheiros e disciplinadores.

Assim, para que a EF represente uma forma de meio e desenvolvimento social é fundamental que os professores orientem a sua intervenção no sentido que a prática desportiva constitua um instrumento educativo e formativo que contribua para o desenvolvimento dos alunos durante as fases mais críticas, a infância e a adolescência, do seu desenvolvimento físico, social, emocional e intelectual. (Coelho, 2004).

Outro aspeto importante que está inerente à prática do DE são as competições desportivas. O professor/treinador deverá ter a consciência de que em idades tão jovens dever-se-á privilegiar o desenvolvimento global do aluno e não a obsessão pela vitória (Coelho, 2004).

Nesta perspetiva, a EF e o DE devem trabalhar lado a lado para a promoção de estilos ativos e para o desenvolvimento global dos alunos.

3.1. Núcleo de Desporto Escolar

O Desporto Escolar é

“(...) o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e de ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo”. (Programa do Desporto Escolar 2013-2017; p.2).

Atualmente com o mega agrupamento das escolas, o núcleo de desporto escolar da ESPA funciona em paralelo com o da EB Carlos Paredes. Assim, os alunos de ambas as escolas têm uma oferta curricular de atividades mais extensa. Contudo, poderão não existir horários compatíveis com os alunos das duas escolas uma vez que os horários do DE não são feitos de acordo com os horários das turmas, mas sim com a disponibilidade dos espaços e dos professores responsáveis pelo grupo-equipa.

As atividades que ambas as escolas proporcionam são:

	Professores Responsáveis	Núcleo	Horário
ESPA	Prof. Irene Inácio	Badminton	5ª F: 13h30-15h00
	Prof. Isabel Teixeira Prof. Estagiária Inês Fernandes	Corfebol	6ª F: 13h30-15h00
	Prof. José Machado	Tiro com Arco	3ª F: 13h45-14h30 5ª F: 13h45-14h30
	Prof. Nuno Sampaio Prof. Est. Pedro Sousa	Voleibol	3ª F: 13h30-15h00 6ª F: 13h30-15h00
EB Carlos Paredes	Prof. Regina Pereira	Corridas de Patins	2ª F: 10h00-10h45 3ª F: 12h30-13h45 5ª F: 11h45-13h15
	Prof. Fernando Correia	Futebol	2ª F: 11h45-12h30 5ª F: 12h30-13h45
	Prof. Sónia Costa	Atletismo	4ª F: 11h45-12h30 5ª F: 15h15-16h00
	Prof. Fátima Touguinha	Ténis de Mesa	3ª F: 09h00-09h45 4ª F: 12h30-13h15 5ª F: 14h15-15h00 6ª F: 09h00-09h45

Quadro 9 Núcleos de Desporto Escolar

De acordo com o Programa do Desporto Escolar 2013-2017, na análise swot que apresentam face às suas fraquezas, como o número de horas de prática e momentos competitivos reduzidos, e a organização dos horários conjugando as atividades curriculares com as de complemento curricular é algo observável também no agrupamento. Como podemos observar no quadro acima o número de horas apresentado para cada núcleo é bastante reduzido, na maioria dos núcleos representa-se por dois tempos letivos apesar de existirem modalidades com quatro tempos letivos, recorro a crítica feita acima sobre a disponibilidade dos espaços e do professor responsável.

Relativamente às suas virtudes (forças) as questões sobre as ofertas tornam-se cada vez mais relevantes com a questão dos agrupamentos de escolas possibilitando os alunos de escolas diferentes participarem nos núcleos de qualquer escola do agrupamento, “tornando mais rica a sua oferta educativa, sendo para muitos alunos a única oportunidade de acesso à prática desportiva formal, não formal ou informal”. (Programa do Desporto Escolar 2013-2017; p.6).

Os principais objetivos de todos os núcleos passam pela constituição de grupos/equipas ou por um conjunto de alunos, no caso das modalidades individuais, que apresentem gosto pela modalidade e integrar os alunos com mais dificuldades em atingir o nível introdução nessas matérias. Para isso é necessário que os professores responsáveis formem alunos conscientes contribuindo para o desenvolvimento global dos alunos, desenvolvendo hábitos de vida saudável, competências sociais e valores morais, destacando: “a responsabilidade, o espírito de equipa, a disciplina, a tolerância, a perseverança, o humanismo, a verdade, o respeito, a solidariedade, a dedicação e a coragem” (Programa do Desporto Escolar 2013-2017; p.8).

3.2. Desporto Escolar – Corfebol

A modalidade que escolhi para a minha intervenção no DE foi o Corfebol por ser um desporto que tenho total desconhecimento. Ferro e Ramos (2000) afirmam que um dos principais problemas com que as escolas se têm deparado é a falta de conhecimentos dos professores relativamente a esta modalidade. Na ESPA esse desconhecimento tem vindo a ser colmatado ao longo dos anos através de ações de formação promovidas pela professora responsável – Isabel Teixeira, selecionadora nacional de Corfebol.

Os treinos tiveram início no dia 11 de Outubro e decorreram apenas às sextas-feiras das 13h30 às 15h00, no pavilhão desportivo (PV1). Devido ao DE ter considerado para cada modalidade apenas dois tempos letivos de prática a professora decidiu optar por uma sessão de 90 minutos ao invés de duas de 45 minutos. A meu ver o tempo dedicado à modalidade é insuficiente para que os alunos possam ter uma evolução notória visto tratar-se de uma matéria alternativa em Educação Física e, por isso, não ser tão lecionada nas aulas, como

outras pertencentes aos JDC, fazendo com que os alunos não a pratiquem com alguma regularidade.

No primeiro treino apenas apareceram cinco pessoas, dois alunos da escola e três ex-alunos e atletas federados de Corfebol que ajudaram os mais novos no treino, ao longo do ano. Nos treinos seguintes foram aparecendo mais alunos todos pertencentes à ESPA, conseguindo ter uma média de dez alunos por treino.

Devido à grande diferença de idades dos alunos, o núcleo contou com a participação em dois escalões infantis e iniciados. Contudo, não acho que esta diferença de idade entre alunos tenha sido um fator impeditivo ou menos atrativo para os mesmos uma vez que o clima do grupo foi sempre muito positivo, de entreajuda em que os alunos mais velhos, com mais experiência, ajudaram os mais novos no seu desenvolvimento e a presença de alguns atletas do Sporting Clube de Caneças nos treinos aumentou a motivação dos mais novos para a prática da modalidade.

Relativamente à minha intervenção no início foi bastante complicado uma vez que nunca tinha tido contacto com esta matéria. No entanto, sendo o Corfebol um JDC integra aspetos comuns, nomeadamente a desmarcação e criação de linhas de passe, a marcação, ou seja, a colocação entre o adversário e o alvo reconhecendo-se como defesa, a finalização e o enquadramento ao receber a bola (Comédias, 2012), com alguma pesquisa bibliográfica e dúvidas que fui colocando à professora responsável fui-me familiarizando com os aspetos mais importantes do ensino da modalidade e com os erros mais comuns, nomeadamente nos lançamentos, de forma a conseguir aumentar a minha intervenção.

Durante a avaliação inicial constatei que praticamente todos os alunos se encontravam no nível I ou muito perto dele, pois apesar de muitos não conhecerem a modalidade têm noções bases comuns a todos os JDC. Apenas dois alunos se encontram em níveis acima aos referidos, um no nível elementar e outro no avançado, mas são atletas federados. (ver apêndice XXV).

Devido ao número de horas, sessões de treino e competições serem reduzidas, o planeamento anual foi construído através de um planeamento por etapas, tal como na disciplina de Educação Física. Desta forma, não faria muito sentido construir um modelo de desenvolvimento estruturado em ciclos em que cada um deles desempenha uma função

definida no tempo – macrociclo com duração de três a seis meses; mesociclo varia de três a seis semanas; e o microciclo podendo ir desde os quatro aos catorze dias (ver quadro 10).

Sobre a organização do processo de treino, no primeiro período, incidiu maioritariamente em jogos reduzidos para que os alunos percebessem o jogo jogando-o de forma a alcançar os objetivos definidos: marcação individual, passe e corte e desconstruir o jogo anárquico observado. Também foram realizados exercícios analíticos de lançamentos – lançamento curto e de fora – para que os alunos se familiarizassem com o gesto técnico apresentando uma pega simétrica e utilizando todo o corpo no lançamento (Calado, 1989). Contudo, estes exercícios tiveram sempre uma forte componente competitiva. Posso afirmar que praticamente todos os alunos que apresentam uma assiduidade constante aos treinos alcançaram os objetivos propostos, com exceção de um que apresenta excesso de peso e, por isso, apresenta algumas dificuldades de deslocamento não sendo rápido opta por escolher apenas uma fase do jogo, normalmente o ataque, não realizando desta forma a transição defesa-ataque.

Durante o primeiro encontro, na minha opinião os alunos estiveram um pouco apáticos em relação ao jogo mostrando elevados níveis de ansiedade e stress o que se faz notar no decorrer dos jogos. Foi difícil de observar as fases de transição defesa-ataque, a marcação individual e a participação no ressaltado, aspetos que foram trabalhados ao longo dos treinos e que eles próprios têm vindo a mostrar uma evolução notória. O facto de a equipa conter elementos com um número reduzido de treino, chegando mesmo a ter alunos(as) com apenas um treino contribuiu também para a falta de concentração e nervosismos apresentados. Saliento um aspeto muito gratificante, para mim, durante o torneio que foi o facto de poder assistir à entreajuda entre escolas de forma a proporcionar o maior número de jogos aos seus alunos, não evidenciando a classificação final. Assim, em dois jogos, dois dos nossos alunos foram ajudar a escola EB 2,3 Maria Veleda para que esta não perdesse por falta de comparência impossibilitando os seus alunos de realizarem os jogos. Para mim, este aspeto foi bastante positivo revelando desta forma que ainda existem professores/treinadores que se preocupam com a evolução dos seus alunos pondo em segundo plano os resultados obtidos nos jogos.

	PLANO ANUAL - CORFEBOL																		
	Prognóstico			Prioridades			FÉRIAS NATAL	Progresso						FÉRIAS PÁSCOA	Produto				
Mês	Outubro		Novembro	Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Maio			Junho				
Unidade Didática	1ª UD			2ª UD				3ª UD			4ª UD				5ª UD				
Dias	11	28	1	22	6			10	24	7	28	7	21		2	9	6	7	
	18		8	29	13			17	31	14		14	28		16	23	13		
			15	30						21		15			30				
Objetivo	Av. Inicial			Preparação geral e específica para a competição				Observar a equipa em situações formais de competição.							Revisão e preparação do próximo ano				
Preparação Física	Capacidades condicionais motoras e coordenativas.							Capacidades condicionais motoras e coordenativas							Capacidades condicionais motoras e coordenativas				
Preparação Técnica	Lançamento curto e de fora; Passe e Recepção.							Lançamento de penalidade, na passada, curto e fora; Passe e recepção.							Todos				
Preparação Tática	Noção de passe e corta para o cesto; Defesa individual (HxH)							3ªUD: ressaltos ofensivos; sistema de jogo 4:0 4ªUD: ressaltos defensivos; noção de posição de ressaltos; noção de posição de assistência; sistema de jogo 2:1:1							Consolidação de todos os aspetos táticos abordados				
Preparação Psicológica	Treino de Skills Psicológicos para controlo das emoções pré, durante e pós competição							Treino de Skills Psicológicos para controlo das emoções pré, durante e pós competição							Treino de Skills Psicológicos para controlo das emoções pré, durante e pós competição				
Preparação Teórica	Leis de Jogo; Princípio do Fair Play							Leis de Jogo; Princípio de Fair Play							Leis de Jogo Princípio de Fair Play				

Quadro 10 Plano Anual de Corfebol

Apesar do número insuficiente de jogadores foi possível inscrevermos a nossa equipa em dois escalões, infantis e iniciados, realizando assim o dobro dos jogos. (ver apêndice XXVIII).

Durante o segundo período verificou-se um aumento do número de alunos por treino justificado pela organização do torneio de Corfebol na escola para os alunos da EB Carlos Paredes e ES Pedro Alexandrino.

Para o desenvolvimento do trabalho proposto no planeamento foram utilizadas estratégias que implicam a utilização de formas jogadas facilitando, desta forma, a transmissão de *feedbacks* de forma a potencializar a evolução dos alunos uma vez que recebiam mais *feedbacks* e aprendiam através do jogo. Sempre que possível, os alunos mais novos foram enquadrados em grupos com alunos/atletas mais experientes e/ou federados potencializando o seu tempo de empenhamento motor. Desta forma, na maioria dos treinos foram utilizados jogos de superioridade numérica no ataque, de forma a aumentar a ação defensiva e jogos 4x4 a meio campo ou em campo inteiro utilizando situações de monocorfebol. (ver apêndice XXXII).

Devido à entrada de novos alunos foi necessário alterar os objetivos para o final do ano de forma a conseguir avaliar todos os alunos.

No terceiro período incidiu-se pela passagem de todos os aspetos abordados ao longo do ano para que alguns alunos consolidassem as aprendizagens e outros adquirissem ou melhorassem as suas dificuldades. Desta forma, abordámos na preparação técnica os vários tipos de lançamentos, curtos, de fora, na passada, e de penalidade e o passe e receção de forma adequada para que a bola não fosse intercetada devido a um mau passe ou má receção; na preparação tática focámo-nos na noção de passe e corte, fortemente batalhada desde o início dos treinos, a defesa individual (HxH), que tal como o jogo nos indica deverá ser efetuada homem x homem e mulher x mulher e os ressaltos ofensivos e defensivos (Godinho, 1990; Calado, 1989; Ferro & Ramos, 2000). Tal como acontecera nos períodos anteriores os treinos foram muito focados no jogo utilizando jogos reduzidos e jogos reduzidos condicionados para aumentar o alcance aos problemas e dificuldades evidenciadas. (ver apêndice XXXIII).

Relativamente à parte competitiva do núcleo, todos os intervenientes, professoras, alunos e atletas, fizeram um excelente trabalho no decorrer deste ano evidenciando-se uma notória evolução dos alunos ao longo destes três períodos, devido ao empenho, esforço, trabalho e motivação com que encararam todos os treinos. Este trabalho refletiu-se na

obtenção de um sexto lugar com o escalão de infantis e o segundo lugar na equipa de iniciados, com alunos que participaram pela primeira vez no núcleo de Corfebol.

Para os níveis traçados no início do ano e alterados após o balanço da 2ª etapa e 1º período apenas dois alunos não conseguiram atingir o nível previsto estando bastante perto de o conseguir atingir.

Esta área de estágio foi uma experiência muito boa e enriquecedora uma vez que contribui para a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos sobre a modalidade, devido a nunca ter tido contacto, e sobre o processo de treino e de treino escolar, realidades completamente distintas. Tirei bastante partido nesta área por me ter ajudado a desenvolver conhecimentos e me ter ajudado a combater algumas dificuldades na área da lecionação.

Ao longo deste processo de aprendizagem conduzi alguns treinos completos e iniciei outros. A professora responsável desde o início que me ajudou a perceber a modalidade fazendo treinos que, por falta de número de jogadoras intervim mais sob a forma de ‘aluna’, fazendo-me perceber melhor o jogo, e dando-me completa liberdade para corrigir os alunos e ajudá-los a melhor. Por todos estes aspetos experienciados neste ano sinto-me capaz de dirigir o processo de treino e quem sabe iniciar-me nesta área junto das escolas.

Gostei bastante do grupo inserido neste núcleo, com o clima completamente diferente aos das minhas aulas, onde os alunos com diferenças de idades dos treze anos dezoito anos, não contabilizando alguns atletas federados e ex-alunos que nos ajudaram em diversos treinos, pela sua entrega e cooperação em todos os treinos querendo sempre aprender mais e ajudarem-se mutuamente.

3.3. Conclusão da 3ª Área de Estágio (Desporto Escolar)

Sendo um dos grandes objetivos do Desporto Escolar contribuir para o desenvolvimento multilateral e social dos alunos, a minha função enquanto professora do núcleo passou por ajudar os alunos a evoluírem na modalidade de Corfebol.

Para o seu ensino ser eficaz foi necessário planeá-lo consoante as dificuldades e necessidades dos alunos e, como tal, foi criado o seu plano anual estruturado em quatro etapas (prognóstico, prioridades, progresso e produto), idêntico ao da Educação Física, com objetivos estabelecidos de forma a que os alunos obtivessem sucesso, motivação, empenho e evolução.

A primeira preocupação tida em consideração no início do ano foi o aumento do número de alunos inscritos no núcleo de Corfebol, nomeadamente o número de raparigas

inscritas. Desde cedo que incentivamos os alunos a trazer um amigo para experimentar. Alguns apareceram e acabaram por se fidelizar no núcleo outros apenas vieram experimentar. Juntamente com o núcleo de Tiro com Arco estes foram os que apresentaram um menor número de inscritos no início do ano, na minha opinião por se apresentarem como matérias alternativas dos PNEF, e por isso não são tão trabalhados ou conhecidos como o Badminton e o Voleibol, mesmo existindo bastante material e uma professora que é atualmente Seleccionadora Nacional e que tem feito ao longo dos anos várias formações iniciais para os professores do GEF.

No final do 1º Período foi realizado um torneio inter-turmas, aberto a todos os anos escolares, de Corfebol com o objetivo de promover a atividade física, o espírito competitivo nos alunos, o *fairplay* bem como divulgar a modalidade junto dos alunos de forma a comparecerem no Desporto Escolar. Este critério de êxito foi alcançado com bastante sucesso devido ao aparecimento de mais alunos para experimentarem, quer do género masculino como feminino, ao longo do 2º Período.

Inicialmente foi idealizado a formação de três equipas competitivas, infantis, iniciados e juvenis. Contudo devido ao número de atletas inscritos houve algumas dificuldades na formação de três equipas e, por isso, nos dois primeiros escalões alguns alunos interagiram em ambos potencializando um maior número de jogos e em momentos pontuais pedimos a ajuda de algumas alunas da escola que não podiam comparecer nos treinos do DE, devido ao horário, ou a filhas de Professoras do GEF para nos ajudarem na participação do torneio. A equipa de juvenis não chegou a ser criada apesar de existirem alunos suficientes mas, como alguns desses alunos não conseguiam participar nos torneios realizados ao sábado de manhã e dois dos rapazes desse escalão pertencerem ao Núcleo de Corfebol do Sporting Clube de Caneças, sendo federados, optámos que os restantes alunos com idade juvenil e que pudessem comparecer no torneio se juntariam à equipa do Sporting Clube de Caneças.

Relativamente à assiduidade dos atletas ao longo do ano nos treinos foi um objetivo atingido após a estabilização do núcleo, ao longo do 2º Período. Durante o 1º Período apareceram no núcleo vinte e três alunos mas apenas nove participaram em 50% dos treinos, no 2º Período apesar do número total de alunos ter diminuído para vinte e um, a frequência a 50% dos treinos aumentou para doze alunos tendo-se mantido no 3º Período uma frequência a praticamente todos os treinos entre catorze e dezasseis alunos.

Relativamente ao desenvolvimento e progressão dos alunos em habilidades técnico-táticas os alunos do núcleo apresentaram uma evolução significativa ao longo do ano e, por

isso, cumpriram os objetivos definidos a nível técnico – lançamentos curtos, de fora, de penalidade e na passada; e passe e receção – a nível tático – noção de passe e corte para o cesto; defesa individual (HxH); ressalto ofensivo; ressalto defensivo; noção de posição de ressalto; noção de posição de assistência; e passagem do sistema 4:0 para o sistema 2:1:1 – a nível psicológico – treino de skills psicológicos para o controlo das emoções pré e pós competitivas uma vez que em praticamente todos os torneios os alunos iniciavam o primeiro jogo fazendo-se notar de bastante nervosismo – e a nível teórico – abordámos as regras do jogo e os princípios de fair-play de forma a todos respeitarem os adversários e ajudassem em caso de, por exemplo, numa escola faltar um aluno e os alunos da ESPA fossem substituir, tendo acontecido com a Escola EB 2,3 Maria Veleda. Notou-se também uma melhoria nas capacidades condicionais motoras e coordenativas dos alunos. Todos os alunos do núcleo atingiram estes objetivos uns ainda com mais dificuldades que outros mas a opinião entre mim e a professora Isabel foi comum ao afirmar que houve muita evolução e trabalho por parte dos alunos conseguindo atingir os objetivos propostos.

No que diz respeito à minha formação foi importantíssimo desenvolver competências de treino de Corfebol, uma vez que nunca tivera contacto com esta modalidade e, com a escolha deste núcleo tive bastante sorte na colaboração com uma professora que tem bastantes conhecimentos, sendo Seleccionadora Nacional, o que me permitiu aprender muito sobre esta modalidade desconhecida. Embora nos primeiros treinos tenha sido um pouco difícil de me ambientar fui progredindo pouco a pouco através de pesquisas/leituras que fiz, dúvidas que tirei e de no primeiro treino termos tido apenas três alunos da escola e dois atletas. Durante esse treino a professora responsável pediu-me para realizar alguns exercícios com eles de forma a ambientar-me com a prática para posteriormente ser mais fácil de perceber a modalidade e as diversas correções técnicas e táticas. Desta forma, fui percebendo que muitos dos aspetos táticos eram critérios comuns aos JDC de Invasão e, por isso, preocupei-me mais em estar atenta às correções técnicas da professora para perceber os aspetos-chave e, consequentemente melhorar a minha prestação ao longo do ano.

Após ter-me familiarizado com o Corfebol e com os alunos do núcleo senti-me mais à vontade para ajudá-los na sua evolução aos diferentes níveis. A maior preocupação e dificuldade sentida, ao longo do ano, foi ter no núcleo dois atletas federados que ao longo do ano foram assíduos aos treinos e outro que apenas conseguiu vir no 3º Período, devido a horários incompatíveis, para além de outros atletas que vinham aos treinos ajudar e motivar à participação dos alunos no núcleo. Senti muitas vezes que eles sabiam mais que eu e, por isso,

acho que retraí um pouco a minha intervenção junto dos mesmos. Contudo, senti que melhorei a minha presença como treinadora e a qualidade e quantidade dos meus *feedbacks* procurando esclarecer todas as minhas dúvidas com a professora responsável.

Por último, e referente à organização e participação dos momentos competitivos, no decorrer do primeiro torneio senti que a minha intervenção ficou um pouco aquém do esperado por mim devido à minha evolução nos treinos. No entanto, no segundo como foi realizado na ESPA tive uma responsabilidade maior com ambas as equipas, de Infantis e Iniciados, porque a Professora Isabel esteve mais na área de coordenação do torneio o que possibilitou ‘dar o salto’ para a minha intervenção nos torneios. Assim, a calendarização efetuada no início do ano, durante a realização do projeto de estágio, que afirmara: “conseguir dirigir um jogo nos últimos torneios que a equipa possuisse”, foi antecipada para o segundo encontro.

Num estudo realizado por Sá, Bordonhos, Monteiro e Gonçalves (2014) sobre a motivação dos alunos para a prática do Desporto Escolar, os itens que revelaram maior impacto foram o gosto pela modalidade, principal motivação, a manutenção da condição física, o convívio, o gosto pela competição entre equipas de diferentes escolas e, por último, a ocupação dos tempos livres. Desta forma, o número de momentos competitivos ao longo do ano foi muito diminuto, apenas quatro. Apesar de os alunos realizarem estes momentos sob a forma de torneio concentrado seria importante existirem mais saídas não só para fomentar o gosto e o *fairplay* mas também como forma de captação.

A avaliação do DE para a minha formação enquanto estagiária foi bastante positiva, apesar do número diminuto de torneios realizados ao longo do ano e de forma irregular, em conjunto com a professora responsável contribuí para o aumento do número de participantes assíduos no processo de treino, ajudei os novos alunos a ultrapassarem as suas dificuldades demonstrando empenho e evolução nos objetivos inicialmente propostos e, para a minha formação pessoal adquiri conhecimentos de uma modalidade que passou de completamente desconhecido para algo que ao longo de todo o processo consegui melhorar a minha intervenção e planeamento de sessões de treino.

Como aspetos a melhorar/sugestão refiro o alargamento do horário para duas sessões semanais não só pelas recomendações que o DE e a EF referem mas também de forma a possibilitar que mais alunos possam comparecer caso não o façam por razões de incompatibilidade de horário à sexta-feira e o aumento do número de torneios ao longo do ano.

Capítulo 4: Seminários

4.1. Enquadramento

A área dos seminários foi trabalhada pelo núcleo de estágio, em conjunto. No decorrer do primeiro período preocupámo-nos em identificar as áreas onde a nossa intervenção pudesse ser importante e pertinente de forma a deixarmos o nosso contributo para a escola.

Para apurar quais as áreas que os professores do GEF achassem mais importantes para a elaboração de dois seminários realizámos um breve questionário a todos os professores e uma entrevista ao coordenador do grupo. As áreas com mais votos foram a das atividades rítmicas e expressivas e a das atividades de exploração da natureza.

Relativamente ao seminário para a comunidade escolar (CE) foram realizadas entrevistas à presidente da CAP e à coordenadora dos diretores de turma. Constatámos que ambas referiram a necessidade e importância de se trabalhar o tema da indisciplina, nomeadamente ao nível das estratégias de prevenção da mesma.

Numa reflexão conjunta e de acordo com os *feedbacks* do orientador de escola e universitário, fornecidos ao longo dos três seminários, concluímos que esta foi de facto a área mais forte de todo o estágio pedagógico. O elevado sucesso e impacto que os seminários realizados tiveram na escola refletem o sucesso dos mesmos.

4.2. Objetivos

A realização dos seminários para o GEF tiveram como principal objetivo a inclusão de duas matérias práticas nas aulas de EF uma vez que os professores se inibem de lecionar, por não se sentirem tão à vontade como para outras. Assim, abordámos estas duas temáticas com o objetivos de colmatar as falhas/necessidades dos professores garantindo assim o desenvolvimento curricular das matérias selecionadas.

O seminário para a comunidade escolar teve como objetivo transmitir a importância e os benefícios da implementação de um gabinete de mediação de conflitos na escola de forma a atenuar os comportamentos de indisciplina verificados ao longo dos anos e consequentemente contribuir para a melhoria do clima escola e motivação dos alunos da ESPA.

4.3. Seminário GEF - Atividades Rítmicas e Expressivas

Durante conversas informais com os professores do grupo e durante a realização do PTI percebemos que, como a bibliografia nos indica, ainda existem poucos professores que se sentem seguros a incluir a matéria das atividades rítmicas e expressivas no decorrer das suas aulas. A autora Moura (2007) afirma que um dos fatores limitativos para que isso aconteça é a falta de conhecimento específico e de bibliografia de referência. Neste sentido tentámos colmatar esta dificuldade na escola introduzindo um seminário sobre o tema e fornecendo um dossiê onde constam progressões pedagógicas e ‘fichas etncoreográficas’ de todas as Danças, bem como um CD com vídeos demonstrativos de todos os passos e coreografias abordadas para os professores poderem consultar sempre que necessitarem.

Assim, ao abordarmos esta temática temos como objetivo melhorar/ajudar o trabalho desenvolvido pelos professores e criar um espírito de cooperação entre todos garantindo assim o desenvolvimento curricular desta matéria.

A escolha do tema deveu-se também à continuidade que este tem vindo a ter ao longo dos anos, abordado pelos estagiários anteriores, bem como às dificuldades apresentadas por parte dos professores que nos pediram para lecionar a matéria durante o nosso PTI.

O seminário teve uma parte teórica destinada ao enquadramento teórico das Danças onde foi abordada a caracterização e sequência das mesmas e uma componente prática que abrangeu progressões pedagógicas e estratégias de ensino.

Pelos motivos acima referidos, a principal finalidade deste seminário é garantir o desenvolvimento curricular da área das atividades rítmicas expressivas, através da revisão e consolidação das várias Danças que fazem parte do currículo, permitindo aos professores garantir a leção de todas as Danças, tendo como base a horizontalidade e verticalidade do currículo, visando a sua complexidade crescente definidas pelos PNEF. Para tal é necessário que haja não só uma revisão das coreografias das diversas Danças mas também uma incidência na abordagem aos compassos e ritmos, às estratégias e às progressões de ensino, porque de acordo com Moura (2007) são poucos os professores que incluem esta matéria como referência programática na sua atividade profissional, devido à falta de segurança, conhecimento específico e escassez de bibliografia que permitam aos professores entender a Dança do ponto de vista musical e coreográfico.

De acordo com os PNEF, a Dança apresenta-se como uma matéria obrigatória do currículo, acompanhando todo o percurso escolar do aluno desde o 1º ciclo até ao secundário.

“O tratamento desta área, tão importante, deve permitir uma progressão da qualidade de prática e dos seus efeitos, de acordo com as possibilidades dos alunos na composição, na interpretação (técnica) e na apreciação. Essas possibilidades são suscitadas pelo desenvolvimento global do aluno, para o qual a Dança deve também contribuir, pois inclui uma variedade de atividades acessíveis, quanto aos recursos necessários, e de amplo significado para a sensibilidade dos alunos.” (Jacinto, et al., 2001, p.18)

Pereira e Canfield (2001) referem que a Dança é uma matéria fundamental a ser lecionada na escola, pois através desta, dá-se aos alunos a possibilidade de se conhecerem a si próprios e aos outros permitindo explorar o mundo das emoções, imaginação e criatividade, através da exploração de novos sentidos e movimentos. No seguimento destas ideias, outro critério que nos levou à escolha do tema foi o interesse em promover e sensibilizar juntos dos professores a importância e pertinência da presença assídua desta matéria nas aulas de Educação Física, bem como a sua continuidade ao longo do ano e dos ciclos.

A Dança está inserida no bloco de atividades rítmicas expressivas, que compreende as manifestações da cultura corporal tendo como características comuns a intenção de expressar e comunicar mediante gestos e estímulos sonoros. Esta matéria surge enquadrada nos PNEF como matéria nuclear obrigatória, mas tem igualmente uma componente no conteúdo alternativo.

Chaves e Vargas (2012), afirmam que no âmbito educativo, a Dança constitui-se como uma ferramenta de ensino tendo potencial para trabalhar a “capacidade de criação, imaginação, sensação e percepção, integrando o conhecimento corporal” (Chaves & Vargas, 1995; p.13). Na mesma linha, Silva (2007) refere que esta matéria não só procura o desenvolvimento motor dos alunos e a estimulação das suas capacidades imaginativas e criativas, mas também combate o insucesso e o desinteresse escolar, favorecendo a integração escolar.

No processo de ensino aprendizagem, a transmissão de informação sobre o conteúdo a ser ensino é fundamental e, para tal o professor deverá combinar as instruções verbais – estrutura rítmica acompanhada através de contagens, de cadências ou cantarolares - com a demonstração para garantir o sucesso dos alunos (Alves, 2007).

Ainda segundo o mesmo autor existem algumas estratégias de organização da prática de Dança. São elas:

- A permissão de curtos períodos de prática após cada demonstração;
- Antes de solicitar aos alunos iniciados o desempenho da habilidade motora, coloca-los a observar outros iniciados;

- Recorrer a um modelo sequencial fotográfico para tarefas essencialmente de recordação motora;
- Preferir um modelo sequencial videográfico para tarefas essencialmente de aperfeiçoamento motor de carácter qualitativo;
- Transmitir um modelo auditivo consentâneo com a estrutura rítmica do acompanhamento musical;
- Utilizar uma orientação espacial idêntica à adotada pelos alunos, quando se trata da aprendizagem de habilidades que tenham mudanças de direção e de sentido

Silva (2007) afirma que na escola o movimento corporal está restrito a poucos momentos nas aulas de Educação Física e nos intervalos passados no recreio. Assim, nos restantes momentos, passados dentro das salas de aula ditas “normais”, o corpo permanece “quieto, virado para a frente e em silêncio”. Afirmando ainda que “o movimento corporal dentro da escola funciona como uma recompensa o movimento é sinónimo de “prazer” e a imobilidade de “punição” (Silva, 2007; p.139).

O seminário iniciou-se com a temática sobre os ritmos uma vez que constatámos ser uma das principais dificuldades na lecionação da Dança e, porque segundo Chaves e Vargas (2012) Dançar é a arte de mover o corpo segundo uma relação entre o tempo e o espaço, estabelecida graças a um ritmo e à sua composição coreográfica. Procurámos então realizar pequenos exercícios de associação das músicas às diferentes Danças e de identificação dos ritmos, no qual os professores teriam de bater palmas no 1º tempo. De seguida, avançámos a música para que identificassem novamente o 1º tempo, uma vez que esta foi a principal dificuldade apontada pelos professores, admitindo que a maioria dos professores, recomeça a música sempre que há uma paragem para correção/*feedback* ou introdução de novas progressões.

Na primeira parte do seminário abordámos as Danças do nível introdução e na segunda parte as de nível elementar.

A primeira Dança a ser abordada foi o merengue, por ser uma Dança de nível Introdução e uma das primeiras a ser lecionadas. Assim, apresentámos a mesma nas formas de line dance, a pares e a pares em roda de forma a darmos sequência e progressão nos diferentes anos de escolaridade aumentando o nível de dificuldade da mesma. No final deste conteúdo realizou-se um pequeno «*coffee break*», de forma a avançar para as Danças de nível elementar.

Na segunda parte do seminário abordámos a salsa, uma Dança em que a principal dificuldade sentida é a marcação dos TAP's no 4º tempo e a memorização/ realização da coreografia devido ao acelerado ritmo das músicas. Assim, foi necessário dedicar um tempo significativo para a consolidação dos diferentes passos da coreografia de forma isolada. Como foi referido várias vezes ao longo do seminário, não se pode esperar que a participação nestes momentos pontuais venha a colmatar todas as dificuldades nesta matéria por isso, apesar de tentarmos ir de encontro às necessidades de todos os participantes, houve professores que não conseguiram memorizar a coreografia toda. A última Dança abordada foi o chá-chá-chá, tal como no merengue a pares, o grupo foi dividido em duas colunas, homens de um lado e mulheres do outro, a certa altura decidimos trocar os papéis uma vez que enquanto professores devemos saber executar os dois papéis, pois teremos de ensinar quer enquanto homem quer enquanto mulher. Nesta Dança a principal dificuldade não se prendeu com a execução dos passos mas sim com a entrada na música e encadeamento dos passos com a mesma, não saindo do ritmo da música.

Optámos por não abordar o regadinho, Dança referida no programa do seminário, devido à extensão que o mesmo já levava pelas dúvidas e dificuldades existentes nas Danças anteriores. Contudo, em conversa com o orientador de escola, concluímos que não é uma dança que constitui grandes dificuldades comparativamente com as outras abordadas. Todavia, no documento fornecido aos professores, após seminário, esta dança tradicional portuguesa consta com a sua ficha etncoreográfica.

Estiveram presentes quinze professores, dos quais oito da Escola Básica Carlos Paredes e sete da Escola Secundária Pedro Alexandrino. Os restantes professores não puderam comparecer devido a motivos pessoais. É de referir que dois dos professores participantes da EB Carlos Paredes também lecionam Educação Musical.

Após analisar e avaliar o sucesso do seminário conseguimos concluir que este foi um sucesso e que todos os objetivos a que nos propusemos foram alcançados (ver apêndice XXXIV). Consideramos que os principais pontos fortes deste seminário foram: o domínio e o à vontade na lecionação e esclarecimento de dúvidas das danças abordadas, por parte dos professores estagiários e a pronta correção de erros executados pelos professores; o carácter prático e progressivo de todo o seminário; o envolvimento e participação ativa dos professores na aprendizagem das danças; o grande espírito de grupo e motivação por parte de todos os intervenientes; a alteração da disposição dos professores no sentido de os colocar quer como

observadores quer como observados; e o fornecimento de documentos de apoio aos professores de ambas as escolas: fichas etnocoreograficas e CD.

Concluímos que mesmo sendo o primeiro seminário realizado, tivemos um forte impacto sobre o Grupo de Educação Física, quer durante a sua realização quer no pós-impacto contribuindo assim para a melhoria da EF em ambas as escolas do agrupamento.

4.4. Seminário GEF - Atividades de Exploração da Natureza

A escola possui boas condições espaciais e materiais para o desenvolvimento das atividades de exploração da natureza (AEN), nomeadamente as de Escalada, Orientação e Tiro com Arco mas, no entanto, estas são poucas vezes abordadas pelos professores durante o decorrer do ano. Os motivos mais referidos foram o pouco à vontade e conhecimento das mesmas. Após inquirirmos os professores do grupo, concluímos que seria importante abordar este tema num dos seminários destinados ao GEF, no sentido de colmatar as dificuldades encontradas.

Pretendemos com este seminário consciencializar os professores que, para além de ser uma matéria obrigatória, as AEN têm um grande carácter motivacional e de desafio para os alunos. Assim, os principais objetivos desta ação de formação passam por dar a conhecer aos professores algumas formas de iniciação das matérias referidas e criar na escola um percurso de iniciação à Escalada, no espaldar do ginásio, e pintar várias balizas de orientação pela escola para que os professores possam criar diversos percursos de Orientação.

Para Pereira e Monteiro (1995) as AEN apresentam um enorme potencial educativo, porque facilmente os alunos encontram-se em circunstâncias pouco habituais, com um forte carácter motivacional e carregado de emoção, significados e intenção. Segundo os mesmos autores, a introdução destas atividades em meio escolar, surge como um ganho fundamental de inovação pedagógica de grande relação e diferenciação motora, proporcionando um elevado número de vivências inabituais que contribuem para o crescimento da estrutura motora do aluno, induzindo o desenvolvimento de diversas capacidades condicionais, coordenativas e coletivas que melhoram globalmente a condição física geral do aluno e consequentemente a sua qualidade de vida. No que diz respeito aos domínios sócio afetivos, devido às suas características específicas, permitem um forte efeito sobre o jovem, favorecendo a comunicação, a inter-relação grupal, o trabalho em equipa, a autonomia, a responsabilidade individual e a responsabilidade coletiva.

O seminário teve início com a atividade de Tiro com Arco, pois das três matérias seria a que teria menos dispêndio energético, servindo inclusive como aquecimento para o seminário. Inicialmente abordámos as regras de segurança, pois é a primeira abordagem que se deve ter com os alunos quando iniciamos esta matéria. De seguida procedemos à explicação, demonstração e execução da montagem do arco. Após referirmos quais os aspetos críticos a ter em consideração para a deteção dos principais erros dos alunos, os mesmos puderam realizar alguns tiros. Tal como no seminário anterior, os níveis de cooperação foram elevados, fazendo com que os professores se ajudassem e corrigissem ao longo da parte prática sendo este um dos objetivos do seminário, que foi alcançado.

De seguida abordámos a Escalada. Tendo em conta que nem todas as escolas possuem paredes artificiais para a realização da mesma, procurámos soluções para a introdução da mesma. Constatámos que o espaldar seria a ferramenta ideal para este efeito tendo em conta que praticamente todas as escolas o possuem. Por isso, iniciámos a atividade com um percurso de introdução à Escalada, montado pelos estagiários. O percurso iniciava-se com um deslizar em posição ventral num banco sueco, em plano inclinado, recorrendo apenas à força de braços, de seguida os professores encontravam um percurso com dois níveis de execução, o primeiro recorrendo a todas as barras do espaldar e o segundo apenas às marcadas com fitas. Seguiam-se alguns obstáculos: três arcos por onde os professores tinham de passar e ainda uma teia realizada com diversas cordas.

Após executarem o percurso, passámos para o pavilhão onde demos início à Escalada em parede artificial. Aqui, começámos por descrever o material: os vários tipos de mosquetões e suas finalidades; os descensores, gri-gri e oito; os arneses; e os diferentes tipos de cordas e respetivas finalidades. Antes da explicação prática foi ainda abordado o nó de oito, por ser o mais versátil, forte e utilizado nas aulas de Escalada, as regras de segurança e a segurança ao escalador. Seguiu-se então a parte prática que após os professores montarem o material (nó de oito, mosquetão e gri-gri), puderam passar pelos dois papéis.

O GEF aderiu bastante bem à iniciativa, verificando-se que todos os professores experimentaram o percurso de iniciação. Constatámos ainda que uma das professoras que não participou no seminário, achou a ideia bastante interessante, procurando-nos para saber mais informações sobre o percurso. Após o seminário parte do percurso ficou montado para futura utilização, deixando o nosso contributo para a lecionação desta matéria.

No final destes conteúdos realizou-se um pequeno *coffe break*, que a nosso ver, foi no momento oportuno pois estávamos a meio do Seminário e iríamos começar a última temática.

Na segunda parte do seminário a matéria abordada foi a Orientação, realizámos uma pequena explicação teórica das possibilidades de abordar a Orientação dentro da sala de aula ou dentro do pavilhão de Educação Física recorrendo às linhas dos campos das diferentes modalidades. Também dentro do mesmo espaço realizou-se uma atividade denominada de ‘Oricones’ (Orientação com cones), onde para além da explicação teórica os professores tiveram oportunidade de experimentar, descobrindo o percurso a realizar através da mensagem fornecida pelos pontos cardeais e colaterais

Passando para o exterior do pavilhão, os professores efetuaram dois tipos de percurso: o Percurso de Orientação em Estrela e o Percurso Formal de Orientação. No primeiro, cada grupo marcou o seu próprio ponto no mapa e colocou uma baliza no local exato voltando de seguida ao ponto de partida para realizarem troca de mapas entre si, descobrindo todos os pontos marcados.

À medida que os professores concluíam todos os pontos do percurso anterior, partiram para o percurso seguinte – Orientação Formal – onde tiveram de descobrir todas as balizas fixas, pintadas por nós, outro contributo do seminário para o GEF, indicadas no mapa. No final, após todos os pontos recolhidos, os grupos tiveram de formar duas palavras com os códigos encontrados.

Apesar de a escola possuir material para a prática da Orientação, a mesma não era muito frequente uma vez que era necessário o professor marcar os pontos antes da sua aula e retirá-los no final. Assim, as duas variantes que abordámos constituem uma alternativa para a prática desta matéria, pois são os alunos que marcam os pontos no mapa e afixam as balizas ou o professor apenas tem de criar percursos utilizando as balizas fixas da escola.

Posteriormente à realização do seminário diversos professores sugeriram que pintássemos mais balizas permanentes que possibilitem realizar mais percursos e verificámos a consulta permanente do Dossier de Orientação. Verificámos que a ideia de pintar as balizas fixas e a criação do Dossier de Orientação foram uma mais-valia para o GEF na leção desta matéria obrigatória.

Neste seminário estiveram presentes quinze professores, dos quais nove pertencentes ao GEF da ESPA, cinco da EB Carlos Paredes e o professor orientador universitário.

Na opinião do núcleo de estágio este seminário teve um impacto mais forte que o anterior devido à dinamização prévia, à passagem por diferentes matérias nos diferentes espaços destinados à prática de Educação Física e à construção de materiais fixos para

deixarmos para a escola. Tal como no seminário anterior todos os objetivos a que nos propusemos foram alcançados (ver apêndice XXXV).

4.5. Seminário CE - (In)Disciplina: Prevenir e Atuar

Este seminário incidiu na temática da indisciplina e nas estratégias de prevenção e atuação da mesma. A escolha do tema teve como base a caracterização da escola, realizada ao longo do 1º Período, bem como as entrevistas realizadas à Professora Coordenadora dos Diretores de Turma e à Presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP). Ambas sugeriram alguns temas que seriam do maior interesse para abordarmos, tais como:

Coordenadora dos Diretores de Turma:

“(...) indisciplina, insucesso e gestão de conflitos: o que fazer? Quais as atitudes a tomar? Como é que a comunidade docente e não docente deve agir perante determinantes situações? Como gerir esses conflitos? Como captar a atenção dos jovens para a necessidade de conhecimento, de aprendizagem?”

Presidente da CAP:

“(...) existem poucas estratégias de prevenção na escola. Na escola temos o Gabinete de Apoio aos Alunos (GAP) onde os alunos podem recorrer e para onde vão em caso de o professor os colocar fora da sala de aula e aí sim há uma prevenção feita com esse mesmo aluno para situações seguintes. Ainda há um grande passo a dar na prevenção da indisciplina e especialmente na mediação”.

Com estas referências, o núcleo de estágio pretendeu chamar a atenção para os benefícios da implementação de um gabinete de mediação de conflitos na escola de forma a atenuar os comportamentos de indisciplina verificados e contribuir para a melhoria do clima escolar e consequente motivação dos alunos.

Sendo a ESPA uma escola com início no terceiro ciclo do ensino básico todos os seus alunos passam ou estão na fase da adolescência, idades em que, segundo Sousa (2006) se desenvolvem transformações orgânicas, cognitivas, sociais e afetivas com interferência direta a nível interpessoal – familiar, escolar ou social.

Existem, por isso, diversos fatores que afetam e são afetados por esta fase de procura de identidade. Esses fatores passam, na sua maioria pelas modificações corporais existentes e alteração da sua auto imagem que, como afirmam as autoras Veloso, Matos e Veloso (2009) este período da fase juvenil contém intensas transformações físicas e psicológicas, onde o corpo tem um lugar decisivo, que estão associadas a alguns riscos e perturbações. Assim, alguns jovens tentam modificar a sua imagem recorrendo ao uso de *piercings* e tatuagens; outros, preocupados com o peso, sofrem de distúrbios alimentares que transportam consigo

irritabilidade, problemas de concentração e de sono, irregularidades menstruais, défices nutricionais e crescimento tardio. A puberdade precoce apresenta-se também como um fator de risco, uma vez que é nesta etapa que os adolescentes experimentam o tabaco e/ou outras substâncias e as bebidas alcoólicas. Além do referido podem, também iniciar relações sexuais precoces ou sofrer abusos.

Diversos autores, como Sprinthall e Collins (1999), Born (2005) e Ferreira (2000), consideram a família um ponto crucial na identidade do adolescente, pois é no seio familiar que os valores e crenças têm de ser transmitidos. Contudo, devido às transformações sofridas onde o adolescente procura o limite do adulto, percebendo até que ponto pode ou não infringir as regras transmitidas, caracteriza-se como uma etapa onde os jovens procuram “uma nova identidade, diferente da identidade infantil” (Blos, 1998, cit in Guerreiro, 2011; p.29)² sentindo necessidade de se associarem a um grupo que partilha interesses comuns, lazer, desporto, vestuário, locais frequentados, estilos musicais, etc. Os mesmos que anteriormente, durante a infância, consideravam os pais como os seus ídolos e que tinham um lugar em primeiro plano, agora com todas estas transformações o grupo de amigos e a influência dos mesmos assumem o papel principal, uma vez que a procura de autonomia e identidade própria implica o afastamento dos pais, com que se identificavam durante a infância.

Para que a educação seja eficaz, a família e a escola deverão trabalhar em sintonia pois, como refere o *slogan* de uma escola espanhola “*mi escuela es mi segunda casa pero mi casa es mi primera escuela*”. Nesta linha, a cooperação de ambas poderá atenuar a turbulência desta fase do desenvolvimento, diminuindo os problemas de indisciplina caracterizados por jovens imprevisíveis, inconstantes e atormentados, como referem Almeida, Magalhães, Salavessa e Sousa (2013).

A indisciplina é um conceito extremamente difícil de caracterizar pois é quase impossível estabelecer uma unanimidade de quais os comportamentos que nela estão englobados (Carita & Fernandes, 2002). A forma como os comportamentos dos alunos se têm vindo a alterar e, conseqüentemente a qualidade do ensino influencia “as atitudes públicas para com as escolas e os professores, afetando as abordagens dos professores ao seu próprio

² Blos, P. (1998). *Adolescência – Uma interpretação psicanalítica*. (2ªed.) São Paulo: Martins Fontes in Guerreiro, A. I. M. (2011). Programa de prevenção primária de transgressionalidades juvenis aplicado em lar de infância e juventude – “Filhos de todos e de ninguém”. Tese apresentada ao Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Carlos Alberto Póiares, Lisboa. P.29.

trabalho, erodindo a sua auto-imagem e a forma como é visto pela sociedade situações concretas merecedoras de tal adjetivação” (Gonçalves, 2011; p.110).

Contudo existem vários autores que tentam definir este fenómeno. Segundo Amado (2010) citado por Gonçalves (2011), os atos de indisciplina podem ser manifestações variadas que vão desde a “perturbação do trabalho”, como a conversa, brincadeiras e outras formas de “fuga à tarefa”, às agressões a colegas e professores, que podem ser persistentes ou ocasionais.

Numa tentativa de tornar a definição de indisciplina um pouco menos ambígua, este autor divide-a em três níveis, o primeiro nível abrange os desvios de regras de produção, a que é atribuído um carácter disruptivo, que leva à perturbação do bom funcionamento da aula, pode ser definido como ruído de fundo e realização de tarefas paralelas; o nível dois, é caracterizado pelos conflitos interpares, que se traduzem essencialmente em problemas das relações entre pares, que se podem manifestar em comportamentos de alguma agressividade, abrangendo o *bullying* e outros; o terceiro nível incide sobre os conflitos na relação professor-aluno. São aqui incluídos os comportamentos que, de algum modo, põem em causa a autoridade dos professores, abrangendo também as manifestações de alguma agressividade e violência, contra docentes e funcionários e atos de vandalismo. Este comportamento é menos frequente mas, regra geral, através das participações e ordens de saída de sala de aula, há mais registos dos comportamentos de nível três do que os de nível dois, Amado e Freire (2009) sugerem que estes dados se podem traduzir numa menor atenção, por parte dos professores, aos conflitos entre alunos ou porque os conflitos interpares ocorrem mais frequentemente fora da sala de aula e do olhar dos professores, o que leva a que haja mais dificuldades de os detetar.

Sabe-se que o conflito é algo normal e natural da vida quotidiana, e também no contexto escolar. No entanto, se não tiver resolução ou se esta for demorada, os casos de indisciplina ou violência aumentarão, o que irá influenciar o clima pedagógico. Assim, de modo a prevenir este tipo de acontecimentos, as escolas devem adotar um programa de resolução de conflitos baseado na ideia de que o conflito tem um valor positivo podendo ajudar a aprender novas e melhores formas para responder aos problemas, fortalecer laços de amizades ou aprender mais sobre nós e/ou sobre os outros (Favinha, 2012).

A autora argumenta que “um conflito bem trabalhado e resolvido pode significar criatividade, inovação e mudança através de soluções que, aplicadas na prática, traduzem modificações positivas na vida escolar” (Favinha, 2012; p.5).

Para a resolução de conflitos, a bibliografia indica-nos que a mediação é um processo eficaz e voluntário onde toda a comunidade educativa poderá intervir, conforme for necessário e adequado.

Segundo Arroz (2009) a resolução de conflitos, através da mediação, é uma prática de intervenção baseada na resolução de conflitos sociais de forma pacífica e cooperante entre as partes, para que ambas resolvam as suas diferenças relativas a necessidades e interesses e construam, elas próprias, uma solução aceitável para os alunos envolvidos.

Por seu turno, Pacheco (2006) afirma que a mediação é um processo de resolução de conflitos com a ajuda de um terceiro, o mediador, com formação específica, neutro e competente. O seu principal objetivo é a “manutenção e generalização de uma intervenção comportamental/cognitiva, no sentido da prevenção e/ou remediação dos comportamentos disruptivos ou agressivos nos diferentes contextos” (Pacheco, 2006; p.173). Para Veríssimo e Lamas (2013), o processo de mediação de conflitos é bastante pedagógico na medida que favorece a comunicação entre os alunos; leva a que ambas as partes percebam o conflito de forma global e não apenas na sua perspetiva; ajuda a analisar a causa dos conflitos; transforma as diferenças dos alunos em formas criativas de resolução de conflitos; e repara, sempre que viável, as feridas emocionais que possam existir entre as partes.

Desta forma, a mediação deverá ser utilizada, em contexto escolar, quando dois alunos têm um problema um com o outro e que são incapazes de resolver por si próprios. De forma a resolvê-lo deverão contactar com um mediador para que este os ajude a encontrar uma solução favorável para ambos.

A metodologia do processo de mediação decorre de cinco etapas (Pacheco, 2006):

- 1º Etapa. Apresentação: após a disputa entre alunos e decisão voluntária de ambas as partes a participarem nas sessões de mediação é dado a conhecer o conflito;
- 2º Etapa. Explicitação: aqui, o mediador marca sessões individuais com os alunos de forma a obter mais informações sobre o incidente, tentando perceber a história do conflito, e explica em que consiste este processo;
- 3º Etapa. Contextualização: caracteriza-se por um conjunto de sessões conjuntas para que ambos os intervenientes expliquem o seu ponto de vista e o porquê de terem agido de tal forma e como se sentiam se o outro aluno agisse como ele;
- 4º Etapa. Avaliação (das possíveis soluções): é realizado um «*brainstorming*» para que os intervenientes cheguem a um acordo comum

5º Etapa. Estabelecimento do acordo: o acordo descrito deverá ser formalizado num compromisso escrito e assinado por ambos, no qual se comprometem a segui-lo.

É importante salientar que caso, uma das partes recusar o processo de mediação ou a etapa de contextualização, com o colega, apesar de ter estado presente na sessão com o mediador, a resolução do conflito através deste processo não se prossegue.

A mediação é uma opção a considerar na resolução dos conflitos uma vez que incide no porquê da atuação em causa e numa solução conjunta entre os intervenientes e o mediador. A implementação deste projeto numa escola poderá ter um grande impacto sobre os alunos, ajudando-os na sua capacidade de lidar com os conflitos e opiniões divergentes, preparando-os para o futuro.

4.5.1. Estudo de Caso -- Escola Secundária Braancamp Freire.

No sentido de enriquecer a apresentação deste seminário, o núcleo de estágio procurou contactar com outras realidades. Assim após nos ser informado, na 2ª conferência de zona, que a Escola Secundária Braancamp Freire tinha um gabinete que realizava gestão e mediação de conflitos, decidimos entrar em contacto com os professores responsáveis e agendar uma reunião.

Em reunião com os professores Carlos Maurício e Paulo Cunha, dois dos quatro professores que coordenam o projeto Promoção da Disciplina e Gestão de Conflitos (PDGC), verificámos que a informação que nos tinha chegado não estava totalmente correta e que não existia um programa de gestão e mediação implementado na escola. Contudo, os professores disponibilizaram-se para nos explicar como funciona a escola e quais os procedimentos mediante casos de indisciplina que se enquadrem nos 3 níveis descritos no ponto 6 do documento “Informação aos Professores” (ver anexo XXXIX).

Assim, foi-nos informado que no início do ano letivo são entregues dois documentos, um destinado aos professores e outro destinado aos diretores de turma com todas as informações relativas aos cuidados a ter e aos procedimentos a realizar perante casos de indisciplina que necessitem o preenchimento da “Ficha de Ocorrência” (ver anexo XXXIX – Registo GGG – ESBF, doc. 6).

Uma das grandes diferenças é que, segundo um dos professores da escola, tem bastante efeito sobre os alunos, principalmente os que não apresentam comportamentos de indisciplina frequentes e que têm Encarregados de Educação bastante presentes na sua vida escolar, é o

facto de os mesmos serem imediatamente avisados, via telemóvel através do sistema de mensagens escritas, que o seu educando teve uma ordem de saída de aula e se encontra no Gabinete de Gestão de Conflitos (GGC). Esta medida leva a que haja um contacto mais frequente com os EE no decorrer do ano letivo, ao invés das esporádicas reuniões.

Por fim, o professor da escola informou-nos que no final do dia um dos coordenadores do PDCG transfere todas as ocorrências, para uma tabela EXCEL. Este trabalho pode ser considerado burocrático, mas é essencial, pois permite, em qualquer altura do ano, realizar uma análise detalhada de todas as ocorrências e filtrar os dados segundo diversos parâmetros, e.g., quais os principais anos em que estas ocorrem, disciplinas e, até, o número de ocorrências por aluno.

4.5.2. Proposta de Implementação de um Projeto de Mediação.

Como já foi referido, o processo de mediação pretende dar resposta a uma problemática que afeta o sistema educativo. Problemática esta que se denomina, pelos diferentes autores referidos, de ambiente escolar ou clima escolar. Ou seja, a intensificação dos conflitos irá traduzir o ambiente pela qual se caracteriza a escola que, por sua vez, irá ditar se existem ou não situações graves de violência traduzindo-se posteriormente no insucesso escolar e, em casos mais graves, no abandono escolar.

Para prevenir esta situação a implementação de um programa de mediação escolar comporta consigo bastantes benefícios, tanto para a escola – promoção de um clima escolar positivo propício à aprendizagem dos alunos aos níveis social, pessoal e académico - como para os alunos – condução das suas relações pessoais e sociais, melhoria da comunicação e cooperação com os colegas e fortalecer a tolerância dos alunos. Desta forma, a escola estará a promover uma cidadania consciente e ativa onde os alunos aprendem a viver uns com os outros, em sociedade.

Este programa, segundo Martins e Viana (2013), deverá ser aprovado e apoiado por toda a comunidade educativa e escolar para que o projeto tenha sucesso. É de salientar que se os professores não se mostrarem motivados e empenhados com o gabinete de gestão e mediação de conflitos” (GMC), o programa não se desenvolverá. Após o apoio da comunidade educativa, dever-se-á apelar à formação de professores como mediadores, algo bastante benéfico para todos os professores uma vez que trata uma temática de desenvolvimento da comunicação em que se inclui o trabalho cooperativo, a tolerância, a resolução de problemas e a interação entre alunos. De seguida, a escola terá como

responsabilidade divulgar junto dos alunos o que é e para que serve o gabinete, promovendo uma opinião positiva, no sentido de perceberem que não é apenas um local onde irão caso tenham tido um comportamento inadequado nos mais diversos espaços escolares.

Ainda segundo os mesmos autores, os princípios do gabinete GMC são “os quatro pilares da educação”: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Pelo trabalho de investigação do núcleo de estágio, a escola tem alguns recursos disponíveis e faz algum trabalho momentâneo de mediação. Esperamos que com a dinamização de este seminário os recursos e a instalação do gabinete GMC contribua para o processo de formação dos alunos potencializando assim, uma melhoria no clima de escola.

A realização deste Seminário teve como destinatários toda a comunidade educativa da Escola Secundária Pedro Alexandrino e Escola Básica 2,3 Carlos Paredes, e como tema a ‘(In)disciplina Prevenir e Atuar’, que achamos ter uma forte importância de ser reconhecido e aplicado na escola.

Iniciámos o seminário com uma breve caracterização da escola que serviu de base para a justificação da escolha do tema. Após apresentarmos a mesa, optámos por fazer um pequeno enquadramento teórico sobre a adolescência, uma vez que considerámos da maior pertinência referir as principais alterações que esta fase comporta, podendo incluir perturbações significativas no comportamento dos alunos, especificamente, a indisciplina e o *bullying* definindo o que é e quais os tipos de indisciplina e os intervenientes do *bullying*. Apresentámos então a mediação de conflitos, como se caracteriza e quais as estratégias a utilizar para a diminuição de conflitos entre alunos.

Após a nossa intervenção, o nosso convidado Dr. Bruno Inglês, Psicólogo do projeto SEI! Odivelas – Projeto para a promoção do Sucesso Educativo e Integração, cujos objetivos são contribuir para a promoção do sucesso educativo e a integração social, assim como prevenir o absentismo e abandono escolar dos alunos das escolas, da rede pública, do Concelho de Odivelas - realizou uma apresentação mais focada na componente prática e no “como agir” perante os casos de indisciplina e quais as estratégias a aplicar ao se realizar a mediação de conflitos.

Com este enquadramento procurámos sustentar a importância da implementação do Programa de Mediação de Conflitos na escola tendo por base também o estudo-caso que realizámos na Escola Secundária Braancamp Freire denominado de “Projeto da Disciplina e

Gestão de Conflitos”, onde expusemos a forma como as participações são registadas na “Ficha de Ocorrência”, a forma de atuar e o papel do Gabinete de Gestão de Conflitos.

Por fim anunciámos a proposta de implementação de um GGC onde constavam os principais passos a realizar para que este entrasse em vigor.

Este seminário teve uma adesão significativa dos professores, cerca de trinta e três, dos quais quatro membros da CAP, mesmo depois da data ter sido alterado por nos ter sido informado que existia uma forte possibilidade de não estar nenhum membro da GAP presente na data inicial. No entanto, mesmo assim, nenhum dos membros do GAP compareceu na nova data, sem apresentarem qualquer tipo de justificação ficando um pequeno sentimento de fracasso levando-nos a ficar expectantes relativamente ao pós impacto e à possível implementação do programa de Mediação de Conflitos (ver apêndice XXXVI).

A colaboração e ajuda do Doutor Bruno Inglês, psicólogo do projeto SEI! Odivelas, foi uma mais-valia, pois a sua intervenção foi mais focada nas estratégias e formas de lidar com a indisciplina, a sua experiência e conhecimento enriqueceu-nos imenso o seminário. No final do seminário o Dr. Bruno felicitou-nos também pela apresentação e à-vontade a falar de um tema no qual não estaríamos muito familiarizados.

4.6. Investigação: O Perfil Ético dos Professores de Educação Física da Escola Secundária Pedro Alexandrino

Ética é um conceito que se refere a normas ou níveis de comportamentos que os indivíduos adotam para distinguir o que é bom ou mau e o que está certo ou errado. A reflexão da ética profissional tem-se centrado na articulação de princípios gerais de ação e a sua utilização na tomada de decisão e na justificação de ações com argumentos racionais. (Banks e Nohr, 2008).

Nesta perspetiva, o objetivo deste estudo é traçar o perfil ético do grupo de educação física da Escola Secundária Pedro Alexandrino, de forma a perceber o que estes professores pensam sobre as questões éticas, e lutam no sentido de atenuar os problemas e dificuldades que a profissão docente tem passado. Também aqui será analisado se os docentes continuam motivados com a sua profissão ou se pelo contrário estão a confrontar-se com as questões do mal-estar docente.

Maia (2011)³ propõe nove características que devem constituir o perfil ético do professor (Maia, 2011, cit in Santos, 2013, p. 60):

Conhecimento entusiasmado: exige-se ao professor o domínio de uma área de conhecimentos associados à função de que é incumbido, permitindo, desta maneira, satisfazer a curiosidade pelos alunos, despertar neles questionamentos, novas descobertas, que os ajudem a desenvolverem-se pessoal e intelectualmente. Mas, ligado a este saber é fundamental que o professor demonstre entusiasmo e paixão;

Afetividade racionalizada: o aluno é que é importante, pois é o centro e a razão da ação docente, mas é preciso saber gerir a dimensão afetiva, na relação pedagógica;

Sabedoria adaptada: devemos ter em conta o grau de desenvolvimento em que os nossos alunos se encontram, para os ajudarmos a progredir para níveis superiores de desenvolvimento;

Eficácia construtiva: o professor deve ser eficaz, pelo menos didaticamente, uma vez que os alunos exigem essa eficácia;

Segurança equilibrada: deve existir segurança de atuação, um equilíbrio de saber e de atitude;

Disponibilidade persistente: devemos estar dispostos e disponíveis para aprendermos sempre;

Axiologia situada: o professor deve ter sempre presente os valores como vivências necessárias;

Bondade reconhecida: é muito importante que o professor seja reconhecido como “um homem bom”, quer no contexto escolar e social, mas sobretudo pelos alunos;

Coerência: somos um todo, pessoa e profissional e devemos ser coerentes nas nossas atuações, pois a contradição de modelos dificulta o processo de construção do aluno.

A questão do profissional reflexivo, segundo Nóvoa (1992), é bastante importante para traçar o perfil ético do GEF. Por exemplo, será que os professores após as aulas pensam nos acontecimentos sucedidos, no seu significado e nas estratégias de contorno aos maus acontecimentos ou às dificuldades dos alunos? Trata-se de uma questão que nos faz perceber se realmente os professores estão ou não preocupados com os seus alunos, se estão ou não motivados e se os fatores do mal-estar docente afetam ou não o seu dia-a-dia e a sua forma de atuação perante os alunos.

³Maia, C. F. (2011). *Elementos de ética e deontologia profissional* (3.ª ed.). Chaves: SNPL: SNI in Santos, H. (2013). *Desenvolvimento da Formação Ética no Quadro de Ação Docente dos Professores de Biologia*. Projeto de Mestrado, Ciências da Educação – Escola Superior de Educação Almeida Garrett. P.60.

5.1. O Processo Histórico de Profissionalização do Professorado

A segunda metade do século XVIII tornou-se um período-chave na história da educação e da profissão docente. É nesta altura que, por toda a Europa, se procura traçar um perfil do professor ideal.

É nesta altura, que começamos a ver a estatização da profissão, ou seja, a substituição de um corpo docente religioso (da Igreja) por um corpo docente laico (do Estado). Contudo, a motivação, os valores e as normas não se alteraram.

Foram os jesuítas e os oratorianos que progressivamente introduziram a elaboração de um corpo de saberes e de técnicas sendo a esta consequência lógica do interesse renovado existente contudo, trata-se de um saber técnico ao invés de um conhecimento fundamental, uma vez que se organiza em torno de princípios e estratégias de ensino; e a elaboração de um conjunto de normas e de valores influenciado por crenças e atitudes morais e religiosos uma vez que após a estatização da docência não se alteraram as motivações, as crenças e os valores dos professores.

O facto de os professores nunca terem procedido a uma codificação formal das regras deontológicas explica-se pelo facto de estas terem sido impostas do exterior, primeiro pela Igreja e depois pelo Estado.

Apesar de toda esta viragem, já nesta época, existe uma diversidade de grupos que encaram o ensino como ocupação principal. O Estado veio definir regras uniformes e de seleção e nomeação dos professores sendo que, nesta medida, “o recrutamento não privilegiará os candidatos que tencionam fixar-se nas suas terras de origem” (Nóvoa, 1991; p.17).

Nas décadas de viragem do século XIX para o século XX começa a existir uma ideologia coletiva apesar de ainda estarem presentes as origens religiosas da profissão docente.

Também nesta altura apenas é permitido ensinar com uma licença ou autorização do Estado emitida através de um exame requerido pelos professores. Este documento contribui para a delimitação do campo profissional e para atribuir aos professores a exclusividade do ensino. Este processo facilita, portanto, a definição de um perfil de competências técnicas para formar a base de recrutamento e delinear a carreira docente.

No século XIX existe uma procura social cada vez mais forte e os professores utilizam dois argumentos em defesa das suas reivindicações socioprofissionais: o carácter especializado e a realização de um trabalho de grande relevância social existindo uma

formação específica especializada e longa dos mesmos. Assiste-se a uma elevação da imagem social dos professores.

Se, na primeira metade do século XIX houve uma projeção forte da imagem social do professor, na segunda metade afirma-se uma certa ambiguidade do estatuto dos docentes uma vez que, na sociedade, emergem diversas imagens e ideologias:

“(…) não são burgueses, mas também não são povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm uma influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles: não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda a ostentação; não exercem o seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia; etc.” (Nóvoa, 1991, p.18).

No início do século XX o prestígio dos professores está intrinsecamente associado à ação levada a cabo pelas associações uma vez que a docência exerce-se a partir da adesão coletiva a um conjunto de normas e valores fazendo com que os professores sejam agentes educadores das escolas dotados de poder simbólico.

Durante os anos 20, o Movimento da Educação Nova englobou uma conjugação de projetos culturais, científicos e profissionais fazendo com que houvesse uma evolução lenta a nível cultural impondo socialmente a ideia de escola apresentando um forte contributo para a exaltação do modelo do professor profissional.

Seguindo o modelo de análise do processo histórico de profissionalização do professorado, segundo Nóvoa (1991), encontramos quatro etapas e duas dimensões. São elas:

- Etapas:
 - Atividade docente a tempo inteiro, ou como ocupação principal;
 - Detentores de uma licença oficial confirmando a sua condição de “profissionais do ensino” – instrumento de defesa do corpo docente;
 - Formação profissional especializada e longa em instituições destinadas;
 - Participação em associações profissionais, que desempenhem um papel fulcral no desenvolvimento de um espírito de corpo e na defesa do estatuto socioprofissional dos professores.
- Dimensões:
 - Possuir um conjunto de técnicas necessárias ao exercício da profissão docente;
 - Aderir a valores éticos e a normas deontológicas, que regem não apenas o quotidiano educativo, mas também as relações no interior e no exterior do corpo docente.

Pode concluir-se que a afirmação profissional dos professores é um percurso que enfrenta lutas e conflitos, hesitações e recuos onde o campo educativo é ocupado por diversos atores ao longo da história: a Igreja, o Estado, as Famílias, etc.

Na história da docência podemos observar múltiplas controvérsias que provocaram a “desprofissionalização” observada: durante o Estado Novo por via da desvalorização política do professorado. Nos pós 25 de Abril as dimensões ideológicas prevaleceram sobre os critérios profissionais e na Reforma de 1986 a separação dos atores dos decisores. Hoje, nota-se cada vez mais uma incerteza sobre as funções da escola e dos professores no que diz respeito ao seu papel cultural e de formação.

5.2. Ser Professor nos dias de hoje

“Os professores que outrora tinham como principal papel ensinar, são agora confrontados com novos papéis” (Conceição & Sousa, 2012; p.81). Apresenta-se agora como um profissional que lida com conhecimentos específicos e que move saberes muito próprios. Perrenoud (2000)⁴, citado por Conceição e Sousa (2012), elaborou uma lista de competências profissionais com vista a orientar a formação dos docentes. São elas:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2. Administrar a progressão de aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e no seu trabalho;
5. Trabalhar em equipa;
6. Participar na administração da escola;
7. Informar e envolver os pais;
8. Utilizar novas tecnologias;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Administrar a sua própria formação continua.

Estas competências são aquelas que se julgam essenciais para o docente ter um bom desempenho na escola.

O professor de hoje valoriza as aprendizagens e os conteúdos da disciplina que leciona, reconhece que é essencial não congelar os seus conhecimentos adquiridos na sua formação

⁴Perrenoud, P. (2000). *Dez Novas competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora: SNI, in Conceição, C. & Sousa, O. (2012). Ser professor hoje. O que pensam os professores das suas competências. *Revista Lusófona de Educação*, 81-98. P.84.

inicial e procura atualizar os recursos cognitivos exigidos pelas competências requeridas ao atual ofício do professor. Além disso, reconhece as novas tecnologias que podem contribuir para os trabalhos pedagógicos e didáticos.

“Nesta perspetiva, hoje, início do século XXI, encontramos um professor que reconhece que possui um conjunto de competências, que optou por uma prática reflexiva, assumindo o ofício de professor uma profissão indispensável à formação dos jovens” (Conceição & Sousa, 2012; p.97).

No entanto, a visão da sociedade perante os professores tem vindo a alterar-se deixando de se valorizar devidamente a profissão. Fatores como o aumento do trabalho burocrático e o número de alunos por turma relacionam-se com a frequência de casos de indisciplina dos alunos, que levam tantas vezes os pais a culpar os professores e a escola por não lhes conceder a melhor educação. Contudo, sabendo-se que muitas vezes, as falhas educativas têm origem no contexto social e familiar, pois ninguém substitui o papel da família. Os problemas sociais, e da própria instituição escolar, associam-se à falta de reconhecimento e de apoio ao trabalho pedagógico, contribuindo para a desmotivação, insatisfação, cansaço ou esgotamento, ansiedade, stress e até mesmo abandono da carreira ou pedido de transferência de escola pelos professores, o que se designa por mal-estar docente.

Este conceito de mal-estar docente caracteriza-se pelos “efeitos permanentes de carácter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência.” (Zaragoza, 1999; p.25)

É necessário intervir rapidamente sobre todas estas questões do mal-estar docente porque a forma como o professor encara todo o processo educativo e a escola pode influenciar negativa ou positivamente os alunos uma vez que a docência é uma profissão essencialmente ética devendo guiar-se por um quadro de valores. Afirma-se, então, que o sucesso dos alunos no processo ensino-aprendizagem é o sucesso dos professores, estando este diretamente ligado ao bem-estar destes profissionais (Zacharias, et al., 2011).

5.3. Metodologia

Após ter sido apresentada uma proposta para a implementação de um gabinete de mediação de conflitos baseada na bibliografia encontrada e nas estratégias apresentadas no ‘Estudo Caso – Escola Secundária Braancamp Freire’ será agora averiguado se os professores de Educação Física, que lidam constantemente com situações de conflito, do ponto de vista ético estão ou não motivados e se têm uma atitude ética perante a sua profissão ou, pelo

contrário, se restringem o seu desempenho às tarefas letivas. E, portanto não vêem que seja uma responsabilidade deles.

Para a realização deste estudo, procedeu-se à realização de inquéritos exploratórios (ver apêndice XXXVII) e à análise dos mesmos para traçarmos um perfil ético do GEF, numa amostra de dez professores, dos quais cinco são homens e cinco são mulheres, da Escola Secundária Pedro Alexandrino.

A média de idades dos professores é de 40 anos e a experiência profissional apresenta uma média de 20.5 anos sendo oito professores formados na Faculdade de Motricidade Humana e apenas dois professores foram formados na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

5.4. Análise dos Resultados

Vejamos as tendências de reposta à primeira e segunda questão “Durante o seu processo de formação teve alguma disciplina relacionada com ética e deontologia profissional?” e “Considera o tema pertinente?”. Após análise dos inquéritos constato que apenas seis, dos dez professores inquiridos, tiveram alguma disciplina associada a ética e deontologia profissional (ver ilustração 1). Contudo, todos os elementos constituintes do GEF acham o tema pertinente por ser uma forma de assegurar o bom funcionamento de qualquer profissão fazendo com que as instituições de formação adotem um currículo único dando maior coerência ao processo de formação inicial de professores.

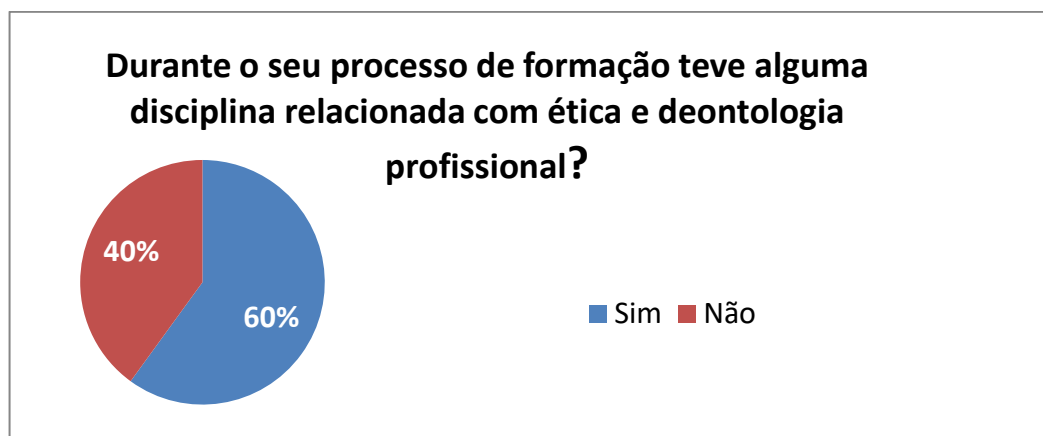


Ilustração 1 Resposta à questão: "Durante o seu processo de formação teve alguma disciplina relacionada com ética e deontologia profissional?"

Relativamente às questões três e oito, “Hoje em dia escolheria a mesma profissão?” e “Está motivado na sua profissão?”, os resultados mostram que sete docentes não estão

motivados para a prática da profissão, mas apenas três professores não voltariam a escolher esta profissão como a sua área de intervenção, pois as expectativas de ação não vão de encontro às idealizadas durante o seu processo de formação. A pesquisa também mostrou que se houvesse oportunidade, neste momento, quatro professores pediriam a reforma antecipada sendo que um deles já o fez e três emigrariam, mas querendo continuar na mesma profissão, em busca de melhores condições de vida, nomeadamente a nível económico e social (ilustrações 2, 3 e 4).

No entanto, estes resultados levam a crer que os professores do GEF da ESPA apesar de não se sentirem motivados com a profissão, devido às condições de trabalho dadas *versus* as exigidas, a maioria deles gosta do que faz voltando a escolher novamente a mesma área e vertente de estudos.



Ilustração 2 Resposta à questão: "Hoje em dia escolheria a mesma profissão?"



Ilustração 3 Resposta à questão: "Está motivado na sua profissão?"

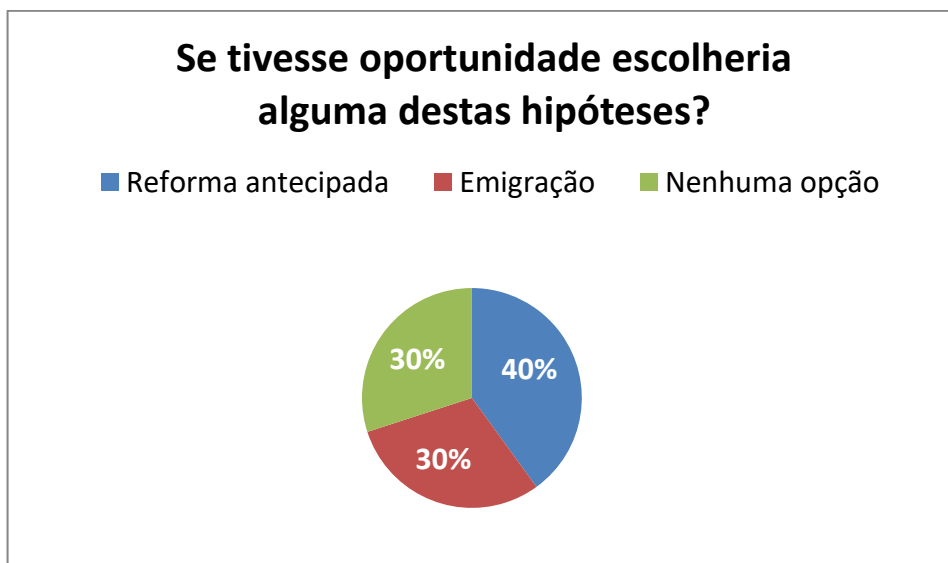


Ilustração 4 Resposta à questão: "Se tivesse oportunidade escolheria alguma destas hipóteses?"

Relativamente à formação contínua nove professores alegam terem realizado formação na área de estudos e seis deles em área diferente também. Apenas um professor afirma não ter realizado qualquer tipo de formação nos últimos cinco anos (ver ilustração 5).

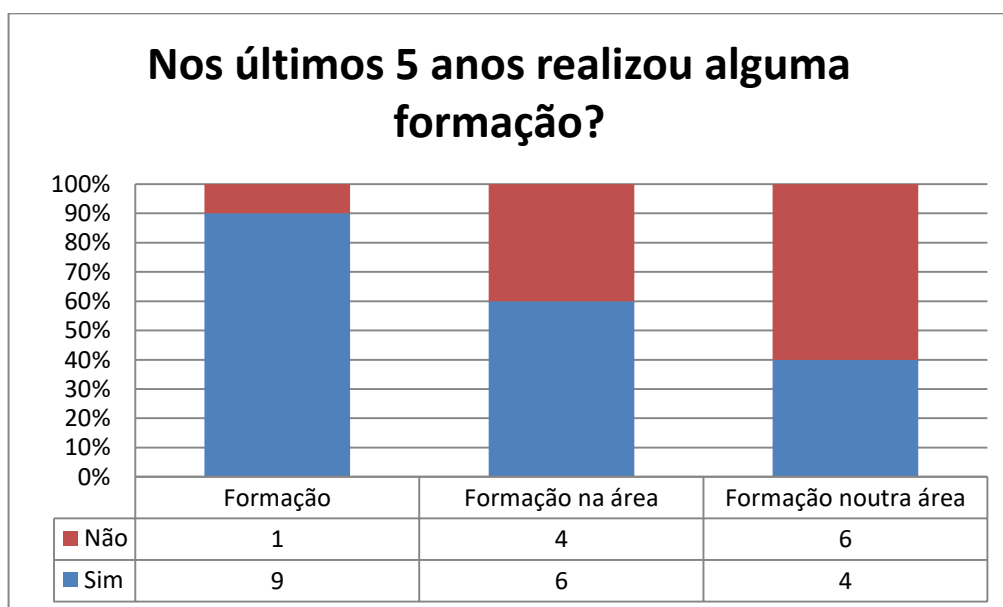


Ilustração 5 Resposta à questão: "Nos últimos 5 anos realizou alguma formação?"

Na questão "*Acha que deveria existir um código deontológico para a profissão docente?*" todos os professores afirmaram que seria necessário um código deontológico de forma a contribuir para a valorização da imagem do professor por parte de toda a sociedade.

(ver ilustração 6). Esta questão reflete as mudanças de ordem social, económica e política que vivenciamos e que fazem com que o professor de antigamente fosse respeitado e considerado como a única fonte de saber e agora esteja a perder esse reconhecimento social bem com o seu estatuto (Zacharias et al. 2011).

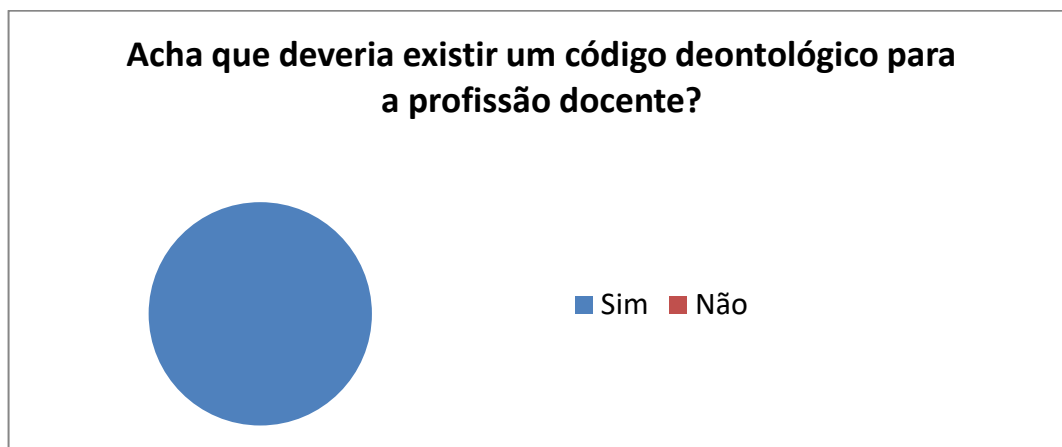


Ilustração 6 Resposta à questão: "Acha que deveria de existir um código deontológico para a profissão docente?"

Os professores hoje enfrentam uma enorme pressão social, no entanto é preciso acreditar que a classe docente tem algum poder sobre o futuro, sendo necessário encontrar força para lutar e trabalhar pela afirmação profissional. Para isso é imprescindível uma nova forma de viver e pensar a profissão e a escola (Baptista, 1995).

Segundo Blase (1982)⁵, citado por Zaragoza (1999) os fatores que levam ao mal-estar docente, estão divididos em primários e secundários. Os fatores primários são o que incidem sobre a ação dos professores em sala de aula e os fatores secundários referem-se às condições ambientais e ao contexto em que se exerce a docência. O mesmo autor refere que estes fatores secundários exercem uma influência indireta que diminui a motivação do professor para a prática docente, pois há uma influência sobre a imagem que estes têm de si próprio e do seu trabalho profissional.

Os fatores secundários têm como base o progressivo aumento das responsabilidades e exigências projetadas nos professores coincidido com a rápida transformação social, isto acaba-se por refletir numa modificação do papel do professor. O mesmo autor enumera alguns fatores secundários que têm levado a comunidade docente a este processo de desmotivação, tais como, o facto de a formação profissional não conseguir acompanhar este ritmo de transformação social, levando a que os recém-formados não consigam enfrentá-la com êxito e

⁵Blase, J. (1982). A social – psychological grounded theory of teacher stress and burnout. *Educational Administration Quarterly*, 18 (4), 93-113; SNI in Zaragoza, J. (1999). *O Mal-Estar Docente: a sala-de-aula e a saúde dos professores*. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração EDUSC. P.27.

a crise dupla em que se encontra o sistema de ensino que pelos rendimentos medíocres e crise do ato pedagógico enfrentadas. Como fatores primários surge o ambiente dentro da sala de aula, o aumento dos comportamentos de indisciplina, o elevado número de alunos por turma que leva a que o professor se encontre num paradigma: por um lado dar resposta às necessidades individuais do aluno e por outro ser imposta uma política educacional na qual as necessidades sociais são prioritárias, mostrando-se um desinteresse constante dos alunos na aprendizagem.

Todas estas razões foram referidas pelos professores, pergunta “*O que sente em relação à sua atual motivação para lutar pelo desenvolvimento da profissão?*” acrescentando ainda a falta de reconhecimento social, a ausência de progressão na carreira, o aumento do trabalho burocrático e administrativo, a falta de respeito e de educação demonstrada pelos alunos. Como foi referido praticamente todos os professores alegaram não estar motivados para a prática da sua atividade profissional, acabando ainda por referir também que essas causas eram as mesmas que levavam a não terem motivação para lutar pelo desenvolvimento da profissão, onde quatro professores responderam que lutam e seis que não lutam (ver ilustração 7).

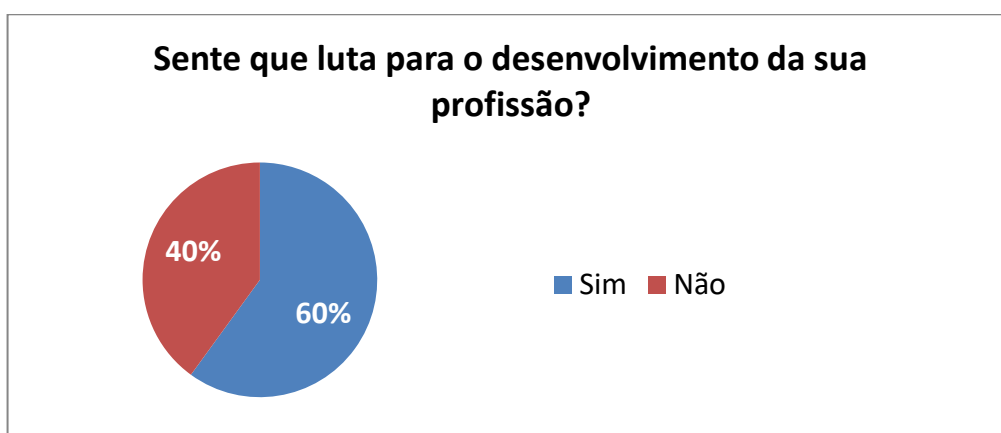


Ilustração 7 Resposta à pergunta: "Sente que luta para o desenvolvimento da sua profissão?"

Através dos questionários e das conversas informais com o grupo, foi possível verificar que o grau de desmotivação, relativamente ao desenvolvimento da profissão e ao estado das escolas como entidade, é elevado, o que por sua vez se vem refletir quando os mesmos, referem que não, quando questionados se lutam ou não pelo desenvolvimento da sua área profissional. Esta questão indica que o GEF se encontra num processo de apatia relativamente à sua área pois, apesar de a maioria considerar que escolheria a mesma profissão, são poucos os que dizem que sentem que ainda fazem algo para lutar pela Educação

Física e da profissão docente. Relativamente à questão *“O que é, para si, defender a profissão docente e a Educação Física?”* os professores referem que se deverá traduzir por um maior envolvimento por parte de todos os intervenientes do processo de aprendizagem, desde os alunos aos pais. Com isto será pertinente levantar a seguinte questão: se os próprios professores não lutam pelo desenvolvimento da sua área profissional, como podem os alunos, os pais e as entidades governamentais contribuir para esta mesma luta? Esta questão remete-nos diretamente para o significado que os professores atribuem à ética profissional, que passa quase só, por um código de regras morais, objetivos e princípios pelos quais os profissionais se deviam reger para que toda a comunidade caminhe no mesmo sentido

5.5. Conclusão do Estudo.

Cada vez mais estamos perante uma tendência das instituições educativas e respetivos agentes em que os problemas se caracterizam sob forma individual e fora da responsabilidade pedagógica e, por isso, apresentam-se como uma condição adversa em que, as escolas e os professores, estão sujeitos e não uma forma ou problema pedagógico que depende da atuação da escola ou dos próprios professores.

Assim, após a não comparência de nenhum membro do GAP no seminário ‘(In)Disciplina: Prevenir e Atuar’ reflete-se que há, por parte da escola, uma atitude de falta de preocupação sobre as questões do bem estar escolar e de intervir sobre os conflitos existentes e problemas individuais, em que os alunos acabarão por ter de resolver por eles próprios. Já que transmite a ideia que estes são problemas individuais e alheios às questões da própria instituição escolar.

Contudo, antes de ser um problema organizacional e técnico as situações de conflito têm de ser vistas como uma possibilidade de intervenção institucional e ética.

Desta forma, após concluirmos que a escola apesar de ter um GAP e de fazer algum trabalho momentâneo a sua incidência é sempre após a existência do conflito e não de forma preventiva. Fomos estudar o caso da Escola Secundária Braancamp Freire onde a necessidade de resolução foi estabelecida institucionalmente e apresentámo-lo à comunidade docente presente no seminário.

Por último, relativamente aos professores de EF, sete dos dez inquiridos afirmam, não estar motivados para a prática docente, e conseqüente desenvolvimento da profissão, fazendo com que a luta e disponibilidade psicológica e pedagógica para o acompanhamento de tarefas que não consideram de carácter letivo sejam desleixadas, sendo mais fácil redigir uma

participação disciplinar ao invés de tentar perceber/averiguar o porquê do comportamento do(s) aluno(s) em determinadas situações, pois exige tempo que muitas vezes não têm, vontade e falta de meios para o reencaminharem de forma a obterem um acompanhamento mais eficaz.

No entanto, segundo Aquino (1998), o trabalho docente acenta em três dimensões. A primeira relativa aos conteúdos da aula, a segunda à forma como os métodos são utilizados e a última dimensão à ética, ou seja, “ensina-se algo, de alguma forma, a alguém específico”. Estas três dimensões são muito importantes porque respondem às grandes questões dos alunos: *porque venho à escola?*, *isto serve para quê?*, acabando com as insistentes chamadas de atenção dos alunos que acabam em problemas de indisciplina.

Ainda segundo o mesmo autor, aponta cinco regras éticas do trabalho docente para a intervenção dos professores com os seus alunos.

A primeira é a *compreensão do aluno-problema como um porta voz das relações estabelecidas em sala de aula*, ou seja não devemos ver o aluno como um problema, apresentando um distúrbio, mas sim como o seu comportamento, sendo um obstáculo para a relação e, por isso, o devemos investigar e escutá-lo; a segunda regra ética refere-se à *desidealização do perfil do aluno*, ou seja, os professores devem deixar de encarar a escola ideal, com os alunos ideais mas sim como pessoas que apresentam diversidades; a terceira regra implica a *fidelidade ao contrato pedagógico* é importante que cada professor esteja seguro do seu papel, dos conteúdos que transmite e da forma como os transmite, pois a “ação do aluno é de certa forma, o espelho da ação do professor. Portanto, se há fracasso, o fracasso é de todos; e o mesmo com relação ao sucesso escolar”; a quarta regra é a *experimentação de novas estratégias de trabalho*, a sala de aula precisa de ser um laboratório pedagógico onde o professor deve experimentar diferentes formas de atuação perante os alunos que tem, para conseguir chegar a cada um deles; a quinta e última regra ética é a *competência e o prazer* que cada professor tem e enfrenta em relação à escola, turma e alunos, pois um trabalho que nos dá prazer será sempre um trabalho que terá um maior nível de competência.

Perante a interação entre os membros do GEF, nenhum dos membros do grupo mostrou ser anti cooperante ou apresentar uma falsa cooperação, pelo contrário, desde o início do ano letivo há uma constante entreajuda, desde o esclarecimento de dúvidas, à realização de pequenas ações de formação, por exemplo sobre os testes de *Fitnessgram*, no sentido de haver uma maior aferição na avaliação dos mesmos, e também na partilha de espaços para que nenhuma turma tenha de ir para uma sala de aula ou nem sequer ter aulas quando as condições

climatéricas não permitam a existência de aulas no espaço exterior. Desta forma, a nível de cooperação o ambiente reflete-se de forma harmoniosa existindo uma boa dinâmica de trabalho entre professores.

No que diz respeito à ética profissional, conclui-se que há uma falta de coerência e noção geral, no que diz respeito ao significado da mesma, porque ao contrário do que foi referido pelos professores, a ética profissional não pode ser vista apenas como um comportamento individual, como é vista a ética pessoal, neste caso os interesses individuais devem ser submetidos a projetos comuns. Contudo, apesar dos professores se mostrarem cooperantes a nível do conhecimento, pelas ações dinamizadas, de apresentarem aulas bem estruturadas onde o planeamento é centrado nas necessidades dos alunos, essa preocupação não é extrapolada para fora das aulas, debatida junto dos colegas do grupo disciplinar e convertida em objetivos que visam uma finalidade, o desenvolvimento da sua profissão.

Conclusão

Este relatório é o culminar das experiências vividas durante o período de estágio, o qual traduz o meu primeiro passo na profissão futura. Foi um ano de grande esforço pessoal e coletivo em que houve períodos de desmotivação pelo futuro profissional como agentes educativos e a falta de organização do núcleo traduziu-se na acumulação de trabalho que levou a que este não correspondesse às nossas capacidades individuais. Contudo, apesar de todas estas dificuldades, o trabalho cooperativo foi fundamental para o sucesso e término do percurso académico.

A construção e implementação dos vários projetos nas áreas de estágio definiram a nossa intervenção ao longo do ano, sendo que as ações desenvolvidas deram oportunidades de experienciar diversas situações desafiantes e reais adquirindo competências para a intervenção como professores de Educação Física, treinadores de Desporto Escolar e Diretores de Turma.

Considero que o Estágio Pedagógico foi uma experiência bastante enriquecedora e que todas as áreas de intervenção contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional no sentido que todas elas me proporcionaram constantes desafios ao longo do ano.

A 1ª área, Lecionação, foi onde senti maiores expectativas, uma vez que estive quatro anos a estudar para pôr este tipo de intervenção e conhecimento em prática. Até à data apenas tinha formação e experiência em treino desportivo, área de licenciatura e profissional, como treinadora de Voleibol. Contudo, existem diversas diferenças entre o Desporto e a Educação sendo, para mim, a mais importante, o carácter obrigatório da Educação Física contrariamente ao carácter voluntário do Desporto ditando isto o empenho e motivação do conjunto de alunos, turma ou equipa.

No início, as maiores dificuldades sentidas foram duas das dimensões do AGIC, a Instrução e a Gestão. Na primeira dimensão referida, a instrução inicial muitas das vezes não continha objetivos para determinados exercícios/estações e demonstração dos exercícios sentindo que apesar dos alunos praticamente não colocarem dúvidas não percebiam o exercício; na segunda dimensão referida maior dificuldade sentida foi na gestão dos tempos de prática em cada estação por forma a que quando trabalhássemos em circuito todos os alunos usufríssem do mesmo tempo em cada estação e a diminuição do tempo de montagem/arrumação do material de forma a rentabilizar o tempo de aula. Contudo, ao longo do ano fui melhorando estas duas questões e outras através de *feedbacks* e sugestões do meu colega de estágio, dos professores orientadores e dos restantes professores do GEF através do PTI.

No decorrer do ano letivo fui conseguindo utilizar o plano de aula como um instrumento de preparação das aulas em vez de um guião, que foi o que aconteceu no início do ano. Desta forma, sempre que necessário tentei ajustar os objetivos ou situações de exercício às necessidades dos alunos diferenciando os mesmos de grupo para grupo. Em suma, o balanço que faço para esta área é bastante positivo uma vez que consegui notar bastante evolução nos alunos quer ao nível das matérias quer ao nível da aptidão física.

Relativamente à área dos conhecimentos as minhas expectativas ficaram um pouco aquém das finais devido há não consolidação das regras dos jogos e há falta de entrega, pela maioria da turma, do trabalho final da disciplina que substituiria o teste sumativo. Relativamente à minha prestação senti algumas dificuldades durante o percurso mas fui superando e melhorando ao longo do ano apesar de ainda ter muito que aprender na minha vida profissional futura.

A 2ª área, Direção de Turma, foi a área mais exigente uma vez que durante o processo académico não existiram cadeiras que focassem este tipo de trabalho e comunicação com a tríade existente: alunos, encarregados de educação e professores do conselho de turma. Contudo, num estudo realizado por Boavista e Sousa (2013) os autores referem que a maioria dos DT's consideram a falta de experiência profissional e a capacidade do trabalho docente bem como a falta de condições para atendimento aos Encarregados de Educação como alguns dos entraves com que se defrontam. Desta forma, a experiência ao longo deste ano foi uma mais-valia pois pude acompanhar o que é realmente o trabalho da Direção de Turma. Senti bastantes dificuldades em encontrar bibliografia o que dificultou a cientificidade dos projetos e balanços realizados. Saliento ainda todo o apoio da Professora Nilza que me ajudou ao longo do ano explicando o que deveria ou não fazer e como o fazer bem como na resolução de todas as minhas dúvidas o que me permitiu uma evolução constante ao longo do ano letivo.

Também as aulas de Formação Cívica contribuíram para a formação social, pessoal e afetiva dos alunos através das várias temáticas abordadas ao longo do ano. Foi uma disciplina desafiante, pois possuía noções específicas da maioria dos temas abordados mas apenas em termos de reflexão pessoal ou “cultura geral”. Por isso, considerei muito interessante pesquisar sobre esses temas e debater com a DT qual a melhor forma de os abordar.

A 3ª área de Desporto Escolar, revelou-se, ao longo do ano, uma experiência muito enriquecedora permitindo-me contactar com um ambiente e clima completamente diferente ao das aulas de Educação Física uma vez que os alunos aderem ao núcleo por vontade própria, porque gostam e, por isso, são bastante empenhados nas tarefas propostas. Também a

diferença de idades e níveis não foi algo impeditivo para o bom funcionamento núcleo, antes pelo contrário, também a presença de atletas federados nos treinos foi muito benéfico pois todos os alunos aprendiam com eles, os mais velhos e experientes porque tinham outro nível de competitividade e os mais novos pela ajuda que lhes davam. Gerou-se um ambiente muito engraçada neste núcleo onde aprendi imenso sobre a modalidade e desenvolvi competências nesta área mais competitiva mas que não pode deixar de ter um enorme sentimento educativo.

Relativamente aos encontros/torneios de Corfebol foi uma ótima experiência pela colaboração de todos os professores para que os alunos jogassem mais. Na experiência que tive enquanto treinadora de Voleibol federado de Minivoleibol notei grandes diferenças na cooperação e ajuda entre treinadores do desporto federado que só têm o foco nos resultados, marcação de faltas e número suficiente de jogadores por equipa para que realizasse todas as substituições que o regulamento afirma, para que perdessem por falta de comparência. Nos torneios de Corfebol isto não aconteceu existiu um ambiente sempre muito positivo e de entreajuda entre os professores/treinadores chegando escolas a jogarem com alunos de outra escola para que pudessem fazer o maior número de jogos possíveis visando a participação e evolução do grupo-equipa.

A análise que faço nesta área é também bastante positiva devido a ter contribuído para o aumento do número de participantes assíduos no processo de treino, ajudar a que os alunos ultrapassassem as suas dificuldades demonstrando empenho e evolução nos objetivos inicialmente propostos e, para a minha formação pessoal enquanto treinadora e melhoria de conhecimentos desta modalidade que passou de algo completamente desconhecido para algo que ao longo do treino consegui melhorar o meu desempenho e construir treinos efetuados por mim.

A 4ª área, Seminários, foi uma área de grande importância ao longo do ano, quer para a nossa formação, quer para os professores e/ou escola, permitindo incidir e colmatar possíveis lacunas existentes.

Numa reflexão conjunta do núcleo de estágio e de acordo com os *feedbacks* dos orientadores, de escola e universitário, fornecidos ao longo dos três seminários, podemos concluir que esta foi de facto a área mais forte de todo o Estágio Pedagógico. A participação e o impacto que os Seminários realizados tiveram na escola refletem o sucesso da atividade nesta área. Foi talvez esta a área do estágio em que todo o trabalho foi organizado de forma mais atempada, com a antecedência necessária, que lhe garantiu consistência e bases sólidas para a sua concretização de forma bastante segura.

Após reflexão crítica percebi que ao longo de todo o meu percurso me deparei com obstáculos que tive de ultrapassar e, por isso, o trabalho conjunto desenvolvido ao longo deste estágio, quer com o meu colega de estágio, quer com os professores do GEF e a DT, foi essencial para a resolução de alguns desses problema, e.g., conhecermos a turma de forma mais profunda, o processo de cada uma das áreas, o saber onde e quando a minha intervenção será mais eficaz ou que tipo de *feedback* dar no momento. Para tal, é de extrema importância o trabalho cooperativo dentro dos grupos disciplinares para potencializar o processo de formação.

Gostaria de agradecer e reconhecer a autonomia e confiança que o professor OE deu ao núcleo de estágio no exercício das atividades pedagógicas, o que representa uma avaliação das nossas capacidades muito positiva, embora não se tenha refletido na nossa classificação final.

Como sugestão para a melhoria do processo de estágio deixo os momentos de reunião, referidos na introdução, que deveriam de estar definidos no horário de estágio, de forma a facilitar a interação entre estagiários e orientador nas questões de planeamento e organização de aulas, críticas e debates sobre o processo de estágio e sobre a realização dos projetos e balanços, pois sentimos alguma dificuldade em organizarmo-nos e saber o que realmente era pretendido, visto nas comunicações entre estagiários realizadas, nomeadamente nos encontros semanais das aulas de quarta-feira e nas reuniões de zona, apercebemo-nos da necessidade de coordenação e aferição de critérios na rede de estágios. Uma vez que cada zona de estágio tinha diferentes metodologias de trabalho e diferentes indicações sobre a apresentação e conteúdos dos projetos. É certo que cada escola tem a sua especificidade mas o trabalho deverá apresentar uma base comum de suporte para posteriormente e, de acordo com a sua especificidade e condições de trabalho, existirem tomadas de opções, pois decidir é escolher entre opções, referentes ao contexto onde está inserido.

Referências

Alberto, R. Q. (2012). Estratégias de resolução de conflitos em adolescentes angolanos e portugueses. Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Maria Stella Chorão Tavares Aguiar, Lisboa.

Almeida, B., Magalhães, C., Salavessa, A. & Sousa, R. (2013). Ambiente em sala de aula vs conflitos. In *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicologia* (pp. 246-260). Braga: Universidade do Minho.

Alves, M. (2007). Demonstração em dança: aprender com sucesso. In M. Moura & E. Monteiro (Ed), *Dança em Contextos Educativos* (1st ed., pp. 83-91). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Amado, J., & Freire, I. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola - compreender para prevenir*. Coimbra: Edições Almedina.

Aquino, J. G. (1998). A indisciplina e a escola atual. *Revista da Faculdade de Educação*, 2 (24), 181-204. Acedido em 17 de julho de 2017 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=pt&tlng=pt

Araújo, J. (2009). *Ser Treinador*. Alfragide: Editora Texto.

Arroz, C. (2009) Programa de intervenção: resolução de conflitos na sala de aula, Noesis online, /Direção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Banks, S., & Nohr, K. (2008). *Ética Prática para as Profissões do Trabalho Social*. Porto: Porto Editora.

Baptista, I. (1995). A Profissão e os seus possíveis. In Sindicato dos Professores da Região Centro (Ed), *A Profissão Docente e a Deontologia dos Professores* (pp. 23-28). Sindicato dos Professores da Região Centro.

Barbosa-Rinaldi, I. P. (2008). Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. *Movimento*, 3 (14), 185-207. Acedido em 17 de julho de 2017 em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316012010>.

Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Boavista, M. C. L. F. (2010). O Director de Turma – Perfil e Múltiplas Valências em Análise. Tese apresentada ao Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Óscar de Sousa, Lisboa.

Boavista, C. & Sousa, O. (2013). O Diretor de Turma: perfil e competências. *Revista Lusófona de Educação*, 23, 77-93.

Bom, L. (2006/07). *Regulamento de Estágio Pedagógico Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias*.

Bom, L.; Pedreira, M.; Mira, J.; Carvalho, L.; Cruz, S.; Jacinto, J.; Rocha, L. & Carreiro da Costa, F. (1990). A elaboração do Projecto de Programas de Educação Física. *Revista Horizonte*, 35 (6).

Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi Editores.

Brás, J. (2005). O labor da Direção de Turma como uma estratégia de desenvolvimento organizacional. *Gymnasium, Revista de Educação Física, Desporto e Saúde*, (4), 7-17.

Caetano, A. P., & Silva, M. L. (2009). Ética profissional e Formação de Professores. *Revista de Ciências da Educação*, 8, 49-60.

Calado, J. (1989). Corfebol – Gestos técnicos fundamentais. *Revista Horizonte*, 31 (6), 20-22.

Carita, A. (1998). Indisciplina na sala de aula. O quê: a quem interrogar. No quê: em que agir, *Ligar o ensino à vida e a escola ao meio: educação ensino*, 10 (18).

Carita, A. & Fernandes, G. (2002). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, 10/11, 135-151.

Carvalho, L. & Mira, J. (1993). Organização e Gestão da aula de Educação Física. *Revista Horizonte*, 53 (10), 173-179.

Chaves, B. & Vargas, L. (2012). Impactos sociais da prática da dança na escola. In Ricardo, P. & António, C. (Ed), *II Fórum Internacional de Conhecimentos & Ciência* (pp. 105-113). Belém-Pará-Brasol: Editora Conhecimentos & Ciência.

Coelho, O. (2004). *Pedagogia do Desporto – Contributos para uma compreensão do desporto juvenil*. Lisboa: Livros Horizonte.

Henriques, J. J. C. (2012). A avaliação autêntica em Educação Física – O problema dos Jogos Desportivos Colectivos. Tese apresentada ao Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de doutor, orientada por Maria do Carmo Clímaco.

Conceição, C., & Sousa, O. (2012). Ser professor hoje. O que pensam os professores das suas competências. *Revista Lusófona de Educação*, 20, 81-98.

Costa, F. (1984). O que é um Ensino Eficaz das Actividades Físicas em Meio Escola?. *Revista Horizonte*, 1 (1), 22-26.

Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de janeiro. Reorganização Curricular do Ensino Básico.

Decreto Regulamentar n.º 10/99 de 21 de julho. Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos de Educação Pré-Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário.

Favinha, M. (2012). A Mediação e a criação de novos contextos educativos. *Actas do 12º Colóquio Internacional do ISPA- Instituto Universitário*, 1,1-10.

Ferreira, P. M. (2000). Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 33, 55-85.

Ferro, N. & Ramos, J. (2000). Corfebol – Uma proposta para a sua iniciação curricular. *Revista Horizonte*, 16 (93), 35-39.

Godinho, M. (1990). Corfebol: uma nova atividade na escola. *Revista Horizonte*, 40 (7), 115-118.

Gonçalves, A. P. M. R. D. (2011). (In)disciplina e (inter)ação pedagógica: do discurso às práticas. Tese apresentada ao Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de doutor, orientada por João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes, Lisboa.

Graça, A. S., & Mesquita, I. R. (2002). A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. *Revista de Ciências do Desporto*, 5 (2) , 67-79.

Graça, A. & Mesquita, I. (2002). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3 (7), 401-421.

Guerreiro, A. I. M. (2011). Programa de prevenção primária de transgressionalidades juvenis aplicado em lar de infância e juventude – “Filhos de todos e de ninguém”. Tese apresentada ao Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientada por Carlos Alberto Poiães, Lisboa.

Guerreiro, A. M., Guerreiro, E. & Leça-Veiga, A. (2013). Aplicação dos Programas Nacionais de Educação Física. Ginástica: Realidade e Dificuldades. *Gymnasium – Revista de Educação Física, Desporto e Saúde*, 2 (4), 13-47.

Gomes, M. F. G. (2004). Planeamento em Educação Física – Comparação entre professores principiantes e professores experientes. Tese apresentada ao Departamento de Educação Física da Universidade da Madeira para a obtenção do grau de mestre, orientada por Luís Sena Lino.

Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). *Programa Educação Física (Reajustamento) – Ensino Básico 3º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

Leitão, F. (2010). *Valores Educativos, Cooperação e Inclusão*. Salamanca: Luso-Espanhola de Ediciones.

Lopes, M. R. S, Neto, A. R. M., Parente, M. L. C., Araújo, J. G. E. , Sousa, C. B., & Moura, D. L. (2016). A prática do planeamento educacional em professores de Educação Física: construindo uma cultura do planeamento. *Journal of Physical Education*, e2748 (27). Acedido em 10 de maio de 2017 em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2448-24552016000100144&script=sci_abstract&tlng=pt

López, J. & Granero, A. (2008). Una experiencia de orientación en piragua desarrollada en el medio natural. *Tándem: Didáctica de la Educación Física*, 28, 107-118

Machado, S. S. B. G. (2014). Relatório Final de Estágio Pedagógico. Relatório de Estágio apresentado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Motricidade Humana para a obtenção do grau de mestre, orientada por Nuno Alberto Seruca Ferro.

Marcon, D., Graça, A. B. S., & Nascimento, J. V (2011). Reinterpretação da estrutura teórico-conceitual do conhecimento pedagógico do conteúdo. *Revista Brasileira Educação Física Esporte*, 25 (2), 323-339.

Martins, L. & Viana, L. (2013). A mediação socioeducativa como agente da inclusão escolar – aprender a construir o sucesso escolar em conjunto. In *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicologia* (pp. 180-190) Braga: Universidade do Minho.

Mendes, E. H., Nascimento, J. V., Nahas, M. V., Fensterseifer, A., & Jesus, J. F. (2006). Avaliação da Formação Inicial em Educação Física: Um Estudo Delphi. *Revista da Educação Física / UEM*, 1 (17), 53-64. Acedido em 11 de outubro de 2013 em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3372/2399>.

Moura, M. (2007). Da tradição dançada à escrita da tradição. In M. Moura & E. Monteiro (Ed), *Dança em Contextos Educativos* (pp. 107-121). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Nóvoa, A. (1991). O Passado e o Presente dos Professores. In António, N. (Ed.), *Profissão Professor* (pp 15-34). Lisboa: Porto Editora.

Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In A., Nóvoa (Ed), *Os professores e a sua formação* (pp. 15-34). Lisboa: Dom Quixote.

Ofício Circular DREC n.º 406/2004. Visitas de Estudo ao Estrangeiro e em Território Nacional, Intercâmbios Escolares, Passeios Escolares e Colónias de Férias.

Onofre, M. (1995). Prioridades de Formação Didática em Educação Física. *Boletim SPEF*, 12, 75-97.

Pacheco, F. M. C. (2006). A gestão de conflitos na escola: a mediação como alternativa. Tese apresentada ao Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta para a obtenção do grau de mestre, orientada por Lúcia da Conceição Grave-Resendes, Lisboa.

Pereira, J & Monteiro, L. (1995). Actividades físicas de exploração da natureza, Em defesa do seu valor educativo. *Revista Horizonte*, 69, 111- 116.

Pereira, S. R. C., & Canfield, M. S. (2001). Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. *Revista Kinesis*, 25, 47-70.

Projeto Educativo da Escola Secundária Pedro Alexandrino 2011-2014.

Regulamento Interno da Escola Secundária Pedro Alexandrino.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [ULHT], (2013). Regulamento de Estágio Pedagógico de Educação Física. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Roldão, M. (2007). O Director de Turma e a Gestão Curricular. *Caderno de Organização e Administração Educacional – A turma como unidade de análise*, Junho (1), 1-16.

Sá, I., Bordonhos, J., Monteiro, N., Gonçalves, F. (2014). *A Motivação dos Alunos para a Participação no Desporto Escolar*. Acedido a 10 de maio de 2017 em :<https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/150/1/motivacao.pdf>.

Santos, H. F. P. (2013). Desenvolvimento da Formação Ética no Quadro de Ação Docente dos Professores de Biologia. Trabalho de Projeto apresentado ao Departamento de Ciências da Educação da Escola Superior de Educação Almeida Garrett para obtenção do grau de mestre, orientada por Roque Rodrigues Antunes, Lisboa.

Silva, N., (2007). Hip-Hop: educar a dançar – um projeto, uma experiencia. In M. Moura & E. Monteiro (Ed), *Dança em Contextos Educativos* (pp. 139-148). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Slavin, R. E. (1991). Synthesis of Research on Cooperative Learning. *Education Leadership*, 71-82. Acedido em 25 de outubro de 2017 em http://www.ascd.org/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el_199102_slavin.pdf

Soares, J. (2000). *Aliderança como factor de desenvolvimento dos clubes escolares*. V Congresso Galego-Português de Psicopedagogia. (898-908).

Sousa, P. M. L. (2006). Desenvolvimento Moral na Adolescência. *Psicologia.com.pt. O Portal dos Psicólogos*. Acedido em 25 de outubro de 2017 em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0296.pdf>.

Sprinthall, N., & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian.

Tahara, A. K., & Schwartz, G. M., (2003). Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. *Revista Digital de Educación Física e Deportes*, 58 (8), Acedido em 25 de outubro de 2013 em <http://www.efdeportes.com/efd58/avent.htm>.

The Cooper Institute for Aerobics Research. *FITNESSGRAM Manual de Aplicação de Testes*. Lisboa: FMH Edições.

Veloso, S.; Matos, M & Veloso, N. (2009). O crescimento e o corpo. In. M, Matos & D, Sampaio (Ed.). *Jovens com saúde – Diálogo com uma geração* (pp. 27-42). Lisboa: Texto.

Veríssimo, M. & Lamas, E. (2013). A mediação escolar – o papel do(a) mediador(a), no caso específico do projeto EPIS. In *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicologia* (pp. 350-365) Braga: Universidade do Minho.

Zacharias, J., Mendes, A. R., Lettnin, C., Dohms, K. P., Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (2011). Saúde e Educação: do mal-estar ao bem-estar docente. *Revista Educação por Escrito – PUCRS*, 2 (1), 16-30.

Zaragoza, J. (1999). *O Mal-Estar Docente: a sala-de-aula e a saúde dos professores*. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração EDUSC.

Apêndices

Apêndice I – Problemas e Definição de Objetivos para a Lecionação

Um dos objetivos do Estágio é contribuir para a formação de professores e que estes contribuam para o sucesso dos alunos. Para tal, é necessário identificar os principais problemas existentes, bem como definir estratégias (meios) e objetivos, para que de forma progressiva sejam alcançados os resultados e metas esperadas.

4.1. Objetivos para a turma:

Objetivo: Melhorar a Aptidão Física da turma	
<i>Critério de Êxito</i>	1) <u>Flexibilidade</u> - Teste Senta e Alcança: melhoria dos resultados obtidos; Aluna nº5 na ZSAF 2) <u>Força Média</u> : todos os alunos na ZSAF 3) <u>Resistência</u> - Teste da Milha: melhoria dos resultados dos alunos nº7, nº10, nº19, nº20, nº21 e nº26; 4) <u>Força Superior</u> : melhoria dos resultados da turma 5) As alunas nº19 e nº26 alcançarem pelo menos dois testes positivos
<i>Estratégia(s)</i>	- Trabalhar condição física em 90% das aulas lecionadas - Proporcionar aos alunos aulas com intensidade - Criar estações de flexibilidade, no circuito de condição física.
<i>Calendarização</i>	1) Final do 3ºP 2) Final do 3ºP 3) Melhoria significativa no final do 2ºP 4) Final do 3ºP 5) Final do 3ºP
Objetivo: Melhorar o nível dos JDC na turma	
<i>Critério de Êxito</i>	1) Todos os rapazes consigam cumprir o nível I dos JDC 2) Todas as raparigas consigam atingir o nível I dos JDC com exceção da nº10, nº19 e nº26, que o deverão fazer em pelo menos 2 JDC. 3) Melhoraria da desmarcação e ocupação do espaço livre de forma racional
<i>Estratégia(s)</i>	- Realização de jogos pré desportivos - Definição dos JDC como matéria prioritária ao longo do ano
<i>Calendarização</i>	1) Final do 2ºP 2) Final do 3ºP 3) Final do 1ºP
Objetivo: Melhorar o nível da Ginástica de Solo na turma	
<i>Critério de Êxito</i>	A- Todos os alunos consigam obter pelo menos nível I à exceção dos alunos: nº19 e nº20 que apresentam muitas dificuldades.

	B- As alunas nº10, nº11, nº15, nº21 e nº26: aprendizagem da cambalhota à retaguarda. C- Os alunos nº19 e nº20 conseguirem fazer pelo menos a cambalhota à frente
Estratégia(s)	A- Realizar Ginástica de Solo em todas as aulas de Ginásio (com situações de aprendizagem) A- Treino das sequências de aprendizagem/elementos durante as aulas de Pv2 e Pv1 B- Realizar situações de aprendizagem aliciantes C- Realizar situações de aprendizagem aliciantes para que percam o medo das cambalhotas – começar com a bola suíça
Calendarização	Até ao final do 3º Período

4.2. Objetivos de Formação

Objetivo: Aumentar o tempo útil de aula	
Estratégia(s)	- Criação de rotinas bem definidas na turma para diminuir os tempos de transição - Delegar tarefas aos alunos mais irrequietos
Calendarização	Até ao final do ano Verificação das melhorias nos balanços de cada etapa
Objetivo: Promover situações de aprendizagem que vão de encontro às necessidades dos alunos	
Estratégia(s)	- Utilização de situações de ensino diferenciado, adequando os objetivos da tarefa aos nível dos alunos; - Através das aulas e do PTI;
Calendarização	Até ao final do 3º Período
Objetivo: Melhorar o empenho/motivação das raparigas nas aulas de EF	
Estratégia(s)	- Criação de situações que levem ao sentimento de competência, através da realização correta das tarefas;
Calendarização	Até ao final do 3º Período
Objetivo: Alunos conhecerem os objetivos a atingir até ao final do ano	
Estratégia (s)	- Utilização de fichas de auto- avaliação;
Calendarização	Até ao final do 3º Período

Apêndice II - Caracterização dos Alunos 7^{3a}

Nº 02	Nº 03
Data de Nascimento: 16/Ago/1999	Data de Nascimento: 1/Ago/2000
Nota anterior de EF: 2	Nota anterior de EF:
Caracterização: aluno pouco assíduo, pontual e interessado contudo revela grandes facilidades na maioria das matérias	Caracterização: aluna com algumas dificuldades mas bastante empenhada nas tarefas propostas. Apresenta algumas dificuldades em perceber os exercícios e os objetivos das tarefas
Nº 04	Nº 05
Data de Nascimento: 25/Jan/1999	Data de Nascimento: 20/Dez/2000
Nota anterior de EF: 5	Nota anterior de EF: 4
Caracterização: aluno assíduo mas pouco pontual mas dos mais fortes a nível físico. Percebe bem o jogo e coopera com os colegas	Caracterização: aluna muito esforçada e com boas capacidades. Contudo, ainda revela alguma dificuldade em perceber o jogo. Boas habilidades a Ginástica e dança
Nº 06	Nº 07
Data de Nascimento: 13/Nov/1998	Data de Nascimento: 22/Jan/2000
Nota anterior de EF: 4	Nota anterior de EF: 4
Caracterização: aluno assíduo mas pouco pontual; bastante conversador com os colegas distraíndo-se com facilidade. Revela boas capacidades físicas mas dificuldades nas matérias de Basquetebol e Voleibol	Caracterização: aluno assíduo e pontual mas pouco interessado. Durante o decorrer das aulas é chamado várias vezes a atenção devido a comportamentos de desvio
Nº 08	Nº 10
Data de Nascimento: 29/Jan/2000	Data de Nascimento: 30/Nov/1999
Nota anterior de EF: 3	Nota anterior de EF: 3
Caracterização: assíduo mas não motivado para a prática; já registou duas ocorrências graves de indisciplina durante a aula; responde e justifica-se à professora achando que ele é que sabe tudo	Caracterização: aluna assídua e pontual que revela bastantes dificuldades a Educação Física, em todas as matérias; não é uma aluna esforçada. Não gosta de praticar AF
Nº 11	Nº 12
Data de Nascimento: 23/Fev/1999	Data de Nascimento: 3/Dez/2001
Nota anterior de EF: 3	Nota anterior de EF: 3
Caracterização: aluna assídua e empenhada nas tarefas propostas. Tenta sempre superar os objetivos de aula; no entanto, distrai-se facilmente.	Caracterização: aluno assíduo e pontual empenhado nas tarefas mas com alguns comportamentos de desvio; revela boa aptidão física
Nº 14	Nº 15
Data de Nascimento: 14/Ago/2001	Data de Nascimento: 19/Ago/2000
Nota anterior de EF: 4	Nota anterior de EF: 0 (não concluiu o ano)
Caracterização: aluno assíduo e pontual; sem grande motivação para a prática desportiva e pouca disponibilidade motora; revela alguns comportamentos de desvio	Caracterização: aluna muito pouco assídua contudo, quando comparece às aulas é pontual; tem asma; em algumas situações é bastante esforçada noutras não. No entanto, o seu empenho tem vindo a diminuir
Nº 16	Nº 17
Data de Nascimento: 30/Ago/1999	Data de Nascimento: 3/Mar/2001
Nota anterior de EF: 3	Nota anterior de EF: 3

Caracterização: aluno assíduo; revela grande aptidão física e disponibilidade motora em todas as matérias.	Caracterização: aluno assíduo e pontual; com grande disponibilidade motora; coopera com os colegas; é um aluno que gosta de se mostrar e leva muitas situações na brincadeira
Nº 18	Nº 19
Data de Nascimento: 13/Jun/1998	Data de Nascimento: 16/Fev/2001
Nota anterior de EF: 3	Nota anterior de EF: 3
Caracterização: aluno assíduo; revela grande aptidão física e disponibilidade motora em todas as matérias.	Caracterização: aluna assídua e pontual; revela grandes dificuldades motoras. É uma aluna bastante reservada e que não confia nas pessoas o que faz com que seja bastante difícil ajudá-la a ultrapassar as suas dificuldades
Nº 20	Nº 21
Data de Nascimento: 3/Jul/2001	Data de Nascimento: 7/Set/1999
Nota anterior de EF: 3	Nota anterior de EF: 2
Caracterização: aluno assíduo e pontual; bastante esforçado nas matérias mas tem de ser incentivado durante as aulas para que consiga superar desafios senão pensa que não consegue realizar as tarefas	Caracterização: aluna assídua; tem asma e acha que é impeditiva para a prática de EF e, por isso, não se esforça afirmando que tem asma;
Nº 22	Nº 23
Data de Nascimento: 28/Set/1999	Data de Nascimento: 1/Ago/2001
Nota anterior de EF: 3	Nota anterior de EF: 4
Caracterização: aluno assíduo; revela grande aptidão física e disponibilidade motora em todas as matérias.	Caracterização: aluno assíduo e pontual; revela boas capacidades motoras mas gosta de passar despercebido não fazendo uso dessas mesmas capacidades em todas as aulas
Nº 25	Nº 26
Data de Nascimento: 24/Mar/1999	Data de Nascimento: 16/Set/2000
Nota anterior de EF: 3	Nota anterior de EF: 3
Caracterização: aluno assíduo; revela capacidades físicas e aptidão física contudo não é um aluno que se destaque contendo dificuldades em algumas matérias	Caracterização: aluna assídua e pontual; tem excesso de peso e não gosta de praticar AF; é bastante negativa afirmando sempre que não consegue fazer as tarefas antes de as realizar.
Nº 27	Nº 29
Data de Nascimento: 1/Out/2001	Data de Nascimento:
Nota anterior de EF:	Nota anterior de EF:
Caracterização: aluno assíduo e pontual; com grandes capacidades físicas e motoras; é bastante empenhado nas matérias de jogos e raquetas	Caracterização: aluna assídua; revela algum negativismo (não consigo) mas consegue experimentar se estiver a ajudá-la; é bastante empenhada nas tarefas e quer superar os desafios propostos

Apêndice III – Plano Anual de Turma

ESPA 7º3ª			1º Período (16 de Set a 17 Dez)						2º Período (06 de Jan a 04 Abr)				3º Período (22 de Abril a 13 de Junho)																					
Etapa			1ª Etapa: Prognóstico			2ª Etapa: Prioridades			3ª Etapa: Progresso						4ª Etapa: Produto																			
UNIDADE DIDÁCTICA			1º Unidade Didática			1º Unidade Didática			1º Unidade Didática		2ª Unidade Didática		3ª Unidade Didática		1º Unidade Didática		2ª Unidade Didática																	
Datas			18/09 a 30/10			04/11 a 08/01			13/01 a 05/02		10/02 a 19/03		24/03 a 30/04		05/05 a 21/05		26/05 a 11/06																	
Nº Aulas			13 Aulas			15 Aulas			08 Aulas		12 Aulas		7 Aulas		6 Aulas		6 Aulas																	
JDC	Basquetebol		APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA	AULA TEÓRICA JDC	X	X	CORTA-MATO E MEGA-SPRINTER	REVISÕES PARA O TESTE	TESTE SUMATIVO	SEMANA DO FITNESSGRAM			TORNEIO DE VOLEIBOL			X	REVISÕES PARA O TESTE	TESTE SUMATIVO	X		SAÍDA DE CAMPO			TRABALHO DE GRUPO										
	Futebol				X	X					X			X	X																			
	Voleibol				X	X					X				X					X														
	Andebol				X						X				X					X														
GIN	Gin. Solo				X	X									X					X		X	X			X			X					
	Gin Aparelhos														X					X			X			X			X					
	Gin Acrobática														X					X			X			X			X					
ATLET	Estafetas				X	X									X					X			X			X			X					
	Barreiras														X					X			X			X			X					
	Salto em Altura														X					X			X			X			X					
	Velocidade														X					X			X			X			X					
BADMINTON					X									X					X						X				X					
DANÇA											X			X		X			X						X				X					
ORIENTAÇÃO														X		X			X						X				X					
CORFEBOL														X		X			X						X				X					
AP.FÍSICA	Coordenação				X	X								X		X			X			X			X		X		X		X			
	Força Médica				X	X								X		X			X			X			X		X		X		X			
	Força Superior				X	X								X		X			X			X			X		X		X		X			
	Resistência				X									X		X			X			X			X		X		X		X			
	Flexibilidade				X									X		X			X			X			X		X		X		X			
	Velocidade													X		X			X			X			X		X		X		X			
TESTES FITNESSGRAM					X						X			X		X			X			X			X		X		X					
Avaliação			Prognóstica			Sumativa			Formativa		Formativa		Format/Sumat		Formativa		Format/Sumat																	

Apêndice IV – Planeamento da 1ª Etapa: Prognóstico

Dados Gerais	Etapas/Duração	1ª Etapa - Prognóstico / 18 de Setembro a 30 de Outubro de 2013												
	Turma/Professor	7º 3ª / Professora Estagiária Inês Fernandes												
	Nº de alunos	24 Alunos: 15 rapazes e 9 raparigas												
	Dias	18-Set	23-Set	25-Set	30-Set	02-Out	07-Out	09-Out	14-Out	16-Out	21-Out	23-Out	28-Out	30-Out
Recursos Temporais	45min	X		X		X		X		X		X		X
	90min		X		X		X		X		X		X	
Recursos Espaciais	GIN	X							X	X				
	PV2		X	X							X	X		
	CC				Sala	Ginásio							X	X
	PV1						X	X						
Domínios	Atividades Físicas	Realização da Avaliação Inicial nas diferentes matérias: Voleibol, Basquetebol, Futebol, Badminton, Ginástico de Solo e Aparelhos (Trave), Corrida de Estafetas												
	Aptidão Física	Resistência, Flexibilidade, Força Média e Força Superior												
	Conhecimentos	Reforço das regras dos JDC; Estilos de vida Saudável: hábitos de higiene												
Construção de aulas	Formas de Organização	Vagas, Circuito, Exercício Individual, Percurso												
	Situação de Aprendizagem	Exercício Individual, Jogo Reduzido												
Objetivos	1ª Etapa	Definir as prioridades de desenvolvimento dos alunos; identificar grupos para a realização de trabalho diferenciado e prognosticar os objetivos finais, de modo a definir as etapas a realizar durante o ano letivo												
	Professor	Gestão do Tempo; Melhoria das Instruções Iniciais e Finais												
Avaliação	Tipo	Avaliação Prognóstica e Formativa												
	Instrumentos	Observação direta; participação dos alunos nas aulas												

Apêndice V - Registo de Avaliação Inicial: Área das Atividades Físicas

Av. Inicial	Basquetebol	Futebol	Voleibol	Ginástica Solo	Ginástica Aparelhos (Trave)	Badminton	Atletismo Estafetas
2	I	I	I-	NI	I	I	I
3	NI	NI	NI	I	I	I	I
4	I+	I	I	I+	I	I	I
5	NI	I-	NI	I+	I	I	I
6	NI	I	NI	I-	I	I	I
7	NI	I-	NI	I-	I-	I	I
8	I	I-	I-	I	I	I	I
10	NI	NI	NI	NI	I-	I-	I-
11	NI	NI	NI	NI	I	I	I
12	I	I	NI	I-	I-	I	I
14	NI	NI	NI	NI	I	I	I
15	NI	NI	NI	NI	I-	I	I
16	I	I	I	I	I	I	I
17	I+	I	I	I+	I	I	I
18	I	I	I	I+	I	I	I
19	NI	NI	NI	NI	I-	I-	I-
20	NI	NI	NI	NI	I-	I	I
21	NI	NI	NI	NI	I-	I	I-
22	I+	I	I	I	I	I	I
23	I+	I	NI	I-	I	I	I
25	I-	I	NI	I-	I	I	I
26	NI	I-	NI	NI	I-	I-	I-
27	I	I	NI	I-	I	I	I

Apêndice VI – Registo de Avaliação Inicial: Área da Aptidão Física

Avaliação Inicial	Idade	Altura	Peso	IMC	Flexibilidade				F. Média	Força Superior	Resistência	
					Senta e Alcança		Ombros		Abdominais	Flexão de braços em suspensão	Vaivém	Milha
					Dto	Esq	Dto	Esq				
2	14									00,13,25		
3	13	1,62	58	22,1003	16	20	Sim	Sim	41	00,06,03	18	08:46
4	14	1,80	67,5	20,8333	13	12	Sim	Sim	54	00,32,59	70	05:46
5	12	1,55	50	20,8117	20	22	Sim	Sim	60	00,14,59	33	09:52
6	14	1,70	51	17,6471	16	14	Sim	Sim	29	00,58,19	57	07:04
7	13	1,61	61	23,533	15	15	Sim	Sim	17	00,07,71	37	10:30
8	13	1,76	64	20,6612	17	19	Sim	Sim	30	00,19,94	40	07:15
10	13								9	00,8,53		12:50
11	14	1,63	59	22,2063	18	20	Sim	Sim	45	00,15,13	18	09:56
12	12	1,39	32	16,5623	14	15	Sim	Sim	42	00,15,25	34	09:52
14	12	1,73	65	21,7181	2	2	Sim	Sim	29	00,03,12	21	10:10
15	13	1,58	56	22,4323	25	25	Não	Sim		00,02,00	17	
16	14	1,74	57	18,8268	23	20	Sim	Sim	49	01,05,66	60	07:13
17	12	1,63	62	23,3355	30	29	Sim	Sim	41	00,14,71	26	07:50
18	15	1,75	57	18,6122	21	23	Sim	Sim	37	00,55,04	59	08:10
19	12	1,51	41	17,9817	8	10	Sim	Sim	15	00,00,00	15	12:04
20	12	1,54	64	26,986	21	19	Não	Não	18	00,01,87	8	11:32
21	14	1,61	62	23,9188					15	00,13,47		>13
22	13	1,73	58	19,3792	18	17	Não	Sim		00,17,22	48	07:00
23	12	1,62	50	19,052	10	9	Sim	Sim	64	00,20,38	34	09:25
25	14	1,75	60	19,5918	13	11	Sim	Sim	18	00,14,25	64	08:10
26	12	1,60	78	30,4688	16	17	Não	Não	13	00,00,00	10	>13
27	12	1,50	35	15,5556	16	14	Não	Sim	80	00,07,59	45	06:40

Apêndice VII - Balanço da 1ª Etapa

A 1ª Etapa apenas contempla uma unidade didática com a duração de treze aulas, seis de noventa minutos e sete de quarenta e cinco minutos. Aqui, foram abordadas as seguintes matérias: Basquetebol, Futebol, Voleibol, Badminton, Ginástica de Solo, Ginástica de Aparelhos, Trave, e Atletismo, Corrida de Estafetas. Relativamente à aptidão física foram realizados todos os testes aprovados pelo DEF (resistência: vaivém e milha; flexibilidade: senta e alcança e flexibilidade de ombros; força média: abdominais; força superior: flexão de braços em suspensão).

Avaliação

Durante esta etapa é necessário avaliar o nível dos alunos nas diferentes matérias. No início senti algumas dificuldades, pois na prática enquanto professores temos de controlar toda a turma para ver se os alunos estão em atividade, ver se existem comportamentos de desvio, de dar *feedbacks* nas diferentes matérias e ainda conseguir distinguir o nível dos alunos nas matérias.

Na minha opinião, no início tive algumas dificuldades em conseguir avaliar todos os alunos e, por isso, esta etapa foi um pouco mais longa do que o previsto para que os alunos tivessem algum rigor na sua avaliação conseguindo posteriormente verificar as suas maiores dificuldades definindo-as como matérias prioritárias e formulando grupos de nível para as próximas etapas.

Para a realização da avaliação inicial utilizei o protocolo definido pelo DEF que constitui grelhas para as diferentes matérias com indicadores de observação e critérios de êxito claramente definidos o que, após entrar no “ritmo” facilitou a minha ação avaliativa.

Gestão

A dimensão gestão constitui um elemento fundamental para que o professor possa ganhar tempos de aula, sobretudo no tempo disponível para a prática. Para isso, é necessário desde cedo que os alunos criem hábitos e rotinas durante o decorrer das aulas.

Assim, durante todas as aulas foi realizado o mesmo aquecimento para criar rotinas e autonomia nos alunos. Contudo, devido às características da turma ainda não consegui fazer com que os todos realizem o aquecimento em apenas duas colunas evitando a aglomeração de

alunos; os sinais sonoros estabelecidos com a turma foram rapidamente aprendidos: transição entre estações e reunião num único local; as aulas lecionadas tiveram uma estrutura idêntica para que os alunos soubessem o que iriam realizar em cada uma das estações apesar da instrução inicial ser repetida em todas as aulas.

A minha principal dificuldade nesta área foi gerir o tempo de cada estação conjugando-o com o foco que teria de ter nos alunos que estavam em situação de avaliação e na restante turma. Em muitas aulas, o meu posicionamento e circulação no espaço não foi o mais adequado ficando muitas vezes retida na estação a avaliar. No entanto, tentei manter um controlo à distância sobre a turma perdendo algumas vezes o foco na avaliação fazendo com que o tempo destinado a essa estação se prolongasse.

Relativamente à arrumação do material, no final de cada aula, é necessário criar rotinas para que os alunos de cada estação arrumem o seu material e para que após o sinal sonoro o arrumem em vez de continuarem com a bola nos pés ou nas mãos.

Por último, verifiquei que as aulas de quarenta e cinco minutos contêm um tempo de aula bastante reduzido e, por isso, será necessário que os alunos interiorizem o mais rapidamente possível as rotinas de organização para rentabilizar ao máximo estas aulas.

Instrução

Na área da instrução tive algumas dificuldades em transmitir de forma clara e precisa aos alunos os conteúdos e objetivos da aula. Isso pôde verificar-se no momento em que ocupavam a sua estação e, alguns não sabiam o que tinham de executar.

Apesar de nem toda a instrução inicial ter chegado aos alunos preocupei-me em referir sempre quais os objetivos das aulas e de cada uma das situações de aprendizagem.

Durante todos os momentos de instrução tive o cuidado de dispor os alunos em semicírculo de forma a que todos constassem no meu campo visual ou de os ter à minha frente, referindo desde a primeira aula que não queria nenhum aluno nem ao meu lado nem atrás de mim. Contudo, em conversas com o orientador de escola, o professor referiu que nos momentos de instrução nos devemos destacar dos alunos fazendo, por exemplo com que eles se sentem no momento da instrução.

Sendo que uma das minhas maiores dificuldades foi prestar atenção à turma toda, por querer avaliar, nas restantes estações realizei poucos *feedbacks* e, consequentemente poucos ciclos de *feedback*.

Clima

Apesar de a turma ser bastante conversadora, no decorrer desta etapa existiram poucos comportamentos de indisciplina que afetassem o clima das aulas existindo apenas uma ocorrência grave de dois alunos quererem andar à pancada no decorrer da aula devido a um lápis emprestado a um colega durante o teste do vaivém.

Na instrução inicial os alunos foram sempre alertados para os comportamentos de desvio que devem evitar, como chutar as bolas de Voleibol ou chutar com demasiada força as bolas de Futebol, não devem danificar o material nem realizar ações que possam colocar em risco a si próprio ou aos colegas. Todos esses comportamentos, visíveis por mim, foram chamados a atenção, uns perante toda a turma e longe do local do acontecimento para que a turma percebesse que mesmo estando noutra estação estava atenta ao que estavam a executar, outras de forma individual. Todas essas atitudes foram referidas nos balanços finais de cada aula com os alunos.

A turma possui alunos pouco empenhados e que revelam grandes dificuldades na prática da EF e, por isso, tentarei criar situações apelativas e aulas motivantes para captar a atenção desses alunos, pois o sucesso da EF depende maioritariamente deles, também, os reforços positivos são bastante importantes para motivar os alunos e para que eles próprios tenham sucesso e se empenhem cada vez mais.

Principais aspetos a melhorar:

- Melhorar a gestão do tempo dos alunos em cada estação tentando repartir de igual forma ou dar prevalência a determinados alunos naquela situação;
- Garantir o controlo da turma à distância, posicionando-me de forma a visualizar toda a turma;
- Não perder o foco de toda a turma em situações de avaliação;
- Desenvolver uma instrução clara e objetiva, referindo sempre os objetivos da aula e de cada uma das situações, de forma a que os alunos quando cheguem a determinada estação saibam exatamente o que fazer;
- Manter a turma organizada durante o aquecimento fazendo-os perceber a importância de um bom aquecimento no início das aulas de EF;
- Melhorar e aumentar os *feedbacks* dados no decorrer das aulas.

Apêndice VIII - Planeamento da 2ª Etapa: Prioridades

A 2ª Etapa do Planeamento ou Etapa Prioridades é construída através dos resultados obtidos na etapa anterior – prognóstico ou avaliação inicial. Assim, é nesta etapa que se deve incidir nas matérias prioritárias, ou seja, nas matérias que necessitam de maior atenção para que os alunos atinjam os resultados definidos tanto pelo professor como pelos PNEF.

Foram então criados três grupos de nível de acordo com as capacidades evidenciadas anteriormente. O Grupo A apresenta os alunos com mais destrezas e melhor desempenho motor, capazes de atingir, em algumas matérias o nível elementar; o Grupo B caracteriza-se pelos alunos que se encontram num nível intermédio e que são capazes de atingir o nível introdução a praticamente todas as matérias e, em alguns casos trabalhar elementos de nível elementar; por último, o Grupo C é constituído pelos alunos menos interessados e que apresentam menos destrezas motoras trabalhando assim para tentar atingir o nível introdução na maioria das matérias.

A divisão dos alunos por grupos de nível facilita a construção de situações de aprendizagem diferentes para cada grupo de alunos ou de objetivos diferentes proporcionando assim um ensino diferenciado, adequado e desafiante a todos para que possam evoluir ao seu ritmo ultrapassando dificuldades e obstáculos.

Nesta etapa, dia 27 de novembro, será realizado um teste teórico para avaliar os conhecimentos dos alunos adquiridos ao longo das aulas. E, este ano, o DEF decidiu criar a Semana do *Fitnessgram*, de 02 a 06 de dezembro, para que haja aferição de critérios entre os professores na avaliação da área da aptidão física.

Dados Gerais	Etapa/Duração		2ª Etapa - Prioridades / 04 de Novembro de 2013 a 08 de Janeiro de 2014														
	Turma/Professor		7º 3ª / Professora Estagiária Inês Fernandes														
	Nº de alunos		24 Alunos: 15 rapazes e 9 raparigas														
	Dias		04 Nov	06 Nov	11 Nov	13 Nov	18 Nov	20 Nov	25 Nov	27 Nov	02 Dez	04 Dez	09 Dez	11 Dez	16 Dez	06 Jan	08 Jan
Recursos Temporais	45min			X		X		X		X		X		X			X
	90min		X		X		X		X		X		X		X	X	
Recursos Espaciais	GIN				X	X						X	X				
	PV2						X	X						X			
	CC								X	X						X	X
	PV1		X	X							X	X					
Domínios	Atividades Físicas		JDC: Voleibol, Basquetebol, Futebol e Corfebol / Ginástica de Solo / Danças Sociais: Merengue														
	Aptidão Física		Resistência, Flexibilidade, Força Média e Força Superior														
	Conhecimentos		Reforço das regras dos JDC; Estilos de vida saudável: hábitos de higiene														
Construção de aulas	Formas de Organização		Vagas, Circuito, Exercício Individual, Áreas														
	Situação de Aprendizagem		Jogo reduzido; exercício individual, sequências de habilidades e coreografias														
Objetivos	2ª Etapa		Desenvolvimento das ações existentes nas matérias que foram dadas como prioritárias; avaliação sumativa														
	Professor		Gestão do Tempo; Melhoria das Instruções Iniciais e Finais; Melhoria da organização														
	Alunos	Gerais	Consolidação de hábitos de rotinas; organização e cooperação com os colegas; Respeito pelos colegas e professores; Aquisição de comportamento adequado em sala de aula														
		Act Física	Basquetebol: Introdução - 1, 3, 4.1.1, 4.1.2, 4.2, 4.3 e 4.4 / Futebol: Introdução - 7.1; Elementar - 1, 3, 4.1, 4.2, 4.4 e 5 / Voleibol: Introdução - 1, 2, 3, 4.1, 4.2 e 5 / Ginástica de Solo - trabalho dos elementos/sequências definidas pelo DEF / Danças Sociais: 4.3														
		Ap Física	Melhoria dos resultados obtidos nos diferentes testes de aptidão física														
Avaliação	Tipo		Avaliação Formativa e Sumativa														
	Instrumentos		Observação direta; participação dos alunos nas aulas; teste sumativo														

Apêndice IX - Balanço da 2ª Etapa

A 2ª Etapa apenas foi constituída por uma unidade didática, com duração de 15 aulas (oito de 90 minutos e sete de 45 minutos). Durante esta etapa foram abordadas as matérias definidas como prioritárias na etapa anterior, Basquetebol, Futebol, Voleibol, Ginástica de Solo e danças sociais, nomeadamente o merengue.

Os grupos formados no decorrer das aulas tiveram em conta a formação de grupos realizada após a avaliação inicial, de forma a adequar e a tornar desafiante as situações de aprendizagem para todos.

Foi realizado um teste teórico de forma a avaliar os conhecimentos dos alunos sobre as matérias lecionadas ao longo destas duas etapas.

Avaliação.

Nesta etapa, as situações de aprendizagem foram mais adequadas aos alunos possibilitando uma maior evolução. Contudo, os alunos não percebem o porquê de não estarem a realizarem situações iguais ao outro grupo de alunos, principalmente os do Grupo C.

No decorrer desta etapa, na maior parte dos alunos foram observadas evoluções bastante significativas. No entanto, existem quatro alunas que apresentam grandes dificuldades na disciplina, podendo não conseguir atingir os objetivos propostos para o seu grupo.

Na área da aptidão física existiram evoluções notórias principalmente ao nível da flexibilidade, teste senta e alcança, tendo nove dos dezasseis alunos que tinham nível negativo conseguido atingir a ZSAF; na flexibilidade de ombros já toda a turma atingiu a ZSAF; no teste da força média metade dos alunos, três, conseguiram alcançar, nesta etapa a ZSAF; relativamente à resistência apenas existiu um aluno que melhorou nos dois testes realizados; por último, o teste de força superior foi o que apresentou na turma mais dificuldades contemplando apenas oito alunos com nível positivo.

Em praticamente todas as aulas tem existido uma estação destinada à condição física. Contudo, é bastante difícil motivar os alunos para esta estação e, por isso, a maioria do tempo não estão em atividade e, em alguns casos os alunos vêm ter comigo afirmando que já realizaram o percurso uma ou duas vezes, perguntando se podem mudar de estação.

Tendo em conta estes aspetos, para a próxima etapa tentarei realizar outro tipo de exercícios para os motivar e, em algumas aulas será realizado um circuito ou um percurso de condição física envolvendo a turma toda para que haja um melhor controlo sobre as dificuldades dos alunos.

Apesar do aquecimento ser mais organizado ainda é observável muita conversa e distração dos alunos e, nos exercícios de reação existem muitos, os que apresentam mais dificuldades, que tentam “fugir” aos exercícios.

Gestão

No decorrer da etapa foram criados grupos de nível, tal como indicado anteriormente, e, por isso, as situações de aprendizagem foram adequadas ao grupo de alunos onde se encontravam possibilitando um maior envolvimento na tarefa dos alunos e com um grau de exigência e desafio adequado às suas capacidades. Assim, os alunos conseguiram evoluir nos JDC em que o principal objetivo era a desmarcação e ocupação racional dos espaços livres e a marcação individual; e na Ginástica de Solo a concretização dos elementos do nível introdução das sequências apresentadas pelo DEF. No entanto, devo privilegiar mais tempo a determinados grupos em determinadas estações. Na minha opinião este aspeto não foi bem conseguido durante esta etapa pois como, normalmente, em todas as aulas existia uma estação de condição física, que não agradava muito aos alunos, o facto de aumentar o tempo dum grupo numa estação significaria que também teria de aumentar esse tempo do grupo que se encontrava na estação de condição física. Na próxima etapa tentarei realizar percursos e circuitos para trabalhar a aptidão física de forma massiva.

Relativamente às transições, como referido no balanço anterior, a turma já interiorizou os sinais de transição realizando-a de forma rápida. Apenas no final da aula antes do retorno à calma e balanço final, durante a arrumação do material ainda estão bastante desorganizados não o arrumando de forma rápida. No retorno à calma são conversadores, o que faz com que saiam quase à hora do toque ao contrário dos 10 ou 5 minutos antes do final da sessão.

Outro aspeto ainda a melhor é o controlo à distância e o “querer” dar atenção a todos os alunos perdendo assim um pouco esse controlo. Na próxima etapa deverei circular mais pela turma dando mais *feedbacks* e permanecer numa determinada estação durante algum tempo, posicionando-me num local onde tenha controlo sobre todos.

Instrução

Apesar de ter sentido melhorias, a minha instrução, principalmente a inicial, ainda precisa de ser melhorada especialmente na transmissão dos objetivos de aula e de cada tarefa associando-os a cada grupo e incidindo nos aspetos mais importantes. Também os balanços da aula deverão ser melhorados pois devido à falta de tempo, por a turma estar sempre a conversar, ocorrem muito rápido não incidindo em todos os aspetos da aula de forma a que possam melhorar. Tentei combater este aspeto reforçando e acrescentando sempre esses aspetos, os realizados e os em falta, no início da aula seguinte.

Também os *feedbacks* tiveram um aumento significativo nesta etapa, contudo deverei aumentar o ciclo de *feedback*, por vezes apenas dou indicações de como devem melhorar mas, em alguns casos, não permaneço com o(s) aluno(s) para ver se melhorou. Isto é um dos aspetos a melhorar para que a turma possa evoluir cada vez mais.

Clima

Também nesta etapa ocorreu uma situação grave no comportamento de dois alunos, um dos quais também esteve envolvido no acontecimento anterior. No decorrer de uma situação de jogo 4x4 sem drible no Basquetebol, por um desentendimento que um dos alunos driblou existiu um confronto entre ambos querendo andar à pancada. A situação foi resolvida e até à data não existiram mais ocorrências deste género.

No que diz respeito ao empenho os alunos têm evoluído bastante bem cooperando dentro dos grupos de trabalho contribuindo para um clima positivo no decorrer das aulas. Contudo, as quatro alunas referenciadas e mais dois alunos, não se têm empenhado nas tarefas propostas. Tentei perceber o porquê da modificação do comportamento desses dois alunos mas apenas consegui obter um “não sei, vou-me esforçar mais”. Como o nosso estágio também nos proporciona a componente de direção de turma apercebi-me que o comportamento desses dois alunos tem ocorrido também nas outras disciplinas.

Principais aspetos a melhorar:

- Motivação e empenho dos alunos que têm demonstrado dificuldades e falta de empenho;

- Realização de circuitos e percursos de condição física no início das aulas, de forma massiva englobando toda a turma para que continue a existir melhoria nesta área e para que consiga motivar os alunos para a prática da mesma;
- Gestão e organização do aquecimento respeitando os exercícios e o espaço de realização dos mesmos;
- Gestão do tempo em cada estação: repartir bem o tempo de aula pelas diferentes estações ou privilegiando um grupo em determinada estação;
- Gestão e organização do material no final da aula realizando-o por grupos ao contrário de serem todos ao mesmo tempo;
- Reforço positivo ao aluno e perante a turma do seu comportamento de forma a tentar diminuir os comportamentos fora da tarefa;
- Realizar situações apelativas no início da aula e criar a “folha de atrasos” para aumentar a pontualidade dos alunos;
- Transmissão de objetivos de aula e de tarefa para cada grupo de alunos bem como aumentar o número de *feedbacks* e respetivo ciclo.

Apêndice X - Balanço do Professor a Tempo Inteiro (PTI): 24 a 30 de novembro de 2013

Neste balanço será apresentado os conteúdos abordados em cada uma das aulas bem como a sua reflexão crítica sobre as dimensões do AGIC.

Aula 12ºSE – Professor Responsável: Samuel Rosado

Esta turma é composta por nove alunos de uma listagem de trinta.

A aula observada deu-se no espaço Pv1, onde professor deu preferência aos JDC. Desta forma a minha observação prendeu-se por conhecer a turma uma vez que não consegui observar o nível dos alunos nas matérias possíveis de lecionar no Ginásio.

As matérias lecionadas foram: GinásticaAcrobática, Salto em Altura de Atletismo, Ténis de Mesa, área de aptidão física e dança.

Avaliação: os *feedbacks* fornecidos principalmente ao nível da GinásticaAcrobática e Salto em Altura foram essencialmente de correção de alguns erros que a maioria dos alunos acabou por tentar executar de forma diferente aumentando a sua performance na matéria. Durante as aulas lecionadas o professor aproveitou para avaliar os alunos na maioria das situações.

Gestão: a forma de organização utilizada foi o circuito de forma a permitir que todos os alunos passassem pelas mais diversas estações permitindo ao professor realizar as suas avaliações. Os alunos possuíam rotinas bem incutidas o que ajudou nos tempos de transição aumentando assim o tempo útil de aula.

Instrução: não senti grandes dificuldades em realizar a instrução nesta turma uma vez que os alunos já tinham experiência de anos anteriores em receber estagiários nas suas aulas. Também o facto de estarem apenas oito alunos presentes ajudou para manter um clima de interajuda.

Clima: a aula decorreu com um clima positivo e cooperativo onde os alunos estiveram durante bastante tempo em atividade.

De seguida irei apresentar os dois planos de aula das aulas lecionadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 25/Nov	Turma: 12º SE	Prof: Samuel Rosado	Materiais: colchões, raquetes, bolas e mesas de Ténis de Mesa, elástico Salto em Altura	
Nº de alunos: 8	Espaço: Gin	Duração: 90'		
Matérias: - Ginástica Acrobática - Ténis de Mesa - Salto em Altura		Objetivos de aula: Avaliação das matérias de GinásticaAcrobática, Ténis de Mesa e do Teste de Força Superior Concurso de Salto em Altura		

	Tempo		Descrição/Croqui	Critério de Êxito
	5'		Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
Parte Inicial	15'		Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto. Exercícios de reação: skippings e corrida; sentado e corrida Jogos Lúdicos a pares: toca nos joelhos; pisa pé	Aquecimento dos grandes grupos musculares
Parte Fundamental	37'	12'	GinásticaAcrobática Realização de figuras constituintes da avaliação – pares e trios	Realização correta das figuras par avaliação da matéria de GinásticaAcrobática
		12'	Ténis de Mesa Situação de avaliação de jogo 1x1	Coopera com os companheiros, nas diferentes situações, escolhendo as acções favoráveis ao êxito pessoal e do companheiro, aceitando as indicações que lhe dirigem, bem como as opções e falhas dos seus colegas, e dando sugestões que favoreçam a sua melhoria.
			Teste Força Superior O aluno agarra a barra com as mãos acima dos ombros e em pronação (palmas das mãos para a frente). Com a ajuda de uma pessoa eleva o corpo até alcançar uma posição em que o queixo esteja acima da barra, os cotovelos fletidos e o peito junto à barra.	Manter a suspensão, com o queixo acima da barra, o máximo de tempo possível
	15'		Salto em Altura – Concurso Realização de um concurso de Salto em Altura com as técnicas de tesoura e Fosbury Flop	6. Salta em altura com técnica de Fosbury Flop, com cinco a oito passadas de balanço, sendo as últimas três/quatro em curva.
Parte Final	5'		Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'		Balanço Final	

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 27/Nov	Turma: 12º SE	Duração: 90'	Materiais: colchões, raquetes, bolas e mesas de Ténis de Mesa, aparelhagem	
Nº de alunos: 8	Espaço: Gin	Prof: Samuel Rosado		
Matérias: - Dança - Ténis de Mesa		Objetivos de aula: - Realização do teste de força média - Avaliação de Merengue - Avaliação do Ténis de Mesa		

	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	5'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	15'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto. Exercícios de reação: skippings e corrida; sentado e corrida Jogos Lúdicos a pares: toca nos joelhos; pisa pé	Aquecimento dos grandes grupos musculares
Parte Fundamental	30'	Teste da Força Média Dois a dois um executa e o outro conta. Mantendo sempre os calcanhares em contacto com o solo, o aluno deve executar o movimento de flexão do tronco, fazendo deslizar lentamente os seus dedos pela faixa de medida até que a ponta dos dedos alcance a extremidade mais distante. Após ter executado este movimento, o aluno deve regressar à posição inicial e apoiar a cabeça no colchão.	Completar o maior número possível de abdominais, com uma determinada cadência, determinada pelo cd do <i>Fitnessgram</i> .
	20'	Danças Sociais Aprendizagem da coreografia do Merengue em Line Dance	Dança o Merengue, em situação de Line Dance iniciando no 1º tempo do compasso e fazendo coincidir cada passo a um tempo
	20'	Ténis de Mesa Situação de avaliação de jogo 1x1	Coopera com os companheiros, nas diferentes situações, escolhendo as acções favoráveis ao êxito pessoal e do companheiro, aceitando as indicações que lhe dirigem, bem como as opções e falhas dos seus colegas, e dando sugestões que favoreçam a sua melhoria.
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço Final	

Aula 2TCB / 2TAI – Professor Responsável: Nuno Sampaio

Esta turma de educação física é composta por duas turmas de Cursos Profissionais, o 2TCB de Técnico Comercial e o 2TAI de Técnico de Apoio à Infância.

Mesmo após a junção das duas turmas estas continuaram reduzidas, porque muitos alunos não fazem aula ou são pouco assíduos deixando alguns módulos para trás, visto que nestes cursos a legislação afirma que a educação física terá de ser lecionada por blocos. Desta forma, o bloco ou conjunto de aulas que fui lecionar foi o da condição física.

A aula observada deu-se no espaço Pv2, onde professor realizou um pequeno circuito de condição física que contemplava exercícios de desenvolvimento de força superior, média e inferior. A minha observação deu-se para conhecer as duas turmas e verificar as dificuldades em motivar os alunos para a leção da disciplina por blocos.

As matérias lecionadas na primeira aula foram: Ginástica Acrobática, Salto em Altura de Atletismo, Ténis de Mesa e área de aptidão física.

Avaliação: os *feedbacks* fornecidos foram poucos tendo sido especialmente para motivar um grupo de alunos, mais velhos, que não gosta ou da disciplina ou do bloco a ser lecionado. Nestas aulas, tal como o professor me indicou, tentei realizar pequenos circuitos e percursos de trabalho de resistência, força e coordenação e após o seu término efetuar JDC para captar a atenção e motivação dos alunos durante as aulas.

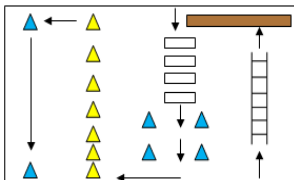
Gestão: foram utilizadas duas formas de organização, o circuito e o percurso para o trabalho da condição física permitindo que os alunos estivessem o maior tempo possível focados na tarefa. Por constituírem as duas formas de organização mais utilizadas na turma os alunos possuíam boas rotinas de organização.

Instrução: não senti grandes dificuldades em realizar a instrução nestas turmas uma vez que os alunos eram poucos e tentavam empenhar-se nas tarefas apesar das dificuldades. Desta forma a minha instrução inicial foi realizada nas melhores condições e os *feedbacks* foram na maior parte de incentivo.

Clima: a aula decorreu com um clima positivo e cooperante, uma vez que no seu currículo também possuem estágio, onde os alunos estiveram durante bastante tempo em atividade.

De seguida irei apresentar os dois planos de aula das aulas lecionadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 25/Nov	Turma: 2TCB/ 2TAI	Duração: 45'	Materiais: Ledders, cones, pinos, banco sueco	
Nº de alunos: 15	Prof: Nuno Sampaio			
	Espaço: Pv2			
Matérias: - Circuito Resistência		Objetivos de aula: - Módulo de condição Física		

	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	3'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	7'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto; deslocamentos laterais	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
Parte Fundamental	20'	<u>Percurso: Desenvolvimento das capacidades motoras condicionais e coordenativas</u> O percurso inicia-se com 10 agachamentos com salto seguido de deslocamentos nas ledgers. De seguida os alunos realizam 10 tríceps no banco sueco e seguem para saltos a pé juntos por cima de cones continuando em skipping baixo e skipping alto no segundo cone. Realizam 20 abdominais e seguem para a velocidade onde aumentam a passada ao longo dos cones. Por último efetuam 10 extensões de braços e terminam em corrida de costas. <u>Início:</u> 3alunos agachamentos; 4 alunos tríceps; 3 alunos abdominais; 4 alunos extensões de braços 	Desenvolvimento das capacidades motoras condicionais e coordenativas Desenvolvimento da resistência, força, velocidade e destreza geral
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço da aula	

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 29/Nov	Turma: 2TCB/ 2TAI	Duração: 90'	Materiais: Ledders, cones, arco, bolas de Voleibol (3), bolas de Basquetebol (3), bolas de Futebol (3), coletes	
Nº de alunos: 15	Prof: Nuno Sampaio			
	Espaço: CC			
Matérias: - Circuito Resistência		Objetivos de aula: - Módulo de condição Física		

Parte Inicial	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
	3'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
Parte Fundamental	7'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto; deslocamentos laterais	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
	20'	Exercícios de Coordenação a Pares: Mãos dadas – abre e fecha as pernas em simultâneo; Mãos dadas – abre e fecha as pernas alternadamente; Mãos dadas – realiza a sequência: abre, fecha as pernas e chuta uma perna; Costas com costas – os alunos baixam em simultâneo; Pega de braços, pés juntos e tronco inclinada para trás – baixa e sobe em simultâneo Pega de braços, pés juntos e tronco inclinada para trás – baixa e sobe de forma alternada (pêndulo)	Desenvolvimento das capacidades coordenativas Espírito de cooperação e ajuda na superação de alguns exercícios
	25'	<u>Percurso: Desenvolvimento das capacidades motoras condicionais e coordenativas</u> Voleibol: após deslocamentos nas ledders os alunos terão de realizar passe em andamento à vinda executam passes com deslocamentos laterais; Basquetebol: em cada pino os alunos têm de realizar slalom pelos pinos trocando a mão que executa o drible, à vinda têm de passar a bola por baixo das pernas, alternando os apoios Futebol: os alunos têm de realizar um percurso de condução de bola	Desenvolvimento das capacidades motoras condicionais e coordenativas Desenvolvimento da resistência, força, velocidade e destreza geral
	15'	Futebol Situação de jogo	Em jogo os alunos realizam: receção e controlo de bola, remate, condução de bola, drible, finta, passe, desmarcação e marcação
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço da aula	

Aula 10º CT3 – Professor Responsável: José Machado

Esta turma é composta por vinte e um alunos de diversas nacionalidades.

A aula observada deu-se no espaço do ginásio, onde professor deu preferência às matérias de Dança e Ginástica de Aparelhos. Desta forma a minha observação deu-se para conhecer a turma uma vez que não consegui observar o nível dos alunos nas matérias de jogos desportivos coletivos.

As matérias lecionadas foram: Badminton, Basquetebol e Andebol.

Avaliação: a turma caracteriza-se por ter um grupo homogéneo existindo um ou outro destaque, o que facilitou a formação de grupos e a minha intervenção em aula.

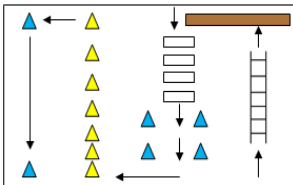
Gestão: a forma de organização utilizada foi o circuito permitindo todos os alunos passassem pelas mais diversas estações possibilitando ao professor realizar as suas avaliações. Os alunos possuíam rotinas bem incutidas o que ajudou nos tempos de transição aumentando assim o tempo útil de aula. Ainda na gestão de aula, o professor titular de turma debateu comigo após o fim da primeira aula sobre o meu posicionamento e de que forma o poderia melhor utilizando alguns locais estratégicos como as diagonais localizadas junto dos alunos mais fracos ou dos mais conflituosos.

Instrução: a única dificuldade sentida durante a instrução foi no exercício de condição física executado na parte inicial da aula em que os alunos não perceberam muito bem o encadeamento do percurso. Desta forma, o professor referiu que durante a explicação devo utilizar a forma verbal e demonstrativa em simultâneo ou explicar e seguidamente pedir a um aluno que exemplifique percebendo assim se entenderam ou não a explicação.

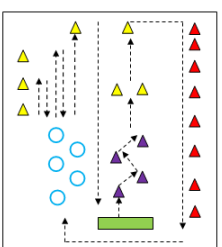
Clima: a aula decorreu com um clima positivo e cooperativo onde os alunos estiveram durante bastante tempo em atividade.

De seguida irei apresentar os dois planos de aula das aulas lecionadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 26/Nov	Turma: 10º CT3	Duração: 90'	Materiais: bancos suecos, pinos, ledders, cones, colchões, bola Basquetebol (1), raquetes Badmintob (8), volantes (4), bola de Andebol (1)	 
Nº de alunos: 14	Prof: José Machado			
	Espaço: PV2			
Matérias: - Basquetebol, Badminton, Voleibol		Objetivos de aula: - Marcação e ocupação racional do espaço livre; - Competição nos jogos de Badminton - Compensação ofensiva e remate em salto no Andebol		

Parte Inicial		Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
		3'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
		10'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto.	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
Parte Fundamental	15'		<u>Circuito</u> O percurso inicia-se com 10 agachamentos com salto seguido de deslocamentos nas ledders. De seguida os alunos realizam 10 tríceps no banco sueco e seguem para saltos a pé juntos por cima de cones continuando em skipping baixo e skipping alto no segundo cone. Realizam 20 abdominais e seguem para a velocidade onde aumentam a passada ao longo dos cones. Por último efetuam 10 extensões de braços e terminam em corrida de costas. <u>Início:</u> 3alunos agachamentos; 4 alunos tríceps; 3 alunos abdominais; 4 alunos extensões de braços 	Ativação do sistema cardiorrespiratório do sistema cardiorrespiratório
	45'	15'	Estação Basquetebol Jogo Reduzido: 3x3+1 sem drible Jogo Reduzido: 3x3+1 com drible	Marcação Individual; Ocupação do espaço livre; Drible de Proteção
		15'	Estação Badminton Jogo: 1x1 e 2x1 realizando as ações de serviço (curto e comprido), clear, lob, amorti e drive	Em situação de jogo de singulares, o aluno desloca-se e posiciona-se corretamente, para devolver o volante (evitando que este caia no chão), utilizando diferentes tipos de batimentos: Serviço, curto e comprido; Clear;Lob;Amortie;Drive
		15'	Estação Andebol Jogo reduzido: 4x3	Defesa Individual Finalização em remate em salto Garante compensação ofensiva
Parte Final	5'		Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'		Balanço da aula	

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 29/Nov	Turma: 10º CT3	Duração: 90'	Materiais: bancos suecos, pinos, ledders, cones, colchões, bola Basquetebol (1), raquetes Badmintob (8), volantes (4), bola de Andebol (1)	 
Nº de alunos: 14	Prof: José Machado			
	Espaço: Pv2			
Matérias: - Basquetebol, Badminton, Voleibol		Objetivos de aula: - Marcação e ocupação racional do espaço livre; - Competição nos jogos de Badminton - Compensação ofensiva e remate em salto no Andebol		

	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	3'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	10'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto.	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
	15'	<u>Percurso</u> Os alunos estão divididos por diferentes locais de forma a que não se aglomerem num ponto. Os alunos iniciam com 5 burpees seguindo para deslocamento com um apoio, alternado, em cada arco. De seguida deslocam-se até ao primeiro cone e volta atrás, depois até ao segundo e voltam ao início e, por fim até ao último pino para de seguida realizarem corrida de costas até ao colchão onde irão realizar 10 abdominais. Após este ponto, realizam deslocamento em posição baixa e têm de tocar em cada cone (cones roxos), nos cones amarelos executam skipping baixo e skipping alto. Os cones vermelhos simbolizam Corrida de Velocidade onde terão de colocar cada apoio entre os cones aumentando progressivamente a passada 	
Parte Fundamental	45'	Estação Basquetebol 15' Jogo Reduzido: 3x3+1 sem drible Jogo Reduzido: 3x3+1 com drible	Marcação Individual; Ocupação do espaço livre; Drible de Proteção
		Estação Badminton 15' Jogo: 1x1 e 2x1 realizando as ações de serviço (curto e comprido), clear, lob, amorti e drive	Em situação de jogo de singulares, o aluno desloca-se e posiciona-se corretamente, para devolver o volante (evitando que este caia no chão), utilizando diferentes tipos de batimentos: Serviço, curto e comprido; Clear; Lob; Amortie; Drive
		Estação Andebol 15' Jogo reduzido: 4x3	Defesa Individual Finalização em remate em salto Garante compensação ofensiva
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço da aula	

12º CTI – Professora Responsável: Isaura Antunes

Esta turma é composta por vinte e nove alunos, com uma aluna a realizar trabalho condicionado e específico devido a estar à espera de uma operação no joelho.

A aula observada deu-se no espaço do ginásio, onde a professora deu preferência às matérias de Dança e Ginástica de Aparelhos. Desta forma a minha observação prendeu-se com o conhecer a turma uma vez que não consegui observar o nível dos alunos nas matérias de JDC.

As matérias lecionadas na primeira aula foram: Basquetebol, Badminton e Voleibol devido às escolhas da turma de ensino secundário.

Avaliação: a integração na turma foi bastante facilitada porque os alunos estavam muito habituados a receber estagiários ao longo dos vários anos e por se tratarem de alunos de 12ºano que já apresentavam formas de organização e rotinas de aulas, respeitando sempre o professor durante os períodos de instrução mantendo-se em silêncio, o que não acontece numa turma de 7ºano.

Gestão: a forma de organização utilizada foi o circuito de forma a permitir que todos os alunos passassem pelas mais diversas estações permitindo à professora realizar as suas avaliações. Os alunos possuíam rotinas bem incutidas o que ajudou nos tempos de transição aumentando assim o tempo útil de aula.

Instrução: não senti grandes dificuldades em realizar a instrução nesta turma uma vez que os alunos já tinham experiência de anos anteriores em receber estagiários nas suas aulas.

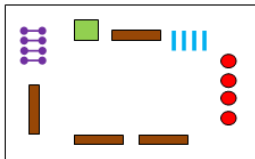
Clima: a aula decorreu com um clima positivo e cooperativo onde os alunos estiveram durante bastante tempo em atividade.

De seguida irei apresentar os dois planos de aula das aulas lecionadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 26/Nov	Turma: 12ºCT1	Duração: 90'	Materiais: Bola de Basquetebol (1), bolas de Voleibol (3), raquetes de Badminton (10), volantes (5)	
Nº de alunos: 26	Prof: Isaura Antunes			
	Espaço: Pv2	Objetivos de aula: Basquetebol: ocupação do espaço livre e drible de proteção Badminton: competição 1x1 Voleibol: realizam dos gestos técnicos de forma a dar continuidade ao jogo e finalização eficaz		
Matérias: - Basquetebol - Badminton - Voleibol	Grupos: - A: 8 alunos - B: 10 alunos - C: 8 alunos			

	Tempo		Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	3'		Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	10'		Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto.	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
Parte Fundamental	60'	20'	Estação Basquetebol Jogos Reduzidos: 4x4 e 4x4+1 sem drible e com drible	Marcação Individual; Ocupação do espaço livre; Drible de Proteção
		20'	Estação Badminton Torneio Rainha com jogos 1x1 realizando as ações de serviço (curto e comprido), clear, lob, amorti e drive	Em situação de jogo de singulares, o aluno desloca-se e posiciona-se corretamente, para devolver o volante (evitando que este caia no chão), utilizando diferentes tipos de batimentos: Serviço, curto e comprido; Clear; Lob; Amortie; Drive
		20'	Estação Voleibol Jogos 1x1, 2x2 e 4x4	Em situação de jogo os alunos servem por baixo, recebem/defendem de forma a dar continuidade ao jogo, deslocam-se para passar e finalizam de forma eficaz
Parte Final	5'		Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'		Balanço da aula	

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 28/Nov	Turma: 12ºCT1		Materiais: cordas, bancos suecos, elásticos, colchões, bolas medicinais, bola de Basquetebol (1), bolas de Voleibol (4), raquetes de Badminton (10), volantes (5)	
Nº de alunos: 26	Prof: Isaura Antunes	Duração: 90'		
	Espaço: Pv2	Objetivos de aula: Basquetebol: ocupação do espaço livre e drible de proteção Badminton: competição 1x1 Voleibol: realizam os gestos técnicos de forma a dar continuidade ao jogo e finalização é eficaz		
Matérias: - Basquetebol - Badminton - Voleibol	Grupos: - A: 8 alunos - B: 10 alunos - C: 8 alunos			

	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	3'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	10'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto.	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
	15'	<u>Circuito</u> Os alunos estão divididos pelas várias estações e realizam cada estação entre 35 a 45'': A: Multisaltos (banco sueco); B: Trícepe (banco sueco); C: Abdominais com pernas sobre o banco sueco e costas direitas; D: Agachamento com bola medicinal; E: Elásticos: trabalho de biceps; F: Flexão de braços no banco sueco; G: prancha invertida no colchão; H: Saltos à corda 	
Parte Fundamental	20'	Estação Basquetebol Jogos Reduzidos: 4x4 e 4x4+1 sem drible e com drible	Marcação Individual; Ocupação do espaço livre; Drible de Proteção
	20'	Estação Badminton Torneio Rainha com jogos 1x1 realizando as ações de serviço (curto e comprido), clear, lob, amorti e drive	Em situação de jogo de singulares, o aluno desloca-se e posiciona-se corretamente, para devolver o volante (evitando que este caia no chão), utilizando diferentes tipos de batimentos: Serviço, curto e comprido; Clear; Lob; Amortie; Drive
	20'	Estação Voleibol Jogos 1x1, 2x2 e 4x4	Em situação de jogo os alunos servem por baixo, recebem/defendem de forma a dar continuidade ao jogo, deslocam-se para passar e finalizam de forma eficaz
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço da aula	

Aula 8º 1 – Professor Responsável: João Calca

Esta turma é composta por vinte e quatro alunos.

A aula observada deu-se no espaço Pv2, onde professor deu preferência aos JDC que foram alvo de progressão para a aula efetuada no espaço exterior, CC.

As matérias lecionadas foram: área de aptidão física, beisebol, Atletismo, Basquetebol e Futebol.

Avaliação: os alunos cooperaram no decorrer das duas aulas mostrando-se já bastante autónomos nas tarefas, nomeadamente na realização do aquecimento; possuíam bons domínios das matérias lecionadas; demonstraram elevados níveis de cooperação com os colegas com mais dificuldades.

Gestão: a forma de organização utilizada foi o circuito de forma a permitir que todos os alunos passassem pelas mais diversas estações permitindo ao professor realizar as suas avaliações. Os alunos possuíam rotinas bem incutidas o que ajudou nos tempos de transição aumentando assim o tempo útil de aula.

Instrução: tentei sempre referir os objetivos de aula e de cada uma das estações para que os alunos se empenhassem na concretização dos mesmos, acho que este foi um dos meus objetivos de formação pessoal que consegui melhorar. Apenas a matéria de beisebol constituiu alguma dificuldade na sua explicação mas o professor ajudou-me.

Clima: a aula decorreu com um clima positivo e cooperativo onde os alunos estiveram durante bastante tempo em atividade.

De seguida irei apresentar os dois planos de aula das aulas lecionadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 26/Nov	Turma: 8º1ª	Duração: 90'	Materiais: “folhas milha”, lápis, taco beisebol, bola beisebol	
Nº de alunos: 24	Prof: João Calca			
	Espaço: CC	Objetivos de aula: - Realização do teste da milha para avaliação da Aptidão Física - Beisebol: corrida retilínea em velocidade na direção das bases; procura apanhar a bola em situação de defesa		
Matérias: - Aptidão Física - Beisebol				

	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	3'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	10'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto.	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
Parte Fundamental	30'	Teste Milha Os alunos após o sinal partem à medida que cruzam a linha de chegada são informados do tempo parcial de corrida. Enquanto um dos grupos executa o teste, os respetivos colegas contam as voltas e tomam nota do tempo de corrida.	Correr uma milha (1609m) o mais rápido possível. Se o aluno não for capaz de percorrer a totalidade da distância a correr, pode fazê-lo a andar.
	30'	Beisebol Duas equipas de 12 alunos. Uma das equipas defende e um dos alunos é lançador enquanto que a outra equipa, atacante, cada batedor tenta percorrer o maior número de bases	- Larga o taco de forma controlada, após batimento válido, arrancando à velocidade máxima, em corrida retilínea na direção da 1. ^a base, pisando-a com um dos apoios - Na situação de defesa, desloca-se no sentido duma bola batida para a sua área de responsabilidade, procurando apanhá-la em equilíbrio
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço da aula	

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 28/Nov	Turma: 8º1ª	Duração: 45'	Materiais: cones, testemunhos, bola de Basquetebol, bola de Futebol e coletes	
Nº de alunos: 24	Prof: João Calca			
	Espaço: CC	Objetivos de aula: - Execução da passagem de testemunho após sinal sonoro - Desmarcação e Defesa Individual - Controlo de bola, no Futebol		
Matérias: - Atletismo: Corrida de Estafetas - Basquetebol - Futebol				

	Tempo		Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	3'		Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	10'		Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto.	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
Parte Fundamental	21'	7'	Estação Atletismo – Estafetas Os alunos realizam uma volta completa à pista com passagem de testemunho	Efetua uma Corrida de Estafetas de 4x60m, recebendo o testemunho em movimento, na zona de transmissão e entregando-o após sinal sonoro, com segurança e sem acentuada desaceleração
		7'	Estação Basquetebol Situação de Jogo 4x4 sem drible Situação de Jogo 4x4 com drible	- Desmarcação sem bola - Defesa HxH - Lançamento da passada
		7'	Estação Futebol Situação de Jogo Condicionado 4x4: os alunos só podem dar três toques – receção, orientação e passe ou finalização Só podem intercetar o passe dos colegas	- Sem pressão, o aluno recebe e enquadra a bola para rematar, conduzir ou passar; - Em situação, com espaço livre, sabe quando deve passar ou conduzir a bola; - Sem bola desmarca-se para o espaço vazio;
Parte Final	5'		Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'		Balanço da aula	

Aula EC2B - Professor Responsável: Samuel Rosado

Esta turma é composta por vinte e oito alunos de um CEF tipo 2 de Empregado Comercial.

A aula observada deu-se no espaço Pv1, onde professor deu preferência aos JDC. Desta forma a minha observação deu-se para conhecer a turma uma vez que não consegui observar o nível dos alunos nas matérias possíveis de lecionar no ginásio.

Por só ter conseguido lecionar uma das duas aulas previstas as matérias lecionadas foram: aptidão física, Ginástica e Ténis de Mesa.

Avaliação: os *feedbacks* fornecidos principalmente ao nível da Dança foram essencialmente de correção de alguns erros que a maioria dos alunos acabou por tentar executar de forma diferente aumentando a sua performance na matéria. Durante as aulas o professor aproveitou para avaliar os alunos na maioria das situações.

Gestão: a forma de organização utilizada foi o circuito de forma a permitir que todos os alunos passassem pelas mais diversas estações permitindo ao professor realizar as suas avaliações. Os alunos possuíam rotinas bem incutidas o que ajudou nos tempos de transição aumentando assim o tempo útil de aula.

Instrução: não senti grandes dificuldades em realizar a instrução nesta turma uma vez que os alunos já tinham experiência de anos anteriores em receber estagiários nas suas aulas.

Clima: a aula decorreu com um clima positivo e cooperativo onde os alunos estiveram durante bastante tempo em atividade.

De seguida irei apresentar o plano de aula das aulas lecionadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 27/Nov	Turma: EC 2B	Duração: 90'	Materiais: colchões, raquetes, bolas e mesas de Ténis de Mesa, Barra Fixa, cronómetro	
Nº de alunos: 25	Prof: Samuel Rosado			
	Espaço: Gin	Objetivos de aula: - Realização dos testes de aptidão física - Avaliação das matérias de Ginástica Acrobática e Ténis de Mesa		
Matérias: - Aptidão Física - Ginástica Acrobática - Ténis de Mesa				

	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	3'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	15'	Aquecimento: corrida; corrida com rodar de braços; corrida com calcanhares atrás; skipping alto. Exercícios de reação: skippings e corrida; sentado e corrida Jogos Lúdicos a pares: toca nos joelhos; pisa pé	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
Parte Fundamental	30'	<u>Teste da Força Média</u> Dois a dois um executa e o outro conta. Mantendo sempre os calcanhares em contacto com o solo, o aluno deve executar o movimento de flexão do tronco, fazendo deslizar lentamente os seus dedos pela faixa de medida até que a ponta dos dedos alcance a extremidade mais distante. Após ter executado este movimento, o aluno deve regressar à posição inicial e apoiar a cabeça no colchão.	Completar o maior número possível de abdominais, com uma determinada cadência, determinada pelo cd do <i>Fitnessgram</i> .
	12'	<u>Teste Força Superior</u> O aluno agarra a barra com as mãos acima dos ombros e em pronação (palmas das mãos para a frente). Com a ajuda de uma pessoa eleva o corpo até alcançar uma posição em que o queixo esteja acima da barra, os cotovelos fletidos e o peito junto à barra.	Manter a suspensão, com o queixo acima da barra, o máximo de tempo possível
	10'	Ginástica Acrobática Realização de figuras constituintes da avaliação – pares e trios	Realização correta das figuras par avaliação da matéria de Ginástica Acrobática
	20' 10'	Ténis de Mesa Situação de avaliação de jogo 1x1	Coopera com os companheiros, nas diferentes situações, escolhendo as acções favoráveis ao êxito pessoal e do companheiro, aceitando as indicações que lhe dirigem, bem como as opções e falhas dos seus colegas, e dando sugestões que favoreçam a sua melhoria.
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço da aula	

Aula OI3 – Professora Responsável: Jaqueline Cruz

Esta turma é composta por vinte e um alunos pertencentes a CEF tipo 3 de Operador Informático.

A aula observada deu-se no espaço Pv1, onde a professora deu preferência aos JDC. Desta forma a minha observação deu-se para conhecer a turma uma vez que não consegui observar o nível dos alunos nas matérias possíveis de lecionar no ginásio.

As matérias lecionadas foram: os testes aptidão física.

Avaliação: senti alguma dificuldade na interação com a turma por apresentarem vários alunos com problemas de confiança e, por isso, a presença de uma pessoa nova na turma foi algo estranho para eles existindo um aluno que não conseguiu realizar o aquecimento e a parte fundamental da aula indo sentar-se ao pé da professora. Contudo, a realização de um aquecimento de Dança de forma dinâmica captou a atenção de alguns alunos da turma.

Gestão: devido à aula ter sido lecionada para a execução dos testes de avaliação da aptidão física os alunos realizaram as atividades conjuntamente em exercício de grupo.

Instrução: pelas características da turma senti algumas dificuldades na comunicação com os alunos.

Clima: a aula decorreu com um clima positivo

De seguida irei apresentar os dois planos de aula das aulas lecionadas.

ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO				
Data: 29/Nov	Turma: OI 3	Duração: 90'	Materiais: colchões, aparelhagem, fitas, caixa para teste de senta e alcança	
Nº de alunos: 21	Prof: Jaqueline Cruz			
	Espaço: Ginásio	Objetivos de aula: - Realização dos testes de Aptidão Física definidos pelo DEF		
Matérias: - Aptidão Física				

	Tempo	Descrição/Croqui	Critério de Êxito
Parte Inicial	5'	Palestra inicial com os alunos	Explicação dos objetivos da aula
	20'	Aquecimento com música – género aeróbica	Ativação do sistema cardiorrespiratório; Aquecimento articular
Parte Fundamental	30'	<u>Teste da Força Média</u> Dois a dois um executa e o outro conta. Mantendo sempre os calcanhares em contacto com o solo, o aluno deve executar o movimento de flexão do tronco, fazendo deslizar lentamente os seus dedos pela faixa de medida até que a ponta dos dedos alcance a extremidade mais distante. Após ter executado este movimento, o aluno deve regressar à posição inicial e apoiar a cabeça no colchão.	Completar o maior número possível de abdominais, com uma determinada cadência, determinada pelo cd do <i>Fitnessgram</i> .
	10'	<u>Teste de Flexibilidade: Senta e Alcança</u> O aluno deverá estender completamente uma das pernas, ficando a planta do pé em contacto com a extremidade da caixa. O outro joelho fica fletido com a planta do pé assente no chão. Os braços deverão ser estendidos para a frente e colocados por cima da fita métrica, com as mãos uma sobre a outra. Depois de medir um dos lados, o aluno troca a posição das pernas.	Alcançar a distância especificada na Zona Saudável de flexibilidade para os lados direito e esquerdo do corpo.
	5'	<u>Teste de Flexibilidade de Ombros</u> Ombro direito: o aluno deve alcançar o meio das costas com a mão direita por cima do ombro direito. Simultaneamente alcançar os dedos da mão direita. Ombro esquerdo: vice-versa	Tocar as pontas dos dedos de ambas as mãos por trás das costas
Parte Final	5'	Retorno à calma	Diminuir o estado de excitabilidade Diminuir o stress causado nos músculos, proporcionado pela prática de atividade física;
	3'	Balanço da aula	

Apêndice XI - Balanço 1º Período

Na última aula do 1º Período foi realizada uma autoavaliação por parte dos alunos. A mesma, pode ser verificada no quadro apresentado, verificando desta forma que alguns têm consciência do trabalho realizado ao longo do período e, outros que pensam que vir às aulas marcar presença basta para passarem.

A autoavaliação é um instrumento bastante importante no processo dos alunos, levando-os a refletir sobre as suas atitudes, comportamentos, desempenho e evolução das suas aprendizagens. Desta forma, a autoavaliação considera o papel do aluno de forma central uma vez que este deverá refletir sobre as suas ações. (Santos, L., 2002).

Apesar de existir uma aproximação da autoavaliação dos alunos à nota final do período, espero conseguir aumentar esses indicadores pois demonstrará que eles sabem e percebem para onde têm de trabalhar de forma a alcançarem o seu resultado final esperado.

Nº	Auto Avaliação	Nota Final	Nº	Auto Avaliação	Nota Final
2	2	2	16	4	4
3	3	3	17	4	4
4	5	4	18	4	4
5	4	4	19	3	2
6	3	3	20	4	4
7	3	3	21	3	2
8	5	3	22	4	3
10	3	2	23	4	4
11	3	3	25	3	3
12	3	3	26	2	2
14	3	3	27	4	4
15		2	28	3	3

Como enunciei a maioria dos alunos tem perceção do trabalho realizado durante o 1º Período mas, existem alunos com pouca noção das aptidões físicas e capacidades que apresentam nas diversas matérias bem como o esforço que fizeram para superá-las. É possível visualizar isto principalmente pelos alunos a que foram atribuídos nota negativa no final deste período.

Das quarenta e uma aulas previstas no início do ano letivo foram lecionadas trinta e nove, devido à realização do Corta Mato e Mega Sprinter, no dia dezoito de novembro, ocupando os dois tempos letivos lecionados às segundas-feiras.

Os quadros abaixo apresentam os resultados obtidos pelos alunos nas quatro áreas avaliadas, conhecimentos (20%), matérias (40%), aptidão física (20%) e participação (20%), justificando desta forma as notas finais obtidas pelos alunos.

Quadro Resumo:

Avaliação Matérias 1º Período																		
	Matérias							Aptidão Física					Conhecimentos		Matérias	Ap Física	Participação	Total
	Volei	Basq	Fut	Gin Solo	Gin Ap Trave	Bad	Dança	Resistência	Força Média	Força Superior	Flexibilidade	Flexibilidade Ombros	%	Nível 20%	Nível 40%	Nível 20%	Nível 20%	
2	I	I	I	I	I	I	NI	0	0	0	1	1	57.8	3	2	2	2	2
3	NI	NI	NI	I	I	I	I	1	1	0	1	1	44.5	2	3	4	3	3
4	I	I	I	I	I+	I	NI	1	1	1	1	1	64.6	3	3	5	3	3
5	NI	I	I	I	I+	I	I	1	1	1	0	1	52.9	3	4	4	3	4
6	NI	NI	I	I	I	I	I	1	1	1	1	1	13	1	3	5	3	3
7	NI	NI	I	I	I	I	I	1	1	0	0	1	37.8	2	3	3	3	3
8	I	I	NI	I	I+	I	NI	1	1	1	1	1	41.8	2	3	4	3	3
10	NI	NI	NI	NI	I	I	I	0	1	0	1	1	35.5	2	1	3	3	2
11	NI	I	NI	NI	I	I	I	1	1	0	0	1	37.4	2	3	3	3	3
12	NI	I	I	I	I	I	NI	1	1	1	1	1	40.5	2	3	5	3	3
14	NI	I	NI	NI	I	I	I	0	1	0	0	1	42.8	2	3	2	3	3
15	NI	NI	NI	NI	I	I	I	0	0	0	0	1	32.5	2	1	1	2	1
16	I	I	I	E	I	I	I	1	1	1	1	1	62.7	3	4	5	3	4
17	I	I	I	I	I	I	I	1	1	0	1	1	81.1	4	4	4	4	4
18	I	I	I	I	I+	I	I	1	1	1	1	1	36	2	4	5	3	4
19	NI	NI	NI	NI	I	NI	I	0	1	0	0	1	46.8	2	1	2	3	2
20	NI	I	I	NI	I	I	I	0	1	0	1	1	68	3	3	3	4	3
21	NI	NI	NI	NI	I	I	NI	0	0	0	1	1	67.9	3	1	2	3	2
22	I	I	I	I	I	I	I	0	1	0	1	1	39.5	2	4	3	3	3
23	NI	I	I	I	I	I	I	1	1	1	0	1	54.7	3	4	4	4	4
25	NI	I	I	I	I	I	I	1	0	0	1	1	28.1	2	3	4	2	3
26	NI	NI	I	NI	I	I	I	0	0	0	1	1	62.3	3	2	2	3	2
27	NI	I	I	I	I	I	I	1	1	0	1	1	71.8	4	3	4	4	4
28	NI	NI	NI	NI	I	NI	I	1	1	0	1	1	22.9	2	2	4	3	3

Irei agora apresentar o balanço dos objetivos definidos para esta fase avaliando o sucesso do trabalho efetuado ao longo do 1º Período.

OBJETIVOS PARA A TURMA			
Objetivo	Crítérios de Êxito	Calendarização	Alcance dos objetivos
Melhorar a Aptidão Física da turma	1) <u>Flexibilidade</u> - Teste Senta e Alcança: melhoria dos resultados obtidos; Aluna nº5 na ZSAF 2) <u>Força Média</u> : todos os alunos na ZSAF 3) <u>Resistência</u> - Teste da Milha: melhoria dos resultados dos alunos nº7, nº10, nº19, nº20, nº21 e nº26; 4) <u>Força Superior</u> : melhoria dos resultados da turma 5) As alunas nº19 e nº26 alcançarem pelo menos dois testes positivos	1) Final do 3ºP 2) Final do 3ºP 3) Melhoria significativa no final do 2ºP 4) Final do 3ºP 5) Final do 3ºP	1) Melhoria da Av. Inicial para a Av. Final do 1ºP
Melhorar o nível dos JDC na turma	1) Todos os rapazes consigam cumprir o nível I dos JDC 2) Todas as raparigas consigam atingir o nível I dos JDC com exceção da nº10, nº19 e nº26, que o deverão fazer em pelo menos 2 JDC. 3) Melhoraria da desmarcação e ocupação do espaço livre de forma racional	1) Final do 2ºP 2) Final do 3ºP 3) Final do 1ºP	No geral, a turma melhorou na desmarcação e ocupação do espaço livre de forma racional mas, ainda existem algumas dificuldades, principalmente nos grupos B e C.
Melhorar o nível da Ginástica de Solo na turma	1) Todos os alunos consigam obter pelo menos nível I à exceção dos alunos: nº19 e nº20 que apresentam muitas dificuldades. 2) As alunas nº10, nº11, nº15, nº21 e nº26: aprendizagem da cambalhota à retaguarda. 3) Os alunos nº19 e nº20 conseguirem fazer pelo menos a cambalhota à frente	Até ao final do 3ºPeríodo	2) Realizam cambalhota sozinhas em plano inclinado e com ajuda no colchão; 3) Dificuldade de cambalhota à frente no plano inclinado, com ajuda

OBJETIVOS DE FORMAÇÃO			
Objetivo	CrITÉrios de Êxito	Calendarização	Alcance dos objetivos
Aumentar o tempo útil de aula	- Criação de rotinas bem definidas na turma para diminuir os tempos de transição - Delegar tarefas aos alunos mais irrequietos	Até ao final do ano	Alcançado em parte
Promover situações de aprendizagem que vão de encontro às necessidades dos alunos	- Utilização de situações de ensino diferenciado, adequando os objetivos da tarefa aos níveis dos alunos; - Através das aulas e do PTI;	Até ao final do 3º Período	Alcançado em parte. Melhoria da capacidade de alteração dos objetivos no decorrer das aulas
Melhorar o empenho/motivação das raparigas nas aulas de EF	- Criação de situações que levem ao sentimento de competência, através da realização correta das tarefas;	Até ao final do 3º Período	Alcançado em parte
Alunos conhecerem os objetivos a atingir até ao final do ano	- Utilização de fichas de auto-avaliação;	Até ao final do 3º Período	Em desenvolvimento Reforço dos objetivos em aula

Relativamente ao primeiro objetivo, “melhorar a Aptidão Física da turma”, existiram melhorias significativas, principalmente nos testes de flexibilidade – Senta e Alcança – e na força média. Contudo, este é um objetivo a cumprir a longo prazo de forma a que os alunos cumpram os critérios definidos no início do ano. Para o aumento desta capacidade tenho realizado estações de condição física bem como circuitos executados na parte inicial da aula. O espaço de aula ginásio é um excelente local para aumentar os níveis de força de braços uma vez que tenho utilizado bastantes vezes os Aparelhos barra fixe e argolas e o espaldar introduzindo um percurso de “iniciação à escalada”.

O segundo objetivo definido, “melhorar o nível dos JDC na turma”, tem sido trabalhado em todas as aulas de espaço pavilhão, porque devido ao mau tempo verificado neste período as duas únicas aulas que consegui lecionar no espaço exterior foi para realizar o teste da “Milha”

Assim, devido à realização de jogos reduzidos e jogos reduzidos condicionados noto algumas melhorias nos alunos apesar dos alunos definidos para os grupos A e B ainda se encontrarem longe de conseguir atingir este objetivo devido à falta de conhecimentos adquiridos anteriormente e perceção do jogo. Este será um dos aspetos a continuar a trabalhar ao longo do ano através dos vários JDC e de jogos de aquecimento para parte inicial da aula.

No terceiro objetivo, “melhorar o nível da Ginástica de Solo na turma”, ainda existem seis alunos que não conseguiram atingir o nível introdução. Contudo, apresentaram diversas progressões das quais estou bastante satisfeita. À exceção dos alunos nº19 e nº20 todos os outros fazem cambalhota a trás no plano inclinado, apesar de a nº10 e a nº21 apenas o fazerem com ajuda, e a nº11 já consegue fazer no colchão ainda com algumas dificuldades. Relativamente às cambalhotas à frente apenas os alunos nº19 e nº20 não as conseguiam executar tendo acabado o período com o nº20 a fazer sozinho em plano inclinado e a nº19, após inúmeras tentativas com planos inclinados e bolas suíças, consegui que fizesse com a minha ajuda tendo estado nessas aulas mais atenta a esta situação descuidando-me um pouco dos restantes alunos apesar de tentar sempre marcar a minha presença em aula.

Sobre os objetivos de formação, o primeiro a ser definido foi “aumentar o tempo útil de aula” através da criação de rotinas de organização diminuindo os tempos de transição e a delegação de tarefas aos alunos mais irrequietos. Estas duas estratégias correram muito bem mas, no entanto, ainda não consegui diminuir o tempo elevado que os alunos utilizam para a arrumação do material, tentarei, no próximo período, que os alunos arrumem o material por grupos definindo tempos específicos para cada uma das estações.

Para o objetivo “promover situações de aprendizagem que vão de encontro às necessidades dos alunos” tenho tentado através do planeamento diferenciar o trabalho de cada grupo de forma a diferenciar o ensino potencializando a aprendizagem dos alunos e, caso note que os objetivos definidos para o grupo não se adequem, durante a aula tento alterá-los ou mudar mesmo a situação de aprendizagem tentando desta forma promover o ensino e motivar os alunos procurando pequenos desafios que consigam melhorar ou atingir ao longo das aulas e das unidades didáticas.

Por último, sobre os “alunos conhecerem os objetivos a atingir até ao final do ano”, tem sido algo de grande esforço meu apesar da instrução inicial ser algo que tenho de melhor, nas áreas do AGIC, tento sempre reforçar quais os objetivos e para onde os alunos devem trabalhar. Desta forma, também nas aulas de avaliação efetiva passo sempre aos alunos o que tenho de ver no jogo e o que eles terão de demonstrar para obterem a nota definida, consoante as suas capacidades.

Apêndice XII – Planeamento 3ª Etapa: Progresso

Dados Gerais	Etapa/Duração		3ª Etapa Progresso / 13 de Janeiro a 30 de Abril de 2014																											
	Turma/Professor		7º 3ª / Professora Estagiária Inês Fernandes																											
	Nº de alunos		24 Alunos: 15 rapazes e 9 raparigas																											
	Dias	Janeiro						Fevereiro						Março						Abril										
13		15	20	22	27	29	3	5	10	12	17	19	24	26	3	5	10	12	17	19	24	26	31	2	23	28	30			
Rec Temporais	45min		X		X		X		X		X		X		X		X		X		X		X		X	X		X		
	90min	X		X		X		X		X		X		X		X		X		X		X		X		X		X		
Rec Espaciais	GIN			X	X						X	X							X	X							X			
	PV2					X	X						X	X							X	X								
	CC							X	X							X	X							X	X					
	PV1	X	X							X	X							X	X							X	X			
Domínios	Atividades Físicas		1ªUD - JDC: Andebol e Voleibol / Ginástica: Solo e Aparelhos / Badminton / Dança / Atletismo: Estafetas e Velocidade ; 2ªUD - JDC: Andebol, Voleibol e Futebol / Ginásticas: Solo, Aparelhos e Acrobática / Badminton / Dança / Atletismo: Estafetas / Orientação; 3ª UD - JDC: Basquetebol e Futebol / Ginásticas: Solo, Acrobática / Atletismo: Barreiras e Salto em Altura / Dança / Orientação																											
	Aptidão Física		Resistência, Flexibilidade, Força Média e Força Superior																											
	Conhecimentos		Processos de Controlo do Esforço; Fenómenos associados a limitações de prática de AF e saúde; A ocupação dos tempos livres e de lazer																											
Construção de aulas	Formas de Organização		Vagas, Circuito, Exercício Individual, Áreas, Exercício a Pares, Exercício em Grupo																											
	Sit. de Aprendizagem		Jogo reduzido; exercício individual; exercício a pares; exercício a trios; sequências de habilidades e coreografias																											
Objetivos	3ª Etapa		Desenvolvimento e consolidação das ações das matérias prioritárias, visando os objetivos finais propostos; avaliação sumativa																											
	Professor		AGIC e Melhoria dos <i>feedbacks</i>																											
	Alunos	Gerais	Autonomia dos alunos e cooperação entre eles																											
		Act Física	1ªUD: Andebol: Introdução - 3, 4.1. e 4.2 / Voleibol: Introdução: 3 e 4; Parte Elementar: 4 e 6 / Ginástica Solo: trabalho dos elementos/sequências definidas pelo DEF / Ginástica Aparelhos: Elementar: 4 / Badminton: Introdução - 2, 3.1, 3.2, 3.4 e 4 / Danças Sociais: Introdução - 4.4 / Estafetas: Parte Elementar - 3 / Velocidade: Parte Elementar – 2; 2ªUD: Andebol: Introdução - 4.1.1, 4.1.2, 4.2 e 5: Elementar: 4.1 e 4.3 / Voleibol: Introdução - 3, 4.1, 4.2 e 5; Elementar - 4 e 5; Parte Elementar - 4 / Futebol: Introdução - 7.1, 7.2 e 7.3; Elementar - 4.1, 4.2, 4.4 e 5 / Ginástica Solo: trabalho dos elementos/sequências definidas pelo DEF / Ginástica Aparelhos: Introdução - 5.3, 5.4 e 5.5; Elementar - 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4 / GinásticaAcrobática: Parte Introdução - 4.1, 4.3 e 4.4 / Badminton: Introdução: 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4; Elementar: 3 / Danças Sociais: Introdução - 4.4 / Estafetas: Parte Elementar - 3 / Orientação: Introdução – 2; 3ªUD: Basquetebol: Introdução - 4.1.1, 4.1.2, 4.2, 4.3 e 4.4; Elementar - 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4 / Futebol: Introdução - 7.1, 7.2 e 7.3; Elementar: 4.1, 4.2, 4.3, 4.4 e 5 / Ginásticas Solo: trabalho dos elementos/sequências definidas pelo DEF / GinásticaAcrobática: Introdução - 4.1, 4.3, 4.4, 5.1 e 5.2 / Barreiras: Elementar - 4 / Salto em Altura: Parte Introdução - 4; Elementar: 6 / Danças Tradicionais: Introdução - 3.1 / Orientação: Introdução - 2, 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4																											
Ap. Física		Melhoria dos resultados obtidos nos diferentes testes de aptidão física - Força Superior, Flexibilidade e Resistência																												
Avaliação	Tipo		Avaliação Formativa e Sumativa																											

Apêndice XIII - Balanço da 3ª Etapa: Progresso

A 3ª Etapa constituiu três unidades didáticas. A primeira UD corresponde a oito aulas onde foram abordadas as matérias de Voleibol, Andebol, Ginástica, Badminton, Dança e aptidão física; a segunda UD corresponde a 12 aulas com as matérias de Futebol, Voleibol, Andebol, Ginástica, Badminton e aptidão física; e a terceira UD foi constituída por sete aulas abordando o Basquetebol, o Futebol, a Ginástica e a Orientação. O planeamento teve de ser alterado pelas dificuldades evidenciadas nos alunos pondo em causa a lecionação do Atletismo este ano. Contudo esta não foi definida como matéria prioritária e, como é uma matéria bastante abordada na EB 2,3 Carlos Paredes, escola anterior de vinte e um dos vinte e quatro alunos da turma optei por fazer uma pequena passagem por ela no 3º Período.

Avaliação

Os aspetos a focar nesta área foram a constante aferição de critérios com o meu colega de estágio de forma a percebermos se estávamos efetivamente a fazer uma avaliação correta dos alunos. E o controlo da turma à distância mantendo a autoridade como professora evidenciada na aula de forma a atenuar os comportamentos de desvios demonstrados pela turma.

Assim, no decorrer deste período foi mais fácil avaliar os alunos nas diferentes matérias, alterando ou reajustando as atividades sempre que necessário para que constituíssem desafios para os alunos mais fortes e para os restantes pequenos desafios a superar de forma ao alcance do sucesso.

Gestão

A dimensão gestão constitui um elemento fundamental para que o professor possa ganhar tempos de aula, sobretudo no tempo disponível para a prática. Desde cedo que trabalhei este aspeto com os alunos conseguindo diminuir os tempos de transição. Apenas o tempo gasto na arrumação do material ainda não foi colmato já tendo utilizado estratégias diferentes para tentar ultrapassar este problema mas que ainda não consegui.

Também a assiduidade dos alunos é um aspeto que tentei melhorar através da folha de atrasos em que os alunos teriam de colocar as horas a que chegavam para terem noção do tempo que perdiam de aula. Sendo a maioria dos alunos pertencentes ao grupo definido como

A expliquei-lhes que se gostavam de obter nível cinco à disciplina e que tinham capacidades para tal a folha deveria estar praticamente em branco. Nos primeiros tempos este sistema resultou tal como a realização de jogos pré-desportivos no início das aulas mas passado três semanas o problema da assiduidade voltou a ser retomado pelos alunos da turma, que demoram quinze minutos a trocar de roupa no balneário, ao primeiro tempo de aulas.

Instrução

Relativamente à área da instrução, apesar de ainda revelar algumas dificuldades em transmitir de forma clara e precisa aos alunos os objetivos da aula, acho que melhorei, tendo sido uma das minhas maiores preocupações ao longo deste ano de formação.

Durante todos os momentos de instrução tive o cuidado de dispor os alunos em semicírculo para que todos constassem no meu campo visual ou de os ter à minha frente, referindo desde a primeira aula que não queria nenhum aluno nem ao meu lado nem atrás de mim. Contudo, em conversas com o orientador de escola, o professor referiu que nos momentos de instrução nos devemos destacar dos alunos fazendo, por exemplo com que eles se sentem no momento da instrução.

Tentei sempre estar presente em estações que envolvessem mais perigo ou dificuldades de forma a poder intervir ajudando os alunos na sua melhoria.

Clima

Apesar de a turma ser bastante conversadora, no decorrer desta etapa existiram poucos comportamentos de indisciplina que afetassem o clima das aulas.

Durante a instrução inicial os alunos foram sempre alertados para os comportamentos de desvio que devem evitar, como chutar as bolas de Voleibol ou chutar com demasiada força as bolas de Futebol, não devem danificar o material nem realizar ações que possam colocar em risco a si próprio e aos seus colegas. Todos esses comportamentos, visíveis por mim, foram chamados a atenção, uns perante toda a turma e longe do local do acontecimento para que a turma percebesse que mesmo estando noutra estação estava atenta ao que estavam a executar, outras de forma individual. Todas essas atitudes foram referidas nos balanços finais de cada aula com os alunos.

A turma possui alunos pouco empenhados e que revelam grandes dificuldades na prática da EF e, por isso, tentarei criar situações apelativas e aulas motivantes para captar a atenção desses alunos, pois o sucesso da EF depende maioritariamente deles, também, os reforços positivos são bastante importantes para motivar os alunos e para que eles próprios tenham sucesso e se empenhem cada vez mais.

Principais aspetos a melhorar:

- Melhorar a gestão do tempo dos alunos em cada estação tentando repartir de igual forma ou dar prevalência a determinados alunos naquela situação;
- Garantir o controlo da turma à distância, posicionando-me de forma a visualizar toda a turma;
- Não perder o foco de toda a turma em situações de avaliação;
- Desenvolver uma instrução clara e objetiva, referindo sempre os objetivos da aula e de cada uma das situações, de forma a que os alunos quando cheguem a determinada estação saibam exatamente o que fazer;

Apêndice XIV - Balanço do 2º Período

Na última aula do 2º Período foi realizada uma autoavaliação por parte dos alunos. A mesma, pode ser verificada no quadro apresentado de seguida, verificando desta forma que alguns têm consciência do trabalho realizado ao longo do período e, há alunos que pensam que virem às aulas marcar presença basta para passarem.

Neste período as autoavaliações dos alunos já foram mais precisas, como podemos observar.

Nº	Auto Avaliação	Nota Final	Nº	Auto Avaliação	Nota Final
2		2	16	4	4
3	3	3	17	4	4
4	3 ou 4	4	18	4	4
5	4	4	19	2	2
6	4	4	20	3	3
7	3	2	21	3	2
8	3	3	22	4	4
10	2	2	23	3	3
11	3	3	25	4	3
12	3	3	26	2	2
14	2	2	27	3	3
15		2	28	3	3

Desta forma, constato que a maioria dos alunos tem perceção do trabalho que realizou ao longo destes dois períodos e dos objetivos que precisam de ser alcançados para o final do ano.

Das trinta e seis aulas previstas no início do ano letivo foram dadas trinta e três, devido à realização do torneio, no dia vinte e seis de fevereiro, ocupando um tempo letivo das aulas lecionadas à quarta-feira e à visita de estudo de ciências da natureza realizada a uma segunda-feira, ocupando dois tempos letivos.

Irei agora apresentar os resultados obtidos pelos alunos nas quatro áreas avaliadas, conhecimentos (20%), matérias (40%), aptidão física (20%) e participação (20%), justificando desta forma as notas finais obtidas pelos alunos.

Quadro Resumo:

Avaliação Matérias 2º Período																			
	Matérias								Aptidão Física					Conhecimentos		Matérias	Ap Física	Participação	Total
	And	Volei	Basq	Fut	Gin Solo	Gin Ap Trave	Bad	Dança	Resistência	Força Média	Força Superior	Flexibilidade	Flexibilidade Ombros	%	Nível 20%	Nível 40%	Nível 20%	Nível 20%	
2	I	I	I	I	I	I	I	NI	0	0	0	1	1	51.50	3	2	3	1	2
3	NI	I	I	NI	I	I	I	I	0	1	0	1	1	26.90	2	3	3	3	3
4	I	I	I	I	E	E	I	NI	1	1	1	1	1	45.90	2	4	5	3	4
5	NI	I	I	I	E	E	I	I	1	1	1	1	1	57.10	3	4	5	4	4
6	I	NI	I	I	E	I	I	I	1	1	1	1	1	9.30	1	4	5	3	4
7	NI	NI	NI	I	I	I	I	I	1	1	0	1	1	29.80	2	3	4	2	3
8	I	I	I	NI	I	E	I	NI	1	1	0	1	1	34.10	2	3	5	2	3
10	NI	NI	NI	NI	NI	I	I	I	0	1	0	1	1	23.00	2	1	3	2	2
11	NI	I	I	NI	I	I	I	I	0	1	0	1	1	26.40	2	3	3	4	3
12	NI	NI	I	I	I	I	I	NI	0	1	1	1	1	18.90	1	3	4	3	3
14	NI	NI	I	NI	NI	I	I	I	0	1	0	0	1	42.00	2	2	2	2	2
15	NI	NI	NI	NI	NI	I	I	I	0	0	0	0	1	19.10	1	1	1	1	1
16	I	I	I	I	E	I	I	I	1	1	1	1	1	70.10	4	4	5	3	4
17	I	I	I	I	E	I	I	I	0	1	0	1	1	76.80	4	4	4	4	4
18	I	I	I	I	E	E	I	I	1	1	1	1	1	42.20	2	4	5	4	4
19	NI	NI	NI	NI	NI	I	NI	I	0	1	0	0	1	26.20	2	1	2	2	1
20	I	I	I	I	NI	I	I	I	0	1	0	1	1	50.10	3	4	3	3	3
21	NI	I	NI	NI	NI	I	I	NI	0	1	0	1	1	50.10	3	1	2	2	2
22	I	I	I	I	E	I	I	I	1	1	0	1	1	66.20	3	5	5	4	4
23	I	I	I	I	I	I	I	I	0	1	1	0	1	34.40	2	3	3	4	3
25	I	I	I	I	I	I	I	I	1	1	0	1	1	27.70	2	4	5	3	3
26	NI	NI	NI	I	NI	I	I	I	0	0	0	1	1	63.50	3	2	2	3	2
27	I	I	I	I	I	I	I	I	1	1	0	1	1	50.80	3	3	4	3	3
28	NI	NI	I	NI	NI	I	NI	I	1	1	0	1	1	30.60	2	3	4	4	3

O quadro abaixo indica os objetivos definidos para a turma e de formação.

OBJETIVOS PARA A TURMA			
Objetivo	CrITÉrios de Êxito	Calendarização	Alcance dos objetivos
Melhorar a Aptidão Física da turma	1) <u>Flexibilidade</u> - Teste Senta e Alcança: melhoria dos resultados obtidos; Aluna nº5 na ZSAF 2) <u>Força Média</u> : todos os alunos na ZSAF 3) <u>Resistência</u> - Teste da Milha: melhoria dos resultados dos alunos nº7, nº10, nº19, nº20, nº21 e nº26; 4) <u>Força Superior</u> : melhoria dos resultados da turma 5) As alunas nº19 e nº26 alcançarem pelo menos dois testes positivos	1) Final do 3ºP 2) Final do 3ºP 3) Melhoria significativa no final do 2ºP 4) Final do 3ºP 5) Final do 3ºP	1) Melhoria ao longo dos períodos
Melhorar o nível dos JDC na turma	1) Todos os rapazes consigam cumprir o nível I dos JDC 2) Todas as raparigas consigam atingir o nível I dos JDC com exceção da nº10, nº19 e nº26, que o deverão fazer em pelo menos 2 JDC. 3) Melhoraria da desmarcação e ocupação do espaço livre de forma racional	1) Final do 2ºP 2) Final do 3ºP 3) Final do 1ºP	1) Não foi cumprindo 2) Em desenvolvimento 3) Atingido
Melhorar o nível da Ginástica de Solo na turma	1) Todos os alunos consigam obter pelo menos nível I à exceção dos alunos: nº19 e nº20 que apresentam muitas dificuldades. 2) As alunas nº10, nº11, nº15, nº21 e nº26: aprendizagem da cambalhota à retaguarda. 3) Os alunos nº19 e nº20 conseguirem fazer pelo menos a cambalhota à frente	Até ao final do 3ºPeríodo	2) Realizam cambalhota sozinhas em plano inclinado e com ajuda no colchão 3) Realizam, com dificuldade, cambalhota à frente no plano inclinado, com ajuda

OBJETIVOS DE FORMAÇÃO			
Objetivo	CrITÉrios de Êxito	Calendarização	Alcance dos objetivos
Aumentar o tempo útil de aula	- Criação de rotinas bem definidas na turma para diminuir os tempos de transição - Delegar tarefas aos alunos mais inquietos	Até ao final do ano	Alcançado em parte
Promover situações de aprendizagem que vão de encontro às necessidades dos alunos	- Utilização de situações de ensino diferenciado, adequando os objetivos da tarefa aos níveis dos alunos; - Através das aulas e do PTI;	Até ao final do 3º Período	Alcançado em parte. Melhoria da capacidade de alteração dos objetivos no decorrer das aulas Trabalho por áreas
Melhorar o empenho/motivação das raparigas nas aulas de EF	- Criação de situações que levem ao sentimento de competência, através da realização correta das tarefas;	Até ao final do 3º Período	Alcançado em parte
Alunos conhecerem os objetivos a atingir até ao final do ano	- Utilização de fichas de auto-avaliação;	Até ao final do 3º Período	Em desenvolvimento Reforço dos objetivos em aula

Relativamente ao primeiro objetivo, “melhorar a Aptidão Física da turma”, as melhorias evidenciadas no final do 1º Período foram mantidas no decorrer deste segundo. Os alunos que já tinham alcançado a ZSAF não desceram e alguns alunos melhoraram a resistência apesar de ainda não terem conseguido alcançar a zona saudável nos testes a “Milha” e “Vaivém”. Contudo, pelos alunos ainda estarem no 7º ano de escolaridade este deverá ser um objetivo a cumprir a longo prazo de forma a atingirem a ZSAF, devido à existência de alunos com excesso de peso, obesidade, problemas de asma e auto estima baixa com a sua imagem corporal. Contudo, para o trabalho da área de aptidão física foram dados continuidade às estações de condição física bem como circuitos executados na parte inicial da aula, do primeiro período, e condição física integrada na parte fundamental da aula. O espaço de aula ginásio é um excelente local para aumentar os níveis de força de braços uma vez que tenho utilizado bastantes vezes os Aparelhos barra fixe e argolas e o espaldar introduzindo um percurso de “iniciação à Escalada”.

O segundo objetivo definido, “melhorar o nível dos JDC na turma. Os jogos pré desportivos continuam a ser uma aposta para o ensino e melhoria dos alunos nas matérias de Andebol, Basquetebol, Futebol e Voleibol. Alguns alunos apresentam uma evolução significativa devido ao seu empenhamento nas aulas, outros participam ativamente quando “estão bem-disposto” e uma aluna participa muito pouco apresentando uma mobilidade bastante condicionada para a realização de todas as matérias e o seu esforço ser praticamente nulo mesmo após conversar conversa individual.

No terceiro objetivo, “melhorar o nível da Ginástica de Solo na turma”, à semelhança do período anterior ainda existem alguns alunos que não conseguiram atingir o nível introdução, nomeadamente os mesmos seis alunos. Contudo, existiram diversas progressões das quais estou bastante satisfeita. À exceção dos alunos nº19 e nº20, todos os outros realizam cambalhota apesar das dificuldades realizam cambalhota atrás no plano inclinado sozinhos, à exceção da aluna nº21, e no colchão conseguiram perder o medo realizando-a sozinhos ainda um pouco de lado. Os alunos nº19 e nº20 realizam algumas vezes, principalmente para situações de avaliação, cambalhota à frente sozinhos no colchão, ainda que seja um rolamento lateral do corpo, por vezes. Esta progressão dos alunos deixa-me muito satisfeita porque superaram medos e dificuldades afirmando no início do ano que não queriam fazer nem no plano inclinado ou que a mãe dizia que não podiam fazer.

Sobre os objetivos de formação, o primeiro a ser definido foi “aumentar o tempo útil de aula” através da criação de rotinas de organização diminuindo os tempos de transição e a

delegação de tarefas aos alunos mais irrequietos. Estas duas estratégias correram muito bem. Neste período tentei, tal como tinha sugerido, que os alunos arrumassem o material por estação de forma a melhorar este aspeto. Contudo, nas primeiras aulas após ter tentado isso e explicado no início da aula que iriam arrumar o material do grupo em tempos diferenciados mal uns começaram a arrumar os outros pararam a atividade ou para arrumar ou para brincar. Nessa mesma aula foram chamados à atenção. Algumas aulas correram bem, mas na maioria os alunos mais irrequietos preferiram ir para outras estações ou pontapear a bola. Acho que esta estratégia também não é a mais adequada para a turma.

Para o objetivo “promover situações de aprendizagem que vão de encontro às necessidades dos alunos” tenho tentado através do planeamento diferenciar o trabalho de cada grupo de forma a diferenciar o ensino potencializando a aprendizagem dos alunos e, caso note que os objetivos definidos para o grupo não se adequem, durante a aula tento alterá-los ou mudar mesmo a situação de aprendizagem tentando desta forma promover o ensino e motivar os alunos procurando pequenos desafios que consigam melhorar ou atingir ao longo das aulas e das unidades didáticas. Neste período trabalhei também por áreas para focar mais nos objetivos traçados para os grupos promovendo o sucesso dos mesmos.

Por último, sobre os “alunos conhecerem os objetivos a atingir até ao final do ano”, tem sido algo de grande esforço meu apesar da instrução inicial ser algo que tenho de melhor, nas áreas do AGIC, tento sempre reforçar quais os objetivos e para onde os alunos devem trabalhar. Numa das aulas a meio do período, aproveitando o mau tempo, na aula teórica, realizada na sala, aproveitei para relembrar os critérios de avaliação projetando-os para que a turma escrevesse o que já tinha atingido e o que não tinha conseguido atingir redigindo o porquê ou o que faltava. No entanto, nas aulas seguintes a maioria dos alunos já não se lembrava o que havia respondido.

Apêndice XV - Planeamento 4ª Etapa: Produto

Dados Gerais	Etapa/Duração		4ª Etapa Produto / 05 de Maio a 11 de Junho de 2014											
	Turma/Professor		7º 3ª / Professora Estagiária Inês Fernandes											
	Nº de alunos		24 Alunos: 15 rapazes e 9 raparigas											
	Dias		05-Mai	07-Mai	12-Mai	14-Mai	19-Mai	21-Mai	26-Mai	28-Mai	02-Jun	04-Jun	09-Jun	11-Jun
Rec Temporais	45min			X		X		X		X		X		X
	90min		X		X		X		X		X		X	
Rec Espaciais	GIN								X	X				
	PV2		X	X							X	X		
	CC				X	X							X	X
	PV1						X	X						
Dom.	Atividades Físicas		1ª e 2ª UD - Andebol: Introdução - 4.1.1, 4.1.2, 4.1.3 e 5; Parte Elementar - 4.1, 4.2 e 4.3 / Basquetebol: Introdução - 4.1.1, 4.1.2, 4.2, 4.3 e 4.4; Elementar: 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4; Futebol: Introdução: 7.1, 7.2 e 7.3; Elementar: 4.1, 4.2, 4.3, 4.4 e 5 / Voleibol: Introdução - 3, 4.1, 4.2 e 5; Parte Elementar: 4 e 5; Elementar - 5; Ginástica de Solo: trabalho das sequências/elementos definidos pelo DEF / Ginástica Acrobática: Parte Introdução - 4.1, 4.3, 4.4, 5.1 e 5.2 / Ginástica de Aparelhos: Introdução - 2.1; Elementar: 3.1, 3.2, 3.3 e 4 / Velocidade: Parte Elementar - 2 / Barreiras: Parte Elementar - 4 / Salto em Altura: Parte Introdução - 4; Elementar - 6 / Estafetas: Parte Elementar - 3; Badminton: Introdução - 3.1, 3.2, 3.3 e 3.4; Elementar - 3 / Orientação: Introdução - 2, 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4 / Escalada: Introdução - 1 e 3 / Danças Sociais - Introdução: 4 / Danças Tradicionais: Introdução – 3											
	Aptidão Física		Resistência, Flexibilidade, Força Média e Força Superior											
	Conhecimentos		Substâncias dopantes; Dimensão cultural da EF ao longo do tempo; A influência da política no desporto											
Const. de aulas	F. de Organização		Vagas, Circuito, Exercício Individual, Áreas, Exercício a Pares, Exercício em Grupo											
	Sit. de Aprend.		Jogo reduzido; exercício individual; exercício a pares; exercício a trios; sequências de habilidades e coreografias											
Objetivos	4ª Etapa		Alcance dos objetivos finais											
	Professor		AGIC e Melhoria dos <i>feedbacks</i>											
	Alunos	Gerais	Autonomia dos alunos e cooperação entre eles											
		Act Física	Esta etapa tem como principal objetivo possibilitar aos alunos que ainda não atingiram os objetivos propostos no final da 1ª Etapa e preparação para o próximo ano letivo. Assim, o Planeamento das UD foi executado consoante as dificuldades dos alunos, por isso, será trabalhada maioritariamente por áreas.											
		Ap Física	Melhoria dos resultados obtidos nos diferentes testes de aptidão física - Força Superior, Flexibilidade e Resistência											
Avaliação	Tipo		Avaliação Formativa e Sumativa											
	Instrumentos		Observação direta; participação dos alunos nas aulas; apresentação de um trabalho											

Apêndice XVI - Balanço da 4ª Etapa

A 4ª Etapa acolheu duas unidades didáticas. Ambas com seis aulas onde foram abordadas todas as matérias de forma a que os alunos que não conseguiram alcançar os objetivos atingidos o fizessem e os restantes para confirmar esses mesmos objetivos, quer em grupos de nível quer em grupos heterogéneos.

Avaliação

Ao longo do ano fui ganhando experiencia na avaliação e, por isso, neste período de “tirar dúvidas” foi mais fácil realizar uma avaliação cuidadosa dos alunos. Sinto que evolui bastante nesta dimensão do AGIC ao longo do ano.

Gestão

Relativamente à falta de assiduidade referida, os alunos neste período melhoraram não tendo sido evidenciado os dez alunos no início da aula. Constatei que as aulas efetuadas no ginásio a turma estava mais composta no início da mesma para poderem jogar ao jogo do mata, estratégia que passei a utilizar aulas decorridas nesse espaço.

Instrução

Devido ao esforço efetuado na etapa anterior, não tive tantas dificuldades na transmissão dos objetivos de aula e/ou de situação de aprendizagem existindo alturas em que os alunos vinham ter comigo a pedir um novo desafio ou para eu ver que realmente o conseguiram atingir.

Senti uma melhoria na qualidade e quantidade de *feedbacks* dados à turma e no “ser treinadora” como tantas vezes o professor orientador o referiu. Tive pena de não ter conseguido melhorar esta ferramenta mais cedo mas, no entanto, foi atingida contribuindo bastante para o meu processo de formação.

Clima

Apesar de a turma ser bastante conversadora, nesta etapa existiram poucos comportamentos de indisciplina que afetassem o clima. No entanto, existiram duas ocorrências graves: a primeira de um aluno ter ido abanar a colega que estava a realizar uma figura de GinásticaAcrobática envolvendo equilíbrio encontrando-se de pé nos braços de dois outros colegas; e a segunda devido a um aluno ter tirado a bola das mãos de outra, a mesma irritada com a situação decidiu lançar-lhe a bola à cara, ainda para mais tendo ele óculos. Felizmente nenhuma destas situações provocaram acidentes graves.

Os alunos melhoraram o comportamento durante os tempos de instrução apesar de estes ainda se terem prolongado em demasia para a explicação dos conteúdos de aula, uma vez que a turma não mantinha silêncio.

Os comportamentos de desvio, como chutar as bolas que não sejam de Futebol ou chutar com demasiada força as bolas de Futebol, dar “calduços” nos colegas, etc. foram chamados à atenção perante toda a turma.

Apêndice XVII - Balanço do 3º Período

Na última aula do 3º Período foi realizada uma autoavaliação por parte dos alunos. A mesma, pode ser verificada no quadro apresentado de seguida, verificando desta forma que alguns têm consciência do trabalho realizado ao longo do ano.

No decorrer do ano pode-se verificar que as autoavaliações foram cada vez mais precisas, como podemos observar.

Nº	Auto Avaliação	Nota Final	Nº	Auto Avaliação	Nota Final
2		2	16	4	4
3	3	3	17	4	4
4	4	4	18	5	4
5	4	4	19	3	2
6	5	4	20	3	3
7	3	2	21	3	2
8	4	4	22	4	4
10		2	23	3	4
11	3	3	25	3	3
12	3	3	26		3
14	2	2	27	3	3
15	3	3	28	3	3

Desta forma, contacto que a maioria dos alunos tem perceção do trabalho que realizou ao longo destes dois períodos e dos objetivos que precisam de ser alcançados para o final do ano.

Das vinte e duas aulas previstas no início do ano letivo foram todas lecionadas

Irei agora apresentar os resultados obtidos pelos alunos nas quatro áreas avaliadas, conhecimentos (20%), matérias (40%), aptidão física (20%) e participação (20%), justificando desta forma as notas finais obtidas pelos alunos.

Avaliação Matérias 3º Período																			
	Matérias								Aptidão Física					Conhecimentos		Matérias	Ap Física	Participação	Total
	And	Volei	Basq	Fut	Gin Solo	Gin Ap Trave	Bad	Dança	Resistência	Força Média	Força Superior	Flexibilidade	Flexibilidade Ombros	%	Nível 20%	Nível 40%	Nível 20%	Nível 20%	
2	I	I	I	I	I	NI	I	NI	0	0	0	0	1	00.00	1	2	2	1	2
3	I	I	I	I	I	I	I	I	0	1	0	1	1	00.00	1	3	4	3	3
4	E	E	E	E	E	E	I	NI	1	0	0	1	1	00.00	1	4	4	3	3
5	I	I	I	I	E	E	I	I	1	1	0	0	1	50.00	3	4	4	3	4
6	I	I	I	E	I	I	I	I	1	1	1	1	1	50.00	3	4	5	3	4
7	I	NI	I	I	I	I	I	I	0	0	0	1	1	00.00	1	2	4	2	3
8	E	I	E	I	E	E	I	NI	1	0	0	1	1	55.00	3	4	3	3	3
10	I	NI	NI	NI	I	I	I	I	0	0	0	1	1	55.00	3	1	2	3	2
11	I	I	I	I	I	I	I	I	1	1	0	1	1	50.00	3	3	4	3	3
12	I	NI	E	E	I	I	I	NI	1	1	1	1	1	70.00	4	3	4	3	3
14	I	NI	I	NI	I	I	I	I	0	1	0	0	1	00.00	1	3	2	3	2
15	I	I	I	I	I	I	I	I	0	1	0	0	1	50.00	3	3	2	2	3
16	E	E	E	E	E	I	I	I	1	1	1	1	1	55.00	3	4	4	3	4
17	I	I	E	E	E	I	I	I	1	1	0	1	1	60.00	3	4	4	4	4
18	E	E	E	E	E	E	I	I	1	1	0	1	1	50.00	3	4	5	3	4
19	I	NI	NI	NI	NI	I	NI	I	0	1	0	0	1	45.00	2	1	1	3	1
20	I	I	I	I	NI	I	I	I	0	1	0	1	1	70.00	4	3	3	4	3
21	I	I	I	I	I	I	I	NI	0	1	0	1	1	00.00	1	2	3	3	2
22	E	E	E	E	E	I	I	I	1	1	1	1	1	00.00	1	4	4	3	4
23	E	I	E	E	I	E	I	I	1	1	0	0	1	00.00	1	4	4	4	3
25	I	I	I	E	I	I	I	I	1	1	0	1	1	50.00	3	4	4	2	3
26	I	NI	I	I	NI	I	I	I	0	1	0	1	1	55.00	3	1	3	3	2
27	I	I	E	E	I	E	I	I	1	1	0	0	1	50.00	3	3	3	4	3
28	I	I	I	I	I	I	NI	I	1	1	0	1	1	60.00	3	3	4	3	3

Como podemos observar, neste período muitos dos alunos não entregaram o trabalho que avaliava a área dos conhecimentos tendo ficado com nível 1 na mesma.

Segue-se o quadro dos objetivos definidos e alcançados para a turma e para a minha formação enquanto professora estagiária.

OBJETIVOS PARA A TURMA			
Objetivo	CrITÉrios de Êxito	Calendarização	Alcance dos objetivos
Melhorar a Aptidão Física da turma	1) <u>Flexibilidade</u> - Teste Senta e Alcança: melhoria dos resultados obtidos; Aluna nº5 na ZSAF 2) <u>Força Média</u> : todos os alunos na ZSAF 3) <u>Resistência</u> - Teste da Milha: melhoria dos resultados dos alunos nº7, nº10, nº19, nº20, nº21 e nº26; 4) <u>Força Superior</u> : melhoria dos resultados da turma 5) As alunas nº19 e nº26 alcançarem pelo menos dois testes positivos	1) Final do 3ºP 2) Final do 3ºP 3) Melhoria significativa no final do 2ºP 4) Final do 3ºP 5) Final do 3ºP	1) Alcançado 2) Não foi alcançado 3) Atingido em parte 4) Alcançado 5) Alcançado
Melhorar o nível dos JDC na turma	1) Todos os rapazes consigam cumprir o nível I dos JDC 2) Todas as raparigas consigam atingir o nível I dos JDC com exceção da nº10, nº19 e nº26, que o deverão fazer em pelo menos 2 JDC. 3) Melhoraria da desmarcação e ocupação do espaço livre de forma racional	1) Final do 2ºP 2) Final do 3ºP 3) Final do 1ºP	1) Não foi alcançado 2) Não foi alcançado 3) Atingido
Melhorar o nível da Ginástica de Solo na turma	1) Todos os alunos consigam obter pelo menos nível I à exceção dos alunos: nº19 e nº20 que apresentam muitas dificuldades. 2) As alunas nº10, nº11, nº15, nº21 e nº26: aprendizagem da cambalhota à retaguarda. 3) Os alunos nº19 e nº20 conseguirem fazer cambalhota à frente.	Até ao final do 3ºPeríodo	1) Não foi alcançado 2) Alcançado 3) Alcançado

OBJETIVOS DE FORMAÇÃO			
Objetivo	CrITÉrios de Êxito	Calendarização	Alcance dos objetivos
Aumentar o tempo útil de aula	- Criação de rotinas bem definidas na turma para diminuir os tempos de transição - Delegar tarefas aos alunos mais irrequieten	Até ao final do ano	Alcançado
Promover situações de aprendizagem que vão de encontro às necessidades dos alunos	- Utilização de situações de ensino diferenciado, adequando os objetivos da tarefa aos nível dos alunos; - Através das aulas e do PTI;	Até ao final do 3ºPeríodo	Alcançado
Melhorar o empenho/motivação das raparigas nas aulas de EF	- Criação de situações que levem ao sentimento de competência, através da realização correta das tarefas;	Até ao final do 3ºPeríodo	Alcançado
Alunos conhecerem os objetivos a atingir até ao final do ano	- Utilização de fichas de auto-avaliação;	Até ao final do 3ºPeríodo	Alcançado em Parte

Relativamente ao primeiro objetivo, “melhorar a Aptidão Física na turma”, existiram melhorias no teste de flexibilidade senta e alcança e defini como objetivo uma melhoria geral da turma nos resultados obtidos. Através dos resultados evidenciados nos testes posso constatar que houve uma melhoria significativa porque na avaliação inicial apenas três alunos encontravam-se na ZSAF, na avaliação final do 1º Período aumentaram para dezasseis alunos, no 2º Período para dezanove concluindo o 3º Período com dezoito resultados positivos; na resistência apenas o nº7 conseguiu atingir a ZSAF; a nº19, a nº19 e a nº26 apesar de ainda se encontrarem fora da ZSAF conseguiram melhorar os testes; enquanto que o nº20 piorou e a nº21 não compareceu às aulas onde foram realizados os testes da milha, tendo efetuado cinco percursos no teste do vaivém neste período. Na força superior apenas um aluno conseguiu melhorar o seu rendimento.

Ambas as alunas nº19 e a nº26 conseguiram acabar o período com dois testes de aptidão física com nível positivo. Alcançando-os nos testes de flexibilidade de ombros e força média e, flexibilidade de ombros e senta e alcança respetivamente.

O segundo objetivo, “melhorar o nível dos JDC na turma”, não foi cumprido pois não consegui que todos os rapazes obtivessem nível positivo em todas estas matérias tendo três dos quinze rapazes da turma não atingido o objetivo. Contudo, alguns alunos da turma conseguiram alcançar nível elementar em algumas destas matérias; devido a alguns contratempos surgidos ao longo do ano, como uma aluna apenas apresentar cerca de metade das presenças e outra praticamente fazer a aula toda a andar devido à sua imagem corporal, o critério de êxito definido como à exceção das aluna nº10, nº19 e nº26 apresentam bastantes dificuldades em todas as matérias da educação física, as restantes deveriam atingir o nível introdução no mínimo a dois JDC, não foi cumprido; relativamente à desmarcação e ocupação racional do espaço livre nos JDC de invasão, que no início do ano foi definido como um dos principais problemas a resolver, apesar de existirem ainda alguns alunos com dificuldades por ainda não perceberem o jogo, na maioria da turma notou-se uma evolução significativa neste parâmetro.

O terceiro objetivo, “melhorar o nível da Ginástica de Solo na turma”, foi em parte alcançado uma vez que a totalidade da turma não conseguiu obter o nível introdução apesar de estar bastante contente com os resultados obtidos pelos alunos enunciados uma vez que consegui que superassem medos antigos ao realizarem cambalhotas sozinhos e em alguns casos com ajuda, tanto no plano inclinado como no colchão. Foi desde o início do ano uma grande batalha que a meu ver foi alcançada

Relativamente aos objetivos de formação, o primeiro a ser definido foi “aumentar o tempo útil da aula”, ao longo do ano fui conseguindo rentabilizar e aumentar o tempo útil da aula para que os alunos conseguissem mais tempo de prática reduzindo os tempos de rotação e formação de grupos utilizando formas de organização definidas no início do ano letivo e grupos de trabalho para cada unidade didática de forma. No entanto, este tempo podia ter sido aumentado se a pontualidade dos alunos tivesse melhorado, aspeto batalhado desde o início do ano mas que porém, na maioria das aulas, não consegui ter os alunos presentes a horas e se não tivesse de acabar a aula um pouco mais cedo para a arrumação do material que se evidenciou como outra das falhas do meu processo de lecionação.

O segundo objetivo, “promover situações de aprendizagem que vão de encontro às necessidades dos alunos” durante todo o processo de planeamento tive atenção aos diferentes grupos definidos para a turma e, por isso, tentei que todas as aulas existissem situações de desafio, de ultrapassagem de obstáculos, de forma a manter os alunos focados nas tarefas. Ao longo do ano, com a melhoria da instrução inicial fui melhorando este aspeto na minha atuação como professora. Apenas não consegui que a maioria da turma cooperasse com os colegas, tivessem eles nível semelhante ou não. Contudo acho que consegui, de uma forma geral, atingir este objetivo.

O terceiro objetivo, “melhorar o empenhamento/motivação das raparigas nas aulas de EF”, este objetivo foi em parte conseguido uma vez que nem sempre houve empenho das alunas durante as aulas, estivessem elas num grupo de nível ou num grupo heterogéneo não sabendo tirar partido dessas situações. No entanto, senti que algumas aulas, nomeadamente as de Ginástica, Dança, Escalada e estações que incluíssem Andebol foram onde estiveram mais empenhadas. Tentei em todas as aulas fazer um acompanhamento mais diferenciado deste grupo para promover a sua motivação e sucesso na disciplina.

Por último, “os alunos conhecerem os objetivos que deverão atingir”, durante a avaliação inicial fui explicando os objetivos que teriam de alcançar para cada um dos níveis de forma a que no 1º Período se esforçassem para os alcançar. No decorrer do ano fui notando através de alguns *feedbacks* interrogativos que a maioria dos alunos apesar das constantes referências nas aulas dos objetivos a atingir continuava sem querer saber o que tinha de alcançar encarando por vezes os jogos efetuados de forma mais lúdica e menos de aprendizagem. Desta forma, no final do 2º Período para além da habitual autoavaliação pedi-lhes que se avaliassem em cada uma das matérias abordadas definindo quais os objetivos, projetados, que já atingiram e os que ainda faltam atingir refletindo sobre o porquê e o nível

em que se encontram para que no 3º Período pudessem trabalhar focando os critérios em falta. No início do 3º Período reuni a turma evidenciando as suas respostas mas infelizmente os alunos já não se lembravam dos critérios e objetivos que tantas vezes foram referidos ao longo de dois períodos. Assim, recordei-os uma vez mais. Não creio que este objetivo tenha sido cumprido pelos alunos este ano mas no final de ciclo, se os professores batalharem sobre este aspeto, acredito que eles saibam o que têm de atingir e para onde têm de trabalhar. Relativamente aos objetivos de aula senti que melhorei notando que a maioria dos alunos sabia exatamente o que tinha de fazer pois alguns vinham ter comigo pedindo um novo desafio e mostrando que eram capazes de atingir o objetivo proposto com o seu par ou grupo.

Apêndice XVIII - Problemas e Definição de Objetivos para a Direção de Turma

Um dos objetivos do Estágio é contribuir para a formação de docentes, na área da Direção de Turma, e que estes contribuam para o sucesso dos alunos. Para tal, é necessário identificar os principais problemas existentes, bem como definir estratégias (meios) e objetivos, para que de forma progressiva sejam alcançados os resultados e metas esperadas.

Objetivos para a Turma.

Objetivo: Melhorar a disciplina da turma	
<i>Critério de Êxito</i>	- Diminuição das queixas dos professores da turma - Diminuição dos recados na Caderneta do Aluno para os EE - Diminuição do número de participações disciplinares relativamente ao ano anterior
<i>Estratégia(s)</i>	- Lecionação de uma aula sobre a Indisciplina, Violência e <i>Bullying</i>
<i>Calendarização</i>	Ao longo do ano letivo
Objetivo: Melhorar a participação dos EE na vida escolar dos alunos	
<i>Critério de Êxito</i>	Participação dos EE nas reuniões e horário de atendimento da DT
<i>Estratégia(s)</i>	Conhecer os problemas dos alunos e marcar reuniões com os EE
<i>Calendarização</i>	Ao longo do ano letivo
Objetivo: Conhecer os alunos individualmente e identificar os alunos com dificuldades e os alunos problemáticos	
<i>Critério de Êxito</i>	- Intervir junto dos alunos e convocá-los para o horário de atendimento caso seja necessário - Controlar a assiduidade dos alunos e alertá-los para as suas consequências
<i>Estratégia(s)</i>	- Conhecer os alunos através dos processos individuais e inquérito - Conhecer os alunos através das aulas lecionadas - Manter contacto com os restantes professores da turma - Ter o dossier de turma atualizado - Contactar os EE
<i>Calendarização</i>	Ao longo do ano letivo

Objetivos de Formação

Objetivo: Colaborar na organização das reuniões de EE	
Estratégia(s)	Identificar, em conjunto com a DT, quais as informações prioritárias a expor a todos os EE em geral e em alguns em específico
Calendarização	Ao longo do ano letivo durante as reuniões de EE
Objetivo: Colaborar na organização das reuniões de Conselho de Turma	
Estratégia(s)	- Identificar em conjunto com a DT as prioridades a serem debatidas - Organização do PCT para a 1ª reunião
Calendarização	Ao longo do ano letivo, nas reuniões de CT agendadas
Objetivo: realizar uma Saída de Campo	
Estratégia(s)	- Apresentação da proposta ao Conselho de Turma - Informar os alunos sobre a atividade - Pedir autorização aos EE - Organizar vendas/sorteios para diminuir custo da visita
Calendarização	Até Abril de 2014
Objetivo: Integrar os professores do 7º 3ª na Saída de Campo	
Estratégia(s)	Apresentação da proposta em Conselho de Turma Conversa com os restantes professores sobre a atividade de forma a relacioná-la com outras atividades – interdisciplinaridade Definição dos professores que irão participar na atividade
Calendarização	Até Abril

Apêndice XIX - Processo Individual dos Alunos

◆ Aluno Nº2:

- 2011/12 – 7º A – Escola Dr. António Carvalho Figueiredo
 - Suspensão da escola por 3 dias;
 - Falta disciplinar
 - Plano de recuperação – não cumpriu as medidas do plano – ficou retido (negativas em quase todas as disciplinas)
- 2012/13 – 7º 4ª Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - Não transita - negativas: Português, Francês, História, Educação Visual, Educação Física e Artes
 - Participações disciplinares: Matemática, Francês
 - Plano de apoio pedagógico individualizado: Português, Inglês, Espanhol, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Educação Visual, Artes e Educação Física
- 2013/2014: 7º 3ª Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - PAPI: Port, Fran, Hist, EV, Artes, EF

◆ Aluna Nº3:

- 2010/2011- 5º A - Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não transitou
- 2011/2012- 5º B - Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
- 2012/2013 6ºCG – Escola João Gonçalo Zarco - Agrupamento de Escolas Santa Catarina – Cruz Quebrada - Dafundo
 - Nível 4 – Educação Musical e Educação Física e Educação Tecnológica
 - Nível 3 – às restantes
 - Teve 1 no exame de Matemática e 2 no exame de Português

◆ Aluno Nº4:

- 2011-2012 – 7ºA Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não transitou
- 2012/2013 – 7ºD Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não transitou
 - Nível 5 – Educação Física
 - Nível 4 - TIC
 - Nível 2 – Português, Inglês, Francês, Educação Visual, Educação Musical e Educação para a Cidadania
 - Nível 1 – Físico-Química
 - Plano de Acompanhamento Pedagógico Individual: Português, Inglês, Francês, Educação Visual, Educação Musical e Educação para a Cidadania e Física-Química
- 2013/2014 – 7º3 Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - PAPI: Português, Inglês, Francês, FQ e Educação Visual

◆ Aluna Nº5:

- Repetente 3ºano
- 2012/2013: 6ºG Escola Básica 2º e 3º Ciclos Maria Veleda
 - Nível 4 – Educação Física

- Nível 2: Matemática

◆ **Aluno N°6:**

- 1ºCiclo o aluno revelava dificuldades de aprendizagem na área da Língua Portuguesa e Matemática - Apoio
- 2006-2008: frequenta o 2ºano na Guiné, mas é matriculado novamente no 2ºano.
- 2008-2009: repetiu o 2ºano
- 2012-2013 – 6ºC Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - O aluno teve terapia da fala
 - Nível 4 – Educação Física
 - O aluno teve nível 1 no Exame Nacional de Português
 - O aluno teve nível 2 no Exame Nacional de Matemática
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico (melhorou no 2ºPeríodo)

◆ **Aluno N°7:**

- 2010/2011 – 5ºH Escola Básica 2,3 Carlos Paredes - Não transitou
- 2011/2012 – 5ºB Escola Básica 2,3 Carlos Paredes - Transitou
- 2012/2013 – 6ºB Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 4 – Educação Física
 - Nível 3 - História e Geografia de Portugal

◆ **Aluno N°8:**

- 2012/2013 7ºE Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não transitou
 - Nível 2 – todas as disciplinas excepto Geografia, Educação Musica, TIC, Educação Física e Educação para a Cidadania
- 2013/2014 7º3ª Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - PAPI – Português, Ing, Fran, Hist, Mat, CN, FQ e EV

◆ **Aluna N°10:**

- 2010/2011: 5ºD Escola Básica Delfim Santos
- 2011/2012 6ºH Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não transitou
- 2012/2013 6ºF Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 2 – HGP e CN
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico – HGP, Ciências

◆ **Aluna N°11:**

- 2006/2007 – 2º ano

Não transita

- 2008/2009 – 3º ano

Não transita

- 2012/2013- 6ºE- Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 2 – Inglês e Matemática
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico – Port, Ing, HGP, Mat, Educação Musical

◆ **Aluno N°12:**

- 2012/2013 6°F Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 2 – História e Geografia de Portugal e Matemática
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico – Português, HGP, Matemática e Ciências Naturais

◆ **Aluno N°14:**

- 2012/2013 – 6°B Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Transitou 6ºano com negativa Educação Visual
 - Nível 5 – Inglês
 - Nível 4 – Português e Educação Física

◆ **Aluna N°15:**

- 2012/2013: 7°D Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não Transitou
 - Não transitou por incumprimento reiterado do dever de assiduidade – Não teve avaliações no 3ºPeríodo
 - Medida Disciplinar Sancionatória – Repreensão Regista
- 2013/2014: 7º 3ª Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - PAPI: todas as disciplinas

◆ **Aluno N°16:**

- 2008/2009: 4ºano Escola Básica Quinta de S. José
 - Não transita
- De 2009 a 2011 teve um acompanhamento psicológico na Equipa de Pedopsiquiatria, com periodicidade semanal, por motivos de dificuldades de concentração e aprendizagem
- 2011/2012: 6°C Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não Transitou
 - Relatório do Concelho de Turma – perturbações de hiperactividade e défice de atenção, logo falta de empenho e concentração
 - Medidas: apoio pedagógico personalizado; reforço das estratégias.
 - Plano de Recuperação
- 2012/2013: 6°C Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 4 – Português
 - O aluno não tem Relatórios de Apoio

◆ **Aluno N°17:**

- 2012/2013: 6°E Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 4 – Português, Inglês, Ciências Naturais e Educação Musical
 - Nível 2: Matemática e Educação Visual
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico – Matemática, Educação Visual e Educação Tecnológica
 - Medida Disciplinar de Suspensão de Aulas durante cinco dias – 07/05/2012 a 11/05/2012

◆ **Aluno Nº18:**

- 2008/2009: 5ºG Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Não transita
- 2011/2012: 7ºE Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Não transita
- 2012/2013: 7ºE Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Não transitou
- 2013/2014: 7º3ª Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - PAPI – Port, Ing, Mat e FQ

◆ **Aluna Nº19:**

- Nos dois anos frequentados na Escola Básica 2,3 Carlos Paredes tem alguns registos de perturbação de aulas registados pela aluna ou registados por Professores via caderneta para os Encarregados de Educação
- 2012/2013: 6ºC Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 4 – Educação Tecnológica
 - Nível 2 – Matemática
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico – Inglês, História e Geografia de Portugal e Matemática
 - Medida Disciplinar Sancionatória de Repreensão Registação (12/11/2012) pelo Professor de HGP

◆ **Aluno Nº20:**

- 2012/2013 – 6ºB Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 4 – Educação Tecnológico e Educação Física

◆ **Aluna Nº21:**

- 2009/2010: 4ºano
 - Não transitou
- 2012/2013: 6ºH Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Plano de Actividades de Acompanhamento: HGP, Matemática, Ciências Naturais e Educação Física
 - Nível 2 - Matemática
 - Nível 4 – Português, Inglês, Educação Musical
 - Nível 5 – Educação Visual

◆ **Aluno Nº22:**

- 2012/2013 7ºE Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Não transitou
- 2013/2014: 7º 3ª Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - PAPI: Port, Hist, Mat, CN e FQ

◆ **Aluno N°23:**

- 2012/2013: 6°F Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 4 – Educação Física e Educação Tecnológica
 - Nível 2 – Matemática e Educação Visual
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico – HGP (1ºPeríodo), Matemática e Educação Visual

◆ **Aluno N°25:**

- 2007-2008: 3ºano Quinta de S. José – Não transitou
- 2012/2013: 7ºD Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não transitou
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico
 - Repreensão registada
 - Aplicação de Medida Disciplinar – 3 dias de suspensão
- 2013/2014: 7º 3ª Escola Secundária Pedro Alexandrino
 - PAPI: Português, Inglês, Francês, História, Geografia, Matemática, Ciências, FQ e EV
 - Acompanhado no Projeto SEI

◆ **Aluna N°26:**

- 2011/2012 6ºH Escola Básica 2,3 Carlos Paredes – Não transitou
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico
- 2012/2013 6°F Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 2 – Ciências Naturais
 - Plano de Actividades de Acompanhamento Pedagógico
 - Não existem dados sobre o Processo de Acompanhamento no Hospital Beatriz Ângelo

◆ **Aluno N°27:**

- 2012/2013 6°F Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Transita

◆ **Aluna N°29:**

- 2011/2012 - 7º C - Escola Básica 2,3 Carlos Paredes- Não transitou
- 2012/2013 -7ºD- Escola Básica 2,3 Carlos Paredes
 - Nível 3 – Inglês, História,, Geografia, Educação Visual, e Educação Musical, TIC e Educação física
 - Nível 2 – restantes
 - Não tem PAPI

Apêndice XX - Plano Curricular de Turma

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PEDRO ALEXANDRINO - Póvoa de Santo Adrião

PLANO DE TURMA

(D.L. nº 139/2012 de 5 de julho, ponto 4 art.º 2º)

ANO LETIVO 2013 / 2014

ANO: 7º TURMA: 3ª

Matriz Curricular de acordo com o Anexo III, do Decreto Lei nº 139/2012, de 5 de julho

Matriz Curricular de acordo com o Anexo III, do Decreto Lei nº 139/2012, de 5 de julho

Caracterização da Turma

- Nº Total de alunos: 24
- Nº de alunos que frequenta a escola pela 1ª vez: 22
- Nº de raparigas: 9 Nº de rapazes: 15
- Média de Idades: 13
- Nº de alunos fora da escolaridade obrigatória: 0
- Nº de alunos abrangidos pelo D. L. 3/2008: 0
- Nº de alunos de PLNM: 0
- Nº de alunos com repetências anteriores: 16
- Nº de alunos estrangeiros: 2
- Nº de alunos com 4 ou mais fatores de risco (ficha GAP): _____
- Nº de alunos com participações disciplinares: 1

Proveniência/ País de origem dos alunos

Origem	Nº de alunos
Guiné	1
Brasil	1

Caracterização socioeconómica e profissional

Número de alunos com SASE e respetivo escalão

A= 7

B= 9

Nível de escolaridade do Encarregado de Educação

Ensino Básico: 19

Ensino Secundário: 1

Ensino Superior: 4

Empregado(s): 20

Desempregado(s): 4

Reformado(s): 0

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA			
DISCIPLINA	Nº ALUNOS	Domínios de referência essenciais da disciplina/pré-requisitos	
		Satisfaz	Não Satisfaz
Português	24	12	12
Inglês	24	13	11
Francês	23	18	5
Educação Física	_____	_____	_____
História	24	5	19
Geografia	24	6	18
Ciências Naturais	22	11	11
Físico-Química	23	5	18
Matemática	23	4	19
Educação Visual	24	11	13
Artes	24	11	13
Tecnologias de Informação e Comunicação	24	1	23
EMRC	_____	_____	_____
Apreciação global dos resultados obtidos	Elevado número de alunos que não conseguiram obter satisfaz nos domínios de referência essenciais nas disciplinas de Português, História, Geografia, Ciências Naturais, Físico-Química, Matemática, Educação Visual, Artes e Tecnologias de Informação e Comunicação. Como principal fator salientam-se as lacunas em conhecimentos anteriores e a dificuldade na aplicação de conhecimentos em novas situações.		

ESTRATÉGIAS DE CONCRETIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO (Programa de atividades adaptadas às características da turma)

OBJETIVOS	ATIVIDADES	CALENDÁRIO
Conhecer um centro de Ciência Viva; • Aplicar conhecimentos adquiridos nas aulas de Ciências Naturais; • Realizar e interpretar actividades laboratoriais	Centro de Ciência Viva	17 Março de 2014

Aprovado em Conselho de Turma de _____ / _____ / _____

O/A Diretor(a) de Turma

Apêndice XXI: Balanço Final do 1º Período

Neste 1º Período tive o primeiro contacto com os alunos, com os temas de Formação Cívica que iríamos abordar e com as funções de Diretor de Turma.

Nas primeiras aulas de FC foram realizadas e discutidas as fichas: “Marcas de Raiva” que trata de um menino que não conseguia controlar a sua raiva e, por isso, o pai pediu-lhe que cada vez que perdesse a paciência martelasse um prego na tábua. Desta forma, o menino foi aprendendo a controlar os seus impulsos com as pessoas. Quando já não precisava de martelar mais pregos o pai pediu-lhe para os retirar fazendo-o perceber que a tábua já não era a mesma. Pretendeu-se com esta ficha alertar os alunos que as nossas ações deixam marcas nos outros e que um pedido de desculpa apenas atenua a cicatriz, não a cura e, por isso, eles deverão pensar primeiro no que irão fazer ou dizer de forma a não magoarem os colegas, como tem acontecido na turma; o segundo texto a tratar foi “O Valor do Silêncio” uma vez que os alunos são bastante perturbadores no decorrer das aulas optou-se por este tema pois trata o silêncio como forma de comunicação, por exemplo através das expressões dos professores ou dos colegas, e como entrave à comunicação realizando exercícios em que um dos alunos gostaria de falar sobre determinado assunto e os colegas continuassem com as suas conversas paralelas. Desta forma, tentámos que a turma percebesse que é necessário que se mantenham em silêncio para que a comunicação professor-aluno e aluno-professor seja estabelecida nas melhores condições proporcionando uma melhor aprendizagem dos mesmos.

Visto que o comportamento da turma não se alterou optou-se por abordar o tema Indisciplina na Sala de Aula e *Bullying*. Este tema foi abordado por mim e, para que conseguisse captar a atenção dos alunos para os problemas reais da turma tentei ao máximo que fosse alusivo e em forma de debate, explicando as definições existentes e os problemas envolventes e posteriormente pedia a opinião dos alunos: exemplos pelos quais tenham passado, no caso do *bullying* tanto no papel de agressor, espetador e vítima. Neste tema os alunos tiveram de construir, em grupo, regras de sala de aula e descrever uma situação pela qual passaram com um professor e redigir como se sentiram e como agiriam caso fossem professores. Para mim este tema foi bastante importante pois senti que os alunos interiorizaram bem o assunto, consegui captar a atenção motivando-os para estas problemáticas e também que a turma se conhecesse melhor uma vez que vários alunos ficaram surpreendidos com problemáticas que os colegas já se depararam.

Desta forma, as aulas de FC correram bastante bem porque as temáticas e problemáticas iam ao encontro das necessidades dos alunos e as aulas foram muitas vezes lecionadas em forma de debate fazendo com que todos intervissem.

Segundo Boavista e Sousa (2013), o DT é uma figura de gestão intermédia da escola, ou seja, este deverá coordenar os professores da turma, promover o desenvolvimento social e pessoal dos alunos fazendo a ligação de todos os intervenientes: escola, comunidade escolar e EE. No que diz respeito às funções da Direção de Turma este foi um período de aprendizagem, onde aprendi a justificar as faltas dos alunos nos dois programas utilizados – Webuntis e Inovar - presenciei as reuniões dos EE com a Diretora de Turma de forma a perceber as questões dos EE sobre os seus educandos, de forma a perceber a relação entre eles e a preocupação dos mesmos com a vida escolar.

Durante este período recebemos dez EE pessoalmente no horário de atendimento, cinco por contacto telefónico e foram enviados a doze cartas com registos de faltas dos alunos aos seus EE. É de salientar que alguns dos EE foram recebidos mais que uma vez, como se verifica na tabela seguinte. Na reunião realizada para todos os EE estiveram presentes quinze EE dos vinte e quatro alunos da turma.

Alunos	Telefone	Carta	Pessoal	Reunião EE	Participações Disciplinares
2	3	4	0	Sim	2 (TIC + Mat)
3	0	2	0	Não	
4	0	1	1	Sim	
5	1	3	0	Sim	
6	1	1	1	Não	
7	0	1	1	Não	
8	0	1	1	Não	
10	0	1	0	Não	
11	0	2	0	Não	
12	0	1	0	Não	
14	2	3	0	Não	
15	0	2	2	Sim	2 (Português)
16	0	1	0	Sim	1 (História)
17	0	2	0	Sim	1 (História)
18	0	1	1	Sim	
19	0	1	1	Sim	
20	0	1	0	Não	
21	1	3	2	Sim	
22	0	1	1	Sim	

23	0	1	0	Sim	
25	0	1	1	Sim	
26	0	0	1	Sim	
27	0	1	0	Sim	
28	0	0	0	Sim	

Após a reunião do Conselho de Turma, no final do período, o mesmo classificou o comportamento e aproveitamento da turma no nível “não satisfaz”, uma vez que esta se caracteriza como perturbadora, não respeitando as regras de sala de aula. Relativamente ao aproveitamento foram atribuídos três ou mais níveis inferiores a três, a vinte e dois, dos vinte e quatro alunos da turma.

Objetivos para a Turma				
Objetivo	Critério de Êxito	Estratégia(s)	Calendarização	Alcance
Melhorar a disciplina da turma	- Diminuição das queixas dos professores da turma - Diminuição dos recados na Caderneta do Aluno para os EE - Diminuição do número de participações disciplinares relativamente ao ano anterior	- Lecionação de uma aula sobre a Indisciplina, Violência e <i>Bullying</i>	Ao longo do ano letivo	Em Parte 
Melhorar a participação dos EE na vida escolar dos alunos	Participação dos EE nas reuniões e horário de atendimento da DT	Conhecer os problemas dos alunos e marcar reuniões com os EE	Ao longo do ano letivo	Em Parte 
Conhecer os alunos individualmente e identificar os alunos com dificuldades e os alunos problemáticos	- Intervir junto dos alunos e convocá-los para o horário de atendimento caso seja necessário - Controlar a assiduidade dos alunos e alertá-los para as suas consequências	- Conhecer os alunos através dos processos individuais e inquérito - Conhecer os alunos através das aulas lecionadas - Manter contacto com os restantes professores da turma - Ter o dossier de turma atualizado - Contactar os EE	Ao longo do ano letivo	Em Parte 

Objetivos de Formação			
Objetivo	Critério de Êxito	Estratégia(s)	Calendarização
Colaborar na organização das reuniões de EE	Identificar, em conjunto com a DT, quais as informações prioritárias a expor a todos os EE em geral e em alguns em específico	- Ao longo do ano letivo - Reuniões de EE	Em Parte 
Colaborar na organização das reuniões de Conselho de Turma	- Identificar em conjunto com a DT as prioridades a serem debatidas - Organização do PCT para a 1ª reunião	- Ao longo do ano letivo - Reuniões de CT	Em Parte 
Realizar uma Saída de Campo	- Apresentação da proposta ao Conselho de Turma - Informar os alunos sobre a atividade - Pedir autorização aos EE - Organizar vendas/sorteios para diminuir custo da visita	Até Abril de 2014	_____
integrar os professores do 7º 3ª na Saída de Campo	Apresentação da proposta em Conselho de Turma Conversa com os restantes professores sobre a atividade de forma a relacioná-la com outras atividades – interdisciplinaridade Definição dos professores que irão participar na actividade	Até Abril de 2014	_____

Apêndice XXII: Balanço Final do 2º Período

Neste 2º Período, nas aulas de Formação Cívica foi abordado o tema: Higiene e Saúde, pela professora Nilza e por mim conjuntamente. Durante o tema preocupámo-nos, numa primeira fase por definir o que é saúde e quais os fatores que influenciam a nossa saúde e o nosso bem-estar. Para ilustrar esta temática recorreremos muito à teoria definida por Abraham Maslow relativa à hierarquia das necessidades. O autor define cinco necessidades, relacionadas, que considera fundamentais para um indivíduo se sentir bem consigo próprio e ilustra-as numa pirâmide. Na sua base encontram-se as necessidades fisiológicas, de seguida a segurança e proteção, depois o amor e sentimento de pertença, a autoestima e, por último, no topo da pirâmide, encontra-se a realização pessoal que só é conseguida através das necessidades anteriores. Numa segunda fase preocupámo-nos em abordar os diferentes tipos de higiene e alertar os alunos para que tomassem atenção a todos os tipos refletindo se mantinham cuidado com todos ou não. Foi um tema de bastante debate onde os alunos deram a sua opinião e questionaram o que não percebiam. Para encerrar o tema, os alunos tiveram de escrever um resumo das aulas e referir no que as aulas os ajudaram a mudar de atitude em relação ao tema.

Na última aula, os alunos tiveram de escrever um texto sobre quais as atitudes que têm e o que sentem para não conseguirem alcançar êxito escolar e o que se comprometem a fazer para melhorar no 3º Período. As respostas dos alunos encontram-se no seguinte quadro:

Não tenho conseguido porque...		O que vou fazer para melhor...	
Não dou/dei importância à escola	2	Tomar mais atenção	9
Não gosto de algumas disciplinas	2	Estudar mais	19
Tenho dificuldades	3	Falar menos	2
Falta de estudo	9	Ter comportamento adequado	7
Distraiu-me nas aulas	5	Fazer os TPC	3
Método de estudo	1	Participar mais nas aulas	1
Dificuldades em estudar sozinho	1	Tirar todas as dúvidas	1
Sou influenciado pelo comportamento da turma	1	O comportamento da turma tem de melhorar	1
Problemas pessoais	1	Continuar com os meus métodos de estudo	1
Nada está a correr mal	1	Passar os apontamentos	1
Não tiro apontamentos	1		
Não tenho comportamento adequado	4		
Falo muito	2		
Professores não explicam bem	1		

Relativamente às funções da direção de turma o meu trabalho já foi mais autónomo na justificação de faltas e recolha de dados necessários para algum documento ou para as reuniões com os EE.

Durante este período recebemos nove EE pessoalmente no horário de atendimento, nove por contacto telefónico e não foram enviadas cartas com os registos de faltas dos alunos. É de salientar que alguns dos EE foram recebidos mais que uma vez, como poderemos verificar na tabela a seguir apresentada. Na reunião realizada para todos os EE estiveram presentes dezoito EE dos vinte e quatro alunos da turma.

Alunos	Telefone	Carta	Pessoal	Reunião EE	Participações Disciplinares
2	2	0	2	Sim	
3	1	0	1	Não	
4	0	0	0	Sim	
5	0	0	0	Sim	
6	0	0	1	Não	
7	0	0	1	Sim	1 Francês
8	0	0	0	Sim	
10	1	0	0	Não	
11	1	0	0	Não	
12	0	0	0	Sim	
14	1	0	0	Sim	
15	0	0	1	Sim	
16	0	0	0	Sim	
17	0	0	1	Sim	1 Francês
18	1	0	0	Não	1 Francês
19	0	0	0	Sim	
20	0	0	2	Sim	
21	1	0	2	Sim	1 História
22	0	0	1	Sim	
23	0	0	0	Sim	
25	0	0	0	Sim	
26	0	0	0	Sim	
27	1	0	0	Não	
28	1	0	0	Sim	

Após a reunião do Conselho de Turma, no final do período, o mesmo classificou o comportamento e aproveitamento da turma no nível “não satisfaz”, uma vez que esta se caracteriza como perturbadora, não respeitando as regras de sala de aula. Relativamente ao

aproveitamento foram atribuídos três ou mais níveis inferiores a três, a dezassete, dos vinte e quatro alunos da turma.

Apêndice XXIII: Balanço Final do 3º Período

Neste 3º Período, nas aulas de formação cívica foi abordado o tema: Obesidade ou Alimentação Saudável, pela professora Nilza e por mim conjuntamente. Durante o tema começámos por “chocar” os alunos com o que é a obesidade e quais os problemas que este distúrbio poderá comportar consigo e, posteriormente passar para o que é uma alimentação saudável e alguns hábitos que deveremos adotar na nossa alimentação diária. Como auxílio utilizámos a pirâmide alimentar onde fizemos uma pequena abordagem sobre a sua evolução desde a roda dos alimentos até à atual pirâmide alimentar.

Tal como aconteceu nas aulas dos períodos anteriores os alunos participaram bastante nestas aulas uns de forma voluntária, outros através de questões colocadas pelas professoras e outros quiseram colocar dúvidas e estavam bastante atentos porque o tema abordado coincidia em parte com um dos temas do trabalho de educação física. Desta forma, faço um balanço muito positivo deste período e do decorrer do ano letivo relativamente às aulas de formação cívica.

Relativamente às funções da direção de turma, tal como acontecera no período anterior, o meu trabalho já foi mais autónomo na justificação de faltas e recolha de dados necessários para algum documento ou para as reuniões com os EE.

Durante este período recebemos cinco EE pessoalmente no horário de atendimento, um por contacto telefónico e não foram enviadas cartas com os registos de faltas dos alunos. As queixas dos professores da turma, em relação ao comportamento da turma diminuíram e não existiu nenhuma participação disciplinar no decorrer do período. Na reunião realizada para todos os EE estiveram presentes dezoito EE dos vinte e quatro alunos da turma.

Alunos	Telefone	Carta	Pessoal	Reunião EE	Participações Disciplinares
2	1	0	1	Sim	
3	0	0	0	Não	
4	0	0	0	Sim	
5	0	0	0	Sim	
6	0	0	1	Não	
7	0	0	1	Sim	
8	0	0	0	Sim	
10	0	0	0	Sim	
11	0	0	0	Sim	
12	0	0	0	Não	
14	0	0	0	Não	

15	0	0	0	Sim	
16	0	0	0	Sim	
17	0	0	0	Sim	
18	0	0	1	Não	
19	0	0	0	Sim	
20	0	0	0	Sim	
21	0	0	0	Sim	
22	0	0	0	Sim	
23	0	0	0	Sim	
25	0	0	0	Sim	
26	0	0	0	Não	
27	0	0	1	Sim	
28	0	0	0	Sim	

Após a reunião do conselho de turma, no final do período, o mesmo classificou o comportamento da turma bem como o aproveitamento da mesma no nível “não satisfaz”, uma vez que a turma caracteriza-se como perturbadora, não respeitando as regras de sala de aula.

Relativamente ao aproveitamento ficaram retidos nove alunos da turma, tendo sido encaminhados quatro para cursos profissionais uma vez que já apresentavam duas repetências neste ciclo ou três repetências no seu percurso escolar.

Apêndice XXIV – Problemas e Definição de Objetivos para o Desporto Escolar

Um dos objetivos do estágio é contribuir para a formação de treinadores/professores de DE e que estes contribuam para o sucesso dos alunos. Para tal, é necessário identificar os principais problemas existentes, bem como definir estratégias (meios) e objetivos, para que de forma progressiva sejam alcançados os resultados e metas esperadas.

Objetivos para o Núcleo/Alunos:

Objetivo: Aumentar o número de alunos inscritos no núcleo de corfebol	
Critério de Êxito	- O núcleo ter elementos suficientes para a inscrição de três equipas (infantis, iniciados e juvenis) para as competições
Estratégia(s)	- Treinos aliciantes e motivantes - Incentivar os alunos inscritos a trazerem amigos para o núcleo - Organização/dinamização de um torneio
Calendarização	Até ao final do 1º Período
Objetivo: Assegurar a assiduidade ao longo do ano nos treinos	
Critério de Êxito	Participação regular dos alunos nos treinos
Estratégia(s)	- Explicar a importância do treino frequentemente mesmo que não existam competições. - Garantir que todos os atletas inscritos se mantenham no núcleo até ao final do ano
Calendarização	Ao longo do ano letivo
Objetivo: Promover o desenvolvimento e progressão dos alunos tanto em habilidades técnico-táticas como na área da aptidão física	
Critério de Êxito	- Todos os alunos conseguirem em situação de 4x4 realizar: passe e receção, passe e corte, desmarcação, lançamento parado (curto), lançamento da passada, defesa 1x1 e ressalto.
Estratégia(s)	- Introduzir na construção do planeamento formas de treino integrado das capacidades motoras - Respeitar os princípios de treino
Calendarização	Balanços finais de etapa Final do ano letivo

Objetivos de Formação

Objetivo: Desenvolver competências do treino de Corfebol	
Estratégia(s)	- Pesquisa sobre o treino de Corfebol - Cooperação com a professora Isabel de forma a perceber a modalidade e melhorar a minha intervenção junto dos alunos - Melhoria dos <i>feedbacks</i> aos alunos
Calendarização	Ao longo do ano letivo
Objetivo: Conhecer e participar na organização e preparação dos momentos competitivos	
Estratégia(s)	- Colaborar com a professora Isabel na preparação dos momentos competitivos; Acompanhar o núcleo nas suas competições ao longo do ano
Calendarização	Ao longo do ano; conseguir dirigir o jogo nos últimos jogos que a equipa possua.

Apêndice XXV – Avaliação Inicial do Núcleo de Corfebol

Nº	Data de Nasc	Turma	Idade	Escalão	Nível	Nível a atingir	Análise Individual
1	1994	12º CT2	19	Júnior	I	E	Aluno pouco assíduo, porque participa também no núcleo de Voleibol; interessado e com margem de progressão se for mais regular nas presenças; apresenta algumas dificuldades nos lançamentos.
2	1996	11º CT1	17	Júnior	I	E	Aluno assíduo; interessado pela modalidade e tem uma margem de progressão muito boa.
3	1997	2TAI	16	Juvenis	I	E	Aluna assídua mas que sai sempre 30min antes do fim do treino devido às aulas; apresenta uma margem de progressão bastante elevada; estatura elevada; facilidade nos lançamentos. O ano passado já pertencia ao núcleo.
4	1997	11º CT1	16	Juvenis	I	E	Aluno assíduo; interessado pela modalidade e tem uma margem de progressão muito boa; apresenta grandes facilidades nos lançamentos de fora 7 e 9 metros ainda que com alguma falha na pontaria.
5	1997	11º CT1	16	Juvenis	A	A	Aluno assíduo; interessado pela modalidade; joga Corfebol federado no SCP Caneças O ano passado já pertencia ao núcleo.
6	1998	10º CT1	15	Juvenis	A	A	Aluno assíduo e pontual; interessado pela modalidade; joga Corfebol federado no SCP Caneças. O ano passado já pertencia ao núcleo.
7	2000	8º 1	13	Iniciados	I	E	Aluna sem grande assiduidade mas que apresenta uma margem de progressão muito grande; bastante empenhada na modalidade.
8	2000	7º 3	13	Iniciados	NI	I	Aluna com preparação física muito fraca a nível de resistência o que faz com que se mexa pouco durante os treinos; sem noções de transição defesa/ataque; ainda com muitas dificuldades de realizar lançamento parado.
9	2001	7º 5	12	Infantis B	I	E	Pouco assíduo mas que apresenta margem de progressão caso apareça aos treinos; empenhado nas tarefas propostas.
10	2001	7º 5	12	Infantis B	I	E	Aluno assíduo; interessado pela modalidade e tem uma margem de progressão muito boa.

11	2001	7º 5	12	Infantis B	I	I	Aluna pouco assídua devido à música (só deve vir 1 a 2 treinos por mês; é interessada e empenhada nas tarefas propostas.
12	2001	7º 3	12	Infantis B	I	E	Aluno pouco assíduo; empenhado nas tarefas propostas; grande facilidade nos lançamentos .
13	2001	7º 5	12	Infantis B	I	E	Aluno assíduo e pontual; bastante interessado; com bastantes dificuldades na participação ao ressaltado também devido à sua estatura; apresenta também algumas dificuldades ao nível dos lançamentos.
14	2001	7º 5	12	Infantis B	I	E	Aluno assíduo e pontual; bastante interessado; com bastantes dificuldades na participação ao ressaltado, devido à sua estatura; Apresenta algumas dificuldades ao nível dos lançamentos.
15	2001	7º 5	12	Infantis B	I	E	Pouco assíduo mas que apresenta margem de progressão caso apareça aos treinos; empenhado nas tarefas propostas.

Apêndice XXVI – Planeamento Anual do Núcleo de Corfebol

	PLANO ANUAL - CORFEBOL																	
	Prognóstico			Prioridades			FÉRIAS NATAL	Progresso						FÉRIAS PÁSCOA	Produto			
Mês	Outubro		Novembro	Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Maio			Junho			
Unidade Didática	1ª UD			2ª UD				3ª UD			4ª UD				5ª UD			
Dias	11	28	1	22	6			10	24	7	28	7	21		2	9	6	7
	18		8	29	13			17	31	14		14	28		16	23	13	
			15	30						21		15			30			
Objetivo	Av. Inicial			Preparação geral e específica para a competição				Observar a equipa em situações formais de competição.							Revisão e preparação do próximo ano			
Preparação Física	Capacidades condicionais motoras e coordenativas.							Capacidades condicionais motoras e coordenativas							Capacidades condicionais motoras e coordenativas			
Preparação Técnica	Lançamento curto e de fora; Passe e Recepção.							Lançamento de penalidade, na passada, curto e fora; Passe e recepção.							Todos			
Preparação Tática	Noção de passe e corta para o cesto; Defesa individual (HxH)							3ªUD: ressaltos ofensivos; sistema de jogo 4:0 4ªUD: ressaltos defensivos; noção de posição de ressaltos; noção de posição de assistência; sistema de jogo 2:1:1							Consolidação de todos os aspetos táticos abordados			
Preparação Psicológica	Treino de Skills Psicológicos para controlo das emoções pré, durante e pós competição						Treino de Skills Psicológicos para controlo das emoções pré, durante e pós competição						Treino de Skills Psicológicos para controlo das emoções pré, durante e pós competição					
Preparação Teórica	Leis de Jogo; Princípio do Fair Play						Leis de Jogo; Princípio de Fair Play						Leis de Jogo Princípio de Fair Play					

Apêndice XXVII - Balanço 1ª Etapa Desporto Escolar

A 1ª Etapa teve início no dia 11 de Outubro de 2013, com apenas três alunos da escola e dois atletas do clube Sporting de Caneças que vieram para ajudar os mais novos na modalidade. No entanto, dois dos alunos presentes já jogavam também no clube.

No decorrer desta etapa tivemos alguma dificuldade em conseguir praticantes para o núcleo, principalmente do género feminino. Contudo, após o primeiro treino conseguimos ter uma média de dez alunos por treino.

Nesta etapa focámos as capacidades condicionais motoras e coordenativas dos alunos; na preparação física, os lançamentos de curta e longa distância, para alunos mais velhos, e o passe e receção; relativamente à preparação tática conseguimos que os alunos, na sua maioria, aprendessem e/ou aperfeiçoassem as noções de passe e corte para o cesto e a defesa individual; a preparação psicológica prendeu-se com o controlo das emoções pré, durante e pós competição incutindo sempre o espírito competitivo no decorrer dos jogos realizados no treino, de forma saudável, esperando desta forma que na primeira competição os alunos não se sentissem muito ansiosos; também as regras foram aprendidas rapidamente por parte de todos.

Ao longo desta etapa observei que a maioria dos alunos se encontra no nível I, por serem alunos que nunca tiveram contacto com esta matéria mas, no entanto, apresentaram já no decorrer desta etapa algumas evoluções fazendo com que os objetivos sejam mais arrojados uma vez que desde o início que têm colmatado dificuldades e desafios. Os alunos que se encontram acima do nível referido já pertenciam ao núcleo, no ano passado e alguns são atletas federados.

A diferença de idades dos praticantes é notória contudo não acho que seja um fator impeditivo ou menos atrativo para os próprios alunos porque o clima do grupo é muito positivo. A presença de alguns atletas do Sporting nos treinos aumenta a entreaajuda e a motivação dos mais novos para a prática da modalidade.

Ao longo dos diferentes treinos verifiquei que nem todos os alunos são assíduos mas quando participam são pontuais, na sua generalidade, o que facilita a organização do treino sabendo desde o início com quantos alunos poderemos ou não contar.

Relativamente à minha intervenção no início foi bastante complicada porque nunca tinha tido contacto com esta matéria. Contudo, através de alguma pesquisa bibliográfica e da presença nos treinos onde fui tirando algumas dúvidas com a professora Isabel Teixeira

comecei a familiarizar-me com alguns aspetos mais importantes como alguns erros comuns nos lançamentos de forma a poder começar a intervir mais em aspetos críticos.

Apêndice XXVIII - Balanço 1º Torneio

O primeiro torneio de Corfebol, dos escalões infantis e iniciados, ocorreu no dia 30 de novembro de 2013, na Escola Secundária de Carcavelos, onde estiveram presentes nove equipas sendo elas sete pertencentes a escolas e duas de clubes, com um total de cento e vinte e três alunos participantes. Durante este torneio estiveram vinte e quatro equipas a jogarem em três campos em simultâneo tendo-se realizado numa manhã quarenta e oito jogos de Corfebol.

Escolas/Clubes Participantes	Nº Alunos/Atletas	Nº Equipas	Escalão
Agr. de Escolas de Carcavelos	14	3	Infantis
EB Pombais	50	10	Infantis / Iniciados
Agr. de Escolas de Carnaxide	7	1	Infantis
Arg. de Escolas de Cascais	15	3	Infantis / Iniciados
EB 2,3 Maria Velede	7	2	Infantis
ES Pedro Alexandrino	11	2	Infantis / Iniciados
EB Olivais	6	1	Iniciados
CIF (clube)	7	1	Infantis
Sporting (clube)	6	1	Infantis

O esquema competitivo deste torneio, para ambos os escalões, apresenta-se com uma 1ª fase de todos contra todos em quatro séries de três equipas. Na fase final existe o sistema de finais cruzados: A1 x B1, C1 x D1, A2 x B2, C2 x D2, A3 x B3, C3 x D3. Para as vitórias são atribuídos três pontos e para os desempates um ponto. Relativamente aos critérios de desempate estes serão o resultado entre equipas empatadas, o maior número de golos marcados e a marcação de quatro penalidades.

1º Torneio de Corfebol – Escalão Infantis			
Série A	Série B	Série C	Série D
Carcavelos 1	Carcavelos 2	Carcavelos 3	Pedro Alexandrino
Pombais 1	Pombais 2	Cascais	Maria Velede 2
Carnaxide	Sporting	Maria Velede 1	CIF

1º Torneio de Corfebol – Escalão Iniciados			
Série A	Série B	Série C	Série D
Pombais 1	Pombais 2	Pombais 3	Pombais 4
Pombais 5	Pombais 6	Pombais 7	Pombais 8
Pedro Alexandrino	Cascais 1	Cascais 2	Olivais

Os alunos da nossa escola que compareceram no torneio foram a nº7, o nº13, o nº10, a nº11, o nº12, a nº24 e o nº25. Juntamente com participantes acompanharam-nos os alunos mais velhos para participarem na arbitragem do torneio.

Em conjunto com a professora responsável foi decidido formarmos duas equipas de forma a podermos participar em ambos os escalões possibilitando um maior número de jogos aos nossos alunos para que pudessem divertir-se jogando, aprendendo com outras equipas, algumas delas mais experientes. Assim, os alunos realizaram quatro jogos em ambos os escalões conseguindo obter o sétimo lugar no escalão de Infantis e o décimo no escalão de Iniciados.

Na minha opinião, neste primeiro encontro os alunos estiveram um pouco apáticos em relação ao jogo mostrando elevados níveis de ansiedade e stress o que se faz notar no decorrer dos jogos. Desta forma não se fez notar as fases de transição defesa-ataque, a marcação individual e a participação no ressalto, aspetos que temos vindo a trabalhar ao longo dos treinos e que eles próprios têm vindo a mostrar uma evolução notória.

Após reflexão conjunta com os professores das diferentes escolas/clubes chegou-se à conclusão que o número de equipas participantes no DE de Corfebol tem vindo a aumentar de forma exponencial e, por isso, decidiu-se que realizar fases concentradas não seria a melhor opção uma vez que os alunos realizam jogos de curta duração não beneficiando dos mesmos. Ficou então decidido realizar-se grupos por áreas estando a escola associada à região de Odivelas/Loures juntamente com as equipas da EB Pombais, EB 2,3 Maria Veleda e Sporting.

Outro aspeto negativo que se verificou foi o facto de, neste momento, a nossa equipa conter elementos com um número reduzido de treino, chegando mesmo a levar alunos(as) com apenas um treino. Isto demonstra uma assiduidade pouco cuidada e uma grande dificuldade que temos tido em captar os alunos destas idades principalmente do género feminino o que poderá justificar a falta de concentração e entreajuda dentro das equipas.

Um dos aspetos mais gratificantes, para mim, durante o torneio foi o facto de poder assistir à entreajuda entre escolas de forma a proporcionar o maior número de jogos aos seus alunos, não evidenciando a classificação final. Assim, em dois jogos, dois dos nossos alunos foram ajudar a escola EB 2,3 Maria Veleda para que esta não perdesse por falta de comparência impossibilitando os seus alunos de realizarem jogos. Para mim este aspeto foi bastante positivo revelando desta forma que ainda existem professores/treinadores que se preocupam com a evolução dos seus alunos pondo em segundo plano os resultados obtidos nos jogos.

Apêndice XXIX - Balanço Final do 1º Período e 2ª Etapa

Durante este período tive, pela primeira, contacto com a modalidade de Corfebol. Foi então um período essencialmente de aprendizagem, da modalidade e de transmissão de conhecimentos aos alunos.

Uma vez que o Corfebol integra aspetos comuns aos jogos desportivos coletivos de invasão, nomeadamente, a desmarcação e criação de linha de passe, a marcação, ou seja, a colocação entre o adversário e o alvo reconhecendo-se como defesa, a finalização e o enquadramento ao receber a bola, foi mais fácil a minha participação e intervenção no processo de treino, pois apesar de nunca ter tido contacto com o Corfebol, os critérios anteriormente referidos foram alvo de trabalho nos anos anteriores, o que facilitou a minha ligação ao núcleo.

Para adquirir conhecimentos sobre a parte específica da modalidade recorri a leituras de artigos e documentos oficiais sobre a modalidade e fui tirando algumas dúvidas que iam surgindo, tanto do decorrer do treino como das leituras, com a professora Isabel, refletindo-se assim, na melhoria e aumento do número de *feedbacks* efetuados durante o decorrer dos treinos.

Relativamente ao processo de treino, o mesmo incidiu maioritariamente em jogos desportivos para que os alunos percebessem o jogo através do jogo e, assim, conseguíssemos alcançar os objetivos definidos: marcação individual e passe e corte. Também foram realizados exercícios analíticos de lançamentos – lançamento curto e de fora – para que os alunos se familiarizassem com o gesto técnico. Contudo, estes exercícios tiveram sempre uma forte componente competitiva. Posso afirmar que praticamente todos os alunos que apresentam uma assiduidade constante aos treinos alcançaram os objetivos propostos, com exceção de um que apresenta excesso de peso e, por isso, apresenta algumas dificuldades de deslocamento não sendo rápido opta por escolher apenas uma fase do jogo, normalmente o ataque, não realizando desta forma a transição defesa-ataque.

Como foi referido anteriormente, o grupo tem sido instável no que se refere à assiduidade chegando sempre novos alunos aos treinos mas que depois acabam por não continuar ou vêm poucas vezes ou de forma irregular. Por estes motivos tem sido difícil ir de encontro às necessidades de todos os alunos uma vez que o contacto com a modalidade nas aulas de EF não é constante e, por isso, os conhecimentos dos alunos relativos a esta modalidade são reduzidos.

O torneio realizado correu bastante bem, apesar do número insuficiente de participantes conseguimos que os alunos mais assíduos realizassem o dobro dos jogos, uma vez que foram inscritas uma equipa de Infantis e uma de Iniciados.

No final do período, no dia 13 de dezembro foi realizado, na escola, um torneio de Corfebol aberto a todos os alunos da Escola Secundária Pedro Alexandrino e às turmas de 3º ciclo da Escola Básica Carlos Paredes. Com a realização do mesmo, esperamos que no 2º Período se inscrevam mais alunos no núcleo, nomeadamente para os escalões de infantis e iniciados, principalmente do género feminino porque para estes dois escalões apenas temos uma aluna assídua.

O balanço que faço deste 1º Período é positivo uma vez que me familiarizei com uma modalidade totalmente desconhecida e onde consegui adquirir alguns conhecimentos fazendo com que minha intervenção nos treinos aumentasse e melhorasse, contribuindo assim para o cumprimento de alguns objetivos propostos para os alunos e para a minha formação.

Apêndice XXX - Balanço 2º Torneio

O segundo torneio de Corfebol, dos escalões infantis e iniciados, ocorreu no dia 21 de fevereiro de 2014, na Escola Secundária Pedro Alexandrino, onde estiveram presentes cinco equipas sendo três delas pertencentes a escolas e duas a clubes, com um total de setenta e oito alunos participantes. Durante este torneio, estiveram presentes quinze equipas, seis de infantis e nove de iniciados, a jogarem em três campos em simultâneo tendo-se realizado numa manhã trinta e três jogos de Corfebol.

Escolas/Clubes Participantes	Nº Alunos/Atletas	Nº Equipas	Escalão
ES Pedro Alexandrino	10	3	Infantis / Iniciados
EB 2,3 Pombais	40	8	Infantis / Iniciados
EB 2,3 Maria Veleda	10	2	Infantis
CCCD (clube)	10	1	Iniciados
Sporting (clube)	8	1	Infantis

O esquema competitivo do escalão de infantis apresenta-se com uma 1ª fase de todos contra todos em duas séries de três equipas. Na fase final existe o sistema de finais cruzados: A1xB1, A2xB2 e A3xB3. Para as vitórias são atribuídos três pontos e para os empates um ponto. Relativamente aos critérios de desempate estes serão o resultado entre equipas empatadas, o maior número de golos marcados e a marcação de quatro penalidades.

Para o escalão de iniciados, o esquema competitivo sofre algumas alterações apresentando-se com uma 1ª fase de todos contra todos em três séries de três equipas. Na fase final, as equipas voltam a formar três grupos sendo que os primeiros de cada grupo jogam entre si formando a série A, os segundos a série B e os terceiros de cada grupo a série C. Os critérios de desempate mantêm-se iguais ao escalão anteriormente referido.

1º Torneio de Corfebol – Escalão Infantis	
Série A	Série B
Pombais 1	Pombais 2
Maria Veleda 2	Maria Veleda 1
Sporting	ESPA

1º Torneio de Corfebol – Escalão Iniciados		
Série A	Série B	Série C
Pombais 3	Pombais 2	CCCD
Pombais 4	Pombais 5	Pombais 6
ESPA 1	ESPA 2	Pombais 7

Neste torneio foram formadas uma equipa de infantis e duas de iniciados para que os alunos realizem mais jogos durante o torneio contribuindo para o seu crescimento enquanto pessoa e enquanto grupo equipa. Desta forma, no escalão de infantis foram realizados três jogos, conseguindo obter o segundo lugar na classificação final, enquanto que no escalão acima cada equipa realizou quatro jogos obtendo o terceiro e nono lugares respetivamente.

À semelhança dos outros torneios os alunos mais velhos acompanharam-nos para ajudar na arbitragem.

Neste torneio, os alunos ainda revelaram dificuldades nas ações de passe e corte em direção ao cesto de forma a criarem linhas de passe e no ressaltado ofensivo. No entanto, existiram melhorias significativas na marcação individual e na transição defesa-ataque que, neste torneio, já se observou.

Também neste torneio tivemos de recorrer a alunos com poucos treinos devido ao aparecimento de novos membros no núcleo. Apesar dos poucos treinos realizados por parte dos alunos novos estes demonstraram confiança e empenho tentando ajudar ao máximo os colegas dentro de campo.

Apêndice XXXI - Balanço 3º Torneio

O terceiro torneio de Corfebol, dos escalões infantis e iniciados, ocorreu no dia 15 de março de 2014, na Escola Secundária Pedro Alexandrino, onde estiveram presentes nove equipas das quais sete pertencentes a escolas e duas a clubes, com um total de oitenta e seis alunos participantes. Durante este torneio estiveram dezasseis equipas a jogarem em três campos em simultâneo tendo-se realizado numa manhã quarenta e oito jogos de Corfebol.

Escolas/Clubes Participantes	Nº Alunos	Nº Equipas	Escalão
Clube de Carnaxide Cultura e Desporto	10	1	Iniciados
EB Pombais	40	8	Infantis / Iniciados
EB 2,3 Maria Veleda	10	2	Infantis / Iniciados
ES Pedro Alexandrino	10	3	Infantis / Iniciados
EB Olivais	8	1	Iniciados
Sporting (clube)	8	1	Infantis

O esquema competitivo do escalão de infantis apresenta-se com uma 1ª fase de todos contra todos em duas séries de três equipas. Na fase final existe o sistema de finais cruzados: A1xB1, A2xB2 e A3xB3. Para as vitórias são atribuídos três pontos e para os empates um ponto. Relativamente aos critérios de desempate estes serão o resultado entre equipas empatadas, o maior número de golos marcados e a marcação de quatro penalidades.

Para o escalão de iniciados, o esquema competitivo sofre algumas alterações apresentando-se com uma 1ª fase de todos contra todos em três séries de três, quatro equipas, uma vez que a equipa da EB Olivais apareceu no encontro. Na fase final, as equipas voltam a formar-se três grupos sendo que os primeiros de cada grupo jogam entre si formando a série A, os segundos a série B e os terceiros de cada grupo a série C. Os critérios de desempate mantêm-se iguais ao escalão anteriormente referido.

1º Torneio de Corfebol – Escalão Infantis	
Série A	Série B
Pombais 1	Pombais 2
Maria Veleda 2	Maria Veleda 1
Sporting	ESPA

1º Torneio de Corfebol – Escalão Iniciados		
Série A	Série B	Série C
Pombais 3	Pombais 2	CCCD
Pombais 6	Pombais 4	Pombais 5
ESPA 1	ESPA 2	Pombais 1
		Olivais

Os alunos da nossa escola que compareceram no torneio foram a nº7, o nº13, o nº10, a nº23, o nº12, o nº14, a nº22 e a nº19 (que jogou pela nossa equipa de Infantis apesar de não fazer parte da nossa escola). À semelhança dos outros torneios os alunos mais velhos acompanharam-nos para ajudar na arbitragem.

À semelhança dos torneios anteriores representaram a escola, uma equipa de infantis e duas de iniciados. Em termos classificativos, o escalão de infantis realizou três jogos, conseguindo o segundo lugar na classificação final, enquanto o escalão acima cada equipa realizou quatro jogos obtendo o quinto e sexto lugares respetivamente.

Relativamente à participação dos alunos notou-se uma evolução notória em todas as ações defensivas e ofensivas conseguindo observar-se quem era o adversário direto de cada um dos alunos bem como o passe e corte para obter linhas de passe e o ressalto ofensivo ações que no último torneio ainda não tinham sido totalmente concretizadas.

Os alunos nº12 e nº23 foram os que demonstraram mais dificuldades, o primeiro por ser um aluno com dificuldades na movimentação não conseguindo realizar a transição defesa-ataque a segunda pela falta de experiência, principalmente na marcação da sua adversária ainda não tendo percebido totalmente a ação de “defendido” na tentativa de marcação do adversário.

É de salientar que também neste torneio existiu entreajuda entre escolas, nomeadamente entre a nossa e a EB 2, 3 Maria Veleza uma vez que dois dos nossos alunos foram colaborar com a escola por falta de participantes realizando desta forma mais jogos.

Apêndice XXXII – Balanço Final do 2º Período e 3º Etapa

Após o 1º e 2º Períodos e, devido a toda a experiência adquirida ao longo dos mesmos e numa sessão de treinos efetuada, por mim, no Sporting Clube de Caneças e visualização de um jogo oficial, sinto-me à vontade para conduzir treinos da modalidade tendo-o realizado uma vez e iniciado várias no decorrer deste período.

Durante esta etapa, verificou-se um aumento do número de alunos por treino. Se, no 1º Período apareceram no núcleo vinte e três alunos tendo apenas participado nove alunos a 50% dos treinos, no 2º Período apesar do número total de alunos ter diminuído para a vinte e um, a frequência a 50% dos treinos aumentou para doze alunos o que foi bastante positivo. É de referir que desses doze alunos, cinco são do género feminino pertencendo duas delas ao escalão de iniciados.

No decorrer dos treinos, foi dada continuidade ao trabalho desenvolvido no período anterior relativamente à preparação técnica e tática: passe e receção, lançamentos curtos e de fora, noção de passe e corte e defesa individual. Para além destas componentes foram introduzidos os lançamentos de penalidade e na passada e o ressalto ofensivo e defensivo.

Para o desenvolvimento do trabalho proposto no planeamento foram utilizadas estratégias que implicassem a utilização de formas jogadas facilitando a transmissão de *feedbacks* de forma a potencializar a evolução dos alunos. Sempre que possível, os alunos mais novos foram enquadrados em grupos com alunos/atletas mais experientes e/ou federados maximizando o seu tempo de empenhamento motor. Na maioria dos treinos foram utilizados jogos de superioridade numérica no ataque, de forma a aumentar a ação defensiva e jogos 4x4 a meio campo ou em campo inteiro utilizando situações de monocorfebol.

Apesar da diferença de idades existente no núcleo o clima dos treinos é bastante positivo, onde os alunos cooperam uns com os outros aumentando os níveis de aprendizagem, empenhamento e motivação para a prática da modalidade.

De uma forma geral, todos os alunos evoluíram notoriamente. Contudo, saliento o aluno “JA” que tem apresentado uma evolução notória a todos os aspetos apesar de, em jogo não ser um aluno com um elevado nível de concretização é bastante forte quer no ataque quer na defesa realizando todos os objetivos propostos. Também duas alunas que evoluíram significativamente tendo sido proposto a frequência das mesmas numa equipa federada, tendo elas aceite.

Uma vez que o núcleo cresceu e, tendo por base todo o trabalho realizado até ao final deste 2º Período reavaliei a análise e caracterização inicial.

Nº	Data de Nascimento	Turma	Idade	Escalão	Nível	Nível a atingir	Análise Individual
2	1996	11º CT1	17	Júnior	I	I	Aluno assíduo durante até ao final do mês de Fevereiro; interessado pela modalidade e tem uma margem de progressão muito boa
4	1997	11º CT1	16	Juvenis	I	I	Aluno assíduo durante até ao final do mês de Fevereiro; interessado pela modalidade e tem uma margem de progressão muito boa; apresenta grandes facilidades nos lançamentos de fora 7 e 9 metros ainda com alguma falha na pontaria
5	1997	11º CT1	16	Juvenis	A	A	Aluno assíduo; interessado pela modalidade; joga Corfebol federado no SCP Caneças O ano passado já pertencia à equipa de Corfebol da escola.
6	1998	10º CT1	15	Juvenis	A	A	Aluno assíduo e pontual; interessado pela modalidade; joga Corfebol federado no SCP Caneças. O ano passado já pertencia à equipa de Corfebol da escola.
7	2000	8º 1	13	Iniciados	I	E	Aluna grande assiduidade, a partir do 2º Período, apresentando uma margem de progressão muito grande; bastante empenhada na modalidade
10	2001	7º 5	12	Infantis	I	E	Aluno assíduo; interessado pela modalidade e tem uma margem de progressão muito boa; apresentou uma grande evolução a todos os níveis, técnico, e físico.
12	2001	7º 3	12	Infantis	I	E	Aluno assíduo a partir do 2º Período; empenhado nas tarefas propostas; grande facilidade nos lançamentos; dificuldade nas fases de transição defesa-ataque e ataque-defesa.
13	2001	7º 5	12	Infantis	I	E	Aluno assíduo e pontual; bastante interessado; com bastantes dificuldades na participação ao ressalt também devido à sua estatura; apresenta também algumas dificuldades ao nível dos lançamentos.
14	2001	7º 5	12	Infantis	I	E	Aluno assíduo e pontual; bastante interessado; com bastantes dificuldades na participação ao ressalt também devido à sua estatura; apresenta também algumas dificuldades ao nível dos lançamentos

Inês de Sousa Fernandes
Relatório de Estágio Pedagógico Realizado na Escola Secundária Pedro Alexandrino

16	1998	10º CT1	15	Juvenis	I	E	Aluna bastante assídua; interessada pela modalidade; apresentou uma grande evolução na desmarcação e observação de jogo; começou a treinar numa equipa federada.
17	1998	10º CT1	15	Juvenis	I	E	Aluna bastante assídua; interessada pela modalidade; grande facilidade na desmarcação e ocupação do espaço livre; apresentou uma evolução notória; começou a treinar numa equipa federada.
18	1995	9º 2	19	Júnior	I	I	Aluno assíduo; interessado apesar de revelar algumas dificuldades em todos os aspetos; movimenta-se bem sem bola
19	1997	8º 3	17	Juvenis	I	E	Aluna interessada pela modalidade; grande facilidade na desmarcação e ocupação do espaço livre; apresentou uma evolução notória;
20	1998	8º 3	16	Juvenis	I	I	Aluna pouco assídua tendo de sair mais cedo aos treinos que frequenta; revela interesse apesar das suas dificuldades
21	1996	EC2B	18	Júnior	I	I	Aluno assíduo; interessado apesar de revelar algumas dificuldades em todos os aspetos;
22	2000	8º 1	14	Iniciados	I	I	Aluna interessada com bastantes dificuldades principalmente ao nível dos deslocamentos; apresentou uma grande evolução ao nível dos lançamentos
23	2000	8º1	14	Iniciados	I	I	Aluna interessada com bastantes na movimentação do espaço livre, sem bola; utiliza quase sempre o passe picado; não lança quando isolada.

Apêndice XXXIII - Balanço Final do 3º Período e 4ª Etapa

Esta área de Estágio foi uma experiência muito boa e enriquecedora uma vez que contribuiu para a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos sobre a modalidade, devido a nunca ter tido contacto, e sobre o processo de treino escolar, realidades completamente distintas. Tirei bastante partido nesta área por me ter ajudado a desenvolver conhecimentos e me ter ajudado a combater algumas dificuldades na área da lecionação.

Ao longo do processo de treino conduzi alguns treinos completos e iniciei outros. A professora responsável desde o início que me ajudou a perceber a modalidade realizando alguns treinos conjuntamente com os alunos, fazendo-me perceber melhor o jogo, e dando-me completa liberdade para corrigir os alunos e ajudá-los a melhor. Por todas estas experiências ao longo do ano sinto-me capaz de dirigir o processo de treino e quem sabe iniciar-me nesta área junto das escolas.

Gostei bastante do grupo inserido neste núcleo, com um clima completamente diferente o das minhas aulas, onde os alunos com diferenças de idades dos treze anos dezoito anos, não contabilizando alguns atletas federados e ex-alunos que nos ajudaram em diversos treinos, pela sua entrega e cooperação em todos os treinos querendo sempre aprender mais e ajudarem-se mutuamente.

Apesar de terem existido várias chegadas e partidas de alunos que vinham experimentar e nunca mais apareceram ou que vinham durante três, quatro semanas, conseguimos manter um núcleo forte de alunos assíduos e pontuais desde o início do 2º Período, o que permitiu a evolução dos praticantes.

No decorrer dos treinos, esta 4ª Etapa incidiu-se pela passagem de todos os aspetos abordados ao longo do ano para que alunos consolidassem aprendizagens ou melhorassem as suas dificuldades. Foi então abordado na preparação técnica os vários tipos de lançamentos, curtos, de fora, na passada, e de penalidade e o passe e receção de forma adequada para que a bola não fosse intercetada devido a um mau passe ou má receção; na preparação tática focámo-nos na noção de passe e corte, fortemente batalhada desde o início dos treinos, a defesa individual (HxH), que tal como o jogo nos indica deverá ser efetuada homem x homem e mulher x mulher e os ressaltos ofensivos e defensivos.

Tal como acontecera nos períodos anteriores os treinos foram muito focados no jogo utilizando jogos reduzidos e jogos reduzidos condicionados para aumentar o alcance aos problemas e dificuldades evidenciadas.

Relativamente à parte competitiva do núcleo, todos os intervenientes, professoras, alunos e atletas, fizeram um excelente trabalho no decorrer deste ano evidenciando-se uma notória evolução dos alunos ao longo destes três períodos, devido ao empenhamento, esforço, trabalho e motivação com que encararam todos os treinos. Este trabalho refletiu-se na obtenção de um sexto lugar com o escalão de infantis e o segundo lugar na equipa de iniciados, com alunos que participaram pela primeira vez no núcleo de Corfebol.

Para os níveis traçados no início do ano e alterados após o balanço da 2ª Etapa e 1º Período apenas dois alunos não conseguiram atingir o nível previsto estando bastante perto de o conseguir atingir.

Objetivos para o Núcleo/Alunos				
Objetivo	Critério de Êxito	Estratégia(s)	Calendarização	Alcance
Aumentar o número de alunos inscritos no núcleo de Corfebol	O núcleo ter elementos suficientes para a inscrição de três equipas (infantis, iniciados e juvenis) para as competições	- Treinos aliciantes e motivantes - Incentivar os alunos inscritos a trazerem amigos para o núcleo - Organização/dinamização de um torneio	Até ao final do 1º Período	Atingido 
Assegurar a assiduidade ao longo do ano nos treinos	Participação regular dos alunos nos treinos	- Explicar a importância do treino frequentemente mesmo que não existam competições. - Garantir que todos os atletas inscritos se mantenham no núcleo até ao final do ano	Ao longo do ano letivo	Atingido 
Promover o desenvolvimento e progressão dos alunos tanto em habilidades técnico-táticas como na área da aptidão física	- Totalidade dos alunos conseguirem em situação de 4x4 realizar: passe e receção, passe e corte, desmarcação, lançamento parado (curto), lançamento da passada, defesa 1x1 e ressalto.	- Introduzir na construção do planeamento formas de treino integrado das capacidades motoras - Respeitar os princípios de treino	No final do 3º Período	Atingido 
Objetivos de Formação				
Desenvolver competências do treino de Corfebol	- Pesquisa sobre o treino de Corfebol - Cooperação com a professora Isabel de forma a perceber a modalidade e melhorar a minha intervenção junto dos alunos - Melhoria dos <i>feedbacks</i> aos alunos		Ao longo do ano letivo	Atingido 
Conhecer e participar na organização e preparação dos momentos competitivos	- Colaborar com a professora Isabel na preparação dos momentos competitivos; - Acompanhar o núcleo nas suas competições ao longo do ano		Ao longo do ano letivo	Atingido 

Apêndice XXXIV: Objetivos e Impacto do Seminário de Atividades Rítmicas Expressivas

	Objetivos	Estratégias	CrITÉrios de Êxito	Data	Alcance
PRÉ-IMPACTO	Identificar as necessidades/dificuldades dos professores	-Elaboração de um questionário aplicar aos professores do GEF para a escolha das Danças a abordar.	-Análise dos questionários e escolha das Danças a abordar no decorrer do seminário	Dezembro	
	Caracterizar e estudar as Danças a abordar no seminário	-Revisão Bibliográfica; -Consulta de fichas etnocoreográficas; -Revisão dos conteúdos junto da Prof Helena Jalles (cadeira de Dança).	-Estudo e Preparação das coreografias a abordar; -Preparação do material de apoio ao seminário: suporte teórico, cd e DVD	Janeiro/Fevereiro	
	Divulgação do Seminário aos professores da ESPA e EBCP	-Realização e entrega de cartazes e flyers personalizados		Fevereiro	
IMPACTO	Aumentar os conhecimentos dos Professores do Grupo nas Danças selecionadas	-Referenciar a estrutura da Dança (compasso, acentuação e ritmo) -Utilizar sempre os nomes técnicos dos passos -Realizar questões aos professores de forma a tornar o seminário interativo -Entrega de material do seminário	-Reconhecimento da importância da lecionação de Danças nas aulas -Intervenção dos professores durante o seminário (respondendo às perguntas colocadas, efetuando perguntas).	18 Fevereiro	

	Apresentação aos professores progressões pedagógicas que poderão utilizar com os seus alunos	-Elaboração de situações de aprendizagem que envolvam progressões para os vários momentos da coreografia -Durante a leção perceber quais as dificuldades sentidas pelos diferentes professores de forma a tentar esclarecê-las	-Reconhecimento da importância de progressões ao longo da leção das Danças de forma contribuir para o sucesso dos alunos e consequente motivação -No final de cada Dança abrir “espaço de dúvidas e debate” onde os professores poderão referir se foram diminuídas as suas dificuldades	18 Fevereiro	
	Inculcar aos professores a necessidade e importância da leção regular desta matéria	-Apresentação simples para que todos os professores se sintam capazes de lecionar Dança -Instrução clara -Apresentação de vantagens para os alunos da leção de diferentes Danças -Elaboração de planos de aulas com progressões	-Apresentação aos professores as vantagens da Dança em contexto escolar -Debate e construção de planos de aulas e progressões para as Danças a abordar durante o seminário	18 Fevereiro	
	Realização de um questionário de avaliação do questionário	-Entregar aos professores um questionário de avaliação do seminário	-Perceber se o seminário realizado contribui para colmatar ou atenuar as dificuldades sentidas pelos professores do grupo	18 Fevereiro	

PÓS IMPACTO	Garantir que os conteúdos abordados no seminário passem a ser utilizados posteriormente pelos professores	- Disponibilização dos estagiários para o apoio aos professores na leção nas Danças abordadas e outras - Abordar as Danças durante o PTI - Demonstrar as situações de aprendizagem na aprendizagem dos alunos	-Professores lecionarem as Danças abordadas no seminário utilizando progressões de aprendizagem introduzidas no seminário	Durante o ano letivo	
-------------	---	---	---	----------------------	---

Através da análise do quadro anterior podemos constatar que todos os objetivos referidos, para as diferentes fases de impacto, foram atingidos. Concluimos ainda que o seminário teve um grande impacto junto do Grupo de Educação Física uma vez que este se mostrou bastante cooperante durante o mesmo e após a sua realização diversos professores vieram ter connosco uns afirmando que lecionaram algumas das Danças abordadas nas suas turmas e outros tirando dúvidas para a leção das mesmas.

Apêndice XXXV: Objetivos e Impacto do Seminário de Atividades de Exploração da Natureza

	Objetivos	Estratégias	Critérios de Êxito	Data	Alcance
PRÉ-IMPACTO	Identificar as necessidades/dificuldades dos professores	-Elaboração de um questionário aplicar aos professores do GEF para selecionar qual a matéria a abordar neste seminário	-Análise dos questionários e escolha das submatérias a abordar no decorrer do seminário	Dezembro	
	Caracterizar e estudar as AEN a abordar no seminário	-Revisão Bibliográfica; -Revisão dos conteúdos junto do Prof. Telmo Preto (Cadeira de Didática das Atividades de Exploração da Natureza)	-Estudo e Preparação das progressões a abordar; - Escolha das técnicas de Orientação a abordar; -Preparação do material de apoio ao seminário: suporte teórico e dossier de Orientação	Fevereiro/Março	
	Divulgação do Seminário aos professores da ESPA e EBCP	-Realização e entrega de cartazes e flyers personalizados		Fevereiro/Março	
IMPACTO	Proporcionar a aprendizagem de formas de iniciação às AEN, utilizando os materiais disponíveis (Espaldares, bancos suecos, pinos, linhas dos campos, etc.)	- Realizar momentos de instrução onde são transmitidos os aspetos relacionados com as 3 sub- matérias referidas; - Interagir com os professores, questionando-os e colocando problemas de forma a tornar a atividade mais dinâmica; - Entrega do material de suporte escrito	- Os professores reconhecerem a pertinência do tema e das soluções apresentadas; -maior presença das AEN nas aulas de EF, ao longo do ano; - Entrega de material teórico que sirva de suporte para o planeamento de aulas na qual se abordem as AEN;	20 Março	

		para servir de “guião” do seminário;	- Participação e intervenção por parte dos professores da amostra;		
	Proporcionar o contato com as submatérias abordadas no sentido de promover um maior à vontade com as mesmas	- Realizar momentos em que os professores se encontram em prática; - Interagir com os professores que se encontram em prática através de <i>feedbacks</i>	- Os professores adquirirem conhecimentos práticos sobre as submatérias; - Os professores reconhecerem a pertinência das situações apresentadas;	20 Março	
	Incutir aos professores a necessidade e importância de uma leção regular das AEN;	- Entrega de suporte teórico que permita mostrar a pertinência da leção das AEN nas aulas de EF; - Criar para a escola um percurso de iniciação à escada, no espaldar, possibilitando aos professores lecionar esta matéria em mais do que um espaço do roulement; - Criar para a escola balizas fixas para a realização de percursos de Orientação	- Verificar, após a realização do seminário, que o percurso é utilizado pelos professores, no decorrer das suas aulas;	20 Março	
PÓS IMPACTO	Garantir que os conteúdos abordados no seminário passem a ser utilizados posteriormente pelos professores	- Disponibilização dos estagiários para o apoio aos professores na leção das AEN abordadas e outras - Abordar as AEN durante o PTI	-Professores lecionarem as AEN utilizando progressões de aprendizagem introduzidas no seminário	Durante o ano letivo	

Através da análise do quadro anterior podemos constatar que todos os objetivos referidos, para as diferentes fases de impacto, foram atingidos. Concluímos ainda que o seminário teve um grande impacto junto do GEF uma vez que este se mostrou bastante cooperante durante o mesmo e após a sua realização diversos professores vieram ter connosco, uns afirmando que lecionaram algumas das submatérias outros tirando dúvidas que ainda persistiram. Relativamente às matérias de Orientação verificou-se que a maioria dos professores do GEF lecionou-a recorrendo às balizas pintadas anteriormente e aos mapas deixados por nós; e Escalada alguns professores pediram a nossa colaboração durante as suas aulas para a realização da segurança na parede de Escalada.

Apêndice XXXVI: Objetivos e Impacto do Seminário (In)Disciplina: Prevenir e Atuar

	Objetivos	Estratégias	CrITÉrios de Êxito	Data	Alcance
PRÉ-IMPACTO	Identificar as necessidades da escola	- Realizar entrevistas à Diretora da CAP e Coordenadora dos Diretores de Turma	- Análise das entrevistas e escolha do tema a abordar para o Seminário para a Comunidade Educativa	Até Dezembro	
	Caracterizar e estudar as temáticas da Adolescência, Indisciplina e <i>bullying</i> e Gestão e Mediação de Conflitos	- Revisão Bibliográfica;	- Preparação do material de apoio ao seminário: suporte teórico, apresentação power point e proposta do “Gabinete GMC”	Até Maio	
	Promover o seminário de forma a cativar a comunidade Educativa promovendo o comparecimento da mesma.	- Distribuir flyers e afixar cartazes; - Falar pessoalmente com os professores; - Solicitar à CAP que seja enviado um email geral lembrando a importância do tema do seminário e data da sua realização;	- Presença de elementos da CAP - Presença de elementos do GAP - Presença de um número significativo de professores tendo em conta os seminários organizados para a comunidade escolar, em anos anteriores;	Abril/Maio	

IMPACTO	Sensibilizar e clarificar a comunidade Educativa para a importância da implementação de um Programa de Mediação de Conflitos	- Evidenciar os benefícios da utilização de um Mediador, na resolução de conflitos; - Argumentar a importância da Gestão de Conflitos para diminuição dos casos de Indisciplina e para a promoção do sucesso Educativo. - Participação de um orador convidado	- Participação ativa da plateia	21 de Maio	
	Fornecer à Escola material que possa auxiliar na ação de resolução de conflitos/situações de indisciplina;	- Apresentar outras alternativas relativamente à forma como são registadas as ordens de saída de aula (Estudo Caso Escola Braamcamp Freire) - Análise de uma proposta de implementação do “Gabinete GMC”	- Entrega de suporte teórico que contenha as etapas para a implementação da mediação na Escola;	21 de Maio	
PÓS-IMPACTO	Apresentar à CAP uma proposta de implementação de um Programa/Gabinete de Mediação de Conflitos para diminuir o número de procedimentos disciplinares	- Elaborar um balanço do seminário	- Entrega da proposta do projeto à CAP para a implementação do Gabinete.	Até ao final do ano letivo	

Através da análise do quadro anterior podemos constatar que praticamente todos os objetivos referidos, para as diferentes fases de impacto, foram atingidos. Apenas não conseguimos ter presente no seminário nenhum membro do GAP, que seria talvez os professores a quem poderíamos incentivar à implementação do projeto. Contudo, com a presença da CAP, entrega de proposta para a implementação do projeto e *feedback* positivo dos vários membros constituintes, asseguramos o êxito do pós impacto deste Seminário.

Apêndice XXXVII: Inquérito para o Estudo do Perfil Ético dos Professores de Educação Física

Idade_____ Anos de Experiência_____

Local de Formação _____

1. Durante o seu processo de formação (Universidade) teve alguma disciplina relacionada com ética e deontologia profissional?

Sim ☐ Não ☐

2. Considera o tema pertinente? Justifique.

3. Hoje em dia escolheria a mesma profissão?

Sim ☐ Não ☐

Porquê? _____

4. Nos últimos 5 anos fez alguma formação?

4.1 Na área? Sim ☐ Não ☐

4.2 Noutra área? Sim ☐ Não ☐

5. Acha que deveria existir um código deontológico para a profissão docente?

Sim ☐ Não ☐

- 5.1 Caso tenha respondido sim indique quais as vantagens e desvantagens que poderia, este código trazer?

- 5.2 Caso tenha respondido não justifique a sua opção. _____

6. Pertence a alguma associação da área docente (FENPROF, CNAPEF, SPEF...)

Sim ☐ Não ☐

Qual _____

7. Sente que luta para o desenvolvimento da sua profissão?

Sim ☐ Não ☐

Como _____

8. Está motivado na sua profissão?

Sim ☐ Não ☐

9. Se tivesse oportunidade escolheria alguma destas hipóteses?

Reforma antecipada ☐

Iria exercer a mesma profissão para outro país ☐

10. O que sente em relação à sua atual motivação para lutar pelo desenvolvimento da profissão?

11. Como vê a evolução da profissão docente? (Passado, Presente e Futuro)

12. O que é, para si, defender a profissão docente e a Educação Física?

13. Para si o que é a ética profissional?

Obrigada pela Atenção!

Anexos

Anexo XXXVIII – Projeto Educativo 2011-2014 da Escola Secundária Pedro Alexandrino

I. INTRODUÇÃO

Apresenta-se o Projeto Educativo da Escola Secundária Pedro Alexandrino (ESPA), para o triénio 2011-2014, dando-se assim cumprimento ao disposto no Decreto-Lei nº75/2008, de 22 de abril. Este documento surge na continuidade do que lhe antecede e que terminou a sua vigência em 2010. Na base da sua conceção, estiveram, assim, o anterior Projeto Educativo de Escola, o Projeto de Candidatura a Diretora e o Relatório da Avaliação Externa da Inspeção-geral de Educação (novembro de 2009). Ainda foram utilizadas como base documental as informações emanadas do MISI (Gabinete Coordenador do Sistema de Informação do Ministério da Educação), do SIGO (Sistema de Informação e Gestão da Oferta Formativa), as estatísticas relativas aos resultados escolares dos alunos na ESPA e as Metas de Aprendizagem constantes do Programa Educação 2015.

II. PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA AÇÃO EDUCATIVA

O Projeto Educativo da Escola pretende ser um instrumento privilegiado para alcançar uma maior autonomia, contribuindo para uma participação mais ativa da comunidade educativa. Deverá, deste modo, ser dinâmico e funcional, impondo uma necessidade de avaliação periódica, de acordo com as mudanças que se vão operando, fruto de novas realidades.

Neste âmbito, propõe-se esta Escola implementar um guia das suas práticas, dando relevância à melhoria das condições de aprendizagem, numa perspetiva abrangente, capaz de promover a excelência e reforçar a equidade baseada nos seguintes aspetos:

1. Liderança atenta à qualidade de ensino e às necessidades de todos;
2. Clarividência num ensino que apoie efetivamente todos os alunos;
3. Confiança em relação à capacidade de êxito de todos;
4. Ambiente de colaboração favorável à aprendizagem e ao ensino;
5. Manutenção de um clima de segurança;
6. Atuações comuns que guiem e avaliem o progresso educativo.

III. CONTEXTO E IDENTIDADE DA COMUNIDADE EDUCATIVA

1. BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA

Situada numa das freguesias mais populosas do Concelho de Odivelas, a Escola Secundária de Pedro Alexandrino surge, em 1986, através do documento legal Portaria nº 791/86, de 31 de dezembro, e é designada por Escola Secundária nº 2 da Póvoa de Santo Adrião. Nesta Portaria é estabelecido o início da atividade em 1 de outubro de 1987. Contudo, a construção do edifício ultrapassaria o prazo previsto, iniciando-se o ano escolar em Loures, na Escola Preparatória Carolina de Michaëlis que, havia tempo, se encontrava desativada. No dia 4 de janeiro de 1988, deu-se início às aulas no novo edifício, e o seu nome, Pedro Alexandrino, foi alterado sob proposta da Junta de Freguesia da Póvoa de Santo Adrião, através da Portaria nº 588/87 de 9 de julho.

A escolha do nome deste pintor, como patrono da escola, está relacionada com o facto de o artista ter sido proprietário de uma quinta situada na freguesia que é hoje a Póvoa de Santo Adrião.

Em 22 de novembro de 2000, foi inaugurado o Pavilhão Gimnodesportivo, gerido em parceria com a Câmara Municipal de Odivelas.

Em junho de 2007, a ESPA integrou o Programa de Requalificação das Escolas Secundárias desenvolvido pelo Parque Escolar, EPE, tendo sido intervencionada em agosto de 2008 e entregue, à atual Direção Executiva, um ano depois.

No que respeita à sua oferta formativa, esta escola pautou-se sempre pela abertura a novas iniciativas, tendo oferecido, desde logo, cursos do ensino regular, básico e secundário e cursos tecnológicos de Informática, entre outros. Em 1999-2000, abriu portas à implementação do Programa 15-18, foi pioneira na abertura dos cursos de Educação e Formação de Jovens (CEF), dos Cursos Profissionais e dos Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA). Em 2008, apresentou a sua candidatura à abertura de um Centro Novas Oportunidades e tem estado disponível à implementação de Cursos de Formação em Competências Básicas, Curso de Português para Falantes de Outras Línguas e Formações Modulares Certificadas.

2. IDENTIDADE DA ESCOLA

Pensar numa escola é pensar na sua identidade, naquilo que a identifica, naquilo que lhe dá um rosto e que permite a todos reconhecê-la como entidade de serviço público, mas, sobretudo, como um espaço humano passível de ajudar a construir e a valorizar as diferentes individualidades que a constituem enquanto comunidade educativa, sejam elas alunos, docentes ou não docentes.

A Escola Secundária de Pedro Alexandrino pretende contribuir para uma sociedade assente em valores que encorajem o estudo e promovam o sucesso escolar, através da procura do saber, do esforço e da responsabilização, devendo os agentes educativos encorajar nos alunos posturas de altruísmo, de partilha que levem a encarar a escola como um local de sucesso, participativo e abrangente.

A escola tem-se pautado por uma forte dimensão humana alicerçada nos valores fundamentais da ética humanista consignados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Assim, existe uma grande diversidade de oferta curricular que se adequa às necessidades e focos de interesse dos alunos, pois a Escola Secundária Pedro Alexandrino caracteriza-se por uma população discente heterogénea, explicável pelo elevado número de alunos oriundos de diferentes grupos étnicos onde subsistem frequentemente problemas de integração social, transportados para dentro da Escola/sala de aula. Este fenómeno coloca novos desafios aos professores, no que respeita à adoção de práticas orientadas para responder às necessidades e interesses individuais definidos em função da origem, etnia ou classe social, de modo a torná-las inclusivas da diversidade e promovendo a igualdade de oportunidades entre todos. Por outro lado, tem-se proposto a criação de currículos mais atrativos, cujos programas valorizam os elementos culturais de que os alunos são portadores. A diversidade de oferta tem-se alargado também aos projetos integradores e de complemento curricular que visam o sucesso académico e a plena integração do aluno.

O corpo docente é estável (mais de 80% dos professores pertence ao quadro de escola) e tem-se empenhado em tomar medidas conducentes à flexibilização curricular, de forma a ir ao encontro dos interesses dos alunos e a proporcionar o cumprimento da escolaridade obrigatória, no quadro da igualdade de oportunidades.

A escola procura estabelecer uma cultura da *disciplina* dotando o corpo docente e não docente de elevadas competências nas áreas da mediação e regulação comportamental, na promoção da saúde e do ambiente.

Perante os diferentes modos de estar dos jovens, os professores e os assistentes operacionais deparam-se com situações que lhes exigem abordagens adequadas ao momento, necessitando, assim, de estratégias de autonomia, iniciativa e criatividade que permitam agir de forma mais assertiva.

O investimento na conservação dos espaços verdes, marca identificativa da escola, tem sido uma estratégia de educação para a cidadania.

A Direção tem-se pautado pela promoção de uma gestão participada e de uma cultura colaborativa procurando desenvolver um trabalho cooperativo, edificando caminhos de diálogo e de responsabilização, através do reforço dos aspetos positivos da comunidade em geral e de cada um em particular.

A ESPA é ainda, nesta fase, escola piloto na implementação do Projeto de Sustentação Energética que, no âmbito da sustentabilidade ambiental, visa alcançar boas condições de produtividade e conforto ambientais com o menor consumo possível de energia. Neste sentido, a escola está associada à empresa de engenharia, eletrónica e software WSBP (*We Solve Building Problems*), do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra. Resultam deste projeto a colocação de pontos de recolha de dados e a sua posterior projeção em monitor com informação diversificada sobre a qualidade do ar e o respetivo consumo energético.

A escola pretende ainda candidatar-se à instalação de painéis solares, num projeto que envolve alunos e professores.

Finalmente, o projeto Ecoescolas, em colaboração com a Direção da escola, tem também tomado iniciativas no âmbito escolar, em prol da sustentabilidade ambiental, com resultados evidenciados sobretudo na área de consumos energéticos.

3. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

3.1. ALUNOS

De acordo com os dados do Gabinete Coordenador do Sistema de Informação do Ministério da Educação (MISI), no ano letivo de 2010-2011, a ESPA é frequentada por 1097 alunos, 963 do ensino diurno e 134 alunos /formandos do ensino noturno; aproximadamente 622 formandos em processo de RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências - Chave) e 480 formandos em Formações Modulares.

Apresenta-se seguidamente a distribuição dos alunos pelos diferentes ciclos/cursos:

Ensino Diurno

Ensino Básico	CEF Curso de Educação e Formação)	Ensino Secundário	Cursos Profissionais
319	97	400	219

Ensino Noturno

Cursos EFA	RVCC	Formação Modular Certificada	PPT	Alfabetização
134	622	480	15	12

Para além do apoio concedido aos alunos abrangidos pelo Serviço de Ação Social Escolar (escalões A e B), o SASE apoia também alunos não abrangidos por aqueles escalões ao nível da alimentação, material escolar e visitas de estudo, com o recurso ao orçamento privativo da Escola. Procura-se, deste modo, criar condições para que o maior número possível de alunos tenha as condições mínimas para alcançar êxito nas suas aprendizagens.

3.2. PROFESSORES

Este estabelecimento de ensino dispõe, no ano letivo de 2010-2011, de 200 professores (167 professores do quadro e 33 contratados). Existe um número significativo de professores do quadro de escola, 66% do total de docentes, o que concede estabilidade ao corpo docente e abona a favor da continuidade do trabalho desenvolvido.

A distribuição de serviço docente fez-se, nestes últimos anos, após a definição de critérios decididos em Conselho Pedagógico, de acordo com a proposta apresentada pela sua Presidente. É dada prioridade à sequência pedagógica, tal como preconiza a legislação em vigor.

Na distribuição do serviço letivo é tido em conta, na medida do possível, o perfil mais adequado à lecionação de turmas com determinadas características.

Quanto ao serviço não letivo, pretende-se privilegiar as competências evidenciadas pelos docentes nas áreas dos apoios individualizados, tutorias e envolvimento em projetos/clubes para a ocupação dos tempos escolares, bem com aqueles que revelam um perfil adequado para o desempenho de determinadas funções.

3.3. PESSOAL NÃO DOCENTE

De acordo com a Portaria nº 1049-A/2008, a Escola dispõe de recursos humanos insuficientes, relativamente aos Assistentes Técnicos e Assistentes Operacionais, conforme consta da tabela abaixo indicada.

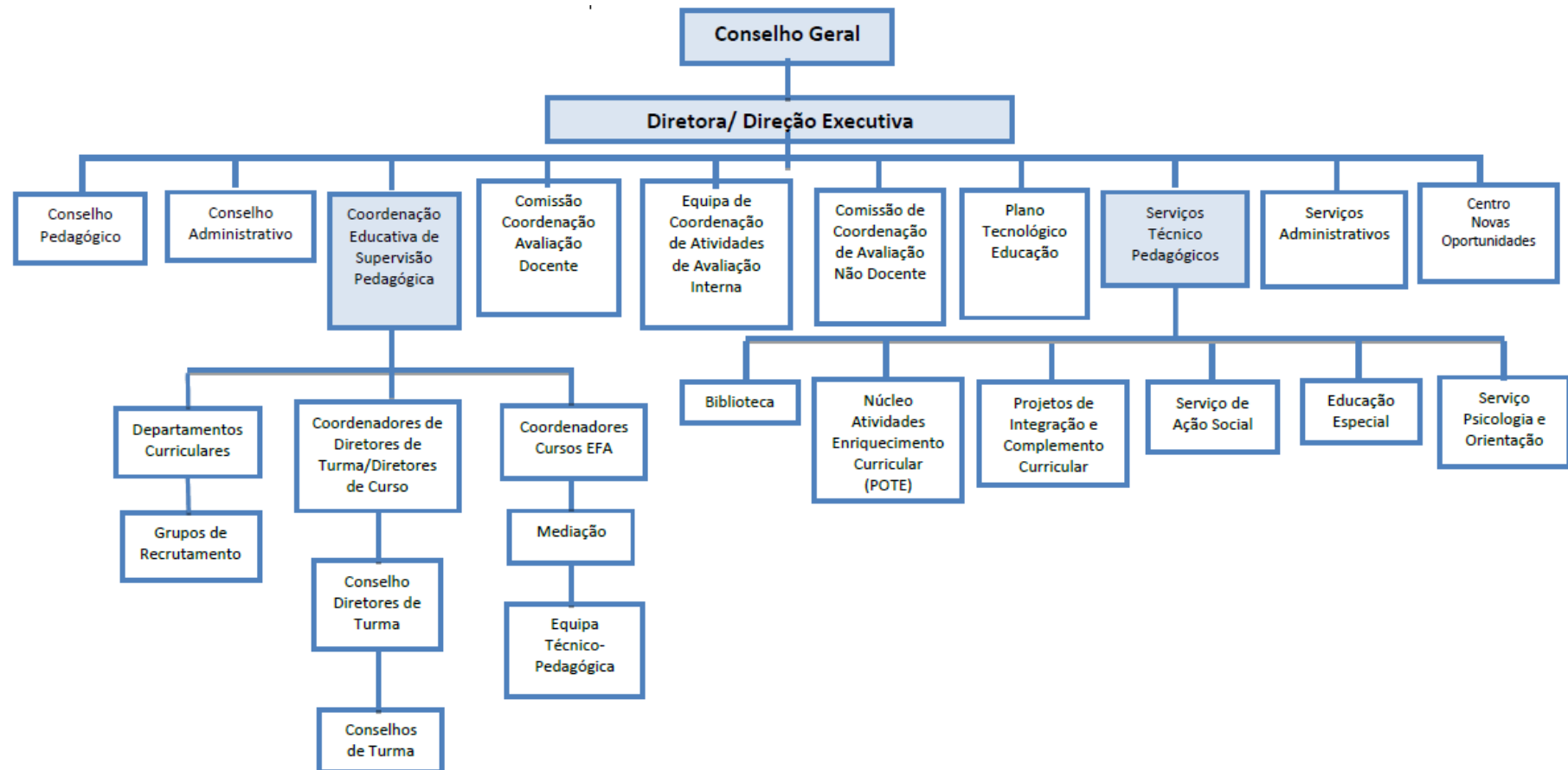
	Existentes	Portaria nº1049-A/2008 de 16 de setembro (necessidades de acordo com a tipologia da Escola)
Assistente Técnicos	7	9
Assistentes Operacionais	24	27

Tendo em consideração o número de pedidos de aposentação que se verificaram em 2010/2011, este decréscimo poderá vir a acentuar-se, agudizando a atual situação.

Fazendo igualmente parte do Pessoal não Docente, a ESPA conta com 4 Técnicos Superiores:

- 1 Psicóloga do Serviço de Psicologia e Orientação (SPO);
- 1 Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento no Centro Novas Oportunidades (CNO);
- 2 Profissionais de Reconhecimento e Validação de Competências no CNO.

3.4. ORGANOGRAMA ORGANIZACIONAL E FUNCIONAL



4. OFERTA EDUCATIVA E FORMATIVA

A oferta educativa/formativa da Escola abrange os seguintes Cursos/Modalidades de Ensino:

3º Ciclo do Ensino Básico Diurno – 7º; 8º e 9º Anos

- Turmas com Espanhol;
- Turmas de regime articulado (Portaria nº691/2009 de 25 junho).

Cursos de Educação e Formação (CEF) – Tipo 2 e Tipo 3

- Empregado Comercial;
- Apoio à Família e à Comunidade;
- Desenho de Construções Mecânicas;
- Mecânica de Veículos Automóvel.

Ensino Secundário REGULAR

- Cursos Científico – humanísticos
 - Ciências e Tecnologias;
 - Ciências Socioeconómicas;
 - Línguas e Humanidades;
 - Artes Visuais.
- Cursos Tecnológicos
 - Tecnológico de Desporto.

Ensino Secundário PROFISSIONAL

- Dupla Certificação - nível 4
 - Técnico de Informática de Gestão;
 - Técnico de Turismo;
 - Técnico de Apoio à Infância;
 - Técnico de Gestão de Equipamentos Informáticos;
 - Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade;
 - Técnico de Organização de Eventos;
 - Técnico de Gestão.

ENSINO PÓS-LABORAL

Como a opção pela qualificação constitui um dos pilares que sustenta a oferta deste estabelecimento de ensino, a *Iniciativa Novas Oportunidades* foi alargada aos cursos em regime pós-laboral, tendo em conta os recursos físicos e humanos existentes na escola.

- a) Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA)
 - a. **Básico** – B3 Escolar;
 - b. Secundário – NS Escolar.
- b) Dupla Certificação – NS
 - a. Técnico de Informática – Instalação e Gestão de Redes;
 - b. Técnico de Contabilidade.
- c) Vias de Conclusão do Ensino Secundário - Decreto - Lei 357/2007, de 29/10.
- d) Formações Modulares Certificadas: Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e Inglês.
- e) Curso Português Falantes de Outras Línguas.
- f) Formação em Competências Básicas.
- g) CENTRO NOVAS OPORTUNIDADES – Processos de RVCC.

5. PROJETOS INTEGRADORES E DE COMPLEMENTO CURRICULAR

Os diversos projetos – EcoEscolas, ESPAJovem – Educação para a Saúde, os Clubes (de Artes, de Línguas, de História e Europeu), CEIA (Centro de Estudos Interdisciplinares e Afins), ESPA em Palco; Rádio ESPA, Grupo de teatro SeisEmPonto, API (Acolher, Partilhar e Integrar), GAP (Gabinete de Apoio e Prevenção), M=? (Promoção da Equidade na Escola), Projeto SEI! Odivelas (Sucesso Escolar e Integração), Desporto Escolar e Página Eletrónica da Escola, Ser Online ... têm funcionado como dispositivos muito eficazes, quer no Plano de Ocupação dos Tempos Escolares dos Alunos, quer ainda no desenvolvimento de oportunidades de aprendizagem e na valorização das atividades de integração e de enriquecimento curricular.

6. RECURSOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

O Serviço de Educação Especial tem por objetivo dar respostas pedagógicas diversificadas, adequadas às necessidades específicas e ao desenvolvimento global dos jovens com NEE (Necessidades Educativas Especiais), para que, independentemente da sua

problemática, possam ter sucesso educativo. Neste processo, são envolvidos os Pais/Encarregados de Educação, bem como toda a comunidade escolar, de forma a articular respostas e a definir o encaminhamento adequado, em conformidade com a especificação e a necessidade de cada aluno, sempre no intuito de colmatar as fragilidades que interferem no seu rendimento escolar, assim como nas suas competências sociais/relacionais.

Nas situações em que as necessidades sentidas versam sobretudo o treino de competências sociais/relacionais, o desenvolvimento da autoestima e da autonomia, os jovens são normalmente encaminhados para áreas de cariz mais prático, como projetos que visam o intercâmbio de valores culturais e o incremento das relações ESCOLA/MEIO, podendo a frequência desses projetos contribuir igualmente para desenvolver e/ou potenciar conhecimentos e competências adquiridas.

Quando as dificuldades dos alunos se centram, com maior relevância, na componente cognitiva, na falta de pré-requisitos e/ou falta de métodos de estudo, os apoios disponibilizados incidem, sobretudo, nos processos de aprendizagem próprios de cada jovem e nos instrumentos facilitadores do seu desenvolvimento, tais como os apoios pedagógicos acrescidos, os clubes (de línguas, de história ou de matemática), o acompanhamento através de tutoria e/ou acompanhamento direto da educação especial, podendo ainda ser orientados e acompanhados pelo SPO (Serviço de Psicologia e Orientação), pelo GAP (Gabinete de Apoio e Prevenção) ou pelo Projeto SEI! ODIVELAS.

7. INSTALAÇÕES ESCOLARES, SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS

A escola, no âmbito da “Modernização das Escolas Secundárias”, a cargo da empresa *Parque Escolar*, foi reestruturada em 2008-2009 passando as atividades a ocorrer em 9 espaços, 7 deles unificados.

Assim, o Bloco A está destinado às aulas/formação dos cursos de caráter profissionalizante. Nos Blocos B, C e D, no piso 0, encontram-se instalados a Biblioteca, uma sala polivalente, os Serviços Administrativos, a sala da Direção, o CNO, o Serviço de Psicologia e Orientação, os Apoios Educativos, as salas destinadas aos Diretores de Turma, o Gabinete de Apoio e Prevenção, a Reprografia, o Auditório e o Refeitório. No piso 1, Bloco B, encontram-se salas de aula; no Bloco C, existe um gabinete de trabalho dos cursos em regime pós-laboral, a Associação de Estudantes, a sala do pessoal não docente, a sala de docentes, cafetaria e a loja escolar. No piso 2, situam-se também salas de aula (Bloco B) e gabinetes de trabalho dos Departamentos Curriculares, as salas do Conselho Pedagógico e do

Conselho Geral. Nos Blocos E e F situam-se mais salas de aula, laboratórios e salas para os projetos/clubes; no Bloco G encontram-se salas de aula, salas TIC e gabinete do Projeto SEI/ *Odivelas*; no Bloco H decorrem as atividades dos cursos de mecânica automóvel. No Pavilhão Gimnodesportivo, partilhado com a Câmara Municipal de Odivelas, ocorrem aulas de Educação Física e inúmeras atividades de âmbito desportivo: Corfebol, Tiro com Arco, Voleibol, Badminton..., integradas no Programa do Desporto Escolar.

O Plano Tecnológico de Educação (PTE) apetrechou a Escola com cerca de 1/3 de quadros interativos, videoprojetor em todas as salas de aula e computadores à razão de 1 por cada secretária de professor em sala de aula e 1 computador para cada 2 alunos/formandos nas salas TIC. Com o PTE prevê-se a instalação de Internet em banda larga de alta velocidade com implementação progressiva até 48 Mbps. Assim, garantir-se-á o acesso à Internet em todas as salas de aula e em todos os espaços escolares.

Integrado ainda no PTE será colocado um sistema de videovigilância com um mínimo de 10 câmaras que visa aumentar a segurança de bens e pessoas na Escola. O cartão eletrónico do aluno, já aplicado na ESPA, verá as suas funcionalidades alargadas, não só ao nível do rigor e eficácia no controlo de entradas e saídas, como das suas potencialidades no registo de dados para professores/diretores de turma e encarregados de educação.

8. RECURSOS FINANCEIROS

O Orçamento de Estado para esta Escola tem sido manifestamente insuficiente. Para ultrapassar esta situação, a ESPA recorre quer a receitas próprias – lucros da cafetaria, fotocópias – quer ao sistema de financiamento do POPH (Programa Operacional de Potencial Humano). As receitas próprias têm sido investidas, essencialmente, em proveito dos alunos: por um lado na aquisição de material didático, de material desgastável, de materiais de apoio às aulas dos cursos profissionalizantes e, por outro, nos apoios aos alunos carenciados, quer em alimentação, quer em material escolar. Além disso, há receitas que foram ainda canalizadas para o apetrechamento das instalações, de equipamento de projetos/clubes.

As linhas orientadoras do orçamento são definidas pelo Conselho Geral. O uso dos recursos financeiros disponíveis é definido pela Direção Executiva e Conselho Administrativo e direcionado, tanto quanto possível, para a concretização dos objetivos do Projeto Educativo, do Projeto Curricular de Escola e do Plano Anual de Atividades.

9. PARCERIAS

A ESPA tem desenvolvido, ao longo dos últimos anos, parcerias com inúmeras entidades que têm contribuído, de forma muito positiva, para que se alcancem os objetivos propostos, quer na procura de uma escola mais inclusiva, quer na resposta às necessidades da população discente, nomeadamente no que concerne à contribuição para a realização dos estágios dos cursos de dupla certificação.

De entre as várias entidades, cumpre salientar as seguintes:

- Câmaras Municipais (Loures, Odivelas e Lisboa);
- Juntas de Freguesia (Póvoa de Stº Adrião, Olival Basto e Odivelas);
- IPPI (Instituto Português de Pedagogia Infantil);
- Instituto Superior de Ciências Educativas;
- Conservatório de Música D. Dinis;
- Casa da Palmeira;
- Centros Paroquiais e Sociais (Póvoa de Santo Adrião, Ramada e Santo António dos Cavaleiros);
- Empresas (Pingo Doce, ADSGlobal, WEB Técnica, *GlobalData*, *El Corte Inglés*, *Culturgest*, *Securitas*, Barraqueiro, Mercauto, Teatro da Trindade, Teatro da Malaposta, entre outras);
- ACES (Agrupamento de Centros de Saúde) de Odivelas;
- Hospital de Santa Maria;
- Direção Geral de Reinserção Social;
- Alto Comissariado para a Emigração e Minorias Étnicas;
- Alto Comissariado para a Integração e o Desenvolvimento Individual.

10. POTENCIALIDADES E CONSTRANGIMENTOS

Tendo por base os resultados do diagnóstico de necessidades/expectativas efetuado em 2006/2007, alicerce do anterior Projeto Educativo de Escola, bem como os dados recolhidos da Avaliação Externa da Inspeção-Geral da Educação, realizada em novembro de 2009, procedeu-se a uma análise articulada de vários documentos, em diferentes domínios, que conduziu à identificação de:

- Pontos fracos e fortes – atributos da Escola que ajudam ou prejudicam o cumprimento dos seus objetivos;
- Oportunidades e constrangimentos – condições/ possibilidades externas à escola que poderão favorecer ou ameaçar o cumprimento dos seus objetivos.

Os principais domínios objeto de análise documental foram os seguintes: resultados; prestação do serviço educativo; liderança/organização e gestão escolar, capacidade de autorregulação e melhoria da Escola.

O domínio – **Resultados** – diz respeito ao sucesso académico dos alunos, à sua participação em atividades da escola e ao comportamento/indisciplina.

A **Prestação de Serviço Educativo** envolve a articulação de órgãos e serviços; os critérios de funcionamento e as competências dos vários agentes; os apoios, em suma, toda a estrutura orgânica da escola.

O domínio **Liderança/Organização e Gestão Escolar** reporta-se à motivação e empenho dos vários agentes; à equidade e justiça; às parcerias; aos protocolos e projetos. Neste domínio inclui-se igualmente a formação pessoal e o desenvolvimento profissional de docentes e não docentes, assim como a formação profissional inicial dos alunos.

A **Capacidade de Autorregulação e Melhoria da Escola** diz respeito às práticas de análise e reflexão crítica das atividades e dos seus resultados, patentes, por exemplo, nos relatórios produzidos pelas estruturas de gestão intermédia e ainda às práticas decorrentes do processo de autoavaliação do desempenho organizacional.

Face aos dados descritos no contexto interno da Escola e aos elementos de avaliação disponíveis ressaltam os pontos fracos e fortes que seguidamente se apresentam:

PONTOS FRACOS/CONSTRANGIMENTOS	PONTOS FORTES/POTENCIALIDADES
- Elevada retenção no 7º e 10º anos; - Falta de eficácia nas estratégias implementadas para combater a indisciplina; - Aumento de comportamentos de indisciplina e agravamento da perceção de insegurança na escola; - Ausência de planos para os alunos com capacidades excecionais; - Desconhecimento, por parte dos alunos, dos	- Média da avaliação externa a Língua Portuguesa, no 9º ano, acima da média nacional; - Resultados das médias nacionais dos alunos de 9º e 11º ano superiores à média nacional; - Média da disciplina de Matemática, no ensino secundário, superior, em exame, à média nacional; - Consonância, no ensino secundário, entre a avaliação interna e a externa em todas as

documentos estruturantes da Escola e consequente falta de participação/ responsabilização nas decisões; - Desconhecimento, por parte dos alunos, dos documentos estruturantes da Escola e consequente falta de participação/ responsabilização nas decisões; - Participação reduzida e pontual dos pais e encarregados de educação na atividade escolar; - Falta de participação dos encarregados de educação no processo de elaboração dos documentos estruturantes da escola; - Inexistência de mecanismos de observação de aulas como forma de melhorar o processo de ensino- aprendizagem; - Défice de reflexão e discussão por parte das estruturas/órgãos de gestão de topo e intermédios sobre conteúdos de relatórios de avaliação; - Falta de interdisciplinaridade e de articulação dos conteúdos programáticos; - Ausência de estudos sobre o impacto do apoio temporário, nas aprendizagens dos alunos; - Insuficiente divulgação dos vários projetos da escola, para ampliar os seus impactos; - Falta de assistentes operacionais, tendo em conta o perfil dos alunos e a dimensão da escola; - Falta de técnicas administrativas, de acordo com as necessidades da escola e a legislação em vigor; - Falta de técnicos especializados que colaborem na conceção e definição de estratégias de acompanhamento individualizado e que intercedam ao nível psicológico e psicopedagógico. - Fraca acessibilidade de transportes públicos; - Inexistência de avaliação do PEE no ciclo de 2007/2010.	disciplinas; - Contratação, pelas empresas, de 40% dos alunos que concluem o estágio dos cursos profissionalizantes; - Taxas de abandono escolar com percentagens pouco expressivas ou mesmo inexistentes, no ensino básico; - Oferta educativa / formativa muito diversificada e adequada às expectativas e interesses da comunidade educativa; - Consolidação de parcerias com impacto positivo nos processos de aprendizagem/ de formação em contexto de trabalho e na promoção de mérito e solidariedade social; - Consolidação de parcerias com impacto positivo nos processos de aprendizagem/de formação em contexto de trabalho e na promoção de mérito e solidariedade social; - Valorização do sucesso dos alunos através de iniciativas diversificadas; - Diversificação de práticas experimentais na aprendizagem e no ensino, como fator de motivação dos alunos, face ao método científico. - Espírito de iniciativa na adesão a projetos inovadores, com impacto na melhoria dos processos de aprendizagem; - Existência de vários clubes e projetos que, a partir de situações de aprendizagem informal, estimulam o desenvolvimento de aspetos culturais, sociais e artísticos; - Visibilidade do trabalho desenvolvido pela escola na comunidade envolvente; - Página da escola na internet: veículo privilegiado de informação e comunicação interna e externa; - Perceção de motivação, de sentido de pertença e de um bom clima relacional entre os diferentes membros da comunidade escolar;
---	--

	- Recursos humanos com larga experiência e com investimento na formação especializada; - Boa capacidade de circulação de informação, por parte dos órgãos de administração e gestão, bem como das estruturas de coordenação; - Reflexão sobre as práticas de ensino e reajustamento dos processos e estratégias de aprendizagem, em reuniões regulares das equipas pedagógicas; - Atuação direta da Direção face aos problemas ocorridos em meio escolar; - Serviço prestado pela Biblioteca Escolar – apoio ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem; pólo de enriquecimento cultural da comunidade escolar; - Serviços de Psicologia e Orientação e Educação Especial – recurso relevante, entre outros aspetos, pela implementação de uma abordagem multifatorial, nos processos de tomada de decisão; - Apoio aos alunos com necessidades materiais, de alimentação/transporte, com recurso às receitas próprias da escola; Empenhamento dos órgãos de gestão e das estruturas de coordenação na definição de estratégias de melhoria; - Requalificação física e funcional do edifício escolar pela Parque Escolar, EPE.
--	---

IV. FINALIDADE DO PROJETO EDUCATIVO

Este Projeto Educativo tem como finalidade promover a formação académica, pessoal e social dos nossos alunos, orientando a aprendizagem no sentido da harmonia entre o saber, o saber fazer e o saber ser.

Para cumprir esta finalidade, acentuam-se neste Projeto Educativo as seguintes vertentes a desenvolver:

- a) a dimensão humanizadora do trabalho e do estudo;

- b) o carácter criativo e construtivo do saber;
- c) a promoção do diálogo entre os diferentes saberes e culturas;
- d) a comunicação permanente entre os vários agentes educativos;
- e) a participação dos jovens no desenvolvimento de ações/na tomada de decisões que contribuam para um ambiente saudável e sustentável;
- f) a formação de cidadãos responsáveis e intervenientes na sociedade;
- g) o desenvolvimento de uma cultura de partilha de boas práticas e de trabalho colaborativo;
- h) a manutenção e o incremento de uma política inclusiva e de apoio social.

V. PLANO ESTRATÉGICO

Para a concretização da Finalidade do Projeto Educativo define-se o seguinte **plano estratégico** que está organizado por **áreas de intervenção** e inclui **objetivos, estratégias e recursos**.

Área de Intervenção

1. Visão estratégica

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Promover o envolvimento da Comunidade Educativa na vida cultural da Escola	- Estabelecimento de protocolos e/ou de acordos com instituições da comunidade educativa; - Realização de ações de formação dirigidas à comunidade envolvente; - Divulgação das atividades da Escola, através dos canais de informação escolar e local, que promovam a sua imagem e facilitem a captação de novos públicos; - Promoção de iniciativas de solidariedade social; - Divulgação e apelo à prática do voluntariado; - Apelo à participação responsável dos alunos e dos Encarregados de Educação nos órgãos da Escola; - Atribuição de responsabilidades aos alunos – organização de determinados espaços da Escola; - Reconhecimento dos alunos pela qualidade do seu desempenho em várias áreas – Quadro de Valor e de Excelência; - Realização regular de iniciativas que	Comunidade Educativa

	contribuam para o desenvolvimento de um sentimento de pertença.	
Promover uma cultura de avaliação interna sistematizada	- Reflexão e avaliação contínuas das práticas curriculares e não curriculares, registadas em documentos próprios; - Elaboração de relatórios de avaliação intermédia e/ou de avaliação anual de cada setor da Escola; - Elaboração de um plano de avaliação interna; - Acompanhamento e avaliação do Projeto Educativo, pelo Conselho Geral.	- Departamentos - Grupos de recrutamento - Diretores de Turma - Coordenação de Diretores de Turma - Conselhos de Turma - Projetos de Enriquecimento Curricular - Direções de Instalações - Diretores de Curso (CEF e Profissionais) - Mediadores de Curso (EFA)
Promover o bom funcionamento da escola através de uma adequada afetação de recursos	- Operacionalização do plano de segurança da Escola; - Realização de simulacros de situações de emergência; - Planificação conjunta com as forças de segurança pública, de forma a garantir a segurança dentro e fora do recinto escolar; - Manutenção, atualização e aquisição de recursos materiais, mediante o estudo prévio das necessidades; - Redistribuição de recursos, em tempo útil, de acordo com critérios pedagógicos de qualidade e de interesse para os alunos; - Promoção de iniciativas que levem a comunidade escolar a adotar medidas ecológicas; - Promoção da educação para a saúde; - Seleção de trabalhos, documentos e materiais guardados em arquivo e de interesse para a Escola;	- Bombeiros Voluntários - Polícia de Segurança Pública - Departamentos - Grupos de recrutamento - Comunidade Educativa - ACES de Odivelas - Junta de Freguesia - Câmara Municipal de Odivelas

	- Promoção do aumento de receitas próprias, através de iniciativas diversificadas, salvaguardando o bom funcionamento da escola.	Empresas
Criar alternativas curriculares	- Criação de novas ofertas educativas/formativas, de acordo com as necessidades/potencialidades do meio; - Estabelecimento de protocolos com empresas, tendo em vista a integração dos alunos na vida ativa.	
Definir um plano de formação interno para pessoal docente e não docente.	- Identificação das necessidades de formação (pedagógica, profissional ou outra); - Elaboração do plano interno de formação; - Criação de espaços dedicados à partilha e divulgação de boas práticas pedagógicas; - Realização de ações que permitam dar continuidade, entre outras, às seguintes políticas: - Escola promotora de Educação para a Saúde - Escola promotora de Educação Ambiental - Escola promotora da Inclusão Apresentação de candidaturas a cursos europeus de formação contínua.	- CENFORES - SPO/ Ensino Especial - Professores - Professor coordenador da Educação para a Saúde - Professor coordenador do Eco-escolas - Projetos da escola

Prestação do Serviço Educativo

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Melhorar o sucesso escolar dos alunos apostando numa cultura de qualidade, de exigência e de responsabilização.	- Divulgação do estudo sobre o (in) sucesso; - Identificação das causas do insucesso; - Identificação dos problemas particulares dos alunos com insucesso; - Reforço de medidas que promovam a disciplina na sala de aula; - Reforço do papel fundamental da família na prevenção do insucesso escolar; - Realização de ações de prevenção da indisciplina; - Responsabilização de todos os elementos da comunidade escolar pelo cumprimento do Regulamento Interno; - Planificação adequada à heterogeneidade das turmas; - Definição de estratégias, a nível dos conselhos de turma, para a valorização transversal da Língua Portuguesa; - Diversificação das modalidades de apoio pedagógico;	Direção Executiva Conselho Pedagógico Diretores de turma Família SEI/ Odivelas Gabinete de Apoio e Prevenção Assistentes operacionais Conselhos de Turma Educação Especial

	- Promoção de práticas colaborativas visando a integração efetiva de todos os alunos e o seu sucesso educativo; - Orientação vocacional e profissional dos alunos; - Incentivo à partilha e divulgação de experiências individuais e de equipa.	Serviço de Psicologia e Orientação Comunidade Escolar
Reduzir o abandono escolar	- Realização do diagnóstico das causas do abandono escolar; - Orientação escolar e profissional, dirigida a todos os alunos, em particular aos do 9ºano; - Ação de sensibilização para alunos, pais/encarregados de educação sobre a importância da formação escolar no seu projeto de vida; - Reforço do papel fundamental da família na prevenção do abandono escolar; - Divulgação de oportunidades e de recursos a nível local, nacional e internacional e apoio aos alunos no respetivo processo.	
Desenvolver o bom clima existente entre os vários membros da comunidade educativa.	- Incentivo à participação de alunos, pais, professores, funcionários, na melhoria de todas as condições da escola; - Apoio a medidas que contribuam para minorar as desigualdades psico-motoras, sociais e culturais dos alunos; - Perceção do “sentir” da comunidade escolar, indo ao encontro das suas expectativas/anseios e promovendo valores fundamentais de cidadania, tais como cooperação e solidariedade; - Manutenção, na Escola, de um clima de tranquilidade e de bem-estar.	

Resultados

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS
Melhorar os resultados escolares de modo a atingir as metas propostas para o triénio:	- Integração de vivências e interesses dos alunos no processo de aprendizagem; - Articulação da teoria e da prática, nas diferentes áreas do conhecimento; - Reflexão sobre currículos, metodologias, avaliação, causas do insucesso e respetiva remediação; - Criação de condições favoráveis à aprendizagem em turmas que apresentam comportamentos inadequados.	- <i>Moodle</i> - Tecnologias de Informação - Biblioteca - Projetos - Conselhos de Turma - Diretores de Turma - Diretores de curso - Coordenador de - Projetos

Recolher informações, junto dos parceiros educativos, sobre as suas sensibilidades e expectativas, a fim de todos partilharem as mesmas finalidades.	- Ações de reforço positivo dos progressos dos alunos, junto dos encarregados de educação e da comunidade escolar; - Maior envolvimento dos Pais e Encarregados de Educação na vida escolar; - Maior envolvimento dos alunos na vida escolar; - Continuação do aperfeiçoamento dos níveis de eficácia do trabalho desenvolvido nos vários setores da Escola; - Continuação de ações que promovam a visibilidade do trabalho desenvolvido pela escola, junto da comunidade educativa.	- Direção - Serviços administrativos - Assistentes Operacionais - Página da Escola na <i>internet</i>
--	--	--

VI. AVALIAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO

O grau de execução do atual Projeto Educativo de Escola será objeto de avaliação no final do período vigente. Essa avaliação será implementada e coordenada pelo Conselho Geral e pelo Conselho Pedagógico, no âmbito das suas competências.

Apresenta-se, de seguida, um quadro com os vários intervenientes, instrumentos e calendarização do processo.

Intervenientes	Instrumentos	Calendarização
Conselho Geral	Relatórios externos	No final do tempo de vigência do PEE
Direção Executiva	Relatórios internos/Plano de melhoria	Avaliação intermédia no final de cada ano letivo
Conselho Pedagógico	Relatórios internos	Avaliação intermédia no final de cada ano letivo
Equipa de Coordenação do PEE	Comparação com resultados externos	No final do tempo de vigência do PEE

O presente Projeto Educativo corresponsabiliza toda a comunidade escolar.

**Anexo XXXIX – Promoção da Disciplina e Gestão de Conflitos (PDGC – Doc.º1):
Agrupamento de Escolas nº1 de Odivelas – Escola Secundária C/3º Ciclo Braancamp
Freire**

Informação aos Professores (Esc. Sec. Braamcamp Freire)

1. O projeto **PDGC** visa controlar o avanço da indisciplina na escola e, consequentemente, promover o sucesso pessoal e escolar dos nossos alunos, quer **agindo atempada e eficazmente**, de forma **preventiva, formativa e corretiva**, quer de forma **sancionatória**, quando se impuser, procurando, eliminar hiatos de tempo e mediações que, muitas vezes, atardavam tomadas de conhecimento e de decisão.

2. Continuam a **coordenar** o projeto os professores **Carlos Maurício** (História), **João Martins** (Matemática) e **Paulo Cunha** (Educação Física), a que se junta, neste ano letivo, a professora **Leonor Chambel** (Educação Física). A **coordenação** destes professores constituirá uma **instância de apreciação prévia** nos casos mais graves (agilizando a instauração de procedimentos disciplinares sancionatórios), possibilitando, à Direção, uma maior celeridade nas decisões a tomar.

3. A aplicação da medida corretiva de «*afastamento temporário da turma*», prevista no *Regulamento Interno*, que no ano passado se adequou ao *Estatuto do Aluno*, mantém-se (tal como outras medidas corretivas), ao dispor do Diretor ou do Conselho de Turma (Lei nº51/2012. de 5 de Setembro. número 7 do Artigo 26º), devendo seguir-se o que, adiante, se preceitua, na Parte IV (números 17 a 19).

4. Atenção especial deve merecer a aplicação da **medida disciplinar sancionatória** de "**Repreensão Registada**" (ver nº 9) que, nos casos de incidente dentro da sala de aula, é da exclusiva responsabilidade do professor, se a considerar adequada (número 3 do Artigo 28º da Lei nº 51/2012).

Parte I - Tipificação dos incidentes ou ocorrências disciplinares

5. O **aluno**, que tenha atitudes que se enquadrem num dos **três níveis de infração** explicitados no número 6, deve ser **enviado** ao Gabinete de Gestão de Conflitos (sala 34), acompanhado por um(a) **assistente operacional**, após o preenchimento, pelo professor, da seguinte **"FICHA DE OCORRÊNCIA"**.

Ficha de Ocorrência PDGC – Doc.º 2		Data:	Hora:	Sala:
		Ano/Turma:		Disc.

Agrupamento de Escolas nº 1 de Odivelas (ESBF)

Alunos (nomes e números)		Nível (com X)			Atitudes
Nomes	Nº	1	2	3	(letras)
(1)					
(2)					
(3)					
(4)					
(5)					

Atitudes Tipificadas A - Conversa B - Brincadeira C - Desobediência D - Má educação E - TM ou similar F - Agressividade G - Violência H - Outra (referir):

Marcação de tarefa (a realizar pelo aluno, no Gabinete de Gestão de Conflitos)

Repreensão Registada	Não	Sim
<i>Considero adequada a medida sancionatória de “Repreensão Registada” (com um X)</i>		
Assinatura bem legível do(a) Professor(a):		

A PREENCHER PELO GABINETE DE GESTÃO DE CONFLITOS					
<i>Contacto telefónico com EE ou SMS (Sim ou Não)</i>	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Assinatura bem legível do(a) Professor(a) do GGC					

6. Há **três níveis de infrações** (codificadas na sigla «PDA») que correspondem a atitudes de **diferente gravidade**:

- **Perturbador** (nível 1) - identifica o **comportamento inadequado e recorrente** do aluno que, após várias chamadas de atenção, continua a **perturbar continuamente** o funcionamento da aula;

- **Desobediente** (nível 2) - identifica a situação em que o **aluno, de forma repetida**, se **recusa** a efetuar **as tarefas** de aula que lhe são solicitadas e/ou atua **deliberada e continuamente** contra **as regras estabelecidas** (exemplo: o uso indevido de telemóvel e aparelhos similares > ver, para estes casos, a **Obs. 1**);

- **Agressivo** (nível 3) - de gravidade máxima, identifica a **conduta agressiva, verbal ou física**, do aluno para com o professor e colegas (ou assistentes operacionais) e nos casos de **grave desobediência** (recusa, por exemplo, em sair da aula ou em dirigir-se ao GGC¹) ou, ainda, **intencional e profundo desrespeito** (por palavras ou gestos) para com **qualquer membro** da comunidade educativa.

7. Na “**Ficha de Ocorrência**” (ver nº5), a solicitar a um assistente operacional, o professor deve:

7.1. - Registrar a **data** (dia/mês), a **hora** precisa, a **sala**, o **ano/turma** e **disciplina** lecionada;

7.2. - Identificar **nome** e **número** do aluno;

7.3. - Especificar, com um **X**, o **nível de infração** (1, 2 ou 3, conforme número 6, em cima) e **tipificá-la** com a **letra** adequada (segundo a legenda "*Atitudes Tipificadas*", na "*Ficha de Ocorrência*").

7.4. - Definir a **tarefa** a cumprir pelo aluno no GGC;

7.5. - Nos casos de **nível 3**, o **professor deve esclarecer se aplica ou não** a medida disciplinar sancionatória de "**Repreensão Registada**" (colocando um **X** em "*Não*" ou "*Sim*"). Caso decida aplicá-la, deve proceder segundo o preceituado na **Parte II** (números 8 e 9).

7.6. - Assinar de forma bem legível.

Parte II - Ocorrências de nível 3

8. Nas ocorrências de **nível 3**, o professor, para além do preceituado no item 7.3., tem de, obrigatoriamente, redigir um "**Relatório**" detalhado do incidente disciplinar (utilizando o **modelo** enviado a todos os professores por correio eletrónico ou **solicitando-o** no GGC), devendo **entregá-lo** naquele gabinete **no próprio dia** ou no **dia útil imediato** ao do incidente, em envelope fechado, dirigido à *Coordenação do PDGC*.

9. Caso o professor tenha decidido aplicar uma "**Repreensão Registada**", deve **registar**, na página verso do mesmo "**Relatório**", a **aplicação dessa medida disciplinar sancionatória**, identificando o(s) aluno(s) abrangidos, datando e assinando de forma bem legível, nos espaços reservados para o efeito.

10. Também o aluno redige, no Gabinete de Conflitos, um "**Relatório**" individual em modelo fornecido pelo "Professor GGC", antes de realizar as **tarefas** que lhe foram **solicitadas** (7.4.).

OBSERVAÇÕES

Obs. I - Telemóveis e similares - Sendo o uso de telemóveis e aparelhos similares não permitido por lei na sala de aula, pelas perturbações que causa, adotam-se, aquando do seu uso indevido, os seguintes procedimentos:

- a) - O aluno, acompanhado pela/o assistente operacional, que levará a "**Ficha da Ocorrência**" (com o nível 2), vai ao GGC **entregar o telemóvel ou aparelho similar**, voltando de imediato para a sala de aula (salvo qualquer informação em contrário do professor);
- b) Se o aluno **recusar a entrega do aparelho**, a infração cometida passa a **nível 3** e será **objeto de medida disciplinar sancionatória**, sendo aquela atitude averbada na "Folha de Registo do GGC".
- c) O aparelho em causa será **entregue na Direção** pelo professor do GGC, donde **só pode ser resgatado pelo Encarregado de Educação**.

Obs.2 – A "**Ficha de Ocorrência**" (Parte I) e as cópias dos "**Relatórios**" (referidos nos números 8 a 10 da Parte II) serão colocadas, no próprio dia, no dossiê do respetivo Diretor de Turma, por um dos Coordenadores.

Parte III - Pequena indisciplina

11. A saída da sala de aula só deve ser aplicada (nos casos de nível 1 e 2) quando há reincidência continuada e a normalidade da aula é reiteradamente prejudicada. O recurso desadequado a essa medida corretiva, inflaciona-a, desvaloriza-a e torna-a ineficaz.

12. Nada impede o professor de sancionar comportamentos desadequados (com nível I e 2), informando os alunos, sem que os tenha de enviar para o GGC, por considerar reunidas as condições suficientes para que a aula prossiga com normalidade (ver número 14).

13. Por outro lado, o perdão perpétuo ou irregular da pequena indisciplina, demasiadas vezes impune, convida ao engrandecimento e agravamento da mesma e ao seu alastramento colateral, para além do crescente desafio ao professor e sua irremediável desautorização.

14. Assim, sempre que um aluno tenha um comportamento algo desadequado durante a aula sem que, no entanto, tenha sido obrigado a abandonar a respetiva sala, deve o professor registar o facto, no espaço próprio do "Programa Inovar".

15. Outrossim, pode o Diretor de Turma, ou o respetivo Conselho, propor medidas corretivas e/ou medidas sancionatórias (inclusive, a de "Repreensão Registada") quando considere suficiente a acumulação de repetidos pequenos incidentes registados, quer numa ou várias disciplinas, mesmo que o(s) aluno(s) nunca tenha(m) saído da sala de aula e sido enviado(s) para o GGC.

16. Basta que o DT faça chegar, à Direção, no prazo máximo de 2 dias úteis, a fundamentação escrita que suporte a proposta de cariz corretivo e/ou sancionatório, anexando, nos dois casos, um documento com a informação das diversas ocorrências a que aquela reporta.

Parte IV - Afastamento Temporário da Turma

17. Com ficou dito no número 3, a medida corretiva de "**Afastamento Temporário da Turma**" permanece como uma medida disciplinar corretiva a que o **Diretor de Turma e/ou o respetivo Conselho** de turma pode recorrer, nos termos do **número 8 do artigo 26 da Lei nº51/2012, de 5 de Setembro**, podendo àquela recorrer as vezes que se considerar oportuno.

18. Contudo, conforme estipula o "*Regulamento Interno da ESBF*", o aluno cumprirá apenas **um dia** em cada "*Afastamento Temporário*".

19. Os professores devem **marcar "falta"** (*no Livro de Ponto*) no dia em que o aluno cumpre "*afastamento temporário da turma*", devendo o **Diretor de Turma justifica-**

lasempre que o **GGC**, via "**Folha de Acompanhamento**" (alínea d, em baixo) **confirme a presença** do aluno no tempo letivo correspondente.

Procedimentos (afastamento temporário da turma)

- a) - Assim que tal **medida seja tomada**, o **Diretor de Turma** deve avisar o **aluno**, o **Encarregado de Educação**, os **professores** da turma e a **Coordenação** do GGC.
- b) - Convém que o aluno cumpra o "**Afastamento Temporário**" no **3º dia útil após** a tomada de decisão, a fim de que os professores da turma possam preparar os materiais (atividades/tarefas) que o aluno deverá trabalhar em afastamento (as Disciplinas em causa são as lecionadas no dia do "AT"), **entregando-os** no GGC até ao dia anterior (os professores do GGC saberão o que fazer).
- c) - No dia marcado, o **aluno dirigir-se-á, SEMPRE, para junto da sala 34** (GGC) e nunca para junto das salas onde a sua turma terá a aula correspondente. Os "Professores GGC" acompanharão, ao longo do dia, no horário correspondente ao da turma, a execução das tarefas, à medida que vão **qualificando o comportamento e o empenho do aluno e registando a sua presença ou ausência** em cada tempo letivo, em **documento** específico ("**Folha de Acompanhamento**"), documento que nesse mesmo dia será colocado no dossiê do Diretor de Turma.
- d) - As **tarefas ou atividades** estipuladas pelos professores devem, preferencialmente, estar **relacionadas** com a planificação da aula respetiva.
- e) - Os alunos entregarão os trabalhos realizados aos respetivos professores (para a sua avaliação).

documento, a **Coordenação do PDGC** garante, no final de cada tarde, o **balanço diário das ocorrências disciplinares**, colocando, nos dossiês dos DT, os documentos referentes às respetivas turmas (**fichas de ocorrência e relatórios**) e **informando a Direção dos casos relevantes** para eventual aplicação de medidas disciplinares corretivas e/ou sancionatórias.

21. Os **Coordenadores reúnem**, regularmente, à **3ª-feira** (das 16:05 às 17:35 horas), no respetivo gabinete (sala 38).

22. O **procedimentos já acordados e a acordar** entre a Comissão Administrativa do Agrupamento de Escolas no I de Odivelas e a Coordenação do PDGC da Escola Secundária Braamcamp serão sempre objeto de **protocolo escrito** e devidamente assinado pelos respetivos Presidente e Coordenador-mor.

Parte VI - Notas Finais

23. A atividade do **Gabinete de Gestão de Conflitos** terá início, **na sala 34**, no dia **26 de Setembro**, ao primeiro tempo matinal (8 horas e 15 minutos) e desenrolar-se-á em todos os dias letivos, ao longo do ano de 2014-2015.

24. A CAP e a Coordenação do PDGC reservam, para si, o direito de proceder a alterações do presente documento, entrando aquelas em vigor após informação prévia e atempada.

Informação aos Diretores de Turma (PDGC - Doc.º 3)

Convém ler, com atenção, o "**Informação os Professores**", do projeto PDGC (Doc. 1), de 23 de Setembro de 2073, que esclarece/explico/enquadra alguns assuntos abordados neste documento.

1. Compete aos Coordenadores do projeto PDGC colocar, ao fim da tarde, nos **dossiês** dos respetivos DT, as "**Ficha de Ocorrência**" que documentam os **incidentes disciplinares do dia**.

2. Quando na "**Ficha de Ocorrência**" estiver indicado que o EE **não foi contactado** (via telefone ou SMS) durante o dia, compete ao **DT fazê-lo** logo que possa, dando-lhe conta da ocorrência e da ida para o GGC.

3. Nas ocorrências de "**nível 3**", serão **também colocados**, nos dossiês dos DT, os seguintes documentos: cópia do "**Relatório do Aluno**" e cópia do "**Relatório do Professor**" (em cujo verso poderá estar registada a aplicação da pena disciplinar sancionatória de "**Repreensão Registada**").

4. Só o professor em aula pode aplicar a medida de "**Repreensão Registada**" relativa a incidentes dentro da sala. Contudo, por **acumulação de "pequena" indisciplina**, ou nas **repetidas saídas da sala de aula**, poderá aplicar-se o disposto no **número 7, do Artigo 26º, da Lei 51/2012** (ver número 5, a seguir).

5. O **DT ou o Conselho de Turma** pode, também, propor aquela medida disciplinar sancionatória (ver "**Parte III**" da "**Informação aos Professores**") ou, até, **propor outras medidas corretivas e/ou sancionatórias** como a "**Suspensão da** Escola" definindo o **nnúmero de dias** (de 1 a 3), na sequência do **nº7 do artigo 26 da Lei 51/2012**. Para tal, segundo o número 16 da "**Informação aos Professores**", basta «... que o **DT faça chegar, à Direção, no prazo máximo de 2 dias úteis, a " fundamentação escrita que suporte a proposta de cariz corretivo dou sancionatório, anexando, nos dois casos, um documento com a informação das diversas ocorrências a que aquela reporta**».

6. Pelas mesmas razões, **DT e CT** podem aplicar a medida disciplinar corretiva de "Afastamento Temporário da Turma" (um dia, de cada vez), conforme " Parte IV" da "Informação aos Professores".

7. Uma vez aprovado o "Afastamento Temporário", compete ao **DT fazer chegar**, de imediato, à **Coordenação** do PDGC, um **documento que fundamente a decisão** tomada.

8. Complementarmente, deve também o DT:

8.1. **Definir a data** em que será cumprido (no 3º dia útil após o da ocorrência é o desejável);

8.2. Informar o aluno e respetivo encarregado de educação;

8.3. **Avisar os professores da turma**, para que preparem **tarefas/atividades/trabalhos** que o aluno deve realizar naquele dia, entregando, no GGC, em tempo útil, as indicações e materiais necessários (os trabalhos serão, depois, entregues pelos alunos aos respetivos professores);

8.4. Informar a **Coordenação** do PDGC da data em que o aluno cumpre o afastamento.

9. Um dos coordenadores colocará, no dossiê do DT, a respetiva "Folha de Acompanhamento" em que os professores registaram a presença/ausência do aluno, qualificaram o seu comportamento e explicitaram da realização (ou não) das atividades propostas.

10. O **DT deve lembrar** aos alunos que os **telemóveis** ou aparelhos similares "**cativos**" só podem ser levantados, na **Direção**, pelo respetivo **EE**.

11. Convém que os DT tenham **toda a informação disciplinar** de cada **aluno arrumada e disponível** no respetivo dossiê a fim de poder responder, de imediato, à eventual **solicitação do professor** nomeado, pelo Diretor da CAP, como **instrutor de procedimento disciplinar**, podendo este, inclusive, solicitar um **relatório sobre o percurso escolar e disciplinar do aluno** (que privilegiará o presente ano letivo) para ser avaliado como fator **atenuante ou agravante**, conforme a lei prevê.

GUIÃO - Gabinete de Gestão de Conflitos (PDGC – Doc.º 5)

Quando um(a) aluno(a), saído(a) da sala de aula, chega ao Gabinete de Gestão de Conflitos, acompanhado, em princípio, por um(a) **assistente operacional**, que lhe entregará uma "Ficha de Ocorrência" (Doc. 2) deve o **Professor GC** ter em conta os seguintes procedimentos gerais:

1. Ler, com atenção, a "**Ficha de Ocorrência**" remetida pelo professor, copiando, para a folha de "**Registo do GGC**" (Doc.6), os dados neste solicitados. Caso haja dados omissos naquela, deve completá-los, com recurso ao "**Dossiê Alunos**" (ver "Observação", em baixo).

2. Depois de ouvir atentamente o aluno, procurando, se necessário, através de um **diálogo sereno**, colmatar hiatos, clarificar imprecisões e resolver eventuais contradições no seu relato, solicitar-lhe um **depoimento conciso, claro e fidedigno** do incidente, escrevendo-o no espaço reservado para o efeito na referida folha de "**Registo do GGC**".

3. **Contactar telefonicamente** (ou por SMS, quando possível) o **Encarregado de Educação**, informando-o da **saída da sala de aula** do seu educando e que **este se encontra no GGC** (não se acrescente MAIS NADA e nunca se entre em discussão com o EE), remetendo o **aprofundamento do assunto para conversa posterior** entre EE e Diretor de Turma.

4. Caso não tenha sido possível contactar o EE, **precisar**, na folha de "**Registo do GGC**", nos espaços respetivos, que **não houve contacto com o EE** e a **razão do impedimento**. Compete aos professores do GGC, na hora seguinte, tentar novo contacto com o EE.

5. Uma vez concluído o depoimento do aluno, **exortá-lo a cumprir a tarefa** indicada da "**Ficha de Ocorrência**" (com um **X**, **explicitar**, no espaço próprio, se **foi** ou **não indicada**).

6. **Qualificar**, na folha de "**Folha de Registo do GGC**", o **comportamento** do aluno e anotar se a **tarefa** (caso tenha sido indicada) **foi** ou não **executada**.

7. **Arquivar**, no espaço apropriado do "**Dossiê GGC**", a "**Ficha de OCORRÊNCIA**" e a folha de "**Registo do GGC**", depois de **assinar ambas**, de **forma legível**, nos espaços respetivos.

8. Se o incidente disciplinar implicar a **entrega de um telemóvel** ou aparelho similar, **preencher**, também, o documento "**Telemóvel ou Aparelho Similar**" (Doc. 7) e, depois, agraphá-lo no exterior de um envelope, dentro do qual colocará o aparelho em causa, **entregando-o**, de imediato, na **Direção**.

9. **Receber e colocar**, nos **envelopes respetivos**, os **trabalhos** que os professores entregarem para os alunos em "**afastamento temporário da turma**" realizar na data estipulada (ver 10).

10. Nos dias em que houver algum **aluno em "Afastamento Temporário"** (haverá informação atempada afixada no gabinete), **acompanhá-lo** no gabinete (sala 34) segundo as **orientações de trabalho** (tarefas ou atividades) deixadas pelos professores da respetiva

disciplina, e registar, na "**Folha de Acompanhamento**" (Doc. 10), a **presença** ou **ausência** do aluno, bem como, sinteticamente, **apreciar o cumprimento da tarefa**¹ e a **sua atitude**, nos espaços apropriados (com **B, S** ou **I**, isto é, **Bom, Suficiente** ou **Insuficiente**).

11. Nas ocorrências de "**nível 3**", **entregar** um exemplar "**Relatório do Aluno**" (Doc.9) onde o aluno deverá fazer, antes de cumprir a tarefa, um **relato desenvolvido e preciso** do incidente e registar, nos espaços adequados, os **dados requeridos, guardando-o** no "**Dossiê GGC**", junto às fichas referidas no número 7 (nesse mesmo dossiê se guardará o "**Relatório do Professor**", que pode entregá-lo até ao dia útil imediato ao da ocorrência).

Obs. - Na **sala 34 (Gabinete de Conflitos)** haverá 2 "dossiês"; o "**Dossiê GGC**", que abrange os documentos de trabalho (exemplares do "**Registo do GGC**", "**Relatório do Professor**", "**Relatório do Aluno**", "**Telemóvel ou Similar**", envelopes e informações do GGC) e onde os professores devem guardar as "**Ficha de Ocorrência**" do dia (e outros documento recebidos); e o "**Dossiê Alunos**" (com nomes e fotografias dos alunos, turmas e anos), que é necessário consultar para se obter o contacto telefónico dos EE.

¹ Os alunos ficarão com os trabalhos realizados, entregando-os diretamente aos respetivos professores.

Registo do GGC - ESBF (doc. 6)

Registar, em baixo, as informações solicitadas, extraídas da **Ficha de OCORRÊNCIA** que acompanhou o aluno vindo da sala de aula. Preencher as informações omissas com recurso ao "**Dossiê Alunos**".

Data:	Hora:	Sala:	Ano/Turma:	Disciplina:
-------	-------	-------	------------	-------------

Alunos (nomes e números)		Nível (com X)			Atitudes (letras, ao lado)
Nomes	Nº	1	2	3	
(1)					A - Conversa B - Brincadeira C - Desobediência D - Má educação E - TM ou similar F - Agressividade G - Violência H - Outra
(2)					
(3)					
(4)					
(5)					

Professor(a) em aula:	Tarefa marcada	SIM ☐	NÃO ☐
-----------------------	----------------	-------------------------------------	-------------------------------------

Depoimento do aluno

As linhas abaixo destinam-se a depoimentos relativos aos casos de **Nível 1 e 2**. Nos casos de **Nível 3**, o aluno redige um **RELATÓRIO** (Doc. 9, fornecido pelo professor do GGC)

Assinatura legível do aluno(a):

Data:

Realização da Tarefa		O aluno no GGC	Comportamento no Gabinete de Conflitos			
SIM	NÃO		Insuf.	Suf.	Bom	M. Bom
☐	☐		☐	☐	☐	☐

Contacto com EE	SIM	Telef. SMS	NÃO	Se o EE não foi contactado, esclarecer o motivo:
	☐	☐		

Assinatura legível do(a) professor(a) do GGC:

Projeto Promoção da Disciplina e Gestão de Conflitos (PDGC, Doc. 7)
Gabinete de Gestão de Conflitos
TELEMOVEL
(ou aparelho similar)

PROTOCOLO GGC / CAP

Nome do aluno:

Número:

Ano:

Turma:

Data:

Hora:

Sala:

Professor em aula:

Disciplina:

Identificação do tipo de objecto:

Assinatura do professor do GGC (legível)

Obs. – ESTE DOCUMENTO DEVE SER ANEXADO OU AGRAFADO AO ENVELOPE QUE CONTÉM O APARELHO PELO PROFESSOR DO GABINETE DE CONFLITOS QUE O ENTREGARÁ, IMEDIATAMENTE, NA CAP

CAP

Assinatura CAP (quem receber o aparelho)	Assinatura do Encarregado de Educação	Assinatura do elemento da CAP que entregou o TM
Data:	Data:	Data:

Gabinete de Gestão de Conflitos (PDGC)

Dados estatísticos a 17 de Dezembro de 2013

As tabelas incluídas neste balanço sintetizam todas as ocorrências reportadas ao Gabinete de Gestão de Conflitos, desde o início do ano letivo. Há algumas situações irregulares que fazem com que os totais sejam diferentes nas várias tabelas. Tal é no entanto estatisticamente irrelevante.

Destacaremos apenas algumas conclusões que nos pareceram dignas de realce.

I – Medidas Diárias (2013/2014): 1º Período			
<i>Meses</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Nº Dias</i>	<i>Média Diária</i>
Setembro	33	11	3.00
Outubro	129	23	5.61
Novembro	145	20	7.25
Dezembro	62	12	5.17
Totais	369	66	5.59

Novembro, com um registo de **7,25 ocorrências diárias**, foi o mês **mais conflituoso**, contrariamente ao que tem acontecido nos últimos três anos. Costuma ser Outubro. Os dados são ligeiramente melhores que os do ano passado, onde se registou uma média diária de 5,87 ocorrências. No entanto a **conclusão a tirar é de que o nível de conflitualidade na escola se mantém elevado**. Recordamos que há dois anos a média diária observada no final do 1º período foi de 4,86 e, em 2010-2011, situou-se em 5,23 casos diários (ver tabela 1.1)

De registar a **tendência decrescente observada no mês de Dezembro** (tal como aconteceu nos anos 3 anos letivos anteriores), que carece de confirmação no segundo período.

<i>Na tabela ao lado, os números suportam o que ficou dito no texto principal: a média deste ano fica algo aquém dos números do ano passado, ambas acima dos registos de 2010-2011 e de 2011-2012 (este é o que apresenta a média mais benigna, inferior a 5 casos diários: 4.86 exatamente.</i>	1.1 Médias diárias comparadas			
	<i>Anos</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Nº Dias</i>	<i>Média Diária</i>
	2010-11	293	56	5.23
	2011-12	287	59	4.86
	2012-13	352	60	5.87
	2013-14	369	66	5.59

III – Ocorrências por Turma			
Anos	Turmas	Número de Ocorrências	Percentagem do Total
7	10	55	14.91%
1	CEF EI	42	11.38%
7	8	35	9.49%
7	9	34	9.21%
6	L	32	8.67%
7	5	30	8.13%
8	1	22	5.96%
7	7	16	4.34%
7	6	15	4.07%
1	TAGD	14	3.79%
7	4	12	3.25%
8	2	10	2.71%
8	3	10	2.71%
8	4	10	2.71%
9	5	7	1.90%
10	6	4	1.08%
7	3	3	0.81%
10	4	3	0.81%
9	1	2	0.54%
3	TBS	2	0.54%
11	4B	2	0.54%
9	3	1	0.27%
1	TS	1	0.27%
2	TE	1	0.27%
11	5B	1	0.27%
10	2	1	0.27%
10	3	1	0.27%
10	5	1	0.27%
12	4	1	0.27%
8	5	1	0.27%
TOTAL		369	100%

Mais de 50% das ocorrências são responsabilidade de 5 turmas apenas; 3 turmas do 7ºano, a turma do CEF-EI e a partilhada 6º-L da EB2/3.
Também significativo: 9 turmas totalizam 3/4 dos casos disciplinares

53.66%

(5 turmas)

61.79%

(6 turmas)

76.85%

(9 turmas)

Como vai sendo infelizmente usual, um **número reduzido de turmas** (cinco este ano, quatro no ano transato), são responsáveis por **mais de 50% dos incidentes** disciplinares.

As ocorrências nos alunos do **secundário** representam **8.7%** do total, o que significa **uma melhoria** face aos 18.34% do ano passado, equivalente aos 8.8% de há dois anos.

São **16** as **turmas** onde **não se observou ainda qualquer registo disciplinar**, a saber.

- 7º-1ª, 7º-2ª

- 9º-2ª, 9º-4ª

- 10º-1ª

- 11º-1ª, 11º-2ª, 11º-3ª, 11º-4ª, 11º-5ªA

- 12º-3ªB

- 2º-TAI, 3º-TAI.

No ano passado eram 17 as turmas “imaculadas”

III – Ocorrências por nível		
<i>Nível</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>%</i>
1	172	47.65%
2	100	27.70%
3	89	24.65%
TOTAIS	361	100%

Os incidentes são qualificados de nível 1, 2 ou 3 consoante a gravidade das situações. Os de nível 3 foram reportados à Direção da Escola para eventual instauração de procedimentos corretivos e disciplinares. Vários casos de reincidência foram reportados aos diretores das respetivas turmas para dar cumprimento ao estipulado no novo Estatuto do Aluno.

Sobre os dados (tabela III, em cima), merece **especial relevância o elevado número de casos de nível 3**. É exatamente igual ao valor do ano passado mas, em termos comparativos, e para um número total de alunos semelhante, note-se que há dois foram registados "apenas" 18!

IV – Ocorrências por aluno	
<i>Número de Ocorrências</i>	<i>Nº de aluno</i>
21	1
12	1
11	1
10	1
9	1
7	4
6	3
5	2
4	11
3	18
2	31
1	87
TOTAL	161

A tabela IV mostra o número de ocorrências por aluno. Um total de **161 alunos** já passaram pelo gabinete, o que corresponde a, aproximadamente, **17% do total de alunos da escola**. **Reincidentes** em incidentes disciplinares **são 74**. Ambos os indicadores são ligeiramente superiores aos do ano passado.

Convém aqui salientar que, há semelhança dos valores observados no ano passado, são **26 os alunos** (cerca de 3% do total de alunos da escola) **com quatro ou mais reincidências**, que representam aproximadamente **45%** do número total de incidentes disciplinares!

Registe-se, finalmente, que, das 369 ocorrências, em **173 delas (46,88%)foi contactado o encarregado de educação** e, em **155 (42.01%)houve marcação de tarefa** a realizar pelo aluno no gabinete de conflitos.

De salientar a **melhoria substancial dos contatos com os encarregados de educação**, facto para o qual terá certamente contribuído a implementação do **sistema de envio automático de mensagens**. No ano transato, o valor percentual observado foi de apenas 26,14%.

NOTA FINAL

Os dados aqui tratados estatisticamente foram os acordados em protocolo com a Direção (que os definiu) desde que o projeto foi implementado.

Os dados recolhidos permitem muitos outros tratamentos estatísticos mas que poderão ser abordados se a Direção os solicitar ou se o protocolo for reformulado.